

Copyright C 2005 de Karl Renz

**KARL RENZ “O próximo gole de café” –ou:  
“Impiedosa graça”**

**Oito Dias em Tiruvannamalai: Conversas com Karl**

Transcritas e editadas por Karen Quastler

Karen Quastler

[karen@cumming.com](mailto:karen@cumming.com)

(707)829-3605

[página do Copyright]

Copyright C 2005 de Karl Renz

## **Índice**

Introdução [ao original em inglês]: Travessuras Advaita, por J.Cumming

Notas do editor [no livro original]

### **15 DE JANEIRO 2004**

#### **DA UN-DADE TODOS VOLTAM; OU – O FIM DO “ AMOR DIVINO”**

<b>Quebrar a cabeça, partir o coração</b>	<b>p.11</b>
<b>Você é o fracasso absoluto</b>	<b>p.14</b>
<b>A graça vai partir o seu coração</b>	<b>p.16</b>
<b>Uma peça do amor divino</b>	<b>p.19</b>
<b>Abraçando a solidão</b>	<b>p.20</b>
<b>Cada “eu” é um inimigo</b>	<b>p.23</b>
<b>Sem lugar para aterrissar</b>	<b>p.25</b>
<b>Nunca voce vai atingir o amor</b>	<b>p.28</b>
<b>Isso aqui agora é tão extremo porque você é essa existência extrema, absoluta</b>	<b>p.29</b>
<b>Apagando o questionador</b>	<b>p.32</b>

### **16 DE JANEIRO 2004**

#### **SEM HAVER SEGUNDO, HÁ LIBERDADE; OU – O FIM DO “LIVRE ARBÍTRIO”**

<b>A falta de direção do Sí</b>	<b>p.37</b>
<b>O que é Karl? Você deve estar brincando!</b>	<b>p.41</b>
<b>Coração é tudo que há</b>	<b>p.44</b>
<b>Graça sem piedade</b>	<b>p.49</b>

Superando a Adão e Eva	p.55
A absoluta piada de achar que voce pode escapar desta existência que voce é	p.57
O silêncio que você é não pode ser interrompido nem por todo o barulho da Índia	p.60
Não há nada mais negativo que o pensamento positivo	p.61
<b>17 DE JANEIRO 2004</b>	
<b>AINDA O FELIZ FRACASSO ; OU- O FIM DO INTELECTO</b>	
O espírito na garrafa	p.67
Caso acordar, não o toma pessoalmente	p.72
Há medo sim, mas ninguém tem medo	p.76
Mesmo a idéia de um <i>jnani</i> é ignorância	p.79
A pessoa é alguém que espera que isso tenha fim	p.81
O ‘não-faço-nada’ é quem faz mais	p.83
Devoção é quando a <i>minha</i> compreensão me abandona	p.87
Tudo que você faz contra a ignorância, só a faz aumentar	p.89
<b>18 DE JANEIRO 2004</b>	
<b>O PROBLEMA DE NÃO HAVER PROBLEMA NENHUM ; OU – O FIM DE PREOCUPAÇÕES E TÉDIO</b>	
A totalidade da existência requer que você se preocupa	p.94
O fim da imaginação	p.96
Acendendo a fogueira do absoluto ‘burn-out’	p.100
A família que Karl nunca teve	p.104
Entre a sabedoria do vazio e a plenitude do amor	p.108
Na dúvida total não sobra nenhum duvidor	p.113
Seja Aquilo que não pode ser imaginado	p.117

**19 DE JANEIRO 2004**

**CAÇADORES DE *SHAKTI* E BRUXOS DA CONSCIÊNCIA ; OU – O FIM DOS SISTEMAS DE CONTRÔLE**

<b>Você faz de si mesmo um objeto do desejo</b>	<b>p.122</b>
<b>Vida em si não pode ficar ainda mais nua</b>	<b>p.125</b>
<b>Essa impotencia é o Todo-poderoso</b>	<b>p.128</b>
<b>Para o infinito que você é, você não está nunca preparado</b>	<b>p.131</b>
<b>O que precisa de ajuda é simplesmente uma figura de sonho</b>	<b>p.137</b>
<b>Violentados pela existência</b>	<b>p.139</b>
<b>Você nunca consegue calar-se</b>	<b>p.142</b>
<b>Você não pode <i>não</i> divertir-se consigo mesmo</b>	<b>p.145</b>

**20 DE JANEIRO 2004**

**APESAR DE EU NÃO DIZER NADA RELEVANTE, VOCÊ FICA AQUI SENTADO ; OU – O FIM DE TODOS OS SIGNIFICADOS**

<b>Você está aqui para um relaxamento total</b>	<b>p.149</b>
<b>Nada precisa acabar para você ser Aquilo que é</b>	<b>p.153</b>
<b>Da liberdade você não vai se livrar</b>	<b>p.157</b>
<b>Não há sequer um que pode controlar um Segundo</b>	<b>p.162</b>
<b>Tudo que você transforma em vantagem, te deixa em desvantagem</b>	<b>p.166</b>
<b>Você é a absoluta ausência de escolha</b>	<b>p.168</b>
<b>Querendo ter um pouco de controle da sua vida, você vira um pequeno controlador</b>	<b>p.171</b>
<b>Duvida de tudo que dá para entender</b>	<b>p.173</b>

**21 DE JANEIRO 2004**

**SEMPRE APESAR - , NUNCA POR CAUSA DE ; OU – O FIM DE TODA ACEITAÇÃO**

<b>A Consciência é inesgotável</b>	<b>p.181</b>
<b>Aquilo que é Sí não conhece nenhum Si</b>	<b>p.185</b>
<b>A idéia de “melhor” já é bem pior</b>	<b>p.190</b>
<b>Só a mente dá importância para a mente</b>	<b>p.193</b>
<b>Contrôle absoluto é ser essa ausência de controle</b>	<b>p.196</b>
<b>Não há nenhum momento sem Aquilo que você é</b>	<b>p.200</b>
<b>Esse absoluto “sem saída” é paz, e o resto é tentar escapar</b>	<b>p.204</b>

**22 DE JANEIRO 2004**

**VOCÊ É AQUILO QUE É O “EM – CASA”; OU – O FIM DE TODOS OS FINS**

<b>”Desaparece” o professor</b>	<b>p.209</b>
<b>Varrendo sistemas de crença</b>	<b>p.212</b>
<b>Não encontrando o sofredor</b>	<b>p.216</b>
<b>Não há como evitar o vazio</b>	<b>p.223</b>
<b>Deixar a existência toda desabar</b>	<b>p.226</b>
<b>Você não pode <i>não</i> realizar-se</b>	<b>p.229</b>
<b>E finalmente, não tem “finalmente”</b>	<b>p.232</b>
<b>Glossário</b>	<b>p.239</b>

**Karl Renz website, livros etc.**

# Introdução

por J.Cumming

## Travessuras Advaita

“Nunca mais Karl Renz!” Com essas palavras começa a apresentação do livro “Das Buch Karl”(O Livro Karl), o primeiro publicado com as conversas de Karl, no original em alemão. Agora temos aqui o primeiro livro de conversas em inglês, e Karl Renz continua a deixar louco tanto quanto a encantar –e contudo as pessoas não deixam de voltar. Porque ele está tao certo, e porque é tao divertido. Com Karl, cada teoria, cada ídolo sagrado da mente, é pura brincadeira. Mais cedo ou mais tarde, ele vai lançar seus ataques contra uma ou outra das convicções que nos são mais caras, e a picada vai arder, mas logo em seguida, entre brincadeiras e muita risada, no clima relaxado de aceitação e bom humor que ele cria, você vai começar a dar risada de si mesmo, e os malentendidos enrijecidos com que perpetua o seu sofrimento, vão dissolver-se.

Karl não ensina nenhum sistema; ele não propõe nenhuma filosofia. Sua conversa vai se contradizendo, ou andar em círculos, ou simplesmente convergir para paradoxos indecifráveis. A sala está repleta de pessoas decididas a entender o que ele tem a dizer -- lutando para compreendê-lo perfeitamente, de uma vez por todas, de anotá-lo,decorá-lo e então ir embora iluminados-- mas não pode haver compreensão perfeita, porque toda iluminação que você poderia “captar perfeitamente”, seria uma mera idéia que eventualmente se perde com a mesma facilidade como foi adquirida. Karl sempre aponta para algo além das idéias e das conceituações, e é para ali que ele te conduz.

Durante a leitura, é possível que você reconheça um certo padrão em suas idéias, mas nao tente ser esperto. Iluminação não tem nada a ver com esperteza. A coisa mais importante a acontecer quando você lê Karl não é o sentido das idéias, mas algo bem mais profundo e mais misterioso. O Karl que encontramos neste livro eliminou em si mesmo e na sua percepção dos outros por completo a idéia de algo “pessoal”. Ele olha para os que lhe fazem perguntas, e ele responde, mas para êle, ninguém está vendo, ninguém está sendo visto, ninguém está falando, ninguém está escutando; ali somente tem Aquilo que ele é, e que é também você. Ele fala somente com Aquilo, não com a pessoa que você imagina ser. E ao ler estas suas palavras, a perspectiva de Karl *eventualmente poderia* virar a sua própria perspectiva.

A ênfase está em “poderia eventualmente”. Karl insiste a afirmar que nenhum método pode conduzir à iluminação. E que nem ele nem ninguém outro pode fazer qualquer coisa para você ficar iluminado. De fato ele declara que nao pode oferecer-lhe absolutamente nada. O seu estado verdadeiro,segundo Karl, é sempre *apesar* do que você fez, nunca

*por causa*. Ele sustenta que qualquer iluminação que lhe poderia ser dada por alguém, ou que voce poderia conseguir, seria uma iluminação que nao valesse a pena ter, porque o que foi dado ou conseguido, pode ser perdido. Toda iluminação conseguida seria meramente um conceito mental, e apenas a sua mente, não você mesmo, precisa de tal coisa. É a sua mente, não você, que cria a idéia de uma “não-iluminação”. E é a mente que em seguida cria a ideia de “iluminação” como a solução, e depois atinge essa “iluminação”, após o devido esforço. E por fim a mente duvida da iluminação atingida, porque foi toda ela baseada em temporários conceitos mentais. Partindo bem deste ponto é que Karl começa a destruir todo e qualquer conceito de religião, de piedade ou coisa sagrada, que alguma vez pôde ser caro a alguém.

Quem quisesse classificar as filosofias religiosas, poderia colocar Karl numa escola de pensamento conhecida como Advaita Vedanta. *Advaita* significa “nao-dualidade”, e a filosofia Advaita afirma que não há uma verdadeira diferença entre conhecedor e objeto conhecido; a experiência mesma é que experimenta a experiência, enquanto o eterno centro permanece intocado durante todas as mudanças aparentes. As raízes do Advaita encontram-se nos versos sofisticados das Upanishadas, a destilação filosófica da antiga mitologia Védica do Hinduismo, e portanto é *Vedanta*, isto é, “o fim dos Vedas”.

Alguns estudiosos sugerem que Advaita Vedanta tenha surgido como uma das respostas hinduístas ao budismo, e de muitas maneiras as idéias do budismo correm paralelamente. Mas o Advaita que Karl apresenta, não é nem um sistema nem uma religião, desde que somente com a disposição de sacrificar os próprios credos mais queridos no altar da Verdade, pode-se proceder ao mais alto. Os ensinamentos de Karl também não são mero cinismo pós-moderno, ou as divagações intelectuais de um coração ressecado. Advaita real é puro amor, um amor que conhece a verdade de que nada é diferente do nosso próprio Si mais íntimo. Um dos mestres clássicos mais bem conhecidos do Advaita foi Shankara (686-718 d.C.), e nos tempos modernos, esta filosofia foi poderosamente reafirmada e popularizada por Ramana Maharshi (1879-1950 d.C.).

Aos pés do monte sagrado de Arunachala na cidade de Tiruvannamalai, no Sul da Índia, o eremitério de Ramana Maharshi continua a atrair milhares de estudantes e buscadores, e a área em volta assemelha-se talvez à Ágora de Atena nos tempos de Sócrates. Debaixo de um sol quente tropical, sob as sombras das árvores, nas varandas dos templos e nos ‘tea-shops’, encontram-se mestres em abundância a oferecer as suas versões concorrentes de iluminação, em reuniões informais que costumam ser anunciadas a viva voz.

Os buscadores são uma mistura solta de turistas e peregrinos, de expatriados e indianos nativos. Muitos deles são veteranos andarilhos na procura da verdade espiritual, trazendo consigo longas vidas de uma busca dedicada. Eles conheceram todo o esforço, as adversidades, os ‘insights’ e as êxtases, as noites escuras da alma, o tédio e as súbitas

revelações, as esperanças e as dúvidas da procura espiritual. E então chegam ao Advaita para ouvir e também para dar-se conta, que eles mesmos já *são* aquilo que estão procurando. Porque Advaita ensina que no centro de todas as procuras e de todo conseguir, você -- o verdadeiro você -- sempre esteve feliz e contente, um feliz contentamento *absoluto* que nada sabe das idéias relativas de contentamento e descontentamento, de salvação e condenação.

É Janeiro no Sul da Índia. O céu está límpido, de um azul vibrante todos os dias. Flores abundam nas pérgolas, nos arbustos, nas árvores por toda parte. O ar quente incha com os sons dos pássaros que cantam, dos trabalhadores que gritam e dos vendedores ambulantes que oferecem suas mercadorias. No cimo de um telhado, debaixo dum toldo de folhas de palmeira, e com a presença imperiosa do monte sagrado como fundo, Karl bate papo, brinca, e responde as perguntas dos recém-chegados e dos admiradores mais antigos. E o tempo todo ele vai apontando para cada um algo 'além'.. --- ao mesmo tempo em que insiste de que ele não pode fazer nada para ajudar você....

## Notas do Editor

Este livro procura transmitir um pouco do encanto e do drama de uma semana de *satsang* com Karl. Trata-se de uma transcrição no sentido estrito, tão fiel como possível ao que de fato foi dito, incluindo todas as brincadeiras collaterais, até mesmo das não tão apreciadas. Mas isso faz parte da experiência, e há quem diria que surpresas e humor não são menos importantes que a própria filosofia.

Se bem que eu introduzi alguns titulos e cabeçalhos em função de uma melhor leitura, não houve durante os *satsang* nenhuma interrupção no fluir da conversa. Também no interesse da legibilidade, eu removi *algumas* repetições e corrigi *algo* da gramática básica. (Muitas das sentenças originais continuam tais quais foram faladas, seja para deixar em aberto o significado do respectivo discurso, seja para preservar o tom divertido da brincadeira ou mesmo para permitir ao leitor de “ouvir” as vozes ao longo da página.) Excetuando-se estas pequenas mudanças, o texto aqui transcrito está completo.

Pessoas de muitos países participaram desses *satsang* com seriedade, e alguns dos paricipantes mais regulares são mencionados aqui nominalmente. Mas com excessão do nome de Karl, todos os nomes são fictícios. Em alguns casos, o país de origem de um participante é mencionado. Mas como nos baseávamos em gravações audio dos *satsang*, de vez em quando o editor tinha que adivinhar a identidade ou a nacionalidade de um orador e pede perdão por erros eventuais.

Pode ser bom mencionar um detalhe de convenção, que se refere ao único recurso cênico usado por Karl, a saber sua propria mão, que ele usa para simbolizar o Si e os três aspectos ou estados da Realização. Quando Karl se refere ao Si, ou ao que ele chama de “Coração”, ele levanta uma mão fechada em punho. Quando ele se refere ao “Eu”, ou presença pura, ele ergue o polegar na mão em punho levantada ; quando ele se refere ao “Eu Sou”, ou consciência sem forma, não – identificada, ele ergue o polegar e o dedo indicador juntos; e quando se refere ao “Eu sou assim-e-assim”, ou consciência identificada com a forma, ele ergue polegar,dedo indicador e dedo medio juntos.

Os *satsang* aconteciam de manhã, das dez horas ao meio dia, na cobertura do “Ragini’s”, um apartamento particular com uma lanchonete, a poucos passos do *ashram* de Ramana Maharshi (Sri Ramanasramam), na cidade de Tiruvannamalai em Tamil Nadu. (Tiruvannamalai situa-se aos pés do monte Arunachala e é onde se encontra um dos maiores templos de Shiva, o Templo Arunachaleswarar, que está sendo associado ao elemento fogo. Por séculos, essa área tem sido considerada sagrada e tem atraído muitos místicos e pessoas sábias.)

Uma escada estreita leva até a cobertura. Ali encima, apesar do toldo, os lados deixam entrar a brisa e a forte luz do sol. O espaço, sem nenhuma decoração. No chão de concreto, algumas esteiras e cinco, seis cadeiras ao fundo, para aqueles que não gostam de sentar no chão. Uma cadeira simples na frente, esperando por Karl.

É um grupo de trinta a cinquenta pessoas que se reúne ali, uma cena bastante internacional. Muitas dessas pessoas já se conhecem, de anos de encontros em *ashrams* e em retiros espirituais. O clima do lugar é bem à vontade, e as conversas acontecem nas mais diferentes línguas. Pontualmente entra Karl e junta-se nas conversas, vai cumprimentando as pessoas e pergunta pelo seu estado de saúde. Mas logo tudo fica em silêncio, na espera de que comece o jogo de perguntas e respostas. Os ruídos de fundo constantes, bem próximos, volta e meia sobem ao primeiro plano -- -taxis -tricicletas, motocicletas, as buzinas das bicicletas, crianças brincando e gritando, os vendedores ambulantes com voz alta oferecendo suas mercadorias, trabalhadores chamando, martelos, furadeiras, os pássaros, vacas, macacos e muito mais.

Logo da primeira pergunta, Karl vai falar unicamente com Aquilo que você é -- e ele fala com uma lógica martelante, uma compaixão severa, com irreverência e irrelevância, confundindo o que é possível de ser confundido -- e rapidamente o lugar do encontro fica sendo algo como uma ‘batedeira de almas.’ No *satsang* de Karl não se trata simplesmente de elaborar conceitos, e sim de uma experiência com a dança de Shiva, o próprio criador, sustentador e destruidor. E acima de tudo, nas palavras de Karl, “It’s Self-entertainment, all the way.” [\* É divertimento do Si, do começo ao fim.]

## 15 de Janeiro 2004

Da un-dade, todos voltam ; ou – o fim do “amor divino”

### Quebrar a cabeça, partir o coração

KARL: Bom dia!

MATTIAS: Bom dia, mestre.

KARL: Mestre? “Bom dia mestre” para vocês! Uma carpintaria de mestre. Aqui usamos a plaina- [Para alguns dos presentes] Olá! Como vai o Mexico? Bom.- Alô, a França está bem?

VICKY: [sobre o moço francês] Sim, ele está para voltar. Nada de cirurgia.

KARL: Quem sabe,só de ver o quarto do hospital, ele já mudou de opinião![risadas]

VICKI: E ouvindo o médico falar de tudo que pode dar errado.

KARL: É como no dentista. Bem. Ôi, Francesco, depois de ontem, você ficou bonito! Ele foi ao cabelereiro.

FRANCESCO: Depois de cortar, ele me perguntou “Gosta assim?”

KARL: [brincando] E você achou melhor ficar quieto,não? - Eh, aí vamos novamente... Sem vocês fazer perguntas, vou continuar falando das coisas do Francesco. [risadas] Acha que funciona agora?

MOÇA FRANCESA: Não sei. Estou esperando pela pergunta. Depois vou ver. [risadas]

KARL: Bem, vamos ver. Parece muito promissor. James, deu a impressão de que você tinha algo.

JAMES: Tenho um resfriado![risadas]

MOÇA ALEMÃ: Hoje isso está sendo um carrocél de emoções.

KARL: Um gira-gira.[\*Merry-go-round] Maria girando.[\*trocadilho com “merry”- Mary] Gira-gira emocional!

MOÇA MEXICANA: Tenho uma pergunta. Qual é o significado do que Ramana disse, que quando a mente desmancha, nos caímos para dentro do coração? Tentei muitas vezes entender o que é isso. É como um *koan* que os monjes fazem? Qual é a diferença entre “matar a mente” e “despedaçar a mente”? Qual é o significado de “desmontar a mente”?

KARL: Você ter um coração partido.

MOÇA: E o que isso tem a ver com o “split second”[\*fração de segundo] de que você fala? A mente despedaçada é como o ‘split second’?

KARL: É quando o coração se despedaça.

MOÇA: Você sempre diz “coração”.

KARL: Quando o coração se despedaça, você tem uma existência de- coração-partido. Você não está mais apaixonado por nada. Quando o coração se despedaça totalmente, naquela fração de segundo[\*split second] não há mais mente. So há mente enquanto

houver um coração -- um amante e algo amado. Mas com o coração partido, não há mais mente, porque você não está mais colado a nada.

Portanto o despedaçamento da mente é de fato o despedaçamento do coração. O coração é partido totalmente nesse momento em que não há mais nem amante nem algo amado. Como o objeto amado evaporou, o amante evaporou, - e o coração estando partido, a mente também evaporou. Só há mente porque há um amante e algo amado, algo de que preocupar-se. É o mesmo.

Nessa fração de segundo[\*split second], você perde toda a conexão colada. Não tem mais nenhuma ideia. De nada. Seu coração está partido, não há mais nem amante nem objeto amado, e mesmo a ideia de “amor” evaporou.

MOÇA: É sempre a mesma coisa da qual você vem falando..

KARL: É,- sempre chamando a atenção para Aquilo.

MOÇA: Então o que é esse “split second”?

KARL: Ele se parte numa fração de segundo. Você pode triturá--lo durante um tempo, mas ele se recompõe de novo. Agora, quando se despedaça, ele quebra de vez e não em câmara lenta. É por isso que se diz “despedaçamento do coração”[\*heartbreak]. Naquele instante, ele se parte – é uma fração de segundo. Não há tempo. Todo o resto, como meditação, até pode triturá-lo, mas você não consegue dissolvê-lo. Ele vai partir-se duma vez, porque todas as ideias de relacionamento desfazem-se de uma vez. É isso, o ser de-coração-partido.

Quando você perde esse amor total por si mesmo, não sobra mais ninguém. É uma fração de segundo. Você cai fora dessa existência. Não é algo ao qual você pode chegar pela compreensão ou algo assim. Isso simplesmente vem - através dessa total resignação ao se amar o próprio amor.

AIKO: Então o que é tudo isso sobre um “abrir o coração”?

KARL: Isso é uma cirurgia, mas ela não vai partir o coração. Simplesmente deixa-o mais aberto.

AIKO: E ele precisa estar aberto antes de partir-se?

KARL: Não. “Coração aberto” é como “coração - undade”, como felicidade, ou como um sentir-se uno. Não pode mais partir-se. Ele despedaça-se aqui – estando enamorado pelo mundo e então perdendo esse amor. E não porque alguém vai para aquela un-dade ou qualquer lugar de pouso. Tem que partir-se aqui, agora, e não num estado especial qualquer.

[Ouve-se uma explosão no fundo]

AIKO: Você pode dissolver-se na un-dade? É uma maneira diferente de perder a razão?

KARL: Não. Da un-dade, todos retornam. O que é amor é un-dade, e isso sempre reverte para a separação entre um amante e um objeto amado. Muita gente vai do amor relativo ao amor- undade, mas logo uma moça bonita ou um rapaz vem cruzar seu caminho e cai-se de novo na mesma coisa. Promete muito, mas não cumpre.

AIKO: Eu tenho um *guru* e ele é o amor em pessoa.

KARL: Quem diz isso?

AIKO: Eu vejo isso.

KARL: Quem vê isso? Quem define-o? Quem faz os padrões do amor? Você.

AIKO: É a minha esperança.

KARL: É a sua opinião.

AIKO: É a minha projeção.

KARL: É o seu anseio, é a sua devoção, algo assim. É você quem faz isso. É a sua imaginação de como deve ser. Porque você almeja Aquilo, você cria uma imagem disso e então projeta-a nesse *guru*. Mas ainda é amor relativo. Todo amor que você pode experimentar é relativo. E eu digo, não há nada errado com isso. Apenas chamo a sua atenção para o fato, de que você pode ir para esse lugar de un-dade e amor, mas onde quer que vá, você vai ter que partir novamente.

O que você é tem que ser Aquilo que é em qualquer circunstância. Tudo que tem necessidade de uma circunstância especial, como de uma certa definição do amor, é dependência. Amor que deixa você dependente certamente não é essa liberdade que você procura. Portanto novamente você delimita-o, pondo-o num querido *guru* qualquer. Está bem, mas veja que isso não é liberdade.

ROSA: A mente existe?

KARL: Existe, como as nuvens existem. As nuvens existem? Por um tempo elas existem; então chove, e elas somem.

ROSA: Portanto a mente é um monte de pensamentos?

KARL: Um pensamento rodeado por outros pensamentos. Mas cada vez que você quer que eles sumam, você os torna reais. A nuvem um dia vai chover e então a nuvem some. É assim com a mente. Vira novamente nuvem, e então de novo chove, e de novo vira nuvem. O que é água sempre está formando novamente uma nuvem.

ROSA: O que significa quando alguém diz “a mente cai para dentro do coração”, ou “a mente dissolve-se no coração”?

KARL: É quando o coração se parte. É então o Coração vazio. E somente esse vazio pode conter a plenitude da existência. Nessa plenitude da existência, não há mais lugar para a mente, não há mente na plenitude d’Aquilo que é. Nesse coração quebrado, onde Coração é um vazio de qualquer ideia de amor ou liberdade, pode caber a totalidade.

Mas assim que houver uma definição de amor, ou alguém que define *amor* como “un-dade” ou “divino” ou algo assim, ele fica ocupado. Há então ocupação e posse. Tem alguém que define algo. Este definidor é a mente. Mas no vazio do Coração não tem mais lugar para um definidor. Portanto este vazio do Coração contém a totalidade absoluta da existência -- mas não uma ideia qualquer. Aquela primeira ideia de “eu”, o pensamento-“eu”, a ideia de propriedade, ocupa tudo.

ROSA: E o que mais se aproxima – qualquer palavra vai ser uma limitação – é *quietude*?

KARL: Quietude é Aquilo que isso é; mas essa quietude não conhece quietude. É apenas um indicador d’Aquilo, indicando que jamais algo aconteceu para Aquilo. Ali não

há nem vir nem ir. É tao sólido em si mesmo. Não está jamais no tempo ou fora do tempo. Não tem absolutamente nenhuma definição. É tão absoluto em si mesmo que nem mesmo precisa existir para existir. Muito além do além!

KLARA: Karl, isso e' algo como um *satori*?

KARL: É, mas não é. Tudo que acorda ainda está dormindo. Essa ideia do “acordar” faz de conta que você é alguém que está dormindo. Mas nunca houve alguém que não estava acordado, e não vai haver jamais alguém que acorda. Ambas ideias fazem de conta que você é um adormecido. Ambas ideias chegam juntas e somem juntas. Jamais vai haver qualquer *satori* para o que voce é. Mas para o que tem necessidade de um *satori*, tem *satori*. E no entanto, não há ninguém.

THERESE: E Karl, para o que voce é, nem esse ‘split second’ não tem importância?

KARL: Não. Você anséia por ele. Importa totalmente. Só isso tem importância -- de perder esse amor por você mesmo. Não há nada fora disso. Todo o resto perde a cor diante desse teu anseio de chegar a essa implacabilidade que voce é. Essa implacabilidade é a ausência de ideias, de alguém que está enamorado ou não enamorado, de alguém que se preocupa. Por essa desconsideração é que você daria tudo. Esse Si está aqui sentado ansioso por aquela desconsideração. Nada mais.

THERESE: E não há nada a fazer?

KARL: Naquele ‘split second’, seu coração vai partir-se totalmente. Não vai sobrar ninguém, porque nesse coração de-coração-partido, não há mais nenhuma ideia. De modo que você não tem mais nenhuma conexão colada, com nada. Não tem relacionamento, porque você vê que não há um segundo. Você é absolutamente só. Não mais pode esquivar-se.

## **Você é o fracasso absoluto**

THERESE: Quer dizer que, quando eu estou no meu leito de morte e o ‘split second’ ainda não aconteceu, então eu sou um fracasso?

KARL: Você é sempre um fracasso! O fracasso é, que você sempre vai ser um fracasso. Você vê, não há nada a ganhar, nada a perder. Você é o fracasso total, porque tudo que você fez, não levou a nada. Você é o fracasso absoluto, aqui e agora, não se preocupa. [risadas] E vai sempre desencontrar-se.

GEORG: Como pode o Si almejar por algo? Se não há dualidade, como pode o Si almejar por uma ausência de preocupação?

KARL: Simplesmente por tomar um fantasma por realidade. Criando uma imagem de si mesmo e então caindo na armadilha de tomar essa imagem por realidade. Quem senão o Si poderia tomar algo como realidade? Sendo a Fonte da imaginação, somente o Si é capaz de imaginar algo, e de então passar do Absoluto para uma experiência relativa qualquer. Se é que existe experiência alguma, isso é sempre o Si.

GEORG: O Si faz tudo isso?

KARL: Tudo que é feito, é feito por Aquilo, e é feito, não fazendo nada. É uma coisa

parecida com sonho; Aquilo não faz nada, e ainda assim é o Si experimentando o Si num sonho de si mesmo.

GEORG: Sem haver diferença entre sonho e realidade, *sonho* é apenas uma palavra. Se isso está experimentando algo, então está experimentando uma coisa.

KARL: Tudo que está sendo experimentado, é experimentado pelo Si que experimenta um aspecto de Si. Não há nada fora d'Aquilo.

GEORG: [rindo] Tudo bem!

KARL: Muito obrigado. [risadas] Parte da experiência é que você se torna um *jiva*, um pequeno 'si', de modo a poder experimentar essa separação, essa separação como sonho, e então você dá um passo para fora disso.

GEORG: Me sôa um pouco complicado, de ter toda essa dualidade dentro da não-dualidade.

KARL: Bom, tudo vem junto enquanto você se realiza. Tudo isso faz parte de sua realização absoluta. Na realização absoluta, há separação, há un-dade, e há presença – como na trindade do seu corpo infinito ou de qualquer manifestação. Você nem pode *não* realizar-se, e faz parte disso a separação. E daí? Para você ser Aquilo, não tem importância. Isso é o que voce é.

Georg: E por que deveria Aquilo importar-se? Por que tem esse anseio?

KARL: Por que não?

GEORG: Sim, por que não?

KARL: Se não há nada a perder, meu Deus, Aquilo até pode importar-se, e no entanto não se importa nem um pouco. Ele pode dar tudo sem dar nada. Não tem nada a perder, meu Deus.

GEORG: E o que é esse negócio de se almejar por algo?

KARL: Bem, por que não?

GEORG:[rindo] Por que não!

KARL: Qual o problema com o fato de se ter anseios?

THERESE: É porque continua produzindo essa sensação de fracasso.

KARL: Maravilha. Por que não? Experiência maravilhosa essa de ser um fracasso. O que há de errado com o fato de ser um fracasso? Seja feliz. Feliz fracasso. Quem liga?  
[risadas]

UMA MOÇA: E por outro lado, esse anseio também é você planejando de ganhar alguma coisa.

KARL: Sim, e por que não? Você não tem nada a perder. Não há nem mesmo vantagem em não se ter anseios. Por que não desejar? Você é a própria impotencia. Você não pode decidir de ter ou não ter anseios, é simples. Então por que não?

VICKY: Ter anseios dói.

KARL: Pfff! Ouça, mesmo essa dor ou tanto faz qual experiência, é tudo divertimento

total para Aquilo que voce é.

VICKI: Mas não para mim!

ARL: Este “mim” ou “eu” faz parte do divertimento d’Aquilo. O “eu”-zinho jamais divertiu-se com algo! Esse “eu” é uma ideia e nao pode divertir-se com nada. Tudo que está sendo experimentado, é uma experiencia daquela Experiência em si, daquele Absoluto. E esse Absoluto nem pode *não* divertir-se. É a própria alegria, porque ali há uma total ausência de qualquer coisa, de qualquer alegria ou não-alegria.

TOMAS: Então como pode haver alegria?

KARL: Como pode não haver alegria? É apenas um nome para algo que é alegria, porque ali há uma ausência de qualquer coisa. Você é uma ausência de qualquer ideia de alguém que sente alegria ou não-alegria, e isso é o Absoluto divertindo-se de não saber o que é alegria. Quer dizer, esta alegria não sabe o que é alegria.

TOMAS: E nem a sente, nem a experimenta. Se não a conhece, então como --

KARL: Ser Aquilo é alegria em si.

TOMAS: Mas alegria em si define-se de alguma forma por uma experiência tida.

KARL: Aí não há diferença. Aquilo define-se em todas as coisas, mas em si mesmo não pode ser definido. Define-se como “alegria” e “não-alegria”, como “guerra” e “paz”, mas o que quer que voce define, vem dessa Fonte absoluta, e essa Fonte absoluta não pode ser definida. Esse definidor absoluto nao pode ser definido, mas ele se define em tudo que você pode imaginar.

Portanto essa imaginação é a definição desse definidor na realização do que ele é, mas não a propria realização. É ainda Aquilo que está realizando-se. Nunca fez parte da realização. É aqui, agora Aquilo que está realizando-se, e não o reflexo. Divertido, não? [risadas]

Vem cá! Divirta-se ou você vai ser o divertimento. É só isso que eu estou dizendo. Vai haver alegria, quer você goste ou não. [risadas] Portanto você pode ser Aquilo que está se divertindo absolutamente, ou você pode ser o divertimento dele. Qual o problema? Ambos não são um problema.

TOMAS: Então é mais ou menos como dizer “sim” para tudo.

KARL: Ninguem diz “sim”.

TOMAS: Sem dizer “sim”,- mas aí tem aceitação.

KARL: E quem precisa disso? Quem precisa dessa aceitação? Esqueça. Esqueça a palavra. A aceitação em si não precisa de aceitação. O que precisa de aceitação não é Aquilo que é aceitação. Fazer o que?

Nã vai haver a *sua* aceitação, garanto-lhe. Isso é a questão toda! Você não pode pôr a aceitação no seu bolso e levá-la consigo pelo resto da sua assim-chamada existência. É a pessoa –“eu”–que tenta ser feliz o tempo todo e então tenta aceitar o que é. Mas você não pode jamais aceitar Aquilo que é.

THERESE: Mas nem mesmo com relação a esse anseio eu não posso fazer nada?

KARL: Ah meu Deus!

THERESE: Não, estou só perguntando.

KARL: Ah sim, “só perguntando”! Você quer uma carta branca ou algo assim? Uma absolvição para sempre? “Eu não posso fazer nada. Não sou eu quem faz. Não encontro solução.” E mesmo isso está bem. “Eu não sou culpada!” Mas Therese sempre é culpada. Ela é a culpa em si. [risadas] Ouviu aí a confirmação!

THERESE:[rindo] Feliz culpa e feliz fracasso!

KARL: Sempre se cotucando. Com a sua espada. “Eu não sou culpada!” [risadas]

THERESE: Você sabe, quando estávamos em Portugal, nós nunca entramos nesse tipo de conversa, e assim que vejo você, é como se algo começasse. Durante quatro meses, não havia discussão aqui dentro, nada de mau humor ou desse sobe- e -desce de emoções --

KARL: Ah, vem cá! Nenhuma discussão com o seu namorado?[risadas] Como eu sempre digo, posso simplesmente ficar aqui sentado e blá-blá-blá, para você ver que não faz nenhuma diferença. Não tem nenhum problema, blá-blá-blá.

FRANCESCO: Então porque não conta a todos nós algo bonito?

KARL: Oh meu Deus. Vou falar com o seu cabelereiro! [risadas]

FRANCESCO: É só blá-blá-blá! Fala,fala,fala. É mesmo, você gosta disso.

KARL: Sim, eu gosto.

FRANCESCO:[brincando] É coisa de alemão![risadas]

KARL:[brincando] Staccato. É o que os italianos fazem.

FRANCESCO: É cansativo.

KARL: Especialmente ontem. Você nem conseguia pensar mais. Eu ví. [risadas] Totalmente ali. Eu ví isso no brilho dos seus olhos.

FRANCESCO: O que fazer?

KARL:[para o grupo] Vocês precisam saber, isso aqui é o clube dos *Brahmacharya*. [aponta para alguns dos homens sentados de um lado, inclusive Francesco] Sete anos, nove anos, dez anos - sem sexo. E então essa jovem ontem sentada ali sem roupa de baixo, e eles vendo tudo. [risadas]

FRANCESCO: Não só eu. Muita gente viu.

KARL: Ah sim, aquele outro rapaz até mudou deste para sentar-se do outro lado. [risadas] Vou lhe dizer, a existência é um diretor e tanto.

FRANCESCO: Não faz diferença. Quem liga?

KARL: Ah, e não foi bonito isso, Francesco! Você viu-a, e imediatamente foi ao cabelereiro.

FRANCESCO: Pode ser que ela volta.[risadas]

KARL: Foi feita a sua barba, totalmente. Tudo bem.[risadas] É perigoso fazer assim.

LIZ:[rindo] Às vezes quando você estica, dá problema. Mas você é mesmo uma esticada!

## A graça vai partir o seu coração

SR.RAO: Você disse, “Tenta aceitar o que existe, mas você não pode aceitar o que existe.”Eu não entendo. Como você pode não aceitar o que existe?

KARL: Você não pode aceitar a existência, porque a existência já é uma crise. A partir da primeira noção de existência, a crise começa. Já com esse pensamento-“eu”, você está em crise. E então no “eu -sou”, a crise do “eu sou assim-assim” começa. Você não pode aceitar isso. Porque é aí que começam os anseios, começa aquele que *pode* ter anseios, e a possibilidade de se ter anseios. Talvez não haja anseios, porém com aquela primeira noção de existência sempre tem essa possibilidade. E isso você não consegue aceitar.

Mas para Aquilo que é, não há problema, pois já é a própria aceitação. Não há nada para aceitar, é apenas ser Aquilo que é, sem um segundo. Quando você é Aquilo que é, sem ideia qualquer do que você é e do que você não é, quando não há nenhum segundo, então você é aceitação, e não sobra nada para ser aceito. Nem mesmo a ideia de “existencia” sobrou. Portanto não há então absolutamente nenhuma necessidade de aceitação, e mesmo nenhuma outra necessidade para Aquilo que você é, ser.

Portanto a total ausência de qualquer ideia de existir ou de não existir, é Aquilo, e então você é aceitação. Porém não há mais nada para ser aceito. É por isso que digo, você não pode aceitar jamais, pois você já é a própria aceitação. Você não pode ter ainda mais aceitação diante do que é –pois você é a aceitação em si, e não há nada a ganhar com uma relativa aceitação.

Fazer o que com isso? Naquela aceitação absoluta que voce é, não se pode acrescentar nada! E depois, quando você aceita, o que então? E daí? É tudo um vai-e- vem, são sombras fugazes de uma aceitação. Então você atinge algum contrôlo sistemático da aceitação e da compreensão, até novamente um camelo cruzar o seu caminho. Pisando no seu pé. Nenhuma saída. Você até pode aceitar, como pessoa, mas isso não vai ser a *sua* aceitação.

Não podemos ir mais longe que isso. Isso é a última coisa. É o chamado *satori*. Significa dar um passo para fora desse desejo, na direção daquele “não-desejo”. Mas só isso. Você não pode quebrar o seu próprio coração. Vai ser quebrado quando quebrar. Naquele ‘split second’, nenhum nadinha antes. E apesar de tudo que aconteceu antes, com a sua aceitação ou não-aceitação, independente do que você fez ou compreendeu, ou não, ele vai quebrar naquele instante. É tudo.

KLARA: O que significa um “não-desejo”?

KARL: *Não -desejo* significa “nenhum desejo”.

KLARA: É uma indiferença?

KARL: Querendo nenhuma diferença? Querendo ser indiferente? Que ideia! [risadas] Ao querer ser indiferente, você ainda cria uma diferença, a de querer ser indiferente. Até a

ideia de “indiferença” é diferente. Totalmente apegada ao desapêgo. Oh meu Deus. “Oh, estou tão desapegado!”

ROSA: Você vai falar da graça?

KARL: Graça? Falo dela o tempo todo! [risadas] Eu só falo da graça. Estou sempre falando sobre Aquilo que é graça. Aquilo que é graça é Aquilo que é o Si. Aquilo que é graça é o que você é. E você fica procurando pela graça, e isso é o seu problema.

ROSA: Eu só queria ouvir o que você diz sobre a graça.

KARL: Mas eu não posso falar sobre a graça, porque a graça não se pode encontrar.

ROSA: Exatamente. Era isso que eu queria ouvir.

KARL: É que todo buscador está procurando pela graça em todos os lugares, em todas as dimensões, mas você não pode encontrá-la. Antes, o contrário! Se a graça estiver atrás de você, você não consegue se esconder. Portanto se a graça está atrás de você, vai partir o seu coração. Porque a graça está desfazendo todas as ideias; todos os conceitos serão aniquilados por essa graça. E com o aniquilamento de todas as ideias, você fica totalmente vazio, e isso parte o seu coração.

É como ser sem sentido. Você não aguenta; com isso você não pode viver. Esse sem-sentido, esse vazio de quaisquer ideias, com isso você não sabe lidar, isso você não pode compreender, nisso você não pode existir. Isso vai partir o seu coração. Vai desmanchar a sua ideia de “existência”. A sua ideia objetiva enamorada da existência vai ser apagada pela graça. ‘Apa-graça-da’! [risadas] E isso não é engraçado. Isso acaba engolindo toda a estupidez.

GEORG: Desgraçado.

KARL:[rindo] Desgraçado!

MARY: O que você diria de se amar mais e mais, e ainda mais, até nos ficarmos dignos de --

KARL: Dignos?

MARY: Dignos deste despedaçamento, desta benção ultimativa.

KARL: Você nunca vai ser suficientemente pura, minha querida!

MARY:Não de ficar mais e mais pura, mas de se amar mais e mais a verdade.

KARL: O seu amor é sujo demais! Ninguém quer o seu amor! Amor sujo. A ideia de amor é suja. Mais amor é sujo. Quantidade de amor é suja. Já a ideia de “uma quantidade de amor” é suja. Você está me oferecendo uma ideia suja. No instante em que você quer conseguir amor você é a sujeira em si.

MARY: [suavemente] Mas amor --

KARL: Que amor? “Vamos falar de amor, meu querido!” [risadas]

MARY: Eu queria saber o que você diria disso, e recebi a resposta.

KARL: Nunca você pode ser suficientemente preparada ou amadurecida, com nada do que faz.

MARY: Amar não é tentar ficar madura. Amar não é tentar --

KARL: Que amar?

MARY: Amar é como --

KARL: De quem será esse amor?

MARY: Amar não é um “eu-mim-meu”. “Eu-mim-meu” não é amor. “Eu-mim-meu” é um querer.

KARL: Ouça o que você está dizendo! Pelo amor por si mesma você quer controlar o que é e ainda quer ficar amadurecida para isso. Assim você ainda quer controlar isso por *você* gostar de fazer algo e se tornar algo. Que ideia! Que ideia suja. Você querendo controlar a existência! Como? Meu Deus.

MARY: Obrigada.

KARL: De nada. Muito de nada. Isso sempre sôa tão bonito.

MARY: Não estava tentando soar bonito.

KARL: Ah, vem cá! Esqueça.

MARY: Está bem. Obrigada.

MONIKA: [cantando] “All you need is love, da-da-da-da-da.”

[Outros cantam juntos.]

KARL: Talvez”eu não sou o único”[letra de musica de John Lennon,\*”I’m not the only one”] “Let it be”, idem- “Deixe estar”] [risadas] Um Beatle, uma continha de cá, uma conta do lado de lá [\*bead=conta,pérola].

## **Uma peça do amor divino.**

MARY: Bom, vamos entrar um pouco mais nesse assunto. Eu preciso ir mais fundo.

KARL: O que?

MARY: Amar é um doar. Não é um querer. Não é um pedir. Amor real é dar.

KARL: Que amor real? Já a idéia de “amor real” é merda.

MARY: Amor divino não tem propósito.

KARL: Que propósito? Você quer botá-lo na sua bolsa. Quer definí-lo e isso significa botá-lo na bolsa da sua posse de uma certa compreensão e de uma certa definição de amor. Você está sujando-o. Tanto faz o que vai dizer porque com *tudo* que diz sobre ele, você está sujando-o!

MARY: Tenho uma referência para isso.

KARL: Que referência? Você, reverendo? Virou um árbitro do amor?

MARY: Meher Baba.

KARL: Meher Baba! Ali Baba! Você é um dos quarenta ladrões, ou o que?

[risadas]“Abra-te sésame! Por minha beleza, por meu coração, abra-te sésame!”

MARY: Não existe “meu” no amor.

KARL: Então nada de *meu* amor? Bom, isso ainda é muito banal [\*ingl.mean]. Você ainda está pensando [\*meaning] em algo.

MARY: O que eu quis trazer é isso – que amor, amor real, não é contaminado pelo querer.

KARL: Claro que é. Mesmo chamá-lo de “amor real” --

MARY: Quero dizer --

KARL: Diga o que quiser, meu Deus, esqueça isso! Merda romântica.

MARY: Não, isso não tem nada a ver com aquilo. “Romântico” é merda sim.

KARL: Isso é merda romântica; isso é o divino romântico –ainda mais merda! [[risadas]]

MARY: Amor real não é para os que têm o coração tímido ou fraco. Aí sim é romanticismo. Mas isso é algo diferente.

KARL: Oh meu Deus. Sempre “isso é algo diferente.” Bla-bla-bla.

MARY: Não vou, não vou—obrigada por cortar-me. Porque falar é sempre um “eu-mim-meu”. Mas isso é um conceito que é realmente --

KARL: Ainda um conceito?

MARY: -- que realmente é além.

KARL: Em alemão nós dizemos, é ainda um *Kotzept* [\* kotzen=vomitar]. Você tem que vomitar.

MARY: Amor divino não é um conceito.

KARL: É um *Kotzept*. Você tem que vomitá-lo. Vomita-o, aqui e agora! [risadas]

GEORG: Conceito, cassête.

KARL: Cassête! Você quer botar o amor na cassete das suas idéias.

MARY: É um presente.

KARL: Sim, é um presente[\*gift]! *Gift* em inglês significa em alemão: “veneno”. É totalmente veneno! [risadas]

MARY: Amor divino é um presente de Deus.

KARL: Que Deus? De que “Deus” você está falando?

MARY: O Um.

KARL: Qual Um?

MARY: O Si.

KARL: De que Si você está falando?

MARY: Até Ramana diz--

KARL: Até Ramana! Agora você cita até Ramana! Você quer resumir todas as fontes para dar apoio ao seu argumento, ou o que? Ramana, Meher Baba, Tralala, Falala!  
[risadas]

MARY: Os verdadeiros mestres são todos um e o mesmo.

KARL: Mestre verdadeiro! O que é um mestre verdadeiro?

MARY: O verdadeiro mestre é o Si realizado.

KARL: O mestre verdadeiro não conhece nenhum mestre verdadeiro! De que coisa você está falando? Você quer ser um mestre verdadeiro. É isso o que você quer ser. “Não, não, eu não!”

MARY:[rindo] Não quero, eu realmente não quero. Mas tenho uma veneração por este amor divino, esse sem propósito --

KARL: Você anseia por qualquer coisa que pode botar na bolsa da *sua* experiência.

MARY: Não se pode almejar isso ; é um presente.

KARL: Que presente? Ah, esqueça isso.

ROSA: Você está dizendo para não falar disso?

KARL: Pode falar disso, mas falar não vai fazer com que isso chega ou vai embora.

ROSA: É preciso sê-lo.

KARL: Nenhuma idéia! Tudo de que você pode ter uma idéia é como sujeira nisso. Tudo que você faz dele, toda palavra que usa, é sujeira para Aquilo. Aquilo não sabe nada sobre algo “divino”, ou Si, ou qualquer mestre.

MARY: Certo.

FRANCESCO: [rindo] Isso é verdade.

MARY: Isso eu sinto. É isso que eu estava dizendo. Mas sinto que você deveria saber mais sobre isso que eu estava dizendo.

KARL: Por que eu deveria saber algo?

MARY: Ah, tudo bem.

KARL: Você quer me controlar, que eu deveria saber algo. Não? Você quer a minha aprovação. Você está procurando confirmação.

FRANCESCO: Eu também.[risadas]

KARL: “Por favor, confirma minha idéia de ‘amor’! Por favor, se ao menos você pudesse ver a minha idéia! Como posso mostrá-la para você? Por favor aceite-a. Coma-a da minha mão!”

MARY: Você quer saber? Realmente, não foi isso que eu quis dizer.

KARL: Tudo bem. Não se preocupa.

FRANCESCO: “Don’t worry. Be happy.”[Não se preocupa. Seja feliz.] “Amanhã será outro dia.”

KARL: O amanhã pode vir nunca, graças a Deus.

FRANCESCO:[rindo] O problema é que eu sim venho novamente.

KARL:[rindo] Você vem novamente, cada dia. Fazer o que?

## **Abraçando a solidão**

KARL: Perguntas? Eu não sou tão mau como pareço – talvez pior! Mexico, algo?

MEXICANA: No caso de você dizer “não,não,não, isso não,isso não, isso não”, negando tudo, acontece algo se você simplesmente espera?

KARL:Pode ser que sim, pode ser que não. Sempre é um “pode ser que”, uma especulação. Tudo que você pode dizer ou construir, é uma especulação sobre isso.

MEXICANA: Não, eu realmente gosto.

KARL: Só posso falar sobre quando o ‘split second’ realmente parte o seu coração. Então não existe mais coração. É só isso. Então você não tem mais cola. Porque sem essa cola das idéias e tudo isso, Aquilo é. Mas Aquilo sempre existiu.

MARY: Pois isso é amor divino.

MONIKA:Lá vem ela de novo.

KARL: Esqueça! Talvez bebendo bastante vinho, você entra no amor divino.

MARY:Talvez eu deva usar outra palavra.

KARL: Sim, talvez. Talvez então você não faz dele algo tão especial.

MARY:Você usou a palavra *paz*. Você não tem medo de usar essa palavra.

KARL:Paz, sim. Talvez é mais apropriado.

MARY: Paz. Alegrar-se. Amar.Cantar.

KARL: Não, não. Paz já é alegria em si porque aí não tem ninguém segundo. Mas não existe uma idéia de paz.

MARY: No amor não existe ninguém segundo.

KARL:Sim, mas este “ninguém segundo” ainda é um segundo.

MARY: Hmm?

KARL: Esse “ninguém segundo”, essa un-dade, ainda é um segundo.

MARY:Não existe segundo na paz; não existe segundo no amor.

KARL: Não estou falando desse “ninguém segundo” da un-dade. Não estou falando desta coisa de “amor un-dade”. Não estou falando do amor de Deus que se ama a si mesmo.

MARY: O Si é a própria paz,a felicidade em si, o amor em si.

KARL: Mas não sabe o que é paz.

MARY:Paz em si, amor em si.

KARL: Mas você poderia chamá-lo de “roupa de baixo em si”. [risadas]

MARY: Também, amor em si. Por que teria de recuar da palavra *amor*?

KARL: Porque é um ícone tão alto, e isso simplesmente faz que seja tão especial.

MARY:Então diga isso.

KARL: Você o deixa ficar assim. Simplesmente diga “a roupa de baixo divina”, então eu me sinto melhor![risadas]

MARY: Por que tão tímido? Você não é tão tímido com a palavra *paz*. Você não é tímido com a palavra *felicidade*.

KARL: Tudo que você disser, eu tenho que destruir de qualquer jeito. Então esqueça isso!

MARY: Talvez seja porque *amor* é uma palavra tão mal usada. Não é compreendida.

KARL: Tem tanta expectativa nela. É por isso que se diz “*Sat-shit-ananda*”, porque você não espera que algo venha da merda[\*shit].

MARY:No amor, não tem expectativa.

KARL:O que? Só de colocar esta palavra em qualquer coisa, há uma expectativa.

GEORG: Karl, gramaticalmente, *amor* tem um objeto e *paz* não tem. E tão simples.

KARL: Sim, isso é um argumento. Só tem amor quando tem um amante e algo amado. A paz, não.

MARY: Está bem.Então eu acrescento a palavra *divino amor*. [risadas]

KARL: Esqueça “de vinho”! Meu Deus. Não beba tanto. Você continua querendo ser bêbada?

MARY: Rumi disse --

KARL: Que Rumi? Temos um rumor agora. Você faz disso um rumor. Chega um rumor de Rumi, ou o que?

MARY: Rumi,Hafiz – eles não tinham medo da palavra *amor*.

KARL: E daí? O que isso quer dizer?

MARY: Eles não tinham medo das palavras *paz* ou *amor*.

KARL: Você precisa de alguém de não sei onde para confirmá-la agora? Fala por você mesma, e não sobre quem disse algo.

MARY: Eu sei que isso é verdade. E nem vou recuar agora.

KARL: Você sabe que isso é verdade?!

MARY: Não vou mesmo hesitar de usar esta palavra.

KARL: Temos de nos curvar diante dela agora! Ela conhece a verdade. A única que conhece a verdade. Amanhã de manhã ela deve dar *satsang*, às nove, no seu apartamento.

MARY: Não sou esta verdade. Não sinto que sou esta verdade. É intuição. E não volto

atrás nisso. Não é especulação; não é conceituação. É meu coração mesmo.

KARL: Você é a boca que encontrou-se a si mesma.

MARY: Não vou recomeçar.

KARL: A especulação divina! [risadas]

MARY: Intuição não é especulação. É de uma ordem totalmente diferente.

KARL: Que ordem?

MARY: O que é a palavra *especulação*? Tem a palavra *especulação*, tem a palavra *intuição*, tem a palavra *realização* – e são coisas diferentes.

KARL: Mas elas não fazem diferença. Você continua sendo o diabo que quer fazer diferenças ali onde não tem. [silêncio] Aleluia. Meu Deus.

LIZ: Uma vez eu tive esta experiência.

MONIKA: Lá vem outra.

LIZ: Estou aqui sentada com vocês e isso me passa tudo novamente pela cabeça. Uma vez eu estava lendo sobre Shiva. Era um certo poema, numa língua que eu não entendia bem. Mas tinha ali uma linha que se repetia muitas vezes, e afinal perguntei ao swami, “O que é esta linha?” E êle disse, “Não é isso, não é isso, não é isso.” Assim, quando eu estou aqui sentada, tudo é “não isso”, e isso é um alívio tão grande.

KARL: É por isso que estou aqui sentado. Tudo que surge, é “não isso”.

LIZ: [brincando] E de repente eu tinha chegado à iluminação. [risadas] Vou dar *satsang*. Embaixo.

MARY: “Isso não, e isso não, e isso não” – não é amor? Não é isso o presente?

KARL: Não. Não pode ser dado de presente a você, nem por qualquer linha, nem por quaisquer palavras bonitas, nem por nada – não pode ser dado.

MARY: É graça.

KARL: [sério] Nem mesmo é graça.

MARY: É isso que quero dizer com a palavra *presente*—“graça”.

KARL: É uma piada, aqui agora, que a graça está procurando graça.

MARY: Quem senão a graça pode fazer absolutamente *neti-neti*? E isso é amor.

KARL: Nem mesmo a graça pode fazê-lo.

MARY: E o amor não tem expectativas, pois é isso o que estou dizendo.

KARL: Mas você ainda está definindo o amor.

MARY: Não é uma definição.

KARL: Claro que é uma definição!

MARY: Não!

KARL: Ah, vem cá. Você está numa divisão.

MARY: Amor não tem nada a ver com divisão.

KARL: Mesmo a idéia de “amor” cria uma diferença.

MARY: E o que sobre “paz”?

KARL: O mesmo. Toda idéia que você cria, produz uma divisão. Amor não faz diferença.

Uma MOCA: Aqui estou, com isso tenho que viver, meu Deus! É por isso que estou com problemas. Com todos esses conceitos, isso é um lugar muito solitário.

KARL: É por isso que se chama “o abraço da solidão”, o que é a graça. Ali não tem mais nenhuma idéia de amor ou outra coisa. Isso não é felicidade, não é algo --

MARY: É isso o que é amor.

KARL: Esqueça! Vai partir o seu coração, você querendo ou não.

MARY: Sim, o amor parte o coração. [risadas] Assim é o amor. Coração partido.

KARL: Tanto faz o que você diz. Meu Deus.

MARY: Tudo bem.

KARL: Está tudo bem aí? Algo mais?

FRANCESCO: [fingindo chorar] Uma pergunta, uma pergunta! [risadas] Pobre Karl!

KARL: Compaixão da parte dele! Obrigado.

FRANCESCO: De nada.

## **Cada “eu” é um inimigo**

KARL: Você veio de Berlim?

KLARA: Não, estou há tres semanas agora na Índia.

KARL: Está tudo bem?

KLARA: Tem alguma coisa, mas eu estou só observando, e logo isso vai embora.

KARL: Ah, simplesmente cuspa tudo. Chama-se isse “cuspir honestamente.” Alguem apelidou-o de “honestidade de fissão nuclear”. [risadas]

KLARA: Só hoje eu acho isso, e não é tão fácil dar risada como ontem. Algo aconteceu ontem a noite. Meu coração estava doendo porque me dei conta como eu sou dependente de ganhar a atenção dos outros e de ser vista. Teve uma única frase de outra pessoa que – poff! –eu queria mesmo explodir ou --

KARL: Você queria pular fora do porão e se matar?

KLARA: [rindo] Não, eu simplesmente sentí o quanto isso dói. Mais tarde li em *Das Buch Karl* [livro de KarlRenz em alemão] sobre essa guerra, e isso me ajudou, para simplesmente ver o que está acontecendo.

KARL: Sim, às vezes essa guerra não é tão intensa, mas sempre é guerra, desde que você

tem a idéia que está no mundo. É sempre ‘friendly fire’[\*fogo amistoso].

Uma MOÇA: O que é isso?

KARL: No Iraque agora, os soldados americanos matam-se por ‘fogo amistoso’. O outro não é diferente de você, portanto sempre é ‘fogo amistoso’. Mas de toda maneira eles atiram.

GEORG: Acidentalmente.

KARL: Sim, acidentalmente tomam você por um inimigo, assim como você os toma por inimigos, e então atiram. Contudo chamam isso de “fogo amistoso”.

MONIKA: Mas você está mesmo morto!

KARL: É como o mundo. Todos atiram porque acham que ali tem um inimigo. Mas existindo qualquer “eu”[\* any me], há inimigos[[\*ene-mies].

GEORG: Amor divino!

KARL:[rindo] O amor divino é sempre fogo amistoso e não se preocupa com o outro. “É o *meu* amor divino!” Foi por isso que Jesus disse que nunca terá paz sobre a terra. Enquanto de todo houver um mundo, há guerra. Enquanto você estiver num mundo qualquer e vê qualquer mundo, há guerra.

Você está sempre em guerra consigo mesmo. Toda vez que cria uma imagem que toma por ser realidade e não o Si, tem guerra. Cada momento em que tem um segundo, tem guerra. Ainda que houver uma situação de paz mundial, continua tendo guerra.

Somente é paz Aquilo que não conhece paz alguma. Tudo que surge a partir dele, mesmo o amor divino, é guerra. Portanto você luta por esse amor divino, você luta por liberdade. Veja, Bush está enviando tantos soldados para o Iraque simplesmente pela idéia da “liberdade”, e dessa idéia de “liberdade” vem a guerra. Da idéia de “paz” vem guerra! Da idéia de “amor” vem ódio. Mesmo você chamando-o de “amor divino”, ainda implica em ódio. Tanto faz o que disser --

MARY: Amor divino não tem nada a ver com ódio.

KARL: Ah, vem cá!

MARY: Amor é de uma ordem totalmente diferente. Deveríamos inventar outra palavra?

KARL: Que palavra?! Simplesmente tem esta palavra, esta palavra!

MARY: Vou comprar isso. Mas não vamos misturar coisas que não devem ser misturadas. Como quando ele foi sarcástico a respeito do amor divino.

KARL: Bem, eu também sou.

MARY: Amor divino não tem ego. Ali não existe “eu-mim-meu”.

MONIKA: Quem é que vai defini-lo? Você está definindo-o.

KARL: E quem precisa dessa definição?

MARY: Não sei.

KARL: Você ainda quer pousar em alguma coisa.

MARY: Amor não é para os de coração tímido ou os fracos, isso é tudo. Não tem nada a ver com egoísmo. Eu acho, talvez, não sei, parte dessa risada aqui pode vir de um lugar de fraqueza e malentendido.

MONIKA: Ah, chega! Você nos chama de fracos e você é a forte? [risadas]

MARY: Não!

KARL: Você faz guerra aqui e agora.

MARY: Então isso não tem nada a ver com conhecimento?

KARL: Escuta, você está lutando. Por que coisa está lutando?

LIZ: Por um conceito.

GEORG: Por “amor”!

MARY: Não, paz real --

KARL: O que é esta “paz real” pela qual você está lutando?

MONIKA: Paz é uma experiência, e não um bla-bla-bla!

KARL: Mesmo Bush diria “eu estou lutando pela paz real e por liberdade real.”

MARY: Não!

KARL:[brincando] Ah, você é americana, já sei![risadas] Quer trazer essa idéia até para a Índia.

MARY: Obviamente, ele não é! Bush é merda.

KARL: Bush é merda? Eu amo Bush![risadas] Que espécie de amor divino diz “Bush é merda”?

MARY: Você sabe o que quero dizer.

KARL: De que tipo de “amor divino” você está falando?

MARY: Não tem nada a ver. O amor divino está relacionado com a verdade.

KARL: Você está falando sobre ‘apartheid’. Você é tão à parte! Esse é um “coração apartado”.

MARY: Não consigo entender. Eu não entendo.

KARL: Falar sobre amor divino, e em seguida, Bush é merda.

MARY: Amor divino não tem nada a ver com Bush!!

KARL: Está bem, esqueça.

LIZ: Bush está lutando por uma *liberdade* que se traduz para “petróleo”.

KARL:[apontando Mary] Sim, ela gostaria de estar numa situação oleosa. É como o amor divino sendo um motor, e você vai trocar o óleo.

BERTA: Carros podem andar com água, e Bush está matando toda essa gente.

FRANCESCO: E por que não?

TODOS: Francesco?!

FRANCESCO: Isso faz parte da brincadeira. Por que você gosta de Bush?

KARL: Não sei.

FRANCESCO: Eu também gosto dele. Ele tenta fazer o que pensa que é bom.

KARL: Eu também gosto de Bin Laden.[risadas]

FRANCESCO: Eu também. Por que não? Não é um filme. Não é um filme interior. É a consciência, não é? Bush vem de uma outra direção.

KARL: É como quando as torres implodiram, Allah veio como Bin Laden. “Não pode haver dois!” e então Bummm!

FRANCESCO: Bem isso.

KARL: A Consciência diverte-se, vou lhe contar. Para fazer disso realmente um grande evento como este no Onze de Setembro, tinha Allah, o único, dizendo:”Eu sou o único Deus, não pode haver dois. Não tem dinheiro[\*money] ; e não tem muitos[\*many]. [\*jogo de palavras com ‘money’/’many’]. De todo não tem muitos. E eu preciso demonstrar algo:” Só existe um, –Allah—o grande!” Bomba!!

Amor divino –Bomba! Tudo provindo desse amor divino –Bomba! Deus mesmo assegurando de não haver nenhum segundo –Bomba! [risadas]

MARY: Eu achava que Ramana Maharshi era amor divino.

TODOS: Ah não!

MARY: Por que? Não entendo. Me ajudem a entender. O que é que se pode entender aí?

THERESE: Pega o CD![risadas]

MARY:[rindo] Tudo bem, vou pegar o CD.

## **Sem lugar para aterrissar**

ROSA: Posso mudar de assunto?

TODOS: Ébaa! Muito bem!

KARL: Obrigado.

ROSA: Não sei – é a primeira vez que estou aqui – vocês estão falando do Si?

KARL: Como uma ideia, uma indicação. Mas o Si não conhece nenhum Si. Só há “ausência de Si”, e você pode chamá-la de “ausência de amor”, “ausência de existência”. Estou apontando para essa “ausência de idéias”, onde todos os ícones –de divindade, de Deus – sumiram. É desta ausência de Deus que estou falando. Você é Aquilo que é Deus, mas Deus não conhece nenhum Deus, nenhum segundo ou algo assim. Aquilo de que não se pode falar nem dar definições– é disso que eu estou falando.

Tal paradoxo não tem solução. Falamos sobre algo do que não se pode falar. Então podemos falar dele, mas isso não faz diferença. Só para deixar claro que não faz

diferença se você fala ou não.

Para Aquilo que você é, o que você diz ou define ou não define, jamais faz qualquer diferença. Não tem nem mais nem menos ali. Nenhuma quantidade, nada de qualquer idéia de algo “divino” ou coisa qualquer. Tudo isso sumiu. Isso é uma liberdade que não tem idéia de liberdade.

ROSA: Um vazio?

KARL: Nem mesmo um vazio. Até um vazio é demais. Isso é Aquilo que é o vazio, e isso é Aquilo que é a plenitude, e isso é Aquilo que é tudo a que você pode dar nome, mas isso não tem nome.

ROSA: Quer dizer que não há um centro.

KARL: Não. Não tem um centro *avatara*, onde se pode ir comprar uma idéia *avatar*. Tudo que é idéia, não é isso.

LIZ: Nada para se segurar.

KARL: Mesmo isso é demais. Mesmo nada é demais. E tudo é de menos.

GEORG: Volta ao centro. Enderêço desconhecido.

KARL: Cartas de amor. “De volta ao remetente. Enderêço desconhecido.” Conceitos aparecem e depois “fuuh”. Isso é tudo.

ROSA: É este o seu trabalho.

KARL: Sim, é como na colheita. Ceifando idéias. Ceifando cabeças.

Uma MOÇA: Pongal [feriado indiano da colheita].

KARL: Hoje é Pongal. Dia de Kali. Cortando cabeças. Partindo o núcleo. Partindo o *Kopf* [\*cabeça]. Partindo ossos. Todos os ossos devem ser cuspidos.

KLARA: Karl, vejo que você está em forma e falando com você mesmo, e me dá uma impressão um tanto engraçada. Estou pensando, “Será que eu quero ir nessa direção?”

KARL: Certamente não! [risadas] Melhor não. Você não vai chegar. Nunca vai haver uma chegada.

KLARA: Tão absolutamente nada! Nem mesmo nada não tem. É uma brincadeira com palavras, eu sei.

KARL: Você está numa viagem que nunca começou e nunca vai terminar. Não tem lugar de pouso para esse avião que você é. E não tem piloto.

KLARA: Deus!

KARL: Você ainda procura o piloto, mas não tem. É piloto automático. Não tem lugar para pousar, nenhum aeroporto.

LIZ: Que pesadêlo.

KARL: Você é um pesadêlo, queira ou não queira. Todo sonho que você toma por realidade vira pesadêlo. Portanto qualquer sonho bonito de amor, ou outra coisa, é um pesadêlo. Tudo sonho. Faz de você um sonhador. E enquanto houver sonhador, há

pesadêlo. Um sonhador vai sempre sonhar mais um sonho. Sonho bonito vai sempre tornar a ser sonho feio. Sonho feliz, sonho infeliz, e assim por diante.

TOMAS: Também não faz sentido você constatar que é um fracasso total. Não faz diferença.

KARL: Esse é um fracasso absoluto. De qualquer modo você vai fracassar.

MARY: Então nisso o amor não tem propósito. Isso combina.

KARL: Tanto faz. Faz isso. Segura isso. Senta nisso. Leva para casa.

MARY: O amor divino--

[Mary continua tentando explicar seu ponto de vista, mas Karl não para.]

KARL: Insista nisso. Faz o que você quiser. Falala. Ninguém liga.

MARY: Isso deveria receber o seu lugar apropriado!

KARL: Ah sim, você decide o que é apropriado e o que não é. Sim, sim, esqueça. Muito obrigado.

MARY: O amor divino não tem propósito, certo?

KARL: Muito obrigado pelo seu amor.

MARY: Não, eu não tenho esse amor, esse amor sem propósito. Mas isso é amor.

KARL: Ah, muito obrigado.

ROSA: Agora você está partindo o coração dela.

MARY:[rindo] Tudo bem.

ROSA: É o seu trabalho.

KARL: É o meu trabalho. Eu sou um despedaça-corações.

FRANCESCO: Eh!

KARL: O 'playboy' absoluto.

Um HOMEM: E nós estamos no "Hotel do Coração Partido".[risadas]

KARL: Sim, o "Hotel do Coração Partido" no morro engraçado do Arunachala! O Coração em si.

Outro HOMEM: Ontem você disse que você faz adubo orgânico.

KARL: Sim, tudo junto e depois adubo e então o que sai? Lotus. Do adubo, o lotus divino. Teria eu o divino *Lokus*?

THERESE: Ah sim, *Lokus* é "toailete" em alemão.

KARL: Certo.

THERESE: Essa sua lingua é qualquer coisa![risadas]

KARL: Vou lhe contar!

THERESE:[brincando] E como é que os alemães estão tão sérios esta manhã?

KARL:[rindo] Não pergunte a mim!

THERESE: Algo não deu certo? [risadas]

KARL: Eu não sou suficientemente engraçado para você?

THERESE: Você é o único!

KARL: Oh, atirando pedras! [risadas]

MARY: Pode ser que isso é um sinal de que você é realmente livre.

KARL: De que?

MARY: Do seu nascimento na Alemanha. Porque você é tão engraçado.

KARL: Não faço idéia do que você está falando.

MARY:[rindo] Você é realmente livre! Bem, vou fechar a boca.

KARL: Agora ela quer realmente me matar. Ofendendo-me o tempo todo. Chamando-me do que você quiser, está me ofendendo.

ROSA:[brincando] “Alemão!”[risadas]

KARL: “Oh, eu tenho que aceitar que sou um germe!”[\*jogo de palavras com “german”=”alemão”]

MATTIAS: Posso lhe ajudar com isso.

KARL: Germes há em todo lugar. Existem mais germes do que pessoas.[e apontando um australiano] Ele é realmente sortudo; só existem dezessete milhões de australianos.

AUSTRALIANO: Vinte milhões.

KARL: Oh, vinte. No começo dos anos oitenta, eram só quinze.

AUSTRALIANO; O governo está pensando em dar aos casais cinco mil dolares para ter um filho.

KARL: Mesma coisa na Alemanha.

AUSTRALIANO: Nós não somos a favor da imigração.

KARL: Os alemães têm o mesmo medo de ser extintos. Oitenta milhões de alemães têm agora que--![risadas]

MONIKA: E você está fazendo a sua parte, Karl?

KARL: Agora na Alemanha, se você não tem filhos, deve pagar mais impôsto. Espécie de imposto extra por não ter filhos. Imposto de solteiro. Eles realmente te pegam. A Alemanha vira um cafetão que te faz fazer sexo. Agora você tem que fazer sexo.[risadas]

MATTIAS: Um país não-*Brahmachari*.

KARL: Com a India foi o mesmo. É um paradoxo. Vinte anos atrás, punham você na prisão por causa de um abôrto, anos de prisão por um aborto. Mas alguns anos mais tarde mudaram isso, e você recebia dez mil rúpias por abortar. Num dia você era preso, e no dia seguinte recebia dez mil rúpias pela mesma coisa.

GEORG: Só um radio-transistor, Karl. Não tem muito valor.

KARL: É como, um único dia pode mudar tudo, totalmente.

LIZ: De um conceito ao próximo conceito.

KARL: É assim mesmo que é a consciência. Imprevisível. Relamente uma cadela. Você nunca sabe quando vai te morder. Você pode brincar com um filhotinho por um tempo. “Meu filhote, meu filhote de aceitação”. Mas depois, nunca se sabe. Ela,-poff! É lindo.

## **Nunca você vai atingir o amor.**

AUSTRALIANO: Karl, tenho uma pergunta. É sobre isso do *Bodhisattva*. Eu nunca tive uma experiência consciente disso na vida. Mas alguma energia que tem a ver com isso vem aparecendo ultimamente.

KARL: É a sua idéia de um *Bodhisattva*.

AUSTRALIANO: Não chega a ser uma idéia, mas é o que posso relacionar com isso. Não sei o que é. Estou só tentando colocá-lo em palavras na minha cabeça. Mas nem mesmo é uma palavra. Eu nem pus palavras nisso. Tinha uma sensação de que era uma idéia totalmente ridícula, um conceito ridículo, por vários anos. Eu realmente estava maldizendo-a. Mas de alguma forma, uma certa sensação, uma energia sobe no corpo, uma certa sensação de desprendimento, com uma energia correspondente. Não sei. Posso estar completamente enganado, mas de alguma maneira eu relaciono-a com isso. Não sei nada sobre isso, nem se você sabe.

KARL: Ramana falava sobre esse desprendimento dizendo que é simplesmente essa impotencia. E depois, a partir disso, vem algo como um “o que é isso?” A partir do desprendimento você simplesmente faz o que deve ser feito. Sem questionar. Não é alguém fazendo-o.. Assim é que você se realiza, ao fazê-lo.

AUSTRALIANO: Até essa ideia de se querer *moksha*, a ideia de não voltar, de não ter um renascer, é uma ideia tão egoísta.

KARL: Sim. Tudo isso falta n’ Aquilo. Porque então não há quem jamais veio ou irá embora. É só disso que eu falo—desse “sem porta de saída”. Independente do que você experimenta aqui, isso é Aquilo que você é, um aspecto dele, e você não pode largar o que você é. Isso é infinito como você. *Moksha* é isso-- é ver que só existe o Si. Só Aquilo é o que voce é. E não tem como sair disso.

É um ponto final absoluto. Nem mesmo sobrou *moksha*. Isso é *moksha*, essa liberdade de não haver nenhum segundo, de não ter como escapar ao que você é. Jamais vai haver algo que foi alcançado, tal como um certo sucesso ou um amor ou algo assim. Não tem amor para você. Nem mesmo isso. Tudo de que você faz idéia simplesmente sumiu. E não tem como sair disso.

Todas as ideias são feitas a partir da ideia de uma vantagem, para se encontrar um meio de sair fora. Mas simplesmente parando totalmente, e vendo que para você não há como escapar de ser o que você é, você vê que Aquilo é o que é.

Você é esta energia, este Desprendimento, dentro. Pode-se dar um nome a isso, como ela fez, definindo-o como “amor”. Mas não tem amor. Tem simplesmente esse

absoluto”nenhuma saída”. Sem conhecer qualquer amor ou liberdade ou algo assim, porque é uma ausência absoluta de qualquer escape ao que você é. É isso que se chama “paz”, esta paz imensa, mas esta paz sempre houve. Jamais faltou. Isso é o que se chama “paz de espírito”, mas não tem mais nada de espírito. Tudo que é, é Si. *Seja o que for*. Toda energia,ou vibração, tudo isso é Aquilo que é o que você é.

Isso não tem saída porque não há vantagem no instante seguinte, de se controlar alguma coisa. Tudo que você pode controlar é o que você já é, de modo que não faz sentido tentar controlar. Essa irrelevância de se fazer ou não fazer, já que não tem vantagem, isso é compaixão. Você está falando sobre compaixão. É compaixão quando não sobra mais ninguém que poderia ou não poderia ter compaixão ou pena ou algo assim. Só existe pena porque você procura uma saída. Então você fica com pena de si mesmo e vê que outros fazem igual. Mas quando não tem mais nenhum segundo, você nem sabe disso.

Isso é tão natural. Nada especial. Não é um “amor divino”, ou algo assim. É a sua natureza, e esta natureza jamais esteve ausente. Fazer o que com isso? Só resta tomar outro café, nada mais. Saúde! [bebe da sua garrafa de suco]

AUSTRALIANO: Saúde!

KARL: E de resto, tudo que aparece aqui, como “divino”etc., todas essas coisas especiais, ‘diferentes’, não têm nada a ver com isso. Você é totalmente, absolutamente independente de tudo isso.

## **Isso aqui agora é tão extremo porque você é essa existência extrema, absoluta.**

JUAN: Karl? “Eu sou”, no mundo significa solidão.

KARL: Toda idéia de existência é solidão.

JUAN: “Eu sou” também é ser solitário?

KARL: É solidão em potencial.

JUAN: E’ o que nós consideramos como solidão, ou só quando você está no mundo?

KARL: Veja , esta consciência, o que é? Consciência é pura consciência presente [\*awareness], pura consciência de ”eu”. Em seguida, a “eu- sou”-dade[\*”I-am”-ness] é espaço, e a “eu -sou -assim”-dade[\*”I -am -so”-ness] é um aspecto disso.

JUAN: Mas o “eu” também é solitário?

KARL: Isso já é solidão. Dessa solidão vem o “eu sou” e em seguida o “eu sou assim”, que se auto-define. O “eu” que é isso[Karl levanta o polegar para simbolizar este estado de pura consciência], em seguida o “eu sou”[levanta polegar e dedo indicador], o que Deus chamou “eu sou que eu sou”, apontando para Aquilo que é o Coração do “eu sou”- e que é isso[recolhe seus dedos e mantém erguida a mão fechada]: o Coração em si que é o Si em si.

JUAN:Isso não é solitário.

KARL: Não há solidão nisso, porque não tem quem poderia ficar solitário.

JUAN: Quando a manifestação surge--

KARL: Já é isso [levanta o polegar]. Assim que este “eu” surge, como mera noção da existência, há solidão.

JUAN: Mas o “eu” surge a partir da solidão? Porque senão, acho, que não iria surgir.

KARL: Não iria? Surgiu, não por causa de algo, mas sem causa nenhuma. Não há um “quero surgir”. Não há nada. Apenas tem um potencial, da existência absoluta como ela veio surgindo. Contudo ela nunca surgiu. Isso também não tem começo nem fim.

Não há começo nem fim da pura consciência do “eu”, não há começo nem fim do “eu sou”, e não há começo nem fim do “eu sou assim”. Mesmo este mundo aqui agora é tão infinito como Aquilo que é Coração. Toda essa trindade é uma manifestação absoluta d’Aquilo que é Coração. E assim a manifestação é tão infinita como esse Coração infinito.

Tudo que é, é Coração. Nada há, a não ser Coração.

Mas Aquilo que é Coração não conhece Coração e jamais iria defini-lo como tal e tal e tal. Tudo isso são definições de sonho. Aquilo que está sonhando, o sonhador absoluto, como o que é Coração, não pode ser sonhado, não pode ser imaginado. Não pode ser definido por nomes grandes ou belos. Todos eles não cabem. Aquilo que é beleza em si, não conhece nenhuma beleza.

Para Aquilo que é conhecimento em si poder ser Aquilo que você é, há um não-saber absoluto do que você é e do que você não é. De modo que há uma absoluta ausência de alguém que sabe ou não sabe. Tem até a ausência de uma ausência.

Isso você não pode vir a ser por nada, pois você já é Aquilo. Nada é mais natural que Aquilo, de ser Aquilo que é Coração. Mas qualquer definição, *não importa o que você diga*, está delimitando-o.

JUAN: Quer dizer, a luta toda é para se ver livre da solidão, me parece?

KARL: Não, no confronto total com essa solidão – sendo isso – você afunda n’Aquilo que é Coração. Nesse confronto absoluto, há um ver que não há nenhum segundo e que nada vai lhe dar o que você é, jamais. Tornando-se essa pura consciência em si que se dá conta de estar só, nessa solidão absoluta, você afunda n’Aquilo que é Coração, e você é Aquilo que é Coração. Nessa confrontação absoluta com o que você é, sendo solidão absoluta em si, a partir desse “sozinho” [\* alone], você se torna “todo uno” [\*all one].

Isso é como uma transformação total. Nesse extremo de solidão, não existe mais ninguém solitário. Nesse extremo da solidão, ninguém pode sobrar enquanto ser separado, já que você vem a ser Aquilo que é solidão. Mas a solidão em si não conhece solidão.

[apontando para Mary] Ela está falando de ser o extremo amor, mas sendo o extremo amor você não vai mais conhecer o amor. Tudo isso são conceitos. Não dá o seu ouvido a isso. Nada pode fazer de você o que você é. Até conceitos extremos ainda são conceitos.

Aqui agora é tão extremo porque você é essa extrema existência absoluta. Não pode perdê-la. Você já é ela, e jamais pode deixar de ser. Por nenhum extremo você poderia vir a ser isso. E isso nem pode ficar mais extremo do que está sendo aqui agora. Isto é a extrema realização d’Aquilo que é o extremo Si!

[Mary berrando de tanto rir. O resto do grupo em silêncio.]

AIKO: Posso entendê-la. Eu tenho o mesmo problema com palavras. Estou enamorada da palavra “amor”. E não queremos deixá-la porque ela é tão bonita..

KARL: Sim, é uma prisão bonita.

AIKO: Uma armadilha.

KARL: Essa un-dade é uma armadilha tão bonita. Eu estou aqui para apontar para essa armadilha na qual vocês estão. Estão presos nessa beleza, nessa idéia de “beleza”. Mas é uma armadilha temporária. Vocês vão sair dela novamente. Não se preocupem. [risadas]

Este ceu temporário é o inferno. Vocês precisam vê-lo como inferno. Portanto, não se preocupem. O ceu vai sumir e o inferno estará de volta.

LIZ: O oposto do amor é o ódio. Isso chega e vai embora, chega, vai embora. Você acaba deixando essa ilusão para trás.

AIKO: Sim, mas você ainda pode alimentá-la. Infinitamente.

KARL: Com esforço você consegue ficar com isso por um pouco mais tempo. Se prestar um pouco mais de atenção a essa un-dade, você consegue ficar mais.

MARY: Isso não é o que eu estava dizendo, aliás.

KARL: Sim, sim, sim. Você nunca disse qualquer coisa.

MARY: Bem, isso é verdade.

THERESE: Parece que estamos tentando diferenciar entre “solidão”[\*loneliness] e “estar só”[\*aloneness]. Solidão implica sofrimento, ao passo que ‘estar só’ é um lugar onde--

KARL: Você faz do estar -só um “todo uno”. Não existe mais alguém sozinho. Não tem solidão. Algo assim. É tudo bla-bla-bla. Pode esquecer. Esqueça e seja feliz.

É por isso que todos apontam o estado de sono profundo, porque nele não há nada como um “amor divino” ou qualquer idéia de algo. Contudo você ainda diz, “Ah, maravilha,” mesmo não sabendo o que é tão maravilhoso. Tem aí uma ausência total de ausência do “eu”, de alguém que define algo. Até chamar isso de “sono profundo” é uma definição, contudo no sono profundo não existe definição do sono profundo.

Portanto seja Aquilo que é no sono profundo igual Aquilo que é aqui agora -- o Absoluto. Ab-soluto de qualquer idéia de “ser” ou “não ser”, apesar de saber ou não saber, apesar de definir -se ou não definir-se, você é. Nunca por causa de algo. Portanto seja Aquilo, aqui agora, como é no sono profundo, absolutamente independente de qualquer idéia de existência ou não-existência.

SOFIA: Mas Ramana disse que isso está além do sono profundo.

KARL: Sim, mas já o sono profundo não é nada mau. [risadas]

MARY: Então isso é uma chave?

KARL: Um indicador![\*pointer] É chamado “pointer”, mas nenhum indicador pode fazer de você aquilo que você é. Esqueça Ramana. Não quero ouvir falar nada mais sobre Ramana. Aqui e agora. E nenhum Ali Baba.

MARY: Tudo bem, e alguma imagem?

KARL: Que imagem?

MARY: A *Kaaba*, o Templo da Verdade. Você não gosta da palavra *verdade*. Que palavra posso usar? Tinha a *Kaaba*, Ramana disse, outros tem dito, e existem infinitos caminhos para se chegar nessa única *Kaaba*, de infinitas direções.

KARL: Que idéia, que se pode ir até lá.

MARY: Mas para entrar só tem um caminho.

KARL: Que caminho para entrar? Nenhum caminho.

MARY: Só tem um caminho para entrar.

KARL: Nenhum caminho para entrar. Só tem uma única saída, -isto é, nenhuma saída.

MARY: Está bem. Então isso é o último e ultimativo conceito.

KARL: Ultimativo? Não tem ultimativo.

MARY: [começando a rir] Isso é demais!

KARL: “Ulti-mate”[\*jogo de palavras com “mate”=namorado/a] O namorado ultimativo? O amor ultimativo.[canta] “My soul mate. I met my soul mate-in heaven“[letra de música dizendo: minha alma gêmea. Encontrei meu amor alma gêmea – no ceu--]

[Mary está segurando a risada até não poder mais. Outros notam. Então ela cai na risada abertamente. O grupo inteiro explode em risadas]

KARL: Ela passou por isso.

O GRUPO: Ela passou por isso! Ela está pronta! Ela conseguiu. [risadas e suspiros aliviados]

KARL: O diabo está namorando a própria avó.

[Mary continua rindo]

## Apagando o questionador

VICKY: Tenho uma pergunta. Disso[levanta a mão fechada] vem isso[polegar para cima], e depois vem isso?[levanta os três primeiros dedos para cima]

KARL: Você nunca deixou isso[levanta a mão fechada]. O ponto chave é isso. Isto[polegar para cima] já é o sonho de um fantasma. O sonhador é “eu”[polegar],”sou”[polegar e dedo indicador para cima]”sonhando”[polegar, indicador e dedo médio para cima]. E tudo bam- bam-bam- bam[polegar e dedos para dentro e para fora, para dentro e para fora da mão em punho].

Você mesmo nunca saiu disso[mão fechada]. Você nunca foi para aqui[polegar], para aqui[polegar e dedo indicador], ou para aqui[polegar, indicador e dedo médio]. Tudo isso é coisa de sonho. Você nunca deixou Aquilo que é casa[mão fechada], porque você é a própria casa. Você nem pode deixar a casa, porque ninguém está em casa. Este[polegar] é

o primeiro inquilino, “eu”. Desse inquilino vêm as tendências.

VICKI: Então tudo isso[remexendo os dedos] é isso[mão fechada]

KARL: Tudo é isso[mão fechada]. Você é o sonhador absoluto que sonha de um sonhador. Isso é o sonho de um sonhador. Já um sonhador é sonho, mas você é esse Coração absoluto.

O sonhador, como “eu”, sai desse Absoluto, já como sonho. Parte do sonho é “eu”, e então disso vem a “eu sou”-dade, como consciência, como o Criador. E desse Criador vem tudo que você pode criar. Todos os três, esta trindade de Pai, Espírito Santo e Filho, - é tudo um sonho. Somente o Coração é.

Até Jesus na cruz estava apontando para esse Coração da existência. Quando ele foi crucificado nisso e disse, “Pai, por que me abandonou?”, ele estava enfatizando que nem mesmo o Pai pode lhe ajudar quando você é crucificado nessa existência em si. Não existe um pai que pode ajudar-lhe. Essa ausência de Deus, que é o Coração em si, não conhece nenhum coração. Ninguém pode ajudar Aquilo que você é

A beleza nisso é que você nunca precisou de ajuda. Em essência, você é tudo isso – você é Deus o Pai, essa primeira idéia de “pura consciência”, a Fonte, essa idéia de “pai”; e você é esse “eu sou” como Espírito Santo; e você é esse “eu sou assim” como Filho, como Jesus. Você é tudo isso, em essência, como você é o *eu* do “eu”, o *eu sou* do “eu sou”, e o *eu sou assim* do “*eu sou assim*”. Você é sempre Aquilo que é a existência em si, que é o Coração de tudo aquilo que é e não é

Neste sentido, você é Aquilo que é o vazio e você é Aquilo que é a plenitude. Contudo você não é o vazio e nem é a plenitude. Portanto seja Aquilo, já que você não pode *não* sê-lo. Por mais que você tenta, não pode deixar o que você é. Não tem vantagem em estar aqui ou ali ou ali, e nem desvantagem

Toda idéia de vantagem, ou não importa quem lhe diga que isso é alguma “pura consciência” ou algo especial, ou sempre que você constroi um terreno de pouso, você está separando-se de algo outro, d’Aquilo que é separação em si. Sempre que você fizer do vazio aquilo que é, você se separa da plenitude. Tudo que você define, toda idéia “divina” que tem, é separação. E mesmo assim você não consegue separar-s

NATARAJAN: Por que as pessoas dizem que o processo de auto-análise funciona, se já sabemos a resposta de antemão? Isso confunde tanto a minha mente

KARL: Para a mente, tudo a confunde. Porque ela é confusão

NATARAJAN: Quando ouço falar de auto-investigação, parece que se trata dessa olhada inocente para dentro de si mesmo, para os seus pensamentos, perguntando “Quem é você?” Para que serve isso, se já sabemos a resposta

KARL: Mas isso é uma questão sem sentido. Você só pode ir a procura de algo que já conhece. Senão, não iria procurá-lo. Você só pode *não* saber algo, porque já sabe. Você só pode olhar se acha algo porque já sabe o que está procurando. Caso contrario, não iria procurá-lo

NATARAJAN: Não poderia

KARL: No instante em que capta isso, você não está mais aí

NATARAJAN: Então como funciona a auto-investigação

KARL: Ela funciona assim

NATARAJAN: Não entendo. Estou me sentindo muito imbecil

KARL: Sim, nesse não-compreender absoluto, você compreende. Nessa imbecilidade absoluta, nessa escuridão absoluta, nessa absoluta falta de luz, de um saber ou não-saber, você sabe. E como vê nessa fração de segundo [\* split second], apesar de um saber ou não-saber, você é. Nunca por causa de algo. Apesar da estupidez, apesar da ignorância, apesar de qualquer conhecimento ou compreensão ou ‘insight’ relativo, apesar de tudo ao que você pode dar um nome, você é –nunca por causa disso

É para isso que o “Quem sou eu?” está sempre apontando, para este mistério, este “apesar de”. Questionar o tempo todo o questionador com esse “Quem sou eu?” e não receber nunca, nunca qualquer resposta, isso fica sendo uma inexistência de resposta. E na inexistência de resposta, talvez o questionador se acaba, é aniquilado. Um conceito bonito

Foi este o caminho de Ramana—“Quem sou eu?” Nessa pergunta, você se acaba, porque nessa pergunta não tem história. Quando não tem absolutamente nenhuma resposta a essa pergunta, você não consegue fazer uma história de uma resposta. Não consegue fazer algo se não experimentar uma história. Não pode experimentar a resposta a essa pergunta decisiva, a esse mistério que sempre existe por trás do “Quem sou eu?”. E esse “Quem sou eu?” está sempre aí. Portanto não há tempo, nem há não-tempo – é a ausência absoluta de uma idéia que chega com uma resposta. Nenhuma resposta pode ser dada, porque não há resposta. Essa inexistência absoluta de qualquer resposta apaga o questionador

NATARAJAN: Quer dizer que é uma questão sem resposta, como um *koan*

KARL: É um *koan*, um *koan* absoluto

NATARAJAN: Andei pela minha mente, e tinha aí uma resposta, “eu sou o Si”. Então eu começo a imaginar o que é o Si

KARL: De novo começa. *Não importa o que* você define. É por isso que estou sempre martelando. Mesmo o amor divino, todas essas respostas não significam nada. Elas só vão criar uma história disso. Toda resposta que você dá, vira uma história. É ligada ao tempo. É enquadrada. Somente esse mistério, esse sinal de interrogação total, essa ausência absoluta de qualquer coisa --

Algumas vezes soa muito bonito, bla – bla – bla. Mas continua sendo bla – bla – bla. Porque somente esse “não há resposta” absoluto –isso é a única resposta. E isso vai aniquilando o questionador

Vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano, todo segundo que tem, deveria esta questão ser Aquilo que você é. Esta questão é meditação em si – meditando sobre o próprio meditador e não chegando a nenhuma resposta. Então você vai ver que depois de certo tempo não vai mais haver expectativa. Não tem nada para se esperar

Na meditação, o “eu sou” está meditando sobre o que é o “eu sou”, porém sem a

expectativa de uma resposta. Sem essa resposta, só há meditação, mas ninguém que medita. Isso é meditação. Todo o resto – tudo que se fizer em função de uma resposta, onde tem a expectativa de se ganhar algo com isso – não é meditação

NATARAJAN: Nenhuma necessidade de fechar os olhos

KARL: Não. É por isso que realmente gosto do Budismo. Você tem que abrir os olhos. Tem que ver. Tem que meditar sobre Aquilo, mas não de olhos fechados. Você não quer fugir. Você tem que enfrentar Aquilo que é, e não fugir dele com os olhos fechados para alguma bela e confortável un-dade, ou um vazio, ou algo assim. Enfrenta-o! É isso o que você é

Você tem que ver a forma e a não-forma no mesmo instante. Você vê que Aquilo que é forma é sem forma e você é Aquilo que está vendo essa forma – você é a Fonte de ambas. Você é o vazio e a plenitude, ou Aquilo que é forma e não-forma, já que as duas são como o que você é, feito o espaço e Aquilo que nem mesmo forma não é

Tudo que você define, não consegue encontrar. É sempre assim. “Quem sou eu?” é como “Quem está vendo?” Você não consegue encontrá-lo. Não tem nada aí. Não tem ninguém para se encontrar. E nesse não-encontrar a si mesmo, você conclui que não pode ser encontrado em nada, em nenhum lugar, nunca. Assim, ao absolutamente não se encontrar, você descansa

Mas isso não é como um terreno onde pousar. Isso é um absoluto não saber. Isso é a liberdade total do não saber, não de alguma definição de qualquer “tralalá divino”. [risadas] “Graças a Deus ninguém sabe que meu nome é ‘Rumpelstieltschen’”. [versinho dum conto dos irmãos Grimm

ANNA: Quando você fala sobre a realização infinita, é isso uma realização sonhada?

KARL: Tudo que você pode realizar é um sonho.

ANNA: E eu sou parte desse sonho?

KARL: É isso a realização – que tudo que você pode realizar é um sonho. Aquilo que se realiza a si mesmo, você não pode jamais realizar. Tudo que pode realizar não é o que você é. Soa bem, umm?

ANNA: Muito bem. [risadas]

KARL: Portanto isso não tem fim. Essa auto-investigação dessa consciência é infinita. Esse “eu sou” meditando sobre Aquilo que é “eu sou” é a realização do que você é, e não vai parar nunca porque nunca começou. De maneira que você não pode esperar que algo chega, porque nada vai chegar jamais para Aquilo que você é. Não vai nunca ter uma resposta para essa pergunta “Quem sou eu?”

Contudo o “Quem sou eu?” continua existindo, como “Eu sou quem?” ou como “Quem sou eu?” São as duas direções, e elas vão sempre alternar. Uma diz, “Eu sou quem?” e a outra diz, “Quem sou eu?” – “Eu sou quem?” “Quem sou eu?” Isso infinitamente. É isso a realização do que você é, partindo desse começo de sonho.

Ao acordar para a presença, o sonho começa. Desse “eu” vem “eu sou quem?” e depois, num dado momento no tempo, vem “Quem sou eu?”. É só isso. A aranha acorda para a presença, tece uma teia do universo, e depois recolhe-a novamente.

No entanto nunca deixou o Coração. Tudo é Coração, como Coração é o que você é. Isso você não pode deixar. Não ha nada para se deixar. Tudo que é, é o que você é. Chama-se a isso “paz imensa”, e ela é tão sólida como sólida pode ser, porque é irremovível. É o que é, apesar de tudo que você pode saber ou não saber. Apesar de tudo que vem ou vai, apesar de todas as idéias ou não- idéias, você é. Aleluia.

A beleza disso é que você não precisa gostar de si para ser você. Nem precisa amar a si mesmo para ser você. Imagina! Pode até odiar-se. Não faz diferença. Pode ser odiado por você ou por outro si. Não se preocupa. Eh.

Mais alguma pergunta? Não? Bom. Muito obrigado.

Uma MOÇA: Posso só fazer um anúncio? No caso que alguém não sabe, vocês ainda podem encomendar gravações dos *satsang* em CD comigo.

GEORG: Dia errado![risadas]

## 16 de Janeiro de 2004

Sem um segundo, há liberdade ; ou, o fim do “livre arbítrio”

### A falta de direção do Si

KARL: Ôi !

BERTA: Karl, eu trouxe alguns amigos, então veja se dá uma boa impressão.[risadas]

FRANCESCO: Por favor!

KARL: Ela está me prevenindo, e se eu não o fizer, vai me bater de novo.[risadas]  
“Como é que você ousa não ser bom hoje! É melhor ser bom!” Senão, eu não poderei voltar a dar as caras em Amsterdam.

BERTA: Yaa!

KARL: Isso realmente é pedir algo! Quem sabe? Entra! Entra, Brasil! Entra, depois você vai poder olhar. *Merci beaucoup. Dankeschoen.*[\*obrigado] Como posso servir-lhe?

SRA.ANGELINA: Não tenho idéia!

KARL: Eu também não, estamos no mesmo barco então. Eu não sei como ajudá-la e você não sabe como ser ajudada. Isso soa bem.

ANNA: Karl, posso começar com uma questão? Acontece que eu já muitas vezes me perguntei, se ser no ser --

KARL: Ser no ser?

ANNA: Ser dentro do ser, será que isso vai também ter influência ou algum efeito ou algo assim na estrutura pessoal da pessoa normal?

KARL: Não, impossível, porque aí não há mais pessoa. Nunca teve.

ANNA: Você sabe o que eu quis dizer.

KARL: Sei o que você quis dizer. Aí havia uma estrutura antes, mas nenhuma pessoa. Só isso. Então o que pode mudar?

ANNA: Não uma mudança, mas um tipo de influência, de efeito, porque está tudo relacionado.

KARL: Não há nenhuma causa e nem interrelação entre Aquilo que é a essência do que você é e Aquilo que é a realização disso. Você não pode fazer uma influência. Não há causa e efeito. Alguma coisa pode mudar, mas não por causa de algo. E se alguém disse”Por causa disso, alguma coisa mudou”, -- não é assim.

ANNA: Mas também não é algo automático --

KARL: Um efeito secundário?

ANNA: Efeito secundário,sim.

KARL:De uma doença? A doença da iluminação? E você sente efeitos colaterais?

Realmente essa iluminação é um acordar da consciência identificada para a consciência não-identificada. E partindo daí pode-se criar efeitos secundários, da consciência identificada como pessoa que então torna-se consciência cósmica. Então você pode dizer que há mudanças de energia e outras coisas sobre as quais se pode falar.

*Disso* pode-se falar, mas não d' Aquilo, porque Aquilo é sempre apesar de tudo, e nunca por causa. Mas sobre tudo aquilo que vem em função de algo que você fez, dos *sadhana*, da auto-investigação ou de algo assim, e você então vai da identificação para a não-identificação, talvez da separação para a un-dade, para onde quer que se pode ir--- sobre tudo isso pode-se falar.

ANNA: Mas a manifestação da forma como tal, o que nós todos somos num certo sentido, ela não é, como vou dizer, meio automaticamente manipulada?

KARL: Automaticamente manipulada?[risadas] Como pode haver uma manipulação automática. Não faço idéia do que seria isso.

ANNA: Bem, fundamentalmente, não.

KARL: Só quando não é automático, tem manipulação. Quando é automático, não tem manipulação. Não andam juntos.

ANNA: Então vamos dizer “natural”.

KARL: Mas nem quando é natural, tem manipulação. Quando é natural, tudo é natural, e nada é manipulado por nada. Você não pode juntar as duas coisas.

“Manipulação” é um conceito que vem dessa idéia do “eu-controlador” de se ter alguma vantagem, e você então tem a idéia de tomar tudo por um fazer *seu*. Mas isso são idéias. A Natureza jamais manipula a natureza, porque aí não há dois. E para a manipulação precisa haver dois.

E como só há uma Natureza, ela não pode se manipular. Então tudo fica parado. Quando só há consciência, é o fim da manipulação. Não há mais efeitos colaterais. Não há mais influência de uma coisa sobre outra.

ANNA: Agora vejo, é só questão de ver as manifestações e ver a consciência absoluta. Elas não são duas coisas, sei disso, mas é algo como um negócio –isso é isso,- e aquilo é aquilo.

KARL: É o seu conceito.

ANNA: É mais um conceito. Sim.

KARL: Consciência, independente da forma ou do tipo, continua sendo consciência, e consciência sem forma ainda assim é consciência. Pura consciência[\*awareness] é simplesmente o ‘um’ na trindade de: pura-consciência-“eu”, consciência sem-forma-“eu sou” e consciência como forma”eu sou assim”. Tudo isso é consciência, a qual é a realização d' Aquilo que é Si.

Portanto você não pode dizer que tem manipulação no jogo todo. Nem mesmo tem algo como uma interrelação, porque não há nada que se relaciona com algo diferente. A consciência é simplesmente o mais sólido que pode haver.

ANNA: Mas se você toma a aranha e a téia, de fato isso é o mesmo, e a téia pode ser feita

desta ou daquela maneira.

KARL: Porém não há quem decide isso. O Si é sem direção. Existe aí uma liberdade de direção, uma liberdade de vontade, assim que você pode dizer que se trata de um tecer natural. Mas em nada há manipulação, como não há direção em nada. Não existe de todo vontade, nem mesmo uma vontade de Deus.

ANNA: Simplesmente acontece, assim sem mais.

KARL: É como é. Mas não por causa de alguém que quer algo. Você não pode querer aquilo que você quer antes de querê-lo, porque o querer vem desse mistério que não tem direção. Pode-se dizer que a totalidade deste momento está ditando o próximo momento, e momento por momento está sendo ditado por essa totalidade. Mas não por qualquer desejo ou por uma previsão do que fazer. Não tem um conceito de como as coisas devem ser. Aquilo se realiza simplesmente, momento por momento, sem saber por que. Não tem “por que?” nisso.

ANNA: E não se pode nem falar de “influência”.

KARL: Não.

ANNA: Do tipo de uma influência inconsciente.

KARL: Pode dizer que há uma consciência *kármica*, algo como uma cadeia de ação-reação que fica evidente. Quando existe ação, existe reação. Mas Aquilo que está agindo e Aquilo que está reagindo não diferem entre si. E não há intenção na ação, e não há reação na reação. É a meditação do “eu sou” meditando enquanto consciência. Isso é algo como a realização d’Aquilo que é o Si. Mas em nada disso há intenção.

Tudo isso é experiência-de-Si ou realização-de-Si; nada há o que não seja isso. O Si não pode decidir como vai realizar-se. Essa desorientação é o que é a tua natureza. Você encontra-se numa desorientação ou des-esperança total. Esse Desorientação que não tem direção, nunca pode decidir o que vem em seguida.

ANNA: Portanto é só uma questão de permanecer na desorientação, e nada mais.

KARL: Sim. Só veja que tudo que é, já está aí. Nada vem e nada vai. Se nada vem e nada vai, se não existem nascimento e morte, então tudo que vem e que vai nem mesmo está n vindo nem indo. Assim, quem é que ainda precisa controlar algo que nem mesmo existe?

Possivelmente aqui, agora, a única coisa que pode morrer é a idéia de “nascimento” -- o que inclui as idéias do vir e ir, de morrer, de mortalidade e imortalidade, de um infinito e um finito -- todas elas morrem nesse ‘split second’ [\*fração de segundo] em que você vê que nada jamais nasceu, e então nada jamais vai morrer.

Mas isso ninguém pode aceitar. Porque você sumiu nesse ‘split second’. Aquela pessoa está vivendo com a idéia de que ela nasceu e pode morrer. Mas nesse ‘split second’, você vê que jamais aconteceu nem vai acontecer algo para aquilo que você é, e você vê que não nasceu e portanto não vai haver morte para você. Porque a existência nunca vem e nunca vai. Então o que? Isso é *Zen*. Não, *Zazen*.

MATTIAS: Será que existe uma certa ordem sequencial, ainda que sem intenção, para deixar cair esses três – o “eu”, o “eu sou” e o “eu sou assim-assim” – ou pode acontecer tudo junto – e acabou?

KARL: Toda noite eles caem, juntos.

MATTIAS: Mas você está dizendo que primeiro cai essa consciência pessoal[levanta a mesmo tempo o polegar,dedo indicador e médio de uma mão], ou consciência como pessoa imaginária, em seguida a consciência universal[levanta só polegar e indicador], e por último o“eu”[levanta só o polegar], -e eu achava que isso estava acontecendo de certa maneira antes--

KARL: Não, de fato nada está caindo. Esse“cair” quer dizer que você vê que não há nada que pode cair. Portanto isso cai justamente nesse seu ver que não há nada que pode cair. Para poder cair precisaria haver algo nascido ou surgido, mas quando você vê que nada veio e nada vai embora, é a queda total. É esta a queda total de todos os três. Se você fala em primeiro deixar cair o “eu sou assim assim” e então indo para o “eu sou”, tudo isso se passaria no terreno dos esforços, dos *sadhana*, e dessa interação de consciência.

MATTIAS: E isso não é necessário, de alguma forma, para que esse reconhecimento pode dar-se?

KARL: Não é por necessidade. Jamais parte da necessidade. Não tem regra nisso. É sempre singular. Mas de novo digo-lhe, toda noite isso cai. Você conhece isso tão bem.

CHARLES: Mesmo a pura consciência cai?

KARL: Sim,claro. Você não consegue lembrar-se do sono profundo. A pura consciência cai. Você volta para Aquilo que é. É coisa natural. Como você cai no sono, você também cai morrendo para dentro d'Aquilo que é. Deixa morrer o que pode morrer, já que isso nunca existiu mesmo, e você vai para esse lugar que é a sua natureza onde não se passa nada. Jamais. Todos o conhecem tão bem. Não é nada de novo que estou lhe contando. Cada noite você vai para Aquilo que é a sua natureza.

A única coisa que pode ser um erro é que quando acorda, você vai seguindo o que te acorda.Você ama aquilo que te acorda e então você envolve-se com isso e assim nasce. Cada manhã você dá novamente a luz para a idéia de estar nascendo de novo. No sono profundo não sobra ninguém que tenha qualquer idéia de ter ou não ter nascido. Simplesmente não há esta questão.

Mas cada manhã você encara novamente esta idéia, esta idéia louca de ter nascido, como algo real. Assim a piada recomeça cada manhã! E então o dia inteiro, você quer se livrar dela! [risadas]

MATTIAS: É verdade que algo realmente extremado precisa acontecer para poder reconhecer isso?

KARL: Seguramente não.

MATTIAS: Nada? Nenhuma experiência de morte, nada aterrorizante?

KARL: Tudo isso pertence ao âmbito do movimento a partir do “eu-sou-assim” para o “eu-sou”- e de volta. Mas isso vem e vai. Este pingue-pongue está sempre aí. Da identificação para a não-identificação há experiências extremas - de amor, de mergulhar em qualquer coisa. “A coisa cósmica entrou em mim e eu explodí para o universo estelar! E depois eu voltei. Encontrei a pérola e agora quero compartilhar!” [risadas]

MATTIAS: Não estou falando disso. Me refiro a uma situação extrema como um

acidente ou algo como você contou em seu livro.

KARL: Mas cada noite você tem este acidente. Não se preocupa. É um acidente extremo que a cada noite acontece, e novamente você está sem cola a coisa nenhuma. De manhã, a cola acorda de novo. E você de novo tem a idéia de existir, da “existência”. E novamente gruda nela. Assim cada manhã de novo você se enamora da sua existência. E de noite, cai fora novamente.

Portanto, como estou sempre aqui sentado para lhe dizer, você não pode *não* enamorar-se daquilo que é, já que isso não é diferente daquilo que acorda, e está ali na sua frente. Não pode *não* amar o que você é. Mas precisa ser, apesar desse amante e do amado, o que você é, e não por causa de um amante e um amado fadados a desaparecer.

Vai acontecer sempre de novo. Cada manhã. Veja só que teve Jesus, teve tantos sábios, teve o Buddha, e tudo isso – se realmente adiantasse conhecer-se a si mesmo, não teria sobrado mais nada! Uuh? Não é isso? Tantos si-s sentados aqui, e não adiantou nada! Continuam sentados aqui!

MATTIAS: Estava pensando nisso. Tantos sábios na Índia por séculos e séculos, e nada aconteceu.

KARL: Mesmo na Europa, houve tantos! Vai ver as igrejas e todas as esculturas de santos e pessoas sagradas. Mas é essa a beleza disso. Não pode ser controlado por nenhum conhecimento ou não-conhecimento. Isso vai continuar para sempre [levanta os dedos e logo dobra-os fechando a mão, e isso varias vezes em seguida, para simbolizar um movimento alternado sem fim entre os estados de consciência]; não há saída disso. Tão infinita como você é enquanto Absoluto, tão sem fim é a realização. Não tem fim, porque nunca começou. E agora?!

CHARLES:[levanta os dedos e então fecha a mão] É isso outra vez e outra vez?

KARL: Não tem outra e outra vez. Tem tudo numa vez! Um bloco sólido de realização. E nada vem, nada vai.

CHARLES: Quem vê isso?

KARL: Não tem quem vê. Você é Aquilo. Nisso não tem ver. Ver faz parte de um aspecto dessa realização, mas nisso não tem ver. O que tem é ser simplesmente, absolutamente, Aquilo. É o que significa *Eu Sou Isso*. E pronto.

## **O que é Karl? Você deve estar brincando!**

BERTA: Eh, mas Karl, você também acorda de manhã.

KARL: Não, não, não. Isso não é verdade. Eu nunca acordo, porque nunca fui dormir.

BERTA: Está bem, hoje à noite vou aí para ver você.[risadas]

KARL: Você só vai ver este corpo dormindo, mas não o Karl, como também não vê o Karl aqui. So vê uma imagem de corpo, nada mais. Uma idéia de uma imagem. Sobre o resto só pode especular. Precisa fazer uma especulação --- “tem aí um Karl num sei lá o que”. O que é Karl? Uma entidade tipo espaço? Uma nuvem? Uma idéia? O que é Karl?

Um corpo? Você sabe quem é Karl? Então você me conhece.

BERTA: Bom, vejo a sua estrutura de corpo e mente.

KARL: Sim, e isso você toma por Karl. Só isso.

BERTA: Você chama isso “Karl”.

KARL: Não, não o chamo “Karl”. Chamo-o “Me-steak”.[\* “eu-bife”][bate na perna] Isso é meu ‘steak’[\* bife]. Mas não o tomo por um “mis-take”[\* erro tomar]. Não faço o erro[\*mistake] de tomar esse bife[\*steak] como sendo eu, como o que sou. Está aí, então gosto dele. Vai mesmo ser logo comido pela existência.

Portanto nada vai dormir à noite. Simplesmente cai a idéia de um “corpo”, e em seguida cai alguma idéia de “eu sou”, e logo a pura consciência some também. Então tem Aquilo que você é, sem o resto, ou apesar do resto. E depois de manhã, você novamente acorda. Porque você não pode *não* acordar.

KRISTOPH: Então isso significa que você não perde a consciência quando adormece?

KARL: Até a consciência some, porque mesmo a consciência faz parte disso.

KRISTOPH: Não entendo. Você fica inconsciente?

KARL: Não, não tem ninguém que pode ficar inconsciente. Simplesmente tem Aquilo que você é sem qualquer experiência de uma experiência ou não-experiência. Ambas se foram.

KRISTOPH: Mas você continua presente?

KARL: Não tem presença porque Aquilo que você é não tem presença. Para a presença precisa haver dois. Precisa haver um experimentador da experiência. Mas ninguém fica dentro de nada. Há uma total escuridão, um mistério, sei lá; uma não-experiência absoluta. Não tem história. Não tem absolutamente nenhum tempo ou não-tempo nisso tudo.

KRISTOPH: E isso o tempo inteiro?

KARL: É aqui, agora. É isso o que eu sou.

KRISTOPH: Sempre?

KARL: Ininterruptamente. É isso que eu quis dizer. Nunca dorme e nunca está acordado e não é nada a que você possa dar um nome.

Dormir, acordar, tudo a que pode dar um nome, está nisso; mas isso jamais está em algo diferente. É uma ausência de estados na qual os estados todos surgem. Isso em si não tem estados. É um pseudo-estado ou uma ausência de estados na qual todos os estados “eu”, “eu sou” e “eu sou assim assim” aparecem. Tudo isso – o estado de pura consciência, o “eu sou” e o estado de “eu sou assim-assim” – é a realização do “eu sou assim assim”. E isso é tudo que se pode definir, em qualquer sentido. Com o primeiro “eu”, com a primeira palavra, cada manhã você cria a coisa toda.

KRISTOPH: E como foi que você chegou a esta experiência, a este estado verdadeiro?

KARL: Nunca cheguei.

KRISTOPH: Você sempre esteve aí?

KARL: Nunca perdi isso. Isso estava sempre aí, em cada momento de cada experiência. Como o “eu sou assim assim”, como o “eu sou”, e mesmo como pura consciência “eu”, - sempre o que eu sou, era anterior a isso. Apesar da luz, eu sou. Não por causa dela.

KRISTOPH: Sim, mas mais cedo em sua vida, antes de --

KARL: Nunca houve minha vida, portanto não posso falar dela. Houve a vida deste corpo, você quer dizer. Tem uma história momento a momento deste organismo de corpo e mente. Maravilha. Houve tempo, ainda há tempo. Podemos falar dele agora. Precisa haver a ilusão do tempo para poder fazer a experiência de mim e de outros. Este corpo, outros corpos, somente podem surgir nesta ilusão ou nesse sonho de haver tempo.

KRISTOPH: Tento entender isso, mas eu não consigo.

KARL: Sei o que você quer dizer, que eu sou mesquinho![risadas] Mas se estivesse realmente interessado nessa resposta, você seria mais--

KRISTOPH: Insistiria mais? Mas eu não acho que posso resolver isso mentalmente, que posso captar isso mentalmente numa discussão. Sinto que preciso mergulhar em mim mesmo. Numa certa época, tinha isso, mas fui perdendo --o, -- algo assim, e agora não está completo.

KARL: Eu não o diria assim.

ANNA: Poderíamos colocá-lo em termos de *sahaja Samadhi*, que é um estado contínuo, e *nirtvikalpa Samadhi*, que é um estado que pode aparecer e depois sumir?

KARL: Todos os estados e *samadhis* são o que são apesar de tudo. Essa ausência de estados, tudo que é Coração, é o que é apesar de quaisquer idéias de *samadhi*, de estados fugazes. Tudo de que você pode falar, são estados passageiros. Mesmo pura consciência é um estado fugaz.

ROSA: E você esteve sempre consciente de onde está?

KARL: Nunca houve quem estivesse consciente, e nunca houve quem estivesse inconsciente. De modo que é conversa fiada falar de algo que não existe. Falar do que? Se nunca houve quem estivesse des-acordado, como podemos falar de alguém acordado? Aqui agora não tem ninguém que é algo mais ou algo menos do que você.

ROSA: Então tudo isso é uma grande piada.

KARL: Isso é a primeira piada, e a partir dela, você está brincando. Deve estar brincando!

ROSA: É ótimo, porque sempre fui muito séria.[risadas]

KARL: A verdadeira piada é essa. Por isso digo que é um ‘split second’ sem antes nem depois. Isto[levanta a mão fechada, para simbolizar o Coração] é apesar de tudo. Não tem nenhum acordar. Acordar do que? Simplesmente não tem como escapar do que você já é. Absolutamente nenhuma saída. Você precisa tomar outro café, porque nada mudou.

Simplesmente tem um “Aham”. Porque Aquilo que é pura consciência, ou Aquilo que é percepção em si, sempre esteve tão puro como neste momento, porque nesse ‘split second’, você entra para a existência eterna. De volta a Adão e Eva, ou sei lá. E você vê,

essa percepção sempre existiu, pura como sempre, não ligada a nenhum sentido. Sempre em nenhum sentido. Sensações chegam e vão, idéias várias, mas Aquilo foi, e é, como era. Não havia tempo e nem não-tempo.

ROSA: Portanto agora o que eu estou vendo, é um filme?

KARL: Você é o filme.

ROSA: Sim, estou nele.

KARL: Não, você não está *nêle*. Você *é* o filme. Ninguém jamais esteve no filme.

ROSA: Mas você está agora no meu filme.

KARL: Ah, você é a culpada de que todos estão aqui! É tudo o *seu* filme. Finalmente chamamos a tal. Só é preciso matá-la, e tudo vai ficar bom. [risadas] “*Meu* filme!” Se quiserem livrar-se do filme, matam-na. Crucificam-na. Encontramos Jesus novamente. Crucificam-no.

ROSA: Mas eu não vou querer sofrer. [risadas]

KARL: De toda maneira vai ser pregada.

ROSA: É o que você está fazendo agora!

KARL: Estou pregando-a na cruz da existência e dizendo que você não pode desistir do que é, já que você é a existência absoluta. No tempo horizontal, no tempo vertical, e mesmo n’Aquilo que é o Coração da pura consciência, você não pode abandonar o que é. Portanto estou pregando-a, aqui agora, de novo, igual como Jesus foi pregado.

ROSA: Portanto eu fui libertada?

KARL: Libertação é isso – ser pregado na existência. A única saída do drama em que você está, é *ser* o drama. Já que o drama não conhece drama nenhum.

ROSA: Eu gosto disso.

KARL: Seja isso. Porque se você não gostar de si, não vai haver outro Si que gosta.

ROSA: [rindo] Têm muitos que não gostam de mim.

KARL: Muitos? Onde? Que muitos?

ROSA: Muitos dentro de mim.

KARL: Muitos dentro de você. Muitas idéias sobre você. Muitas imagens de você. Mas você não é uma imagem.

ROSA: Com você estou me livrando delas.

KARL: Livrando-se das imagens? Nada precisa sumir para Aquilo ser. Você simplesmente vem a ser essa Fonte absoluta da qual brotam todas as imagens. Mas você em si não é uma imagem. É por isso que eu aponto para esse ‘split second’ onde você vê que não pode imaginar a si mesma. Tudo que surgiu num mundo imaginário, -pura consciência, luz, quaisquer experiências, -você não é nada disso.

THERESE: Então o que é todo esse trabalho que se acha em todo lugar, o trabalho com as imagens?

KARL: Você mantém as imagens vivas. Chama-se manutenção do *dharma*.

THERESE: De novo, diversão de Si. Mas--

KARL: Mas,mas,mas--

THERESE: Só que --

KARL: Não tem só que. Não há justiça.

AIKO: Mas acho que circulam muitas promessas de se chegar a algo--

KARL: E isso está bem. Faz parte da brincadeira. Você precisa dar risada da sua piada. Porque você é a armadilha e você entra na sua própria armadilha de querer ganhar algo.

Você é quem inventa a religião. Qualquer religião que há, é por sua causa, porque você tem a idéia de que um conhecimento ou algo assim pode acrescentar algo à sua natureza. Você cria toda essa religião, tudo que pode imaginar. Você é a própria manutenção do *dharma*.

É você quem inventou a ideia de “pureza”, e isso a torna suja. Você inventou algo “divino”, e isso faz merda de você. Tudo que há, é por sua causa.

Se quiser queixar-se, vai achar com quem! [risadas] É divertido queixar-se de você mesma, como fez. E agora?

AIKO: [rindo] Em nenhum sentido.

KARL: Em nenhum sentido, tá. Então não é inocente [\*innocent]. É em nenhum sentido [\*in no sense].

THERESE: Sem sentido [\*nonsense]

KARL: É um sem-sentido total, anterior ao sem-sentido. O absoluto sem-sentido. Precisa só retirar uma letra [\*non-sense –no sense] [\*sentido – aqui tomado nos dois significados].

Anterior à culpa, você é absolutamente culpada, e isso anula o culpado. Porque ninguém pode topa essa culpa de ser absolutamente culpado d’ Aquilo. Mas só quando você é Aquilo, não há quem que pode ser responsável. Ninguém pode aceitar essa responsabilidade, de ser a Fonte de tudo que é e que não é.

Hmm? Alguém aqui pode? De fato penso que todos aqui podem, porque como Aquilo que você é, não há problema em aceitá-lo-lo. Mas nenhuma pessoa, nenhuma idéia, pode tomar essa responsabilidade para si. Ainda sobrou alguma idéia aqui que pode?

Como o que você é, nada mais fácil do que ser o que é. Mas já como aquilo que é uma imagem, você nunca pode tornar-se Aquilo que é a Fonte da imagem, nunca pode tornar-se Aquilo que é a imagem. Não há como você tornar-se o que você já é.

## **Coração é tudo que há**

BERTA: Se não há como, então estamos aqui sentados para nada.

KARL: Perfeitamente. Imagina se estivessem aqui para alguma coisa?!

BERTA: Mas eu gosto de ter uma meta, realmente.

KARL: Ah sim, você é uma goleira. Eu sei. Sem meta, não haveria Berta. Berta vai lutar pela meta como se fosse pela vida.

BERTA: É verdade.

KARL: Sim, vou lhe contar. Isso é o sistema de sobrevivência de uma imagem. Sem essa imagem de uma meta, a imagem não pode se manter. Tem medo da morte; tem medo da existência. Está numa crise existencial, e a partir dessa crise precisa de uma meta, precisa ter um ponto de referência, porque sem um ponto de referência, simplesmente não existe. Simplesmente desaparece. Que piada – o Todopoderoso, que é Berta, tendo medo de ficar sem meta.

BERTA: Em Amsterdam, eu estava morrendo sem uma meta, e nem tinha a energia de criar uma meta. E então no fim eu quase não tive mais energia para andar. Nada mais interessava.

KARL: Quem sabe seria o primeiro *Bench Baba* de Amsterdam! [risadas] Quem sabe você perdeu de novo uma chance, Berta.

BERTA: Acho que sim.

KARL: Bench Baba foi um homem santo [em Tiruvannamalai] que simplesmente ficou deitado num banco por cinquenta ou sessenta anos, só contando “um, dois, três”. Totalmente sem sentido. Mas ele foi um indicador para Aquilo que você é. Muitos estudantes vinham de toda a Índia só para vê-lo contando “um, dois, três”. Como eu. [risadas] Sempre contando “um, dois, três”. [levanta polegar, e o dedo indicador e o dedo médio]

THERESE: “Karl Yoga”! [risadas]

MATTIAS: Mas você acrescentou algo mais. Tem os três estados que então somem na mão fechada. Portanto são quatro – quatro estados.

KARL: A mão é diferente, conforme ela abre ou fecha? Continua sendo a mão. Coração continua sendo o Coração. O Coração abrindo-se para isso [levanta polegar, indicador e dedo médio}, continua sendo Coração. E fechando-se à noite [fecha a mão], também continua sendo Coração. Você nunca perdeu o seu Coração. Não pode perder o que é, - e você é o próprio Coração.

Portanto, mesmo como “Eu sou assim-e- assim”, você nunca perdeu o que você é, dentro do que continua sendo o Coração. Portanto tudo é Coração. Tudo que há, é Coração. Você não pode perder o que você é. À noite, você simplesmente volta para esse potencial. E desse potencial, de manhã você acorda para a realização, a experimentação de Si, por inteiro. Você só pode experimentar o que você é, nos seus infinitos aspectos e formas, e tudo é Coração, já que Coração é tudo que há.

KLARA: O que você quer dizer quando diz “Coração”?

KARL: Quero dizer o que quero dizer! [risadas]

KLARA: E o que é que você quer dizer?

KARL: Não estou falando do coração físico, ou de um coração espiritual, ou de qualquer

coração. Estou falando dessa natureza de Buda que você é, e que não pode ser definida, que é a essência da existência. E tudo a que você pode dar nome, não é isso. Mas Aquilo é o que você é. Não se pode atribuir-lhe um nome, uma forma, um contorno, uma idéia. Porque tudo que você poderia dizer, é uma imagem. Não vai caber jamais.

Sempre que você quiser defini-lo, está querendo enquadrar esse Coração, mas o Coração não pode ser enquadrado. Você não pode aprisionar o Coração, porque Coração é tudo que há. Quando só tem Coração, não tem aprisionamento, de nada. Portanto nem por conhecê-lo, nem por não conhecê-lo, nem por qualquer idéia que tiver do Coração, você pode aprisioná-lo. Não se pode enquadrá-lo.

Isso é liberdade em si. Liberdade, realizando-se no que for, ainda é liberdade. Liberdade na ideia de ser aprisionada, ainda é liberdade. Porque mesmo liberdade presa pela liberdade, ainda é liberdade. Portanto Coração no Coração ainda é Coração.

Então, como só há Coração, e Aquilo que é liberdade em si é Coração, liberdade significa que não tem um segundo Coração. Não tem segunda edição da existência. Que você existe, disso você não pode duvidar, porque mesmo para duvidar, precisa existir. Esta existência que é totalmente “em nenhum sentido”, não tem segundo. Sem segundo, há liberdade. Sem segundo, você não pode controlar nada, nem mesmo a si mesmo. Precisa haver dois, para se ter um controlador e quem está sendo controlado.

É o paraíso, isso. Paraíso significa que não tem nenhum segundo para controlar. Você não pode controlar um outro, e não pode ser controlado por ninguém. Então tudo que controla você, é o que você é. E quem vai se preocupar se você é controlado pelo que você é? O que é que tem? Você não pode dar um passo sequer para fora do controle absoluto que é a realização daquilo que você é.

Essa perplexidade impotente está aqui sentada, falando e falando do que não se pode falar, por séculos, por milênios até. Não faço idéia de quanto tempo isso já vai assim. Não vai parar nunca. O Si nunca se cansa de falar sobre o Si. Nunca mesmo vai ficar satisfeito desse falar. Beleza. Você não pode satisfazer algo que é a satisfação em si. É tão completo. Você não pode fazê-lo ser mais – ou menos. Portanto pode falar e falar e falar e cantar e cantar e cantar, bla-bla-bla, e é totalmente irrelevante. Lindo isso, essa alegria!

KLARA: Mas porque eu não sinto isso?

KARL: Porque *eu* não?! Não tem nenhum sentir aí. Isso está sendo-o! Não vai ser o *seu* sentir, só isso. Você não pode colocar este sentir ou esta experiência no bolso e dizer, “minha experiência da existência.” Não pode experimentar a existência. Tem que ser. Não se pode possuir isso como uma experiência. Não será jamais a *sua* experiência.

Assim você pode agora ouvir e ver que aqui não tem “meu”. Nunca será *minha* experiência, já que eu não posso possuir a existência. Que idéia! Até a idéia de haver *minha* consciência – que idéia!—como se pudesse possuir a consciência! Que besteira!

AIKO: Me sinto esmagada! [risadas]

KARL: Atropelada.

JUAN: Karl, a idéia de uma “existência impessoal” é de alguma maneira bem

assustadora.

KARL: Para uma pessoa, sim, mas não quando você é Aquilo. Aí não há nada para temer. Jesus disse que não precisam temer o que são. Que idéia de ter medo daquilo que você é?!

Jesus dizia que, sendo homem absoluto, êle é consciência absoluta, consciência, e como êle é o Coração da existência, como é a existência em si, êle é pura consciência em si [\*"Não tenham medo!"]. Portanto, temer o que? Mas êle não é a pura consciência, e não é "eu sou" e não é "eu sou assim- assim" – já que êle é Coração em todas as circunstâncias. E Coração é tudo que há. Então temer o que? Você tem medo de ser Coração?

JUAN: O medo pessoal é grande.

KARL: É demasiado coração[\* heart]. Demasiado duro.[\*hard] Ou talvez mole demais. Você tem medo de ser mole, frágil demais, porque aprendeu que precisa defender-se, porque tem um segundo, tem aí um mundo, tem "eu" e o mundo. "Eu preciso me defender." Então você faz toda essa armadura para si, constroi toda uma fortaleza." Não toquem em mim!" [\*touch] Depois até quer desprender – se [\*detach] de tudo. Pratica todas as técnicas e medita para ficar "desprendido", "desapegado". "Não se apeguem em mim!" [risadas]

FRANCESCO: Você pode dar risada!

KARL: Mas chega um momento em que se apaixonava por alguém, uma mulher ou um homem, e então vem a sensação de perplexidade. "Oh, huu, não!" Então você realmente está num embaraço. Porque quando isso acontece você vê que não pode *não* apaixonar-se. A armadura toda se desfaz nesse momento de paixão, e some tudo que você fez para ser desapegado – "Oh, merda—de novo." [risadas]

Muita gente fez essa experiência. Primeiro, saindo dessa identificação, indo para a unidade, "eu não vou fazer nada! Eu sou desprendido! Eu, qualquer coisa! Ninguém vai me poder tocar mais! Estou fora! Para mim o jogo terminou. Agora, estou fora" – e logo, "Ô, não!"

FRANCESCO: Não acredito. [risadas]

KARL: Mas anteontem eu vi seus olhos! [risadas] Estavam parecendo dizer, "Não, não, não de novo!"

THERESE: Ela dever ter percebido. Foi embora. Não a vejo aqui.

KARL: Ela só veio ontem, deu uma olhada e foi embora.

FRANCESCO: Ela esteve em casa ontem à noite. Você acredita? Não.

KARL: Oh, sinto muito.

FRANCESCO: Tudo bem. [risadas]

THERESE: Muitas vezes eu acordo e me sinto como se não tivesse dormido. Tantos sonhos. De repente, este ataque de imagens repetidas.

KARL: Ataque dos 'clones'?

THERESE: Tantos sonhos.

KARL: É um belo título para um filme, *O Ataque dos Clones*. Cada noite ela passa por um ataque dos clones. Você está se clonando a si mesma quando se imagina, e então fica sendo atacada de volta pelos ecos da sua criação

THERESE: Quero dizer, que quando acordo, sinto que poderia escrever filmes, - vou lhe contar.

KARL: Sim, e por que não? E depois? Circo noturno? “Circo Therese”! Logo mais vão gravar o seu cérebro de noite, registrar os sonhos, e fazer filmes disso. Pesadêlos. Filmes de poder. Filmes de amor. Filmes emocionantes. Filmes de devoção. Veja que tudo se encontra aqui. A partir desse sonho, vem tudo.

UMA MOÇA: Então, no mesmo segundo em que se acorda, os sonhos,- tornam-se realidade, no momento de acordar?

KARL: Pode-se dizer que o corpo continua naquilo; tudo faz parte desse corpo. Todas essas imagens vêm dessa energia do “eu sou”, ou de qualquer corpo sem forma, da energia sentada aqui. Há um efeito de memória, ecos de informações e sonhos e filmes, ecos do dia, ecos dos sonhos da noite. Tudo isso ecoando.

MOÇA: Ainda muita identificação com isso.

KARL: E o que há de errado com a identificação? Se não tem quem possa identificar-se, o que há de errado na identificação? Por que você sente que precisa ser não- identificada com o que é? Quem precisa que isso mude?

Você se torna uma pessoa no instante em que quer ser feliz para sempre. Só isso. Mas junto com esse sonho vêm as experiências de felicidade e de infelicidade, de céu e de inferno. Tudo incluído no programa total da sua imaginação, porque tudo vem no pacote das polaridades e das sombras no meio, as sombras e tudo o mais. Mas tudo isso é você e tudo é por você, você é a Fonte absoluta de tudo isso. Tudo isso é Aquilo que é a sua realização, seja o que for.

E disso não há saída. Não faz diferença você ir para este ou aquele estado, para essa dimensão ou aquela compreensão. Toda compreensão ou não-compreensão existe porque você é, e elas estão aí porque você é Aquilo que é o Si absoluto.

Então o que é que precisa chegar, e o que precisa mudar? Não tem vantagem em nada. Esta pessoa só existe porque você tem a idéia de uma eventual vantagem em se compreender algo, ou mesmo em conhecer-se a si próprio, porque você pensa que haveria vantagem para o que você é.

Esta primeira idéia duma vantagem é simplesmente uma imagem, um fantasma. Até a idéia de “consciência” está lhe prometendo algo que é impossível cumprir. Mesmo a consciência não pode fazer você mais feliz do que já é. Não pode dar-lhe mais conhecimento, uma vez que você já é Aquilo que é conhecimento. Então vem essa consciência prometer-lhe algo mais, ou algo menos, da quantidade de alguma coisa, prometer-lhe que se trata só de meditar bastante para você desaparecer, e então ser feliz. Você precisa desaparecer para poder ser feliz!

UM HOMEM: Sim, isso é bem estranho, não é?

KARL: É um belo problema. Jamais você vai resolvê-lo. [risadas] “Oh, se apenas eu tivesse a mente em branco! Se pudesse controlar os pensamentos, eu seria feliz.”

ROSA: Tenho frequentemente a mente em branco.

KARL: Todas as noites você tem a mente em branco.

ROSA: [rindo] Não, não, só as vezes.

KARL: É *Alzheimer* isso? [risadas]

ROSA: Talvez algo assim. Mas pelo menos isso não é estar morto.

KARL: Não, você não está morta.

ROSA: [rindo] Ainda não.

KARL: Não, não se trata da ausência de algo. Tinha esse *WeiWuWei* que realmente deixava isso sempre difícil. Tem que ser a ausência da presença de um objeto, e mesmo a ausência da presença de qualquer objeto ou imagem daquilo que você chamaria de única presença d'Aquilo que é o Si; mas tal presença não tem presença porque não tem Si para experimentar esta presença da presença dessa omnipresença daquele Si! [risadas] Soa bem, huumm?

ROSA: Então também não é *neti-neti*?

KARL: É *neti-neti-neti*. [risadas] De fato é *não não*. É um *não absoluto* ao não. Você se torna um não-não.

ROSA: Mas então é um sim.

KARL: Ah sim, isso é um sim. É um sim absoluto para a existência, e isso é absoluta aceitação. Um *não não absoluto* – um *absoluto não* ao não – isso é um absoluto sim. Então você é Aquilo que é a existência numa aceitação absoluta, já que este sim é tão absoluto como um não-não. Mas enquanto houver um que diz “sim” ou “não”, você tem problemas. O não-não absoluto inclui o sim, mas um sim sozinho tem sempre um oposto.

ROSA: Então é um sim ao não-não?

KARL: É um não-não. [risadas] Precisa virar um não-não.

FRANCESCO: Isso é fundamental.

KARL: É crucial. Um não-não. Então você é completo.

ROSA: Mas não posso dizer “eu sou não-não”, porque então posso cair na armadilha novamente.

KARL: Como disse, você tem que *ser* o não-não. O absoluto não-não, na absoluta ausência desse não-não. Se você é esse paradoxo, é como um *koan*. Quando se é um *koan*, não tem mais nenhum *koan*. Mas enquanto houver alguém com um *koan*, esse *koan* não é possível resolver. No instante em que isso cair, você é o *koan* e então não há mais nenhum *koan*. Há uma compreensão total, porque você é compreensão. Mas enquanto houver alguém que quer compreender o *koan*, não vai resolver o *koan*.

Assim você senta em frente desse muro e medita sobre o *koan* de “Quem sou eu?” Isso é um *koan*, que você não pode resolver. Esse *koan* “Quem sou eu?” desaparece quando a meditação do meditante desaparecer. Quando ambos estão desaparecendo nesse mistério, você se tornou esse mistério. É simplesmente como um efeito secundário desse desaparecimento.

Ao você ser o que é, tudo desaparece, porque nunca houve algo antes ou depois do que você é. Quer dizer, nada desaparece porque não há nada para desaparecer. Nenhum oceano, nenhuma onda, nada que vem, nada que vai.

ROSA: Qual é o efeito de drogas?

KARL: Drogas? São como meditação. A intenção de se tomar drogas é de chegar nessa ausência de “eu”, nesse vácuo, nesse não-fazer, nessa irresponsabilidade. Você simplesmente se amplifica, por qualquer droga. Meditação é o mesmo. E enquanto a meditação acontece em função disso, ela vira droga. Tudo é droga. Tudo que você fizer, tudo que deseje, você quer ter essa droga para ser feliz o tempo todo, ou então você quer sair da miséria dessa procura. Com uma droga, aquele que tem uma intenção, desaparece. A intenção acaba, simplesmente some.

ROSA: Então se eu não quiser mais ouvir você, fecho os olhos e medito. É essa a minha chance de sair fora.

KARL: Não sei. Sim, pode tentar.[risadas] De todo jeito, eu não estou falando com espíritos. Estou sempre falando com Aquilo que já é compreensão, assim que não importa. E não está mesmo em suas mãos. Você prestar atenção ou não, isso nem é a *sua* atenção. Portanto não se preocupa. Pode sair fora.

ROSA: Me orgulho de entender isso finalmente.

KARL: Benvinda.

ROSA: É divertido.

KARL: Mas é realmente assim. Toda compreensão que chega, vai desaparecer de novo, então o que fazer com ela? Portanto, mais uma vez, apesar de compreender ou de não compreender, você é Aquilo.

Nunca por causa de algo. De resto não vai ser nunca a *sua* compreensão. Porque quando há compreensão em si, nenhum “eu” sobra. Não vai se dar na *sua* presença. Quando você é aquilo que é casa, então não tem ninguém em casa. Portanto não adianta procurar. Porque enquanto houver casa, você não vai estar nela.

BERTA: Sei uma boa piada sobre isso. Eram dois loucos, e um deles vai visitar o outro --

KARL: “Iluminados!” A vez passada, você disse “Dois amigos iluminados”.

BERTA: Oh, está bem.[risadas] Mas eles riram assim mesmo.

KARL: Iluminados, é uma piada melhor.

BERTA: Então um iluminado toca a campainha. A porta abre e o outro diz, “Não estou em casa!” “Ah bom,” diz o primeiro, “ainda bem que eu não vim!” [risadas]

KARL: Tudo bem? Eh! Tem uma pergunta?

KRISTOPH: Agora não.

KARL: Agora não. Agora, mais tarde. *The Power of Now* mais tarde[\*O Poder do Agora, título de um livro][risadas] Você talvez?

## Graça sem piedade

Uma MOÇA inglesa: Estive pensando agora, bom, o que faço? Quero dizer, sim, o paradoxo e as polaridades e todo esse tipo de coisas, e quando você está aqui não sabe se está, porque você não existe.

KARL: Eu não disse que você não existe.

MOÇA: Bem, você não sabe.

KARL: Eu acabei de lhe dizer que não pode --

MOÇA: Não importa! São tantas *palavras*, e elas não ajudam.

KARL: Espero isso, espero isso! De fato, digamos, espero que não ajude. Porque imagina se eu pudesse ajudar. Você seria uma coisa a qual eu poderia ajudar!

MOÇA: Acho que estou chegando mais perto de quase entender.

KARL: Sim, eu sei! Isso é o problema.

MOÇA: Tem algo a ver com ir numa direção que se pode chamar de útil ou algo assim. Não sei se tem mesmo qualquer utilidade se eu falo sobre isso, e no entanto, cá estou.

KARL: Isso é um problema.

MOÇA: Só é irritante![risadas]

KARL: Garantido. Eu não estou aqui para esclarecer algo. É mais algo como uma confusão crescente. É este o ponto. Talvez você chega a essa experiência de que – apesar de ordem ou não ordem, apesar de compreender – você é, -e não por causa de algo. Você é mesmo essa confusão total de não saber o que você é e o que não é – e ainda assim você é o que você é. Não tem importância.

MOÇA: Então este “efeito colateral” como você diz, isso é um acidente?

KARL: Minha conversa está dirigida àquilo, de modo que, ao falar, Aquilo que é compreensão já pode simplesmente estar aí, sem esse fantasma “eu”.

MOÇA: Não entendo de que diabo de coisa você está falando![risadas] Às vezes dá sim, mas acho que você fala muito depressa.

KARL: Ah sim, vou lhe contar!

MOÇA: E você é alemão![risadas]

MATTIAS: Em alemão ele fala ainda mais rápido.

KARL: Ele diz para ficar contente que não falo em alemão, pois seria o dôbro da velocidade.

MOÇA: O frustrante é que isso vai girando girando e parece que algo deveria pousar

afinal, mas nunca pouasa.

KARL: Mas este “não pouasar” é pouasar. Aí você pode talvez ver absolutamente que não há lugar para pouasar. Eu sou simplesmente igual a um tapete voador sem lugar de aterrissar. Um tapete mágico. Sem ninguém sentado nele. Sou só um tapete sem lugar para pouasar.

MOÇA: Gosto dessa coisa toda que você conta de que não dorme à noite. Você sabe, com isso, eu acordo. Existe alguma escolha neste assunto?

KARL: Não, você não pode *não* acordar para o que você é.

MOÇA: Então eu faço o que faço e ele faz o que faz.

KARL: Não, o ponto é esse. Você não pode querer o que quer, e não pode primeiro querer o que faz, antes de querer o que faz.

MOÇA: Diga isso de novo. [risadas]

MATTIAS: Em câmara lenta!

KARL: Câmara lenta. Einstein sempre dizia que ele só conseguia aguentar a humanidade porque via que a humanidade não pode querer o que a humanidade quer. Assim, toda essa guerra, todos esses desastres, toda a atrocidade e as coisas ruins, ele só podia aguentar com o seu -, sei lá, frágil coração porque --

MOÇA: Sim, e ele foi um horror com a mulher dele!

KARL: Evidente. Estava tão frustrado que não poderia ser diferente. Mas essa aceitação chegou nele, de ver que ele não podia querer o que queria. Assim tudo que vem, vem a partir dessa totalidade como ordem total. Como num comando. Você tem que fazê-lo. Sem escolha. Você não pode ser outro que não você mesmo, até como organismo corporeamente. Não tem alternativa.

MOÇA: Mesmo levando – se em conta o entendimento dêle, bater na mulher tinha que fazer parte disso?

KARL: Tudo. Qualquer coisa.

MOÇA: Me deixa louca. [\*pisses me off]

KARL: Claro. Paz [\*peace] está te deixando louca. [\*”peacing” you off – jogo de palavras com ‘peace’ e ‘piss’]

MOÇA: Bem, eu não dou um tostão pela compreensão das pessoas, me preocupo mais se são gentís uns com os outros, para ser honesta.

KARL: Você o que?

MOÇA: Eu ligo mais --

KARL: Sei.

MOÇA: Ligo mais para se alguém é gentil com o outro, e não se êle é iluminado.

KARL: Se são iluminados, não são gentís. Espero que não. Porque a desconsideração que vem com isso, esse desinteresse, não é gentil.

MOÇA: E como você lida com isso?

KARL: Não tenho idéia. Essa compaixão é tão cega, tão radical e tão sem cuidado. Esse desinteresse, essa desconsideração, não é gentil. É a graça sem piedade. Não tem piedade nem gentileza nem nada de doçura nela. É tão radical —você não pode imaginar.

MOÇA: Estou tendo dificuldade com isso.

KARL: Claro, tem que ter, pois você será completamente apagada.

MOÇA: O que você está querendo dizer?

KARL: Que vai ser aniquilada por essa graça que você é, porque ela vai simplesmente remover essa idéia de “você”. Daí você não gostar disso, com certeza. Não pode gostar nunca de ser morta por essa graça. Como pode gostar disso? E não precisa gostar, para sê-lo.

Você estabelece padrões. “Se eu tivesse que escolher, eu preferiria que isso viesse como uma compreensão bem bonita, suavemente, ou algo assim.” Mas em todas as histórias que ouvi, sempre isso se deu meio como um desastre, um desespero, sempre frustração, depressão, e tudo isso, até chegar ao âmago da existência, até essa nudez total do ser. E então simplesmente estava aí essa total ausência de qualquer ideia do que você é, Mas não por qualquer experiência celestial de um nectar que chega e flui para dentro da sua existência.

MOÇA: Parece que muitas vezes isso se dá por alguma espécie de sofrimento extremo. É disso que você está falando?

KARL: Sim, algo como São João da Cruz e “a noite escura da alma”.

MOÇA: Teve muitas.

KARL: Muitas, sim. As histórias estão repletas disso.

MOÇA: E por que isso?

KARL: Porque isso é uma depressão total, um vazio de sentido. É uma falta de sentido total da existência, e ninguém pode aguentar isso. Nesse vazio, nesse deserto, nesse vazio de sentido, você simplesmente pira, porque não tem mais onde segurar.

MOÇA: Tudo entra em colapso.

KARL: Tudo implodindo. Você não tem onde pousar, nenhum lugar para ir, nada. Isso uma pessoa não aguenta. Mas é a única forma de sair dessa idéia de pessoas.

MOÇA: A única?

KARL: Sim, absolutamente.

MOÇA: É isso o que se passou com você?

KARL: Sim.

MOÇA: Você entrou num sofrimento extremo?

KARL: Absolutamente.

MOÇA: E por que você não fala disso?

KARL: Da “eu-xaqueca”?

MOÇA: Interessante. Você tinha enxaquecas?

KARL: É a chamada “eu-xaqueca”. O “eu” foi enxaquecado.

MOÇA: Isso para mim é interessante. O que foi que lhe aconteceu nessa, seja o que for, não sei, nessa implosão, nessa descida? Isso me interessa como ser humano, num nível humano.

KARL: Normalmente não falo disso porque não serve para nada, é simplesmente mais uma estória. Preciso realmente fazer um esforço para voltar a essas -, digamos, experiências, porque apesar delas, sempre houve Aquilo que eu sou. Não faço idéia. Mas podemos falar disso. Não faz diferença.

Então lá pelo fim dos anos setenta, vem essas experiências de luz. “Experiências de vida” você pode chamá-las, e na realidade são experiências de morte. Você morre. Totalmente. Em tudo. Essa escuridão da existência te engole inteiramente, e você fica com isso, e depois vem uma percepção que é pura luz, ou algo assim.

MOÇA: Isso aconteceu em função da sua situação na vida?

KARL: Não.

MOÇA: Aconteceu simplesmente no meio da noite, ou como?

KARL: No meio da noite. Num sonho.

MOÇA: E não tinha nada a ver com algo que estava se passando?

KARL: Não. Foi como a técnica de Castañeda que se praticava na época, a de achar as suas mãos num sonho. Você cria um sonho lúcido no qual controla as mãos. Você se lembra que está sonhando e levanta as mãos para olhar para elas.

FRANCESCO: Isso é bom.

KARL: É muito bom. Pode-se morrer numa dessas.

FRANCESCO: Oh, tudo bem.

KARL: E você começa a morrer então pois essa pura consciência acorda. Você fica consciente de estar consciente. E algo é como que desencadeado então. Eu não sei. Depois vem essa escuridão e engole você. E nela você morre. Você simplesmente morre, mas “consciente” de estar morrendo.

MOÇA inglesa: O “eu” morre?

KARL: Toda forma, toda e qualquer idéia morre.

MOÇA: Isso é muito doloroso?

KARL: Você luta como se fosse o diabo. Você luta pela sua vida como nunca antes. É o sistema de sobrevivência. Você luta contra aquilo com toda a sua energia, e então horas depois, quando tudo passou, chega um instante de resignação e você simplesmente se entrega para Aquilo. “Tudo bem”. E então – uuaau! – tudo vira luz. Antes é como se lutasse contra si próprio, contra essa escuridão de sentir-se sendo enxotado, engolido. Mas depois vem um momento de total aceitação, de morte. E de repente, você é luz. Você

passou pelo olho da agulha porque tornou-se nada, e então das cinzas a fênix levanta novamente. Você é essa luz.

De fato, isso é só o começo. Acontece então essa consciência, porque você sempre acorda de novo enquanto corpo, então a forma volta, e todo o resto. Então todas as enxaquecas, as experiências físicas, os efeitos secundários e tudo o mais, acontecem. Mas isso faz parte da consciência que vai da identificação para a não-identificação, da forma para a não-forma, de uma forma de energia para a própria energia em si. Durante todas essas mudanças, cada célula do seu corpo torna-se consciente dessa pura consciência. Quer dizer que desperta para Aquilo que é energia. Fica bem doloroso. O corpo dói, com enxaqueca e tudo isso que você poderia resumir como “subida da *kundalini*”, bla-bla-bla-, até que a serpente está totalmente acordada, como essa coluna de luz.

MOÇA: E qual é o ponto fundamental disso?

KARL: Não faço idéia. É isso que quero dizer. É só dessas coisas que se pode falar. São fenômenos. Ainda se passa num quadro qualquer do tempo, daquilo que vem e vai embora.

MOÇA: Parece haver como que uma atração nisso. Sinto algo me puxar para isso.

KARL: Sim, porque é interessante, já que você está tão enamorada das suas experiências, e quer aumentar uma coleção de experiências de toda espécie de excitações. Isso te deixa excitada, claro, porque você quer colecionar essas experiências interessantes. Sente falta de algumas experiências assim, para colecioná-las para uma noite fria. Você quer colecionar algo, qualquer coisa com a qual pode sonhar.

MOÇA: Assim você acha que o propósito desta existência é simplesmente reconhecimento- de -Si?

KARL: Não, quanto a esse anseio, não tem a ver com o reconhecimento- de -Si. Faz parte desse sonho.

MOÇA: Não importa o nome que você dá ao que descreve – não ligo quais palavras você usa – mas é isso não de alguma forma o propósito, o ponto principal para onde tudo está indo?

KARL: Não. Você pode dizer que essa falta, isso do que você sente falta, sempre é Aquilo. Mas não será por alguma experiência, nem mesmo por experiências como as que acabei de descrever, - que você pode tornar-se Aquilo.

Mesmo vindo para o Arunachala aqui, chegar e meditar numa caverna, e você entra nessa luz do Arunachala, e você vê que isso é o centro do universo, e como dessa luz vem todo o universo e até desaparece. Sempre como que criando, criando, uma Fonte infinita de luz, que se torna formas e não-formas. E tudo isso você pode imaginar que surge dessa montanha.

Mas a beleza disso é, ver isso e mesmo assim ser anterior a isso. Isso é a beleza desta montanha. É um absoluto “pointer”[\*indicador, apontador]. Sempre lhe mostrando que v nem mesmo essa luz você é, que você é anterior a essa luz, e portanto tudo que surge dessa luz, não é você. Portanto você nem mesmo é essa luz.

MOÇA: Não consigo entender.

KARL: Isso não faz parte da compreensão.

KRISTOPH: Intelectualmente? Ou como capta isso então?

KARL: Não, não.

KRISTOPH: Eu tive também estas experiências, mas não tenho a realização. Então qual é a diferença?

KARL: Não sei. Para mim, simplesmente é essa absoluta evidência de que Aquilo que eu sou é anterior a tudo que posso experimentar. Mesmo a experiência de pura consciência como luz primária do universo é, porque eu sou, - mas eu não sou por causa dela. Isso é como a 'split second' em que eu sou o que sou, apesar das experiências do experimentador, e jamais por causa de algo. Mesmo essa experiência extrema de luz, dessa pura consciência, não pode me ajudar.

Assim eu realmente vejo esse desamparo que sou. Isso é resignação total a qualquer idéia de uma solução, isso é cair fora, é ser totalmente coração-quebrado pela falta de esperança e não ver mais um chão. Em nada. Nem mesmo essa luz da pura consciência, do saber, a Fonte do universo, pode ajudar-me. Assim só sobra essa desorientação total. E então, o que é que há? Vou tomar mais um café.

É um tal paraíso, porque você cai fora de toda essa desorientação, e de tudo que pode imaginar, já que nunca pode imaginar o que você é. Você se torna essa liberdade em si que nunca pode imaginar. Fica totalmente intocável por qualquer coisa que pode experimentar ou não experimentar. Não é bonito? Que piada, que você podia algum dia ter a expectativa de que alguma coisa viesse de algo que se pode experimentar!

MATTIAS: É um alívio, eu acho. Hoje de manhã eu estava sentado numa caverna, e realmente experimentei esse desejo de chegar a algum resultado. Pensava que simplesmente iria sentar ali, mas então todo esse esforço de ser alguém que medita, e de conseguir algo, estava presente.

KARL: Enquanto pessoa, você não tem saída.

MATTIAS: Não conseguia meditar mais.

KARL: Novamente, eu realmente quero deixar claro que Aquilo que é consciência – a consciência “eu sou” de Brahma – tem que criar. E parte da criação é esse sentir falta de si mesmo, sempre meditando sobre Aquilo que é o “eu sou”. Isso é a realização de tudo que é consciência. Não há nem começo nem fim nisso. É o funcionamento da consciência – o “eu sou” meditando sobre Aquilo que é “eu sou”. E não tem saída disso. Não termina nunca.

MATTIAS: Sim, não importa o que faço, mesmo decidindo de não meditar, dá na mesma.

KARL: Não fazer é o maior fazer que pode haver. O que fazer? Aquilo que é consciência é tão infinito como o que você é. Consciência infinita nunca tem começo nem fim. Consciência significa, o “eu sou” meditando sobre Aquilo que é “eu sou”. Isso é consciência.

MATTIAS: Você dizer isso, é um grande alívio. Sinto que algo vai de alguma maneira aniquilar-me, mas me sinto bem. É uma alegria, uma alegria!

KARL: Não, talvez você vai descobrir que não pode ser aniquilado por nada, porque não há o que aniquilar. Você vê que nada vai sumir, porque nada tinha que sumir. Isso é sólido como sólido só pode ser. Não tem ir e vir nisso. Portanto nada jamais acontece. *Nichts passiert*. [\*nada se passa] E nada passa. Portanto melhor você acostumar-se ao que você é porque isso vai levar um bom tempo.

Mas nunca vai acostumar-se Àquilo. Ninguém pode aguentar Aquilo. Por mais que tente, compreendendo, amando, ou pelo amor divino, “pra-la-la”, você não pode aguentar Aquilo. De jeito nenhum. Nunca pode tornar-se o que é por alguma compreensão, nem pode aguentar de ser essa existência absoluta, infinita. Ninguém pode aguentar isso.

E se você é Aquilo, então não há nada para aguentar. É tanta leveza. Tanta ausência de esforço para conseguir ser Aquilo.

Mas no momento em que você quer *tornar-se* isso – a qualquer momento que você quer vir a ser Aquilo—você sofre. É como cometer suicídio de si mesmo. A cada momento que você quer tornar-se o que é, está cometendo suicídio.

## Superando a Adão e Eva

MONIKA: Mas, Karl, porque você pensa que o ‘split’ original [\*fração, divisão, separação] aconteceu?

KARL: Pecado original.

MONIKA: Pecado original?

KARL: Sim, está na Bíblia. No instante em que você quer saber quem é, está se separando desse paraíso de ser o próprio conhecimento em si. É a idéia de que com algo mais ou algo menos de conhecimento você pode acrescentar algo à esse conhecimento que você é. Assim você sai dessa atemporalidade que você é, entrando no que é tempo e não-tempo, em tudo isso, neste quadro.

MONIKA: Por que isso começou a acontecer?

KARL: Não tem “por que”. Você simplesmente saiu. Não pode *não* sair. Não pode *não* enamorar-se de si mesma.

MONIKA: É algo como expansão e contração do universo?

KARL: Não, simplesmente você não pode *não* apaixonar-se de si. Você simplesmente acorda imaginando a pura consciência como luz, já que não pode *não* acordar para essa pura consciência. E a partir dessa pura consciência, você se apaixonou pelo “eu sou” e o “eu sou assim assim”. É natural. Você não pode *não* fazê-lo. Você é a própria impotência. Não pode evitar nada.

A sua impotência significa que você é Aquilo sem um segundo. Significa não ter controle. Absoluta falta de controle, porque não tem um segundo para ser controlado.

A beleza do “sem segundo” é que não tem um segundo para controlar você. Tudo que há é uma imaginação de separação e un-dade, e todas as idéias existem porque você imagina algo. É só isso. São simples imaginações parecendo sonhos. E você é Aquilo, e elas não

vão mudar nunca o que você é, e não podem nunca tocar ou mover você nem por um milímetro.

MOÇO Italiano: Portanto o nosso erro é de criar um mundo separado dentro daquilo?

KARL: Não, você não está dentro daquilo. Você é isso. A idéia louca de tomar isso aqui [Karl bate na própria perna] como tendo nascido, como a sua existência limitada, -você não pode evitá-la. Mas agora você, como Si, coloca-se diante disso –não importa o que seja- que está sentado aqui, só para ser lembrado,”Eh, vem cá, isso não pode ser! Você está brincando! Você deve estar brincando, de tomar isso por realidade, de ter nascido!” Haa-ha-haa.

[Karl está rindo, todos os outros em silêncio]

MOÇO: Mas não tem alguma diferença? Quando cai durante a noite, isso não é algo diferente e separado daquilo que eu sou agora?

KARL: Não. É aqui agora. Você simplesmente cada manhã apaixona-se por uma imagem – “eu” – e então você está novamente nesse relacionamento consigo mesmo. E esse relacionamento significa que tem dois si-s, e isso não dá para aguentar.

No instante em que toma qualquer imagem por um segundo, como algo real, você está criando um segundo si. E de haver uma separação, de haver qualquer segundo, isso não dá para aguentar. Jamais vai haver a aceitação desse segundo. Assim, a partir disso, você quer apagá-lo. Com tudo que fizer, você quer fazê-lo sumir, você quer matar o que não é você.

Mas quanto mais você quer matar essa imagem, tanto mais viva ela fica. E no momento em que você vê que é só imaginação, não há nada para matar. Você não pode matar uma coisa imaginária. E daí? Simplesmente está bem. “Não posso matar uma imagem. Não posso fazer nada com ela. Então o que?” Assim você descansa nessa paz absoluta de ver que não há nada para matar. E depois você se dá conta de que nunca houve algo segundo para Aquilo que você é. Simplesmente foi uma idéia que caiu do céu.

MOÇA inglesa: Mas continua acontecendo. Você continua contando e cometendo erros e tendo sucessos e --

KARL: Claro.

MOÇA: E de todo jeito isso continua acontecendo, com ou sem esse segundo, ou não, humm?

KARL: Não importa. É isso a beleza nisso. Mesmo essa experiência desse seja o que for que acaba, não tem importância. Você não pode retirar-se do que você é. É só isso. Agora, Aquilo é uma retirada total, mas sem alguém que estava aí dentro. Portanto, fazer o que? Se você é Aquilo que é, fazer o que?

MOÇA: Então não importa muito se você sai matando, ou se sai e dá *satsang*.

KARL: Por que, eu sou uma máquina assassina! [risadas]

MOÇA: Parecido, - não igual.

KARL: Igual, igual. Esta falta de escolha do ser, essa desorientação que está sentada aqui, esse *sitz, Karlchen* [\*senta, Karlinho], esse nome, essa coisa pessoal qualquer – se esta

pessoa segurasse uma idéia de vantagem, eu não estaria sentado aqui. Eu simplesmente iria para algum lugar de férias, - como pessoa eu faria isso, eu deitaria no sol e tomaria uma bela 'marguerita' à noite, ou algo assim.

MOÇA: Então você não escolhe? E como chegou a sentar aqui?

KARL: Você não pode me contar? Eu não tenho absolutamente nenhuma idéia. Mas já desisti de querer sabê-lo. É isso.

MOÇA: Alguem foi lhe pedir?

KARL: Sim, e houve uma certa resistência, e quando a resistência foi quebrada, eu estava sentado aqui. Assim que houve mesmo resistência de sentar aqui. Porque antes, durante anos eu achava, "Eu nunca iria sentar em frente a buscadores idiotas que ficam por aí te sugando para ganhar alguma coisa com isso!" [risadas]

MOÇA: Você tem preferências? Gostaria realmente mais de estar numa praia como disse?

KARL: Agora, se me pergunta, se eu pudesse só fazer assim [estala os dedos] e já estar lá, eu estaria lá. Mas como não posso, prefiro sentar aqui. Sou preguiçoso demais para fazer tanto esforço. Prefiro ser movido pela existência e ser totalmente preguiçoso, momento por momento nessa aceitação, e deixar a existência trabalhar, -já que de qualquer maneira a existência faz isso mesmo.

MOÇA: E funciona?

KARL: Funciona.

MOÇA: Você vai e caga quando precisa cagar, e quando está pronto, levanta?

KARL: Sim. Você sabe que muitas vezes a mulher dos toaletes num ashram fica iluminada. Porque ela vê que isso só vem quando vem. [risadas] Mas nunca por pressão. Com pressão só dá constipação. Na Alemanha agora, a "constipação familiar" é muito famosa. [risadas] Bert Hellinger. Você sara da sua mãe, você sara do seu pai, e então você está livre. Você sara do seu bis, bis, bis—você sara de Adão e Eva.

## **A absoluta piada de que você poderia escapar desta existência que você é.**

AIKO: Bom, parece que todas essas pessoas que caíram fora ou tiveram o colapso, fizeram tudo que puderam antes disso.

KARL: Fizeram o que?

AIKO: Muitas coisas, e muito intensamente.

KARL: Mas cada um disse que foi apesar disso. Não é necessário.

FRANCESCO: É para entender que você diz que não precisamos disso?

KARL: Não é por necessidade. Simplesmente eles não podiam evitá-lo.

FRANCESCO: Você está realmente dizendo isso?

KARL: Com uma diferença. Digo que não há necessidade, mas que você não pode evitar

nenhum dos passos antes disso. É diferente de precisar disso. Não precisa disso, mas não pode evitar de fazê-lo. É algo diferente.

THERESE: E nós pensamos que é preciso.

KARL: Sim, é uma idéia de necessidade, - nada mais.

AIKO: E com esta idéia, você pode deixar de lado tudo que ouviu falar?

KARL: Você não pode evitar o que é, porque isto é a sua realização enquanto experiência pessoal, momento por momento. Ter esta experiência pessoal faz parte de sua realização. Não há nada de errado ou certo com isso. Você não pode evitar essa parte da sua natureza infinita.

AIKO: É como se estivesse aos poucos acabando-se.

KARL: Não pode acabar. A energia não pode acabar porque você é energia.

MONIKA: E mais uma vez surge esta idéia de “predestinação”.

KARL: E daí? Está bem.

MONIKA: Predestinação pode ser uma referência?

KARL: Não, é só mais uma idéia. O principal é ver que não tem ninguém que tem uma predestinação - ou não-predestinação.

MONIKA: Predestinação acontece.

KARL: Só serve para lhe dizer ou mostrar que se houver predestinação, você não pode mudar o que vem. Porque assim você descansa talvez nesse “tudo bem”. Mas mesmo isso não adianta. Você sempre levanta de novo e tenta de controlá-lo.

MONIKA: De toda maneira tem que ser ‘tudo bem’.

KARL: E de um “tudo bem” sempre vem novamente um “não tudo bem”. Você tem que viver com isso. Até se falar de “predestinação” é uma tentativa de controle, porque entendendo isso como predestinação, essa liberdade ou essa paz que vêm com isso, ficam como que dependendo dessa idéia. Portanto, faça o que fizer, você se torna dependente de uma compreensão de predestinação. Não pode se livrar disso. Não tem saída.

Um tal desprendimento é totalmente apegado ao desapego. Quando me perguntam o que fazer, eu digo – Seja totalmente apegado ao que você é, seja esse ser absoluto, já que você não pode *não* ser apegado ao que é, sendo você esse próprio apêgo em si. Você não pode livrar-se do que você é.

Na identificação absoluta não tem mais uma identificação separada, e esse tal separado simplesmente acaba – mas isso não pode ser feito. Essa identificação absoluta de você ser Aquilo, não pode ser *feita* – você tem de *sê-la*! Mas não pela compreensão ou por uma escolha, nem por nada, já que de toda maneira você é Aquilo, e não pode *não* sê-lo, -pronto. Então seja isso!

MATTIAS: E pronto.

KARL: Mas pronto mesmo! Assim não é questão de, como me perguntam, “Como se pode vir a ser isso?” Você não pode *não* ser isso. Já que nunca deixou o que você é, não

pode tornar a sê-lo. Já que nunca esqueceu o que você é, não pode lembrar-se disso. Então fazer o que?

FRANCESCO: Sim, fazer o que? Cada dia depois dessas duas horas, eu não entendo mais nada! [risadas]

KARL: Soa muito bem.

JUAN: Karl, você teve essa experiência de luz, certo? Uma experiência de ser engolido pela escuridão e tudo isso, e depois foi fácil para você realizar este – o Coração da existência?

KARL: Não. Isso foi de passagem, e apesar de tudo que houve.

JUAN: Mas eu me sinto como que identificado com esse corpo-e-mente, e você quer que eu dê um salto diretamente para Aquilo.

KARL: Eu não quero nada de você. Só estou lhe dizendo que apesar dessas experiências, e não por causa delas, você é. Você pode ter ou não ter tais experiências, mas precisa haver esse alguém que se preocupa, e você só se preocupa porque acha que existe um caminho para chegar naquilo. Você quer ter a experiência que faz você tornar-se novamente --bla-bla-bla.

Pode acontecer algo ou não, mas apesar disso você é – não por causa. Portanto você não pode evitar de desejar um próximo passo, qualquer *sadhana* ou tapas ou exercícios que faz. Tudo será feito. Mas apesar disso, você vai ser o que é, --não por causa.

Assim, apesar disso, eu estou aqui sentado e falando, sendo totalmente irrelevante. Foi isso que Buda estava dizendo na *Sutra Diamante*. Ele deixou totalmente claro que nunca houve nenhum Buda na terra e que jamais vai haver. Disse que ele havia pregado por quarenta anos sem dizer nenhuma palavra a alguém. Assim, totalmente irrelevante.

E mesmo Ramana disse isso, quando perguntaram o que tinha sido a realização de Ramana. Ele disse que não houve algo como um Ramana que alguma vez realizou o Si. O Si é realizado desde sempre, então o que é que tem para realizar?

Jamais vai haver uma imagem que realiza Aquilo que é a Fonte de si mesmo. Aquilo que é a Fonte de toda imagem é sempre-realizado. Não necessita qualquer realização de nada.

Portanto você faria melhor sendo Aquilo que nunca pode ser realizado porque já é realizado. Você não pode acrescentar mais realização Àquilo que é a realização disso que você é de qualquer maneira. Você não pode aumentá-lo – e nem diminuir. Por nenhuma compreensão, nenhum ‘insight’, por nenhum conhecimento especial, - não há como acrescentar algo a esse saber absoluto que você é.

E a última camisa não tem bolso, - tudo que você consegue nesta vida vai sumir quando este corpo acaba. Você se orgulha tanto de sua coleção de ‘insights’ e experiências e compreensões, e tudo isso vai sumir no momento em que este corpo acaba. Esse efeito da memória vai desaparecer, simplesmente. Nos orgulhamos tanto, “Fiz vinte-cinco anos de *Vipassana* tralala!”[risadas] E daí? “Sou mestre ‘faixa preta’, não grau.” Mas e daí?

Em alemão nós dizemos, “*Das letzte Hemd hat keine Taschen*”[\*a última camisa não tem bolsos]. Simplesmente vive assim – tendo nada, ganhando nada, nada para conseguir, nada a chegar -- porque a última camisa não tem bolsos. E você vai surpreender-se.

Quando este corpo acabar, você vai continuar sendo o que é. Gostando disso ou não, não terá nenhum final -- quando este corpo tiver acabado.

PETE: Quando o corpo acaba, isso ainda existe?[levanta a mão fechada, estica polegar, indicador e dedo médio, então fecha a mão novamente, e mais uma vez estiva o polegar, etc.]

KARL: Sim, sim. Sempre reinicia-se.

LIZ: Mesmo quando o corpo acabou? Eu achava que a morte era a saída.

KARL: Não. [risadas] A única saída é ver que nada nasceu. A única saída dessa idéia é ver que ninguém existe que nasceu. A única coisa que pode morrer é a idéia da “morte”. Ao ver que nada jamais nasceu, nada jamais vai morrer – não há saída, querida. “Eu só esperava que, talvez mais dez anos, então acabou.”

LIZ: Tem certos dias em que é tão frustrante, e tem alguns dias em que está tudo bem.

KARL: Fantástico.

LIZ: E daí, não sei. Ou talvez eu saiba? Ou talvez eu seja?

KARL: Você precisa saber o que não sabe, - que você não sabe isso.

LIZ: `As vezes, a gente simplesmente desiste.

KARL: Sim? Você nunca desiste. Não há do que desistir. Não se pode desistir de algo que nem existe. E não se pode desistir da desistência.

LIZ: Ah, você é tão sem esperança!

KARL: Mas continuo sorrindo! [risadas] Digo-lhe, a falta de esperança é a maior risada, a risada do universo rindo sobre a piada de que alguma vez você podia achar que seria possível escapar Àquilo que você é. É realmente uma piada absoluta que você podia ter a idéia de poder morrer, de poder escapar a essa existência que você é. Que idéia!

LIZ: Bom, a idéia é, mesmo que digamos que não nascemos e que não vamos morrer, a idéia é que quando morremos, pelo menos nós paramos de procurar, porque chegamos.

KARL: Você o que?

LIZ: O conceito que tenho é que, ao morrer podemos parar com esse querer saber, porque chegamos.

KARL: Você não pode parar de enamorar-se de si mesma.

LIZ: Tudo bem. Mas eu não quero o resto, as questões e --.

KARL: Sim, mas esse amor quer conhecer você. Por esse amor você quer conhecer o que ama. Quando se apaixona por você mesma, cria uma imagem de um amado, e você quer conhecê-lo, porque quer conhecer o que você ama. Disso não tem como livrar-se. E você também não pode *não* apaixonar-se de si mesma.

Você só pode imaginar o que é. E essa imaginação é a realização daquilo que você é, e você não pode *não* realizar-se. Você não pode *não* imaginar-se. E por essa imaginação, você imagina um amante e um amado. Isso você não pode evitar.

Você precisa ser o que você é - *apesar* do amante e do amado. Apesar das idas e vindas,

do amante e amado, de todas essas idéias – você é o que é - e não por causa de algo que tem que desaparecer. Nada precisa desaparecer para você ser o que é, simplesmente porque não há nada para desaparecer.

LIZ: Acredito nisso neste momento, mas no momento seguinte --- fffuu—tudo volta, como uma cobra que volta a entrar.

KARL: Sim. É por isso que você está sentada aqui.

LIZ: Cansando você.

KARL: Acho que isso é impossível. Muitos tentaram.[risadas] Por horas e horas. Semanas após semanas. Dia a dia, tentam sugar-me até o fim, mas não tem nada para sugar, nada para se cansar.

LIZ: Bom. Não vou me sentir culpada.

KARL: Caso contrario, é impossível.

## **O silêncio que você é, não pode ser interrompido nem por todo o barulho da Índia**

AIKO: Quer dizer que você poderia fazer isso por oito horas, não só duas?

KARL: Oh, eu fiz. Como foi em Santa Fé? Das nove às cinco, e logo das sete às nove. Faço isso por semanas. Diariamente.

FRANCESCO: Oh meu Deus.

KARL: Sim, oh meu Deus.

FRANCESCO: Bom rapaz.

KARL: Bom rapaz? É pra ter pena dos ouvintes![risadas] Eu não preciso ouvir o que digo. É por isso que o digo.

MATTIAS: Por isso as pessoas falam.

KARL: Sim, assim não precisam ouvir.

MONIKA: Por isso é que Ramana não falava.

KARL: Mas também não ouvia. Que conto de fada é esse de que ele não teria falado?

MONIKA: Ele não falava muito, não? [risadas]

KARL: Uma pedra também não fala muito.

LIZ: Mas diz alguma coisa.

KARL: Sim, diz, "eu sou uma pedra", quando você olha para ela. Quem tem essa idéia de que precisa haver o silêncio de um não -falar, um não -dizer -nada? Como se o silêncio precisasse que não se fala. Que idéia!

LIZ: Que idéia aqui na Índia!

KARL: Sim. Você vai ver, você está andando pelas ruas, e o silêncio que você é não pode

ser perturbado nem por todo o barulho. Isso é a Índia para você! Todos os barulhos catastróficos, caóticos vindo de todos os lados. Cada manhã às quatro, o templo aí e blam-blam-blam. E depois de um tempo você diz, “Tudo bem! Já que eu não vou embora, tudo bem.”

Não, eu sempre aponto para Aquilo que é o silêncio em si. Você tanto pode falar como não falar. Esse falar ou não falar, quem se importa? A consciência fala mesmo. Até não falando, você fala tanto. Nem pode parar de falar.

AIKO: [rindo] Obviamente.

KARL: Obviamente! Veja só! A coisa toda vem do falar. Falar consigo mesmo. Tendo a idéia e imaginando, e a partir da primeira palavra, *Eu*, vem todo o universo. A partir desse falar com você mesmo, como diversão de Si, você cria o universo inteiro. E depois chega e diz, “Fica quieto!”

FRANCESCO: Não. Só fala devagar. [risadas]

GEORG: Falação com limite.

SOFIA: Fala em italiano.

FRANCESCO: Não, não. Isso já é demais. Porque então eu poderia entender. [risadas]

KARL: Se você realmente entendesse o que digo --

FRANCESCO: É demais.

KARL: Ele está muito contente que eu falo tão depressa e em inglês. A lingua angelical. Angel-saxônico. Em alemão dizemos *Engel-land*, terra dos anjos.

FRANCESCO: É mesmo? Veja só! Que lugar.

KARL: E é muito estreito ali, por isso é *Enge-land* [\*terra da estreiteza]. [risadas] Você pode fazer de tudo com uma palavra. Algo do Brasil?

JUAN: Deixo meu caso encerrado. [risadas]

KARL: “Juiz, encerro meu caso.” Agora precisa interrogar a testemunha. [\*witness]

MONIKA: Não há testemunha.

KARL: Sim, é isso mesmo. Você precisa questionar a testemunha. [risadas]

MARY e THERESE: É o que estamos fazendo! Questionamos você!

KARL: [também rindo] Isso é “Quem sou eu?” – questionando a testemunha. Quem está testemunhando a testemunha? Então é “Quem sou eu?” sendo “Quem é a testemunha da testemunha?” O que é que está percebendo o perceptor? Tem uma diferença? Então quem é que está aí?

E você vai retrocedendo mais e mais. Quem é *wit*? *Wit* é “white” [\*branco] Havia luz branca, e logo há uma testemunha [\*wit-ness]. Se não tem mais perguntas, vou continuar com esses jogos de palavras. [risadas]

FRANCESCO: Pode encerrar o seu caso.

KARL: Mas se analisar a lingua, é realmente interessante! *Wit* significa “branco”, como

pura luz, e então *witness* é “essa pura consciência da brancura”, sendo uma testemunha dessa pura consciência. É muito interessante! Vai olhar essa raiz da língua.

É tudo *Self-made*. Imagina! Se o Si[\*Self] pode falar consigo mesmo, então temos a Babilônia. Da Babilônia vieram todas as diferentes línguas. Viraram uma espécie de sanduíche.

THERESE: E em francês *babiller* é “balbuciar” – bla-bla-bla.

KARL: Em alemão também.

THERESE: E quando um bebê começa a falar, é um *babil*. [\*tagarela]

KARL: Bla-bla. *Babble. Babble on. Babylon.*

MARY: *Babble* significa “falar coisa sem sentido”.

KARL: Mas é como falar em línguas diferentes, porque você não entende o que o outro diz. Você se perde. Número de pessoas sempre grande demais. Já dois, é demais.

FRANCESCO: Você só precisa de um.

KARL: Sim, e de um vêm dois.

FRANCESCO: Você!

KARL: Eu!

## **Nada é mais negativo que o pensamento positivo**

ROSA: Quando vejo você, te vejo sempre brincando e rindo.

KARL: Me chamam de “MisterTeflon”. [risadas] Em Berlin, essa moça disse-o como ofensa.”Você é como Teflon. Nada pega em você! Sempre rindo. Posso acusar você,

ROSA: Você é feliz demais. Tem algo de errado aí. [risadas]

KARL: Feliz demais? Nos Estados Unidos dizem, ”Para um alemão, você tem muito humor. Algo está errado com você.”

MONIKA: [rindo] Sim!

KARL: Você é feliz demais. Não pode ser alemão, porque ser alemão significa algo diferente.

ROSA: Mas o que do sofrimento? Você sabe, é o caminho para a iluminação.

KARL: Ah sim?

FRANCESCO: Uuh,oh! [risadas]

KARL: Boa viagem.

THERESE: Eu não vou nessa.

KARL: Quem sabe você acha alguns visitantes para sofrer com você.

ROSA: Aos montes. Montes! [risadas]

KARL: Mas eu quero que você então sofra a sua última céia. Para ser crucificada, o fim

do sofrimento, você deve sofrer e então tornar-se a última céia. Vai ser engolida por inteiro.

ROSA: Exatamente. Mas isso é necessário?

KARL: O que?

ROSA: De ser engolida por inteiro.

KARL: Não, necessário não, mas é inevitável.[risadas] A mesma coisa como sentar aqui – você não precisa, mas não pode evitá-lo.

ROSA: Que cruel.

KARL: Muito cruel. Você é muito cruel consigo mesma, minha querida. Você gosta demais de você. Isso a deixa tão cruel. Sim, você está tão enamorada de si que se torna cruel consigo mesma, porque amor é guerra. No amor e na guerra, não tem regras, por isso você é tão cruel.

ROSA: Então, “amar a si mesmo” realmente não é um bom conselho. [risadas]

KARL: Eu não diria isso.

KAATJE: Por que não amar a si mesmo?

KARL: Porque não tem nenhum Si para ser amado. Como pode amar a si mesmo, se nunca houve qualquer Si para amar? Primeiro, tem que criar uma imagem de si que você pode amar. Você quer dançar com um parceiro, e você inventa uma parceira. Depois você esquece que o parceiro é nada diferente daquilo que você é, porque você só imaginou um segundo. Então você dança com ‘alguem’ e toma o segundo como alguém real. Assim então você está fora d’Aquilo.

Agora, vendo que com a sua imaginação você criou um parceiro para dançar, você então dança com esse parceiro imaginário pelo tempo todo daquela realização. É Shiva dançando consigo mesmo, criando o universo inteiro. Depois Shiva esquece que imagina um Segundo, e cai nessa armadilha da imaginação tornando-se um *jiva*, um pequeno Si. E a partir desse pequeno Si, tomando essa imagem por algo real, você sofre. E então eu fico aqui sentado dizendo, “Ói, meu Deus! Todopoderoso!” E você novamente diz então, “Tudo bem.”

Mas não pode evitar de cair mais uma vez na mesma armadilha. Sempre por amor, você volta a montar essa mesma armadilha e de novo cai e toma o segundo imaginário como sendo real, e então você dança de novo. Inevitavelmente. Você não pode *não* dançar. E nem pode dizer “não” ao convite para dançar. “*Du kannst dir selbst keinen Korb geben*” [Você não pode dizer um não a si mesmo]. Se a existência quer dançar, a existência vai dançar, goste você disso ou não. Apesar de não haver nenhuma necessidade de dançar, você dança.

KAATJE: Então é melhor aceitar tudo.

KARL: Melhor é ver que não tem saída, que tem é dança. Tem um saber, tem um não-saber, para que realização seja tudo o que há. Você não pode *não* realizar-se. E tudo que você pode imaginar faz parte dessa realização. Você é Aquilo que está se realizando, mas isso em si não pode ser verificado.

KAATJE: Pode dizer isso mais uma vez?

FRANCESCO: Isso não se pede! [risadas]

KARL: Você é Aquilo que está se realizando, mas Aquilo que se realiza não pode ser realizado.

KAATJE: Estou vendo.

KARL: É fácil. Você é Aquilo que está imaginando tudo, mas em si, isso não pode imaginar Aquilo que está imaginando tudo. Assim que isso em si não pode ser imaginado. Isso é a vida em si, mas tudo que vem dessa vida absoluta, tudo que você imagina como sendo vida, é imaginação. No entanto Aquilo que é a vida em si, não pode ser imaginado.

Portanto seja Aquilo que não pode ser imaginado, por nenhum saber, por nenhum entender, seja aquilo pelo qual nada pode ser feito. Isso é liberdade em si. Porque esse não-saber o que você é e o que não é, - isso é o paraíso.

O resto é ser um sofredor, ou o que for que você imagina. Tudo que você imagina ser, você é, você vira. Daí se você se imagina como sofredor, você sofre. Se você se imagina sendo Aquilo, você é Aquilo. Se você se imagina sendo uma montanha, você é uma montanha. Tudo que imagina, você vira.

THERESE: Mas você não tem escolha com relação ao que imagina.

KARL: Como eu disse.

MATTIAS: Quem sabe amanhã você acorda como montanha. [risadas]

KARL: Talvez hoje ela acordou como montanha, mas agora Therese está bastante bem.

THERESE: Estou tão feliz de ser um fracasso feliz! Ainda estou curtindo a idéia do fracasso feliz. [risadas]

KARL: Mais uma vez fracassada! É a melhor coisa. Oh, fracasso! Fracassou de novo! A natureza do fracasso é— fracassar. *Fehler* [\* erro].

MATTIAS: Ou amar, o que é a mesma coisa. Fracassar ou amar.

KARL: Amar?

MATTIAS: Dicionário novo. *Fracasso* é “amar”.

KARL: Por amar, fracassar.

LIZ: Eu fracassei no amar.

KARL: Por amor, você sente falta. Ou algo assim. Sim. Mais perguntinhas?

JUAN: Karl, imaginando ser um sofredor, você é um sofredor; imaginando ser um cara contente, você é contente – mas você não pode controlar isso.

KARL: Apesar de ser um sofredor e sofrendo, você não tem como não ser Aquilo que você é. É inevitável. Não pode evitar de ser o que é. Todo e qualquer aspecto da existência, você é. E não pode *não* imaginar-se assim, e imaginando-o você se torna isso. Então tem aí o sofredor, o sofrer, e aquilo que está sendo sofrido.

Mas você é Aquilo que é o sofredor, Aquilo que é o sofrer, e Aquilo de que está sofrendo. Você sempre é esse experimentador, esse experimentar, e o que está sendo experimentado --- já que você é tudo que existe. Não pode *não* experimentar o que é. E ao experimentar-se a si mesmo, torna-se um experimentador que experimenta o que está sendo experimentado. Só que não há diferenças aí. Não tem diferença entre experimentador, experimentar e o que é experimentado. Tudo é a realização do que você é, enquanto consciência.

JUAN: Mas eu prefiro experimentar-me como um cara contente antes que como sofredor.

KARL: Isso também faz parte da imaginação.

LIZ: Você está dizendo que não se tem controle.

KARL: Não.

LIZ: Tinha a esperança que, se me imaginasse --

KARL: Isso é outra estória. Isso é como dar uma ordem ao universo, ou essa coisa mística --

LIZ: Controlando.

KARL: Sim.

MONIKA: Pensamento positivo!

KARL: Nada é mais negativo que pensar positivamente. Isso realmente significa discriminar tudo. Você enfia seu pretume ou as suas sombras na sacola e então, "Oh, meu coração aberto! Abraçando a todos -- Eu! Acabo de vir da cirurgia de coração, e agora tenho um coração aberto! Vim desse *guru* e ele abriu o meu coração, e agora estou abraçando tudo!"

FRANCESCO: Não é o seu caso.

KARL: Não é meu caso?

FRANCESCO: Não, não.

KARL: Oh, vou quebrar o seu coração.

AIKO: Outro dia, você me disse, "Abraçar os diabos, abraçar os deuses!"

KARL: Sim, mas isso você não pode. Como você é o diabo, não pode abraçar-se. [ela ri]

Abraço total é ser Aquilo que é o diabo. Então não há nada mais para abraçar. Mas isso é o abraço absoluto. Sendo Aquilo que é o diabo, sendo Aquilo que é o céu, sendo Aquilo que é o inferno, isso é o abraço absoluto de tudo que existe.

Não estou lhes pedindo um ato de abraçar, estou falando do abraço absoluto no ser Aquilo que é. Ser Aquilo que é o diabo, ser Aquilo que é Deus, ser tudo que você imagina ser. Isso é um abraço absoluto -- você sendo Aquilo que é. Não é o abraço separado ou relativo de alguém que está abraçando o mundo com um coração aberto. "Oh, meu querido, você ainda tem um coração fechado! Oh, estou tão triste por você." Não estou me referindo a isso. Estou me referindo àquele abraço absoluto, sendo - o, por ser Aquilo.

LIZ: Aceitação. É só aceitar que nós somos todas essas coisas. É isso que você quer

dizer?

KARL: Não. Sê-lo! É a própria aceitação absoluta. Mas você não pode aceitar. E precisa aceitar que não é preciso nenhuma aceitação, e que você não pode aceitar. No entanto, você vive com a idéia de poder ou não poder aceitar algo.

SOFIA: Nenhum controlador então.

KARL: Sim.

MATTIAS: E de podermos imaginar de poder—isso é também uma ilusão, porque enquanto pessoa não existimos, portanto isso não é nosso.

KARL: Seja o que for.

MONIKA: De toda maneira, não funciona.

KARL: Nem mesmo de Deus. Não há nenhum instituto disso.

MATTIAS: Simplesmente é. Instituto do Amor de Deus.

KARL:”Instituto do Amor de Deus. Instituto da Providência de Deus. Brahman vai lhe ajudar.”

ROSA: Agora tenho uma pergunta. Pode ser bôba. Mas não tem perguntas bôbas, só respostas bôbas.

KARL: Não se preocupa. Só tem perguntas bôbas e respostas bôbas. Não se preocupa.

ROSA: Quer dizer que eu não me sobra realmente nenhuma decisão. Não posso tomar uma decisão. A decisão já está tomada.

KARL: Não tenho idéia.

ROSA: Então sou livre?

KARL: Você? Não.

ROSA: É algo prescindível? Minha decisão – ela é prescindível ou imprescindível?

KARL: Ambos são conceitos. Ambos precisam de alguém que sabe, e de alguém que se preocupa com o livre arbítrio ou o não-livre arbítrio.

ROSA: Então eu não me preocupo mais?

FRANCESCO: Você pergunta isso? Pergunta engraçada.

KARL: Não, eu diria, Aquilo que você é não tem consideração e não liga se você se preocupa ou não. Nunca houve quem se preocupasse por essa preocupação. Livre- ou o não-livre arbítrio, decisão ou não-decisão, ambos sempre dependem de ter alguém que poderia tê-los. Ambos são conceitos.

Se você vê que ambos são conceitos, que ambos ora estão ora não estão aí, possivelmente você experimenta um livre arbítrio ou não o experimente, mas ainda assim continua havendo o experimentador enquanto experimentador do fato de se ter ou não ter livre arbítrio. Portanto não faz diferença. Mesmo o não-livre arbítrio deixa evidente que você existe como alguém que não tem livre arbítrio.

E nessa constatação de que não existe livre arbítrio, também não há saída, pois não passa

de uma troca de conceitos. Pode ser que seja uma boa psicoterapia; a sua vida pode ser mais fácil porque você perde os seus, digamos, sentimentos de culpa, e então pode levar uma vida pessoal melhor talvez. Nada contra isso. Mas relativo Àquilo que você é, isso não faz diferença.

Portanto não há vantagem em ver que você não tem livre arbítrio. Porque se houvesse vantagem na constatação de que não há livre arbítrio, ainda precisaria ter alguém que tem uma vantagem, alguém que necessita ter uma vantagem. Que idéia!

Assim essa vantagem de ver que não há livre arbítrio e então indo para essa consciência impessoal ainda é uma desvantagem, porque precisa de alguém para ter uma vantagem. Esqueça. Ambos são conceitos. Tenta achar aquele que poderia ter a vantagem.

ROSA: Então não se acha? Não pode ser achado?

KARL: Não encontrando em nada mesmo Aquilo que você é, você repousa – mas nunca, nunca por achar algum conceito, uma imagem ou qualquer ‘campo de pouso’ numa idéia ou num quadro de conceitos. Por não encontrá-lo, você é essa liberdade, porque essa liberdade não pode ser achada, já que para essa liberdade não há nada que é preciso achar. Liberdade significa que não tem um segundo, não tem objeto, não tem relação. Não tem nenhum conceito d’Aquilo que é liberdade. Veja que Aquilo que é liberdade não tem absolutamente nenhuma idéia do que é e nem do que não é liberdade.

Estou falando dessa ausência absoluta do conceito de “liberdade”, não de como entender o livre arbítrio, ou o não-livre arbítrio, bla-bla-bla. Tudo isso tem a ver com a consciência. Na consciência sempre regredimos para essa estupidez e ignorância, tão apaixonada por si mesma. Sempre criando novamente o amante e o amado e logo voltando para aquela ignorância. Vai chegar a essa compreensão, e como toda compreensão que se pode conseguir ou vir a tocar, ela vai ser novamente deixada para trás. Finalmente, você tem que ser absolutamente, *apesar* de tudo que pode compreender ou não compreender.

Apesar da consciência, você é; como você é anterior a esse conceito de “consciência”. Ou de “energia”,- já que Aquilo que é energia, não conhece “energia”. E Aquilo que é consciência não conhece consciência. Aquilo que é consciência, como Coração da consciência, não conhece nem mesmo Coração,ou qualquer coisa; não tem absolutamente nenhuma idéia de consciência, de pura consciência,ou de qualquer coisa que se pode delimitar ou enquadrar com palavras e conceitos.

N’Aquilo que você é, há essa ausência de Si, e mesmo essa ausência de Deus. Aquilo que é Deus, exatamente como o que você é,- não tem nenhuma idéia de Deus. Portanto para o que você é, não tem Deus. Jamais teve, jamais terá. Para o que você é, ou seja, graça, -não vai ter graça. Portanto melhor é não esperar por ela. Aleluia!

Acho que isso foi um bom adeus. Muito agradecido. *Namastê*.

TODOS: Agradecidos! *Namastê*.

## 17 de Janeiro de 2004

Ainda o fracasso feliz; ou, o fim do intelecto

### O espírito na garrafa

KARL: Trocamos hoje?

Um MOÇO: Não, não. Você senta ali. Isso está bem.

KARL: Muito obrigado. - De nada. Tudo bem?

Uma MOÇA: O microfone está ligado?

KARL.: Sim, diz"on", mas às vezes,- nunca se sabe. Bem, quem está ligado hoje?

KAATJE: Tenho um monte de perguntas. Mas não sei por onde começar.[voz trêmula]  
Acabo de chegar aqui faz três dias, e com essa sensação constante que quero chorar o tempo todo.

KARL:Chora,chora!

KAATJE:[lágrimas começam a correr]Isso é tão bonito. As pessoas que encontrei, e – como se eu estivesse sendo carregada por isso tudo, como se não estivesse fazendo nada. Todo mundo e tudo cuidando de mim. Nem sabia quem é você, nunca ouvi falar de você, e todos se admiravam que eu não tinha ouvido falar de você [risadas], e eu não sabia o que esperar quando vim para cá ontem, e tenho ficado nesse estado constante de -- não sei como [soluçando] –eu não sei --

KARL:Acolhe-o. Só diga"ô!". -Sim. O que dizer?

KAATJE: O que dizer!

KARL:Soa muito bem. Então simplesmente fique contente com isso.

KAATJE: Faço isso. E também sinto que não estou fazendo nada. Simplesmente acontece. Tudo me acontecendo. Tão bonito! Tão bonito!

KARL: Então o que você fez de bom?

KAATJE: Nada. Não fiz nada.

KARL:[para todos] Estão vendo?! [para Kaatje] De fato, você não merece isso. [risadas]

THERESE:[brincando] Agora começa. Estava doce demais até agora.

KARL: Não. A beleza é que ela não fez nada para isso. É essa a beleza. Apesar de tudo.

KAATJE: Apesar de. Sim.

KARL.:Então fique contente.

KAATJE: Eu vou ficar.Isso mesmo. Estou tão grata, tão grata.[chorando] Estou tão maravilhada.

KARL: Vcê esperou tanto tempo, hum?

KAATJE: Quem sabe. Eu não sei.

KARL: O bonito é que nunca é tarde demais. Para isso não há tempo certo. Acontece quando acontece.

KAATJE: Sim.

KARL: Até o ultimo minuto deste corpo, tudo pode acontecer. O que fazer?

KAATJE: Eu não espero nada. O que acontecer --

KARL: -- que aconteça.

KAATJE: Que aconteça.

KARL: Soa bem. Tem aí uma acolhida total.

KAATJE: Sim.

KARL: O que dizer então?

GEORG: Bemvindo!

KARL: Bemvindo! Mas se tiver qualquer pergunta, me diga.

KAATJE: Vou dizer.

Um MOÇO espanhol: Karl, você tem falado sobre o “eu”, o “eu sou” e o “eu sou assim e assim”. Esse “eu sou assim-e-assim”, é “eu sou um homem, um marido..”?

KARL: Tudo isso. Mesmo que diga, “eu sou o mundo”, é a mesma coisa. O simples “eu sou” é puro espaço. Não tem identificação no “eu sou”. É simplesmente a sensação de “eu sou”, sem acrescentar nenhum objeto, nenhuma idéia nisso, simplesmente como puro espaço.

E logo indo para alguma forma –“eu sou a forma ou o objeto”, você vai para o “eu sou assim-e-assim”, “eu sou o mundo”, tudo que você fizer de uma forma. Portanto do sem-forma “eu sou” vem a forma. Tem um “eu sou” que parece espaço, e então vem algo que é como uma forma nisso. Você se torna essa forma.

MOÇO: E o “eu” então?

KARL: O “eu” é simplesmente pura consciência em si. Isto[levanta o polegar para simbolizar “eu”] é a Fonte do sem-forma[levanta polegar e dedo indicador a simbolizar “eu sou”] e da forma[levanta polegar, indicador e dedo medio a simbolizar “eu sou assim-e assim”]. Isto[polegar] é a essência- sem-forma, que é a Fonte do vazio e da plenitude.

MOÇO: E os três vêm juntos?

KARL: Tudo isso aflorando assim[levanta polegar, indicador e depois o dedo medio, e em seguida recolhe-os, na mão fechada, a simbolizar o vai-vem dos diferentes estados de consciência]. Dessa pura consciência como “eu”[polegar] surge “eu sou”[polegar e indicador] e então a forma[polegar, indicador e dedo medio]. À noite, eles desabam juntos[recolhe o dedo indicador e o medio], e isso sobra como estado de sono profundo[polegar]. Mas ainda anterior a isso é isto[levanta a mão fechada a simbolizar Coração]. De maneira que isto,[\*punho] sendo anterior à pura consciência[\*”eu”], é também anterior ao “eu sou” e anterior ao “eu sou assim”. Em todo e qualquer estado, isto[mão fechada] é sem estado. É ausência de estado.

A primeira noção, a primeira experiência de luz, o primeiro *Om* ou som, é “eu”. Desse “eu” surge o “eu sou” e o “eu sou assim”. Mas isto[mão fechadaem punho] sempre é o que está se realizando, como “eu”[polegar] ”sou”[polegar e indicador] “o mundo”[polegar, indicador e dedo médio].

Isto[punho] você nunca perde; isso você nunca deixou. Portanto quando vai deste estado[polegar, indicador e dedo médio] para este estado[polegar e indicador] e para este estado[polegar], isso não pode fazer você virar isto[punho], porque você é isto[punho], em qualquer estado. Simplesmente isto, Coração em si, não sabendo o que é Coração e o que não é Coração.

Isto é a Fonte absoluta[mão fechada]; isto é o Pai[polegar], o Espírito Santo [polegar e dedo indicador], o Filho[polegar, indicador e dedo médio]. “Eu”[polegar]”sou”[polegar e indicador]”Jesus”[polegar, indicador e dedo médio]—ou o que for que você diga—os três surgem disto[mão fechada]. Mas isto[estende e recolhe alternadamente os três dedos da mão fechada] é a realização disto[mão fechada]. Portanto somente isto[mão fechada] é real.

Mas isso é uma realidade que você não pode achar, não pode denominar, não pode enquadrar, e para ela nada pode fazer. Até de chamá-la “realidade” já é demais. Porque realidade não conhece realidade, como Coração não conhece Coração.

Não existe nenhuma diferença. Não há diferenciação do “eu”, o “eu sou” e o “eu sou assim – e assim”. Em tudo isso, mesmo na separação, não há realmente separação, na unidade não há un-dade, e no ser-“eu” não há ser-“eu”. Tudo isso [polegar, indicador e dedo médio] são idéias. Mesmo o primeiro “eu”, a primeira palavra, o primeiro som, não passa de um reflexo d’ Aquilo.

Isto[polegar] nunca pode ser conhecido ou não conhecido, já que você é Aquilo. Esse conhecimento absoluto você não pode deixar, não pode perder, não pode ganhar, e não há nada a fazer com ele. Assim, quando Ramana diz para ser Aquilo que você é, ele está apontando para Aquilo que é Coração em si. Disso você não pode se esquecer e nem pode se lembrar.

Seja simplesmente Aquilo que você é. Mas não por conhecer ou não conhecer algo. Apesar do conhecer ou de não conhecer, você é Aquilo que é Coração, jamais por causa de algo. Isso chama-se “a falta de causa” em si, o ‘falso estado’, ou a ausência de estados da existência. Todos são nomes que chamam a atenção para Aquilo que você é.

Chega? Se algo não está claro, perguntam. Mesmo a clareza vem e vai, não se preocupam. Você é apesar de clareza e não-clareza o que é, não por causa. Assim mesmo essa compreensão pode vir agora, ou não, pois até a compreensão vem e vai embora. Mas você pode experimentar essa experiência absoluta de ser o que você é - apesar de compreender, não por causa. Aqui, agora, você é apesar de qualquer idéia que tem ou não tem do que você é. Qualquer imagem que você forma de si,- você é o que é apesar dessa imagem, não por causa dela. Então que venha. Certo?

[O moço assinala que sim]

TOMAS: Agora, Karl, em que se baseia este conhecimento do qual você fala?

KARL: Baseia-se na experiência do “eu sou assim-e-assim”; baseia-se na experiência do

“eu sou”; baseia-se na experiência de luz. E havendo aí uma experiência de luz ou “eu” ou *Om*, Aquilo que é o experimentador absoluto tem que ser anterior a tudo isso. Nada mais.

Baseia-se na experiência de que tudo que você pode experimentar, não pode ser o que você é. Assim mesmo essa luz primordial como primeiro “eu”, a primeira noção de existência, é uma experiência. Você enquanto experiência absoluta, tem que ser anterior a essa experiência, mas sem sabê-lo, ou seja, simplesmente sendo anterior a tudo que pode experimentar. Portanto não é como quando você conhece ou reconhece algo. É uma total ausência de conhecer ou não-conhecer.

TOMAS: Mas existe alguma diferença entre o seu saber disso, e digamos, o meu saber disso?

KARL: Não tem *meu* saber. É essa a diferença. Tem aqui uma total ausência de alguém que sabe ou não sabe. Nunca houve um sabedor ou um não- sabedor. Portanto não há diferença nenhuma entre o meu saber e o seu saber, porque não existe nem meu saber nem seu saber.

TOMAS: Eu sei, mas isso não é também um saber? É algo como essa coisa que você diz, deque tudo isso são indicadores.

KARL: É você quem está fazendo a diferença, não eu. Eu não vejo qualquer diferença. Para mim, você é Aquilo que é Coração, como eu o sou – Coração em si. Falo mesmo somente para Aquilo que é Coração em si. Mas sem conhecer Aquilo que é Coração, simplesmente sendo o que é. Não é uma forma ou não-forma ou alguma idéia. Eu nunca falo com uma idéia ou uma imagem qualquer. Eu falo com Aquilo que é. Eu. Não com uma idéia de mim mesmo.

TOMAS: E não precisa haver alguém que sabe disso?

KARL: Não sei se você precisa saber disso. Isso você não pode *não* saber. É este o ponto. Esse saber você é. Isso você não pode perder. Então já que você nunca perdeu esse saber, não pode recuperá-lo. Só isso. Como você é esse saber, você não pode *não* sabê-lo.

Você é esse conhecimento absoluto d’Aquilo que é Coração, e esse conhecimento absoluto você não pode ganhar, pois você nunca o perdeu. Assim o que for que você fizer para recuperá-lo, estará afastando-se dele, nada mais, nada menos. Já por ter a idéia de que pode acrescentar algo ao que você é ---

TOMAS: Sim, mas a minha pergunta é – o que você acaba de dizer, não é um conhecimento? E até que ponto é diferente de um conhecimento, digamos, intelectual? Você diz que se baseia nesta experiência, mas a coisa definitiva você não pode experimentar, portanto não pode basear-se em coisa alguma.

KARL: Aquilo é a experiência absoluta – Aquilo que você é, não pode experimentá-lo. E essa não-experiência absoluta também é uma experiência. É um saber absoluto, mas sem alguém saber ou não-saber. É uma total ausência de alguém que sabe ou não sabe, assim é apesar de qualquer vai e vem. E isso é o significado de “Nada jamais aconteceu para Aquilo que você é”.

Aquilo que é, não uma imagem, não um objeto, nem nascido nem não-nascido – tudo que se pode dizer, não o é –, o que é que pode acontecer para Aquilo? Nada jamais aconteceu

para Aquilo que é você, ou Coração, ou como queira chamá-lo. Mas esta é uma experiência absoluta, de ser esse Absoluto que em cada momento dado, anterior até a Adão e Eva, anterior mesmo ao início do universo ou o que for, é Aquilo que é.

TOMAS: Mas não tem ninguém que experimenta isso?

KARL: Não tem um experimentador como alguém separado, mas tem um experimentador absoluto, como Aquilo que é. Não se trata de uma experiência pessoal ou impessoal. Simplesmente isso está se experimentando a si mesmo, sendo Aquilo que é anterior a tudo que pode ser experimentado, sendo Aquilo que é anterior até ao próprio experimentar, sendo esse Absoluto -- - Isso é um indicador. Não quero enquadrar nada com essas palavras. Simplesmente aponto para Aquilo que você é, já que você não pode captá-lo de nenhuma maneira. In- captável. “Capta-me se puder”.

Há diferenças entre Tomas e Karl – todas as diferenças de forma e não-forma, ou do que for, do saber e do não-saber, mas n’Aquilo há um ‘stop’ total para todas as diferenças. Assim, para o que você é, todas as diferenças não fazem diferença. Portanto há diferenças, mas não há.

TOMAS: Entendo tudo isso. Só não entendo até que ponto esta compreensão pode ser dita de basear-se em experiência ou, digamos, em indicadores.

KARL: É uma não-experiência. Não se baseia em experiência nenhuma. Baseia-se na ausência absoluta de qualquer experimentador.

TOMAS: Mas você precisa saber isso, - veja, pois do contrario, como poderia falar disso? Como no caso dos indicadores. Você precisa saber para o que você aponta.

KARL: Preciso *ser* Aquilo, e ser Aquilo é sabê-lo absolutamente.

TOMAS: E como sabe que você é Aquilo?

KARL:[rindo] Não tem “eu” que sabe ou não sabe. Este é o ponto. Tem uma total ausência de um “eu” que sabe ou não sabe. Isso eu não posso perder e nunca o ganhei. Não posso perdê-lo de novo porque nunca o ganhei. Eu não preciso sabê-lo. O conhecimento precisa de mim para saber ou não saber. Eu não preciso do conhecimento para ser aquilo que é anterior ao conhecimento.

TOMAS: Tudo bem, mas nesse sentido, ninguém é diferente.

KARL:[rindo] E eu disse que alguém aqui é diferente? Eu disse, “Você é quem faz a diferença, não eu.”

TOMAS: Bem, eu estou só tentando ter uma idéia da diferença.

KARL: E tentando ter uma idéia da diferença, você cria a diferença.

TOMAS: Certo.

KARL: Ao tentar imaginar a diferença entre você e mim, você já faz a diferença. Eu não tenho idéia disso. Há diferenças, mas elas não fazem nenhuma diferença. Só isso. Este paradoxo você não pode resolver.

TOMAS: Umm-humm.

KARL: Este *koan* você tem que ser. Então fazer o que? Tudo bem.

KAATJE: O espírito saiu.

KARL: Fuu-uu! O espírito ignorante saiu?

KAATJE: Bem, custou-me muito tempo para entender o que isso significa. Ele nunca esteve aí dentro.

KARL:É isso é a única saída mesmo, de ver que jamais alguma coisa esteve dentro de algo. Assim continua não tendo saída, mas não tem absolutamente nenhuma necessidade de haver uma saída, porque nunca ninguém esteve dentro. Então fazer o que? Sim, isso é o espírito na garrafa, não é?

KAATJE: Sim.

KARL: É um especialmente holandês, hmm?

KAATJE: Sim, estive pensando e pensando --

KARL: Como esse espírito pode sair? [os dois riem]

THERESE: Como o espírito entra aí?

KAATJE: Bem, ele cresceu dentro da garrafa.

KARL: O ponto é este. Você pode imaginar que ele vem de não sei onde e ficou crescendo dentro, e agora como faze-lo sair dessa garrafa? É como você,tendo nascido num determinado quadro, um quadro de tempo, e então você é uma pequena célula ou qualquer coisa criada, e cresce nessa garrafa, mas como pode então sair da garrafa?

[Kaatje ri]

Assim você volta à questão, "Será que alguém realmente nasceu?" Nessa informação, nessas imagens surgindo e crescendo e se transformando – tem realmente alguém que nasceu nisso? Isso é como "Quem sou eu?" Quem está aqui, agora,que realmente nasceu? É isso aqui o que eu sou?

Quando Ramana estava deitando-se e questionando a si mesmo sobre o que iria acontecer quando ele morresse, quando o corpo acaba, e todas as idéias acabam, tudo que pode acabar – o que acontece então com Aquilo que eu sou?— então êle teve essa experiência da vida em si. Isso que é vida em si independe de qualquer imagem ou idéia de ter nascido ou não nascido, de conhecer ou não conhecer,de tudo que se pode imaginar, e apesar disso você é Aquilo que é vida, que é Coração em si.

Isso é uma experiência tão absoluta, essa absoluta liberdade ou independência de experiências, sendo livre de qualquer imagem ou idéia do que você é, absolutamente independente disso. Isso é uma experiência absoluta, mas não é uma experiência d'Aquilo que você é. Trata-se simplesmente de experimentar que, mesmo na absoluta ausência de tudo que se pode experimentar, você ainda assim é o que é. É somente disso que eu estou falando, de nada mais.

Não é a experiência de algo que eu sou. É uma experiência de que, apesar de tudo que vem e vai, apesar de tudo que pode ser conhecido ou não conhecido, eu sou o que eu sou. Nunca por causa de algo.

Quando você entra nessa luz do Arunachala, a primeira luz da existência, das noções, o centro do universo, e você vê [como ví], que Arunachala ainda é algo depois de mim,

porque eu não sou isso, - eu sou anterior a isso, -- então isso é um indicador absoluto de que você é Aquilo que é Arunachala, mas você não é Arunachala.

Você é Aquilo que é luz, mas você não é luz. Você é Aquilo que é sem forma, mas você não é sem forma. Você é Aquilo que tem forma, mas você não tem forma. Nada existe sem Aquilo que você é. Mas Aquilo que você é, você não vai jamais descobri-lo.

## **Caso acordar, não o toma pessoalmente**

JAMES: Parece que estou me lembrando que no passado você disse que “viu” isso.

KARL: Estou vendo-o agora.

JAMES: Bem, o que é isso que vê?

KARL: Não tem “o que”. Porque tudo que você fizer disso, vai ser uma experiência.

JAMES: Sim. Então é o sujeito.

KARL: Nem mesmo o sujeito. O sujeito é algo que você pode descrever, pode enquadrar. Mas mesmo a testemunha é testemunhada por Aquilo.

JAMES: Sim, sim. Anterior à testemunha.

KARL: A tudo que você diz.

JAMES: Assim, se voltamos no tempo --

KARL: Voltar no tempo? Oh, isso é duro. Para isso, temos primeiro que imaginar “tempo”.

JAMES: Bom, então se imaginarmos tempo, e imaginarmos um “Karl”----

KARL: Imaginar “Karl”, ah sim, isso é duro. [risadas]

JAMES: A certa altura, algo aconteceu, teve uma cena qualquer que se passou. Não ao “Karl”, mas dentro da referência do corpo-e-mente ---

KARL: Você quer dizer que a certa altura teve um pequeno “Aham! Nada jamais aconteceu com Aquilo que você é.”

JAMES: Em que sentido? Isso foi visto, sentido, ou ouvido?

KARL: Não. Foi simplesmente um “Aham!” E então você toma outro café. Nada de especial.

THERESE: Tomo tantos cafés ultimamente! [risadas]

Um MOÇO: Aham! Café!

KARL: Isso é o problema com os caçadores de experiências. Eles querem sempre ter uma bem ‘biggue’ [\*grande]. “Se eu quisesse, eu teria um bem grande. Fogo de artifício da existência. Então a existência tem que me festejar, quando eu tenho a minha experiência!”

MOÇO: Orgasmo cósmico.

KARL: Ah sim, o orgasmo cósmico que todo mundo procura.

FRANCESCO: Por um minuto.

MOÇO: Lindo.

JAMES: Ao mesmo tempo, com todos esses mestres, mestres iluminados do passado, sempre houve um acontecimento, um aparente acontecimento, que teve lugar dentro do tempo ou fora do tempo. Ramana fala sobre essa percepção de que ele iria morrer logo, e depois viu que não iria morrer, e outros têm tido experiências semelhantes.

KARL: Sim, mas logo êles enfatizam que não houve nenhum antes e nenhum depois, porque todas as idéias de tempo, de coisas que vêm e vão e acontecem, tinham sumido absolutamente. Essa experiência que de n'aquilo que é vida em si, não há nenhum vir e ir, não houve nem antes nem vai haver depois. Assim, seja quando for que este momento acontece no tempo, não existe mais tempo. Nunca existiu. Portanto não tem aí nenhum acontecimento especial. Porque isso é um não-acontecimento. Nada acontece! Mas é tão bonito, justamente isso, que não acontece nada.

JAMES: Não entendo isso. Quero dizer, eu tive experiências no passado ---

KARL: Você colecionou experiências, só isso.

JAMES: E depois dessas experiências, a minha realidade mudou.

KARL: O que estou dizendo é que por esta experiência, nada vai mudar. Pensar que houve a *minha* experiência, e a *minha* realidade está mudando por *minhas* experiências— que idéia é essa? Você cria uma estória. Você toma até o atingir da iluminação como algo pessoal.

JAMES: Sim, bem, é isso o que fazemos, não é?

KARL: Você não pode fazer outra coisa. De maneira alguma. Mas sempre digo, quando você morrer, não o toma pessoalmente. [risadas] Sim, mas é isso do que estou falando. Se algum fogo de artifício de se ficar iluminado tiver que acontecer, não o toma pessoalmente. É nada mais quemais uma experiência entre todas que você pode fazer, só isso. Se você acordar, não o toma pessoalmente! [ri] A cada manhã, você pode fazer isso — quando acorda, não o toma pessoalmente. Só isso.

JAMES: Eu sei que são nada mais que nomes, mas algumas pessoas têm a idéia que há duas coisas aí, a 'realização de Si', e o 'chegar a ser iluminado'.

KARL: Alguns têm essa idéia, sim.

JAMES: Você não vê isso, é claro. -Da perspectiva absoluta, não, mas da relativa, tem isso?

KARL: E qual é a diferença aí? Você pode fazer uma diferença se quiser. Pode dizer que 'ficar iluminado' é um ir do "eu sou assim-e-assim" para o "eu sou". O *Satori*, indo da identificação para a não-identificação, você pode encará-lo como 'ficar iluminado'.

Pode até dizer que ficar iluminado é ter uma experiência dessa luz, ou uma experiência de que você é luz e que tudo o mais é ilusão. Então você anda por aí como luz. "Eu sou real, e todo o resto não é." Assim você cria o seu terreno de pouso nisso que se chama "luz". E então tem um iluminado aí que vê todos os não-iluminados em volta. Assim você fica na consciência de Deus e vê somente porcos sentados à sua volta.

JAMES: Assim você pode ser um *avatar*, ou algo assim.

KARL: Qualquer coisa.

JAMES: Mas e o que da ‘realização de Si’?

KARL: ‘Realização de Si’ eu chamaria a realização de que Aquilo que é o Si é eternamente realizado e não precisa de ninguém para realizar algo. Mas isso não é a realização de alguma coisa, - é uma não-realização. Isso é a realização de que a existência, com certeza, não precisa ser premiada para realizar o que é existência.

JAMES: E quando você diz que não tem vantagem nisso, você realmente acha que da perspectiva de Si, não tem vantagem.

KARL: De que outra coisa posso estar falando? Deveria eu chegar no nível “do outro”? [risadas] “Por favor venha para o meu nível para que possamos conversar! Por favor me confirma como nível. Por favor me confirma como idéia, senão eu não posso existir como idéia. Cuida de mim, por favor!”

FRANCESCO: Eu gosto disso!

JAMES: Bem, de certa maneira, acho que é isso que alguns de nós gostariam.

KARL: Sim, todo mundo gosta disso.

JAMES: Bem, vejo que você está falando a partir do Si --

KARL: Não, não estou falando a partir do Si.

JAMES: Você é o Si falando para o Si, certo?

KARL: Eu sou o que Buddha dizia – existe uma pregação, mas nenhuma palavra está sendo dita, para ninguém.

JAMES: Desse lado aqui isso é duro de acreditar.

KARL: Acreditar? Se Aquilo é o que você é, e quando você vê isso totalmente, que nada jamais acontece – essa irrelevância é o paraíso. Todo o resto é escravidão, é ser escravizado pela importância que você dá ao que diz, de como poderia colocá-lo mais claramente em palavras, de se alguém o entende ou não. Oh meu Deus. Talvez você pode transmitir com palavras ou só com os olhos o que você é.

Como, “Realmente, você me enche.” Em alemão dizemos “*Du gehst mir auf den Sender*”. [\*você me vai na emissora]

Uma MOÇA alemã: “*Wecker*”! [\*despertador]

KARL: Você me vai no despertador ou no meu relógio. Eu diria, “Eu sou o seu despertador. Agora estou tocando. Você precisa acordar!” [risadas] Então, questão final.

JAMES: Questão final.

KARL: Soa promissor.

JAMES: A questão final---

KARL: Alguma vez vão chegar lá? [risadas]

FRANCESCO: Não tem jeito! Não hoje. Talvez amanhã.

JAMES: Isso não me interessa. Por que iria *eu* querer chegar lá, certo? Questão final, por agora. Num sentido relativo, parece ter uma progressão no tempo para o buscador. Concorda com isso? Você sabe, de se chegar a ter mais atenção ou estar mais em paz.

KARL: Eu diria, quanto mais você busca, mais estúpido se torna.[risadas] Quanto mais pensa de estar colecionando experiências na sua assim chamada estória de vida de um buscador, mais estúpido você fica. Quanto mais conhecimento relativo em quantidade você ganha na busca, tanto mais tem que carregar consigo, o que é estúpido. Assim, quanto mais você busca, mais experiência tem que carregar em volta do pescoço. Mesmo com essa pérola da iluminação no pescoço, que você quer repartir e que então precisa polir e cuidar, - a quantidade de sua ignorância está crescendo.

JAMES: Tudo bem. Mas isso é bem deprimente, não acha?[risadas]

KARL: Quando dois ouvem a mesma coisa, para um ela é deprimente, para o outro é totalmente relaxante.

JAMES: Sim, sim.

KARL: "Aleluia! Tudo isso para nada. Graças a Deus." Ou, "Tudo isso para nada? Pobre de mim!" Você nunca sabe o que vem. [risadas]

JAMES: Assim, num certo sentido, não há iluminação, não há realização, só há um desistir da busca.

KARL: E quem pode desistir da busca? E quem precisa da vantagem de desistir da busca? Mais uma idéia estúpida! Você multiplica estupidez com estupidez, ignorância com ignorância, só isso. Tudo que fizer, tudo que não fizer ---

JAMES: E chega-se num ponto em que você pode acumular tanta estupidez que --

KARL:[rindo] Que acaba explodindo de tanta estupidez?[risadas] Soa esperto. Mas ainda é estúpido.

JAMES: Bem, vou ficar calado.

THERESE: Não!

FRANCESCO: Não, por favor não faça isso!

KARL: Soa promissor, mas não lhe acredito.

FRANCESCO: Todo o tempo você diz, "sim, você quer, você quer, você quer." Mas está nas minhas mãos de querer?

KARL: Que mãos? Mãos de quem?

FRANCESCO: Oh, Deus, já entendi. Não é hoje.

KARL: Não hoje?[risadas] De toda maneira, o que é seu?

FRANCESCO: Eu não sei.

KARL: Você vê? É para isso que eu estou chamando a atenção.

FRANCESCO: Às vezes você diz, "O que você quer fazer?" Mas se não está nas minhas mãos, por que pergunta o que eu quero? Não quero nada!

KARL: Não tenho idéia do que você quer.

FRANCESCO: Então eu vou para casa e – Não, esqueça. Não vou para casa. [risadas] É complicado demais.

KARL: Oh, Francesco!

FRANCESCO: Ah, eu estou feliz. Não sei onde, mas isso eu sei.[risadas]

KARL: Isso soa promissor. “Estou feliz, não sei onde ou por que, mas –“. Sim, isso é bom. Então simplesmente seja Aquilo que você não conhece. [ri] Isso soa bem feliz. E em realidade isso é felicidade, a felicidade que não sabe se está feliz ou não feliz.

FRANCESCO: Não sei de nada. Isso é o problema.

KARL:Não, o problema não é isso. Que tem aí alguém que quer até saber de nada ainda mais, é esse o problema.

FRANCESCO: É tão difícil falar com você. Muito difícil. Pesa tanto. Este cara vem aqui hoje de manhã para lhe perguntar qualquer coisa, e banguê-banguê-banguê[imita tiros de revólver] - em cinco segundos!

JAMES: Eu já me acostumei com isso.

KARL: Sou um camponês! Eu tenho que cortar tudo duma vez.

FRANCESCO: Você poderia ir mais devagar! [risadas]

JAMES: Existe uma técnica, Francesco. Veja como fazer. Conforme a resposta que você quer, você sugere a coisa oposta, e então Karl lhe diz --

FRANCESCO: Sim, sei disso. Mas eu sempre esqueço-o.

JAMES: Assim, se você quer que haja iluminação, você diz, “Karl, não há iluminação, certo?” Então Karl diz, “Sim, tem iluminação!” [risadas]

FRANCESCO: Ele muda. De estúpido, ele vem vindo.

JAMES: Agora você me fez dizer estas coisas!

KARL: Eu fiz o que?

JAMES: Nada. Eu nunca disse isso! [risadas]

CHARLES:[para Karl] Ele está dando aulas de como entender você.

KARL: Na Holanda tinha um que dava pre-*satsang*.

FRANCESCO: Oh, boa idéia.

KARL: De como comportar-se, o que fazer, como vestir, como achar uma alma gêmea no *satsang*, e assim por diante.[risadas] Mas agora ele se deu melhor, com um templo de *tantra*. Do pre-*satsang* para o templo de *tantra*. Fantástico. [para Francesco] Mas pre-*satsang* soa bem, não?

FRANCESCO: Acho que é bonito. De entender se é possível fazer uma certa pergunta ou não -

THERESE: E um pós-*satsang*.

KARL: Ou um pós-*satsang*. [rindo] ‘Como sobreviver ao *satsang*’. Soa realmente bem.

CHARLES: Ai você precisa de um hospital.

FRANCESCO: É o meu *karma*. Fazer o que?

KARL: *Karma*. Karl-ma.

FRANCESCO: Quietos. Em italiano, ‘karlma’[\*ital.pronunciado= calmo] significa “quiet”. Calmo.

KARL: Agora, Francesco, o seu novo nome é Karlmo.

## **Há medo sim, mas ninguém tem medo.**

JAMES: Karl, você diria que, num sentido relativo, isso que está acontecendo aqui significa algo? Acima e além do simples divertimento?

KARL: Absolutamente.

JAMES: Bem. Fala mais sobre isso.

KARL: Eu diria que, se faltasse apenas uma palavra no que digo, não haveria existência. Cada palavra tem que ser dita para que a existência pode ser tão absoluta como a existência é. Todo e qualquer aspecto da existência que está aqui, agora, torna a existência completa. É como se você tirasse um grão de areia do universo, isso iria destruir o universo inteiro. Se se pudesse evitar de dizer uma única palavra que fosse, poderia - se destruir a existência inteira.

Cada idéia, cada palavra, contém a totalidade em si. Portanto, quanto a isso, faz sentido absoluto, mas não sentido relativo. Há uma ausência de vantagens ou desvantagens, mas nesse sentido absoluto, tudo que é *tem que* ser como é, para que existência pode ser como existência é. Faz sentido absoluto. Mas quem precisa desse sentido?

JAMES: E cada um dos que estão aqui tem que estar aqui?

KARL: Não tem ninguém mesmo que está.

JAMES: Ah sim, bem ---

KARL: Toda idéia que algo *tem que* existir como essa forma, como esse aspecto da existência, para que a existência pode ser esse Absoluto que existência é, é ignorância. Ninguém está mesmo em existência. De modo que existe uma necessidade absoluta, mas nenhuma necessidade relativa disso.

Porque Aquilo que é existência, é o Absoluto, e requer que toda realização, toda imagem, tem que ser tão absoluta como essa Fonte. Portanto qualquer reflexo é tão absoluto como Aquilo que está refletindo-se a si mesmo. E se faltasse apenas um reflexo, nem mesmo haveria Aquilo que você é.

Há somente Coração absoluto e a realização absoluta d’Aquilo que é Coração. E nessa realização absoluta, tudo que precisa existir *tem que* ser – exatamente como é --, para que Aquilo que é Coração *seja* Aquilo que Coração é. Portanto isso é aceitação absoluta, mas aí não há nada para ser aceito. É este o significado total da expressão “nenhuma saída”,

que cada palavra precisa ser dita exatamente como está sendo dita nesse momento. Em qualquer momento dado, tudo precisa ser como é, para que Aquilo *pode* ser como é.

Portanto precisa ter um Bush, precisa ter um Bin Laden, precisa haver todas essas idéias, todos esses personagens de sonho –precisa ter esse filme para que a existência pode ser o Absoluto que é. Assim não há absolutamente dúvida nenhuma que tudo que é, *tem que* ser como é. Do contrario, não existiria. Para alguns, isso é bem tranquilizador.

JAMES: Sim, tem uma certa liberdade nisso.

KARL: De cara, isso traz bastante paz. É uma paz mental, parar falar d’Aquilo que é, e simplesmente ver isso, mesmo que seja intelectualmente, mesmo com esse espírito que tem uma compreensão vertical disso. Tem que ser como é, para poder ser como é.

TOMAS: Ainda assim, não faz nenhuma diferença se você compreende ou não.

KARL: O bonito é isso, que não faz diferença. Se fizesse diferença, você poderia desta maneira controlar Aquilo que você é. Se fizesse diferença, você realmente estaria num inferno. Sempre que tiver a idéia que faz diferença você está num inferno.

Mas ao ver que tudo que aparece, mesmo a paz mental, não faz diferença para o que você é, isso é o paraíso. Então você é *apesar* da paz mental ou da não-paz mental, e não por causa de algo. Portanto, mente vazia ou mente não vazia – quem se importa? Apesar duma mente em branco ou não em branco, você é o que você é.

TOMAS: Apesar do paraíso ou do inferno, você é o que você é.

KARL: Apesar da idéia, você é o paraíso.

TOMAS: Mas sabendo de alguma maneira que nem isso faz diferença.

KARL: O bonito é isso. Divirta-se.

TOMAS: Bem ---

KARL: Ahh, é bem duro!

TOMAS: Não consigo divertir-me com isso. Logo tudo começa de novo.

KARL: Então o que?

TOMAS: Não, nada de “o que”!

KARL: Vai sempre recomeçar, muitas vezes. Você nunca vai achar o fim disso. Então qual o problema? Divirta-se! “Mas logo vai começar tudo de novo.” Ainda o medo. Por que você tem medo de si mesmo?

TOMAS: Não sei.

KARL: Como pode ter medo de si mesmo?

TOMAS: Como posso *não* ter medo de mim mesmo?

KARL: Porque não tem nenhum Si a temer.

TOMAS: Certamente, é ótimo entender isso, mas não faz diferença. Quero dizer, se eu não tenho escolha, como você pode me dizer para fazer algo?

KARL: Quem aí não tem escolha?

TOMAS: Não sei.

KARL: Você vê? O que você não sabe, você teme. Ter medo de algo que você não sabe – que idéia!

TOMAS: Mas independentemente disso tudo, não tem outra opção.

KARL: Aquilo que você não conhece – não um objeto no tempo ou algo assim – está com medo do que você não conhece.

TOMAS: Certo. Mas você acabou de explicar que tem que ser desta maneira para que a coisa toda seja como é.

KARL: Não. Atodos os medos precisam existir, não é esse o problema. Mas não existe ninguém que tem medo. Como você disse agora, você não sabe o que é que tem medo e nem do que está tendo medo. Há medo. E daí? Não faz diferença. Ha-ha-ha. Você disse há pouco que “é preciso ter medo. Senão, eu não me divirto. Porque logo tudo vai recomeçar.” [ri]

JAMES: Ele tem a sensação de existir como um indivíduo separado.

KARL: Até aí você pode ir com o intelecto. Até este ponto de compreensão você vai, e então vê – não faz diferença. Graças a Deus! Mas primeiro, pode ser que fique bem deprimido. Porque você fez tanto para conseguir essa compreensão, e então você vê – foi tudo para nada. Merda! Toda essa busca, toda essa compreensão, para nada. Merda de novo! De novo deu errado! Haa-ha-ha.

E então eu fico sentado aqui dizendo-lhes, “Oh, mas o bonito é justamente isso!” O que você é não pode ser controlado por nenhuma compreensão ou intuição. O bonito da liberdade é justamente isso-- que por nenhum compreender ou ‘insight’, por nenhuma maneira de captá-lo, por nenhum contrôle de um sistema de idéias, isso pode ser controlado. É isso que sempre volto a afirmar que apesar de compreender, apesar de qualquer sistema de contrôle, você é - não por causa disso.

ROSA: Acho que precisamos de um pós-*satsang*. [risadas]

KARL: James vai dar um bom pós-*satsang*. James vai repartir as roupas dele. São James sempre está repartindo suas roupas de conhecimento.

FRANCESCO: E o que eu deveria fazer hoje?

KARL: Como assim?

FRANCESCO: O que eu posso fazer hoje durante o dia?

KARL: Que dia?

GEORG: Uuh oh.

KARL: Nesse meio tempo, o que é que eu faço?

[uma moça começa a rir descontroladamente]

FRANCESCO: Isso é terapia!

[Isso faz a moça rir mais ainda. Todos entram na risada]

KARL: Depois do *satsang* ela vai contar.

[A risada descontrolada dela continua por mais alguns minutos.]

KARL: *Ich warte auf dich* [\*espero por você]. “O candidato fez cem pontos.”

FRANCESCO: Você está começando de novo.

ROSA: É isso o que se chama “engolir”?

KARL: Chama-se? É um centro de chamadas. Sou um centro de *recall* [\*de chamadas de retorno,-de se lembrar].

Um MOÇO australiano: *Total Relembração*.

KARL: Você foi engolida por uma total relembração.

ROSA: Me dá medo.

KARL: Sim, isso aqui é um ‘monster show’ [\*espetáculo dos monstros]. Todos esses fantasmas! [risadas] Sim, *Rocky Horror Picture Show* de novo se apresenta. Mas a música é bonita, não? Fantasmas realmente sabem dançar.

ROSA: O espírito saiu.

KARL: O espírito saiu, e você vê que ele é um fantasma. No momento em que você vê que é um fantasma, o espírito saiu.

KAATJE: Assim é.

KARL: É por isso que é chamado de “um espírito” [\*ingl. ghost], porque ele vai embora [\*ingl. goes]. ”*Go-oh-st.*” [\*vai-oh-st..] [risadas]

JAMES: Essa é uma nova, Karl?

KARL: Não, já venho contando-a por algum tempo. [risadas]

JAMES: Você sempre tem algumas em reserva, hein?.

## **Mesmo a idéia de um *jnani* é ignorância**

JUAN: Karl, não é que aquele que toma consciência precisa chegar neste ponto de esgotamento do qual você falou? ”Eu procurava e não havia nada para se procurar.”

KARL: Não.

JUAN: Mas todos os que tomam consciência praticam muitos *sadhana* ou técnicas antes dessa realização.

KARL: Estou lhe dizendo, nunca houve sequer um realizado.

JUAN: Mas não faz diferença para um indivíduo dado se ele vê TV por toda a vida ou se vai a *satsangs*?

KARL: Não. Nenhuma diferença.

JUAN: Existe uma possibilidade para esta pessoa que vê TV de chegar à realização de si?

KARL: Os dois poderiam. Ambos têm a mesma capacidade, nenhuma. Entre ambos não tem diferença, porque por nenhuma das duas você pode ‘realizar’-se. Quando

perguntaram a Ramana o que tinha sido a ‘realização’ de Ramana, ele disse que jamais houve um Ramana que realizou qualquer coisa. Aquilo que é o Si, é eternamente realizado, portanto não há nada para realizar.

Mas neste não-evento, de ver que Aquilo que é existência é eternamente realizado e nunca precisa de maior ou menor ‘realização’ de alguém – nesse momento, não houve jamais alguém que esteve não-realizado. Isso é tudo. Você se dá conta de que não há nada para ‘realizar’. Assim não sobra nenhum não-realizado, porque nunca houve quem não estivesse realizado.

JUAN: Mas para poder chegar nesse ponto, parece que para o indivíduo tem um certo trabalho de acumular energia.

KARL: Tudo isso faz parte dessas interações da consciência.

JUAN: Mas eu nunca ouvi de alguém que ‘realizou’-se em frente a uma TV!

KARL: Ôh, tem até um artista plástico, Nam June Paik, da Coreia. É um grande artista --

FRANCESCO: E você viu isso?

KARL: Sim, ele faz um Buddha sentado em frente a uma tevê, uma tevê vazia. Ele sempre está fazendo esculturas de Buddha sentado frente a uma tevê. Significa algo como *Zazen*, como não tendo nada para ‘realizar’.

É duro de ver que tanto faz o que você fez ou não fez, e apesar disso, você é. Você não pode fazer, de nenhuma maneira. Mas de ver isso --- isso é a maneira de ver que absolutamente não tem saída disso. Por nenhum compreender, por nenhum antes e nenhum depois, você é.

Chamam isso de “ acidente divino”, mas não é um acidente. Chamam-no assim simplesmente para dar um nome. Significa que o Si está ‘realizando’ Aquilo que é, sem nenhuma idéia de antes e depois, e sendo o que é - apesar de tudo que está sendo feito por qualquer pessoa ou objeto ou consciência, de fato apesar da consciência.

Assim, tudo que você pode ‘realizar’, tudo que se encontra no âmbito da consciência, - você é apesar disso. Tudo que aparentemente acontece está no âmbito da consciência, do “eu sou”, do vir e ir, do Criador e da criação, - tudo aquilo que é consciência, como a manifestação da existência. Agora, para ver que você é apesar de tudo isso, apesar mesmo da existência, para isso não existe preparação. Você não pode se preparar para ser você mesmo. Isso é simplesmente a experiência absoluta de que nada jamais se passou com Aquilo que você é.

E isso apesar de qualquer experiência que você teve ou não teve antes. Se eu agora lhe digo algo que pode fazer – que por causa de uma experiência que você teve antes, de luz e disso e daquilo, que por isso você é o que é --- você continuaria a procurar por algo mais. E essa procura não leva a nada. Mas também não pode *não* procurar. Você precisa da busca. Vai haver a busca. Vai haver ansíios. Mas apesar da busca, dos ansíios, de tudo que puder experimentar, você é.

Vai acontecer numa fração de segundo[\*one split second] como efeito colateral de algo – assim de passagem, “Ahm!” – e então você toma outro café, porque não houve nenhum acontecimento. Isso não tem absolutamente nada a ver com a existência do modo que

você a conhece. Assim você não pode criar nenhum esquema ou uma religião para isso. Todas as religiões, todas as táticas, todas as técnicas que usa para sair do ‘tique-taque’, tudo isso faz parte do ‘tique-taque’ do tempo. Por nenhuma tática você consegue sair do ‘tique-taque’.

Agora, isso é como um pequeno ‘tique’—nada mais. Não há nem mesmo tempo, nem idéias, nada que vem, nada que vai --- então fazer o que?

Mas tudo que você alcança por um esforço qualquer, por uma técnica, disso você faz uma religião, e criando uma religião, uma técnica, uma compreensão qualquer, você faz disso algo pessoal. Fica sendo a biografia de um despertar. E então você talvez diz, “o meu ensinamento está ficando mais e mais claro”, ou algo assim. Tudo que diz vem dessa “*minha* compreensão”, “*minha* realização. Mas continua sendo ignorância. Assim você acrescenta constantemente ignorância à ignorância, porque por mais experiência que você tiver, mesmo essa experiência “divina” de amor, é tudo ignorância.

Aquilo que você é, você não pode experimentar em *nenhum* sentido. Você não está nunca em qualquer sentido. Assim mesmo essas experiências “divinas” ou sei lá, de bla-bla-bla e luz deslumbrante e fogos de artifício—isso tudo não é nada. Imagens, sensações, sombras fugazes, mas não é a vida em si.

KLARA: Quer dizer, de alguma maneira você teve sorte de conseguir isso.[risadas]

Um MOÇO: De novo desde o começo!

Outro MOÇO: Vem cá, ainda falta uma hora.

KARL: É isso que você quer na próxima vida?

KLARA: Não sei, já que não tem saída. Eu poderia ser um homem de negócios.

KARL: Ou quem sabe, uma roupa de baixo.

KLARA: Ou um pássaro voando.

KARL: Ah, sempre coisas bonitas, claro. Talvez você vai ficar imóvel num lugar qualquer, sem nem saber que existe, como bactéria ou um vírus num nariz qualquer!

MATTIAS: Um nariz cheio de reencarnações de *sadhus*, humm? Será que depois de ver isso precisa-se tomar outro café, ou posso ter um *lassi*?[risadas]

KARL: Tanto faz. O que vem em seguida será o que vem em seguida. “Tomar outro café” só quer dizer que nada aconteceu e que você é apesar disso. Portanto, tudo que faz uma diferença na assim-chamada vida, aquela verdade que você encontrou e quer trazer para a vida—ah meu Deus! Então você quer definir o que é iluminação e o que não é, e como um sábio deveria se comportar, o que um sábio deveria perceber, e tudo isso ainda faz parte dessa ignorância de se construir quadros para tudo. Mesmo a idéia de um *jnani* é ignorância.

FRANCESCO: Êta dia bom!

KARL: Dia bom?

FRANCESCO: Fantástico.

KARL: Fantástico, tudo bem. Mas mesmo chamar isso de “ignorância” é ignorância.

Você não consegue sair da ignorância. E isso é lindo. Só que não faz nenhuma diferença se você é ignorante ou não, - e daí?

MATTIAS: Parece com os masoquistas; eles também gostam disso. É como se “*divirta-se com isso!*” “fosse outra forma de dizer “não tem saída”.

KARL: Não, você está numa relação “s-m”. ‘Self-masturbate’--- não, ‘self-masochist’? Alguns o chamam “master-bation”[\*mestre-baço] O mestre tomando um banho[\*bath] em si mesmo. Eu não disse masturbação, eu disse ‘master-bathing’[•mestre-banho]. Não me entendam mal![risadas]

KAATJE: Eu não fiz.

KARL: Não? Mas seria fácil! Então qual era a sua pergunta?

KLARTA: Não, não foi uma pergunta, só um ponto de vista.

KARL: Que eu estava ganhando na loteria, você disse?

KLARA: Sim.

Um MOÇO: Loteria divina.

KARL: Sim, mas não ganhei nada com isso. E isso é tão bonito! Você não ganha nada com isso. “Oh, você é o sortudo!”[risadas] A loteria do nada- ganhar. Você joga na loteria e fica feliz. “Oh, graças a Deus, não ganhei nada!” Tive seis certos, e nada no pote.

Outro MOÇO: É, eles retiram o ‘pote’.

KARL: Você não pode mais fumar?

MOÇO: Não, o pote do dinheiro![risadas]

KARL: Tudo bem, agora algumas perguntas sérias.[risadas]

FRANCESCO: Para um *guru* sério.

## **A pessoa é alguém que espera que isso tenha fim**

KLARA: Como se reconhece um verdadeiro *guru*?

KARL: Não pergunte a mim. Todo buscador sabe melhor que eu. Porque buscadores fazem *gurus*. De modo que é você quem manda. Pergunta a si mesmo, o que é um *guru* e o que não é.

Tem sempre essa discussão.”Oh, o meu *guru* é melhor do que o seu, com certeza, porque eu tenho um *guru* verdadeiro; você tem só um qualquer um. Aquele não é nada em comparação com este. Vai para esse aí e então você vai ver. Na presença dele—Ô meu Deus, aquele então! “Oi- ioy -ioy!” [risadas]

CHARLES: Quem sabe se a diferença não é, que um falso *guru* produz buscadores.

KARL: Você acha que falsos *gurus* têm discípulos?

CHARLES: Sim, eles fazem buscadores. Buscadores fazem *gurus*, mas *gurus* que fazem

buscadores, são um problema.

KARL: Dependência, você quer dizer?

CHARLES: Sim.

KARL: Nem isso é um problema. Mas têm muitos conceitos como este. Dizem que o *Satguru* vai desaparecendo na sua frente quando você se apaga nê. Assim ele nunca te deixa ficar dependente. Ele simplesmente tira de você toda a sua existência, para que você se torna Aquilo que é *Satguru*, que é o Si. Ele nunca vai tentar fazer de você um dependente em qualquer sentido, de uma compreensão ou de algo assim.

Se alguém chega dizendo, "Eu posso ajudar-lhe" – saia correndo. Todos que lhe dizem, "Eu posso dar-lhe algo, posso transmitir-lhe algo, posso fazê-lo 'pffff'---, ou providenciar-lhe alguma experiência",-- tudo bem, também é divertido, mas não vai ser Aquilo. Portanto tudo que cria mais dependência – eu não sei, claro, faz parte do espetáculo, mas se você quer chegar n' Aquilo que você é, isso vai apagar radicalmente tudo o que você não é. *Der Sensenmann wird kommen* [\*O homem com a foice – a Morte-- vai vir]. E então é *Zazen*. Mas tudo isso são conceitos. Eu não tenho idéia.

Você simplesmente se dirige Àquilo que é o mestre em si, e tanto faz o que encontra, vai ser o seu mestre. A cada instante, você já se encontra n' Aquilo que é o seu mestre. Portanto não se preocupa. Tudo que é vida em si está aqui agora, e sempre vai dando-lhe o conselho certo.

KLARA: Também estive pensando sobre isso, - e por que então escolhi estar sentada aqui? Deve haver uma certa força --

KARL:A totalidade está simplesmente colocando essa totalidade ali onde totalidade está sentada. É uma exigência total da totalidade, que você esteja sentada aqui.

KLARA: E de sentir- me tensa?

KARL: Você joga tênis?

KLARA:[rindo] Tem uma certa tensão no meu corpo.

KARL:Ah, você joga tênis demais ou demenos? [aponta um moço no grupo] Aí está um mestre de *Chi Gong* ; ele pode fazer a tensão sumir.

São tudo sensações, tudo que chega nessa consciência – movimento, vibração –sensações interagindo. Qual é a *sua* tensão? Não tem a "sua" tensão. Tem simplesmente uma tensão. Tem energia nessa vibração dessa experiência de sentir que ali tem uma tensão. Agora, o que é que há com essa tensão?

KLARA: Ela só está aí. Na verdade não é uma pergunta. Eu gosto de falar com você.

KARL:Está bem. Você tem uma pergunta?

JOAN: Sinto que estou me beneficiando simplesmente por estar aqui.

KARL: Ah,sim, eu tambem![risadas] É algo absolutamente benéfico de simplesmente ser o que é. Não há nada para acrescentar.

JOAN: Acho que sinto que minha mente precisa tentar pensar desta maneira mais e mais, praticar isso mais e mais.

KARL: Podemos conversar sobre essa necessidade inesgotável dessa mente. Como isso é tão absoluto como Aquilo que é existência, o que você chama de “mente”, que é o espírito, é inesgotável na sua auto-realização em toda e qualquer pergunta. Portanto vai sempre haver pergunta, resposta, pergunta, resposta, -- sem saída disso.

Esse Espírito Santo do “eu sou”, a consciência como “eu sou”, vai sempre criar. É um funcionamento dessa totalidade da consciência. Está criando cada instante como algo novo, novo, novo, novo— é infinito, inesgotável.

De modo que vai sempre haver mais uma pergunta, um desejo, uma busca, e isso e aquilo, formas e não-formas, e tudo isso. Se você realmente vê que não vai haver um fim disso, porque nunca houve um começo – informação, vibração, consciência, informação – então o que é que tem? Só existe uma pessoa enquanto houver alguém que tem a esperança de que isso vai terminar um dia. “Pela *minha* iluminação, pela *minha* ‘realização,’ eu vou parar isso.”

Mas se você vê totalmente que isso não vai parar nunca, porque nem mesmo tem algo que pode parar, isso já é uma relativa paz da mente.

Há uma mente, mas você não precisa dar importância, porque está vendo que apesar de tudo que faz, você não consegue parar algo que nem está aí, que nunca começou, que nunca vai terminar. Fazer o que? Eu só posso novamente apontar para esse Absoluto que você é, e que apesar da mente ou não-mente ou de qualquer idéia, você é, e jamais por causa de algo. Fazer o que com isso?

JOAN: É uma maravilha.

KARL: Não é nada mal. Mas o que conta é que não é nem bom nem mal. Você não pode decidir se isso é bom ou mal, e está muito bom assim. Therese! Ainda um fracasso feliz?

THERESE: Estou aguardando para ver se vai parar. Estou como --- ôh! –, bom demais para ser verdade?

KARL: Felicidade tem limites?

THJERESE: [rindo] Estou realmente aguardando.

KARL: [rindo] Você simplesmente fica quieta. *Steter Stand* [\*de pé, quieto, constante] Você talvez?

Um MOÇO finlandês: Eu?

KARL: Sim.

MOÇO: Acho que tanto faz o que vou dizer, você vai me barrar.

KARL: Jamais! Eu sou muito atencioso. “Não confia nele!”

MOÇO: É a minha primeira vez aqui. Estou só escutando. Penso que é realmente bom que você barra tudo o que eu estou pensando porque assim talvez eu posso atingir algo novo. Mas realmente não tenho nada bonito para dizer.

KARL: Não, dizer isso é bom. Você poderia dizer algo e não faria diferença. Toda pergunta que vem, com ou sem resposta, vai ser “pffff”.

Portanto veja essa ausência de perguntas que você é, simplesmente sendo Aquilo que é

anterior a todas as perguntas e respostas, e que nem mesmo precisa do complemento dessa pergunta numa resposta. Não há nem mesmo necessidade de uma resposta. A questão chega por si e vai embora por si, não por uma resposta qualquer. Portanto apesar duma resposta, ela vai de novo embora. Assim nem mesmo a pergunta "Quem sou eu?" precisa de uma resposta. Vai ficar aí por um tempo e depois vai sumir por si mesma.

MOÇO: Está bem.

KARL: Fazer o que?

MOÇO: Nada.

KARL: Simplesmente divirta-se, porque isso vai levar algum tempo. Alô! Tudo bem? Você tem alguma coisa? Só pescando.

## **O 'não-faço- nada' é quem faz mais**

ROSA: Não é uma pergunta, é só um pensamento.

KARL: Sempre começa assim, já sei.

ROSA: Meu objetivo ao vir para cá era – eu disse “era” – de acalmar a mente. Havia uma promessa para mim que este lugar, Arunachala, e Ramana, que tudo isso vai me ajudar— já sei o que você vai dizer!—mas que eles vão me ajudar. [ri] Portanto realmente não há nada a fazer, porque não tem ninguém que observa, não há nada a observar a mente, os pensamentos. Ou o paradoxo, que é tudo junto, o observador, o que está sendo observado, etc.

KARL: Tudo o que você disser.

ROSA: Sinto que meu objetivo é de não fazer nada para isso.

KARL: Ôh, isso ainda é um objetivo.

ROSA: Sim. Por isso eu digo, meu objetivo é – Tudo bem, não tem objetivo.

KARL: Tem objetivo, mas não tem objetivo. Tem tempo, mas não tem tempo. Tem desejo, mas não tem desejo. Então você diz o que? Você vem e você vê, e depois você vai e você vê.

ROSA: Então sentada numa posição de lotus e meditando --

KARL: Ah, parece muito bom.

ROSA: Está bem na moda, sim, mas é tudo meio--

KARL: Não, isso está muito bem. Não basta?

ROSA:[rindo] Nunca basta.

KARL: Uma rosa se vê muito bonita e no entanto ela nunca vai perguntar, "Por que sou bonita?" Assim você toma a posição do lotus e isso fica bem. Maravilha!

ROSA: Meio. Só consigo fazer meio lotus.[risadas] Então fazer o que? Nada.

KARL: Mesmo nada é demais. Faça o seu melhor possível.

ROSA: Mas isso é pressão.

KARL: Não. Você só pode fazer o seu melhor. Você é o melhor possível. O Absoluto. Tudo que vem dessa Toda-bondade, que é a bondade em si, só pode ser bom. E não pode realizar-se sem isso. Tudo que você fizer, é o melhor que pode fazer.

E é o melhor. É o fazer absoluto dessa existência absoluta. Todo fazer que há, é o fazer absoluto desse Absoluto, fazendo o que pode fazer melhor – simplesmente realizando -se a si mesmo. Tudo que se experimenta a si mesmo, é o Si experimentando-se. Só pode ser o melhor.

ROSA: E o não-feitor então?

KARL: Que não-feitor? O não-feitor é quem faz mais.[risadas] O não-feitor! Tinha esse homem do Texas que disse, "Eu não sou o feitor! Sou o não-feitor!", e logo andando de bicicleta e então esquecendo que tinha a rua---e buumm![risadas]

Isso é realmente bonito. A compreensão de que nada pode ser feito, mesmo essa compreensão é algo passageiro. Esqueça-a. Você pode pousar nessa compreensão, e então essa compreensão chega e vai embora. Você tem que alimentar essa compreensão, precisa ficar, precisa manter-se nessa clareza, precisa morar nessa compreensão, ancorar-se nela. Mas essa ausência de esforço que você é, ela é apesar de qualquer compreensão ou não-compreensão, de um esforço ou não-esforço.

Tem Aquilo que é ausência de esforço, e isso é a sua natureza. Isso você não pode atingir por nenhum esforço de fazer ou de não-fazer. Portanto simplesmente seja isso, que você não pode ser. Seja o que você não pode ser. Seja, seja! Você pode chegar a alguma compreensão, mas ela também vai embora.

ROSA: Quer dizer que vou embora vazia.

KARL: Para Aquilo que é tão absoluto como o Coração, você é absolutamente vazia de toda idéia do que você é e não é, vazia mesmo da idéia de "vazio", - vazia da idéia de "vazio", - e isso ninguém pode ser. Portanto você pode aparecer, mas ninguém vai embora. Uma idéia aparentemente surgiu, mas você nunca vai embora. Como você nunca chegou, você não pode mais partir. Com isso, o espírito foi-se. A imagem, o fantasma, é visto como é.

ROSA: E nem tem a garrafa.

ROSA: Você está certa. Não tem nem dentro nem fora – mas tem. Se você disser que não tem, ainda sobra um.

ROSA: Um?

KARL: Para dizer, "não tem ninguém", ainda tem que ter alguém. Se disser, "não tem dentro nem fora" ainda tem dentro e fora, porque precisa haver alguém que diz que não tem dentro nem fora, e isso ainda cria um dentro e fora, simplesmente dizendo-o. Não tem saída disso.

Isso ainda faz parte dessa compreensão. Ainda é ignorância, Tudo que você define, é ignorância. Toda definição vem de um definidor, e esse definidor de toda maneira é um mentiroso, assim que tudo que vem desse mentiroso é também mentira. O primeiro definidor, "eu", já é uma mentira por ser uma imagem, não é o que você é, já que você é

anterior a esse mentiroso. E dessa mentira, só vêm mentiras. O mentiroso é *einerlei* [\*pron. 'ainer-lai', em ingl. = lie, mentira, -em alemão = 'tanto faz'], e desse *einerlei* vem *zweierlei* [\*coisas diferentes]. O alemão é realmente..., ou o holandês...

KAATJE: Duplo holandês.

KARL: O alemão é duplo holandês, holandês total. [ambos riem] Assim veja, a primeira imagem, o primeiro espelho, o espelho absoluto do que você é, já não mostra você. Esse espelho mostra nada, e é isso o que você é. Não algo que você pode dizer, denominar, formular, enquadrar, etcetera. Mesmo esse primeiro quadro desse espelho é uma mentira. Tudo que vem e se mostra nesse espelho da pura consciência, como algo primeiro mesmo, já é uma mentira, pois fica fazendo parte dessa mentira. Depois disso, *es ist einerlei* [\*tanto faz, / mentira].

Portanto ao ver o fantasma, o mentiroso, já como uma mentira, - quem então vai se preocupar com o que vem dessa mentira? Essa mentira não pode tocar em você. Essa mentira nunca vai poder mudar você ou mover você nem por um milímetro.

Uma MOÇA polonêsa: O que é embaraçoso é que você vê o mundo, mas você não está no mundo, - também você é o mundo.

KARL: Também?

MOÇA: Aquilo que você é, deve também ser o mundo.

KARL: Deve ser? Você é um mestre? Deve ser? Esqueça.

MOÇA: Sim.

KARL: Ainda tentando, cleque-cleque-cleque.

MOÇA: Não.

KARL: Não? Deve estar. Tudo bem. Diga o que quiser.

FRANCESCO: É um filme maravilhoso, hein?

KARL: Nada mal.

FRANCESCO: E o *sadhana* é fantástico.

KARL: [rindo] Como sempre digo, apesar do *sadhana* você é, mas se pudesse evitar um *sadhana*, poderia impedir a existência. Portanto, nesse sentido então, o *sadhana* é fantástico. Torna-se meditação sem uma intenção de que você possa ganhar algo com isso. E com esse *sadhana* você já é esse Absoluto, porque não tem expectativa ligada a essa meditação.

FRANCESCO: Sim, mas para mim entender isso, eu preciso do *sadhana*.

KARL: Apesar do --

FRANCESCO: Apesar, apesar!

KARL: Então divirta-se com o *sadhana*. Porque isso é divertir-se com a meditação, divertindo-se com Aquilo que é meditação, porque não tem nenhuma expectativa nisso. Quando não tem expectativa, você vê que nada pode ser acrescentado. Aquilo que você é, nem por um fazer nem por um não-fazer. Então tudo é meditação. Você medita sobre

Aquilo que você é, infinitamente, mas sem a expectativa de um resultado, já que você jamais pode ganhar esse conhecimento do que você é, pela meditação.

Portanto você é apesar da meditação, não por causa dela. E por ser apesar da meditação, há meditação. Então você se diverte absolutamente com essa meditação porque nela não há nada de importante. Não fica pesada, é nada, é tão leve.' Puff!' É um grande 'puff'!

KAATJE: Nenhuma meta.

KARL: Nem mesmo "nenhuma meta". Você não tem mais propósito. Você é completamente nada. Não tem nada a perder e nada a ganhar, por nada. *Ein totaler Habenichts. Kann nichts, habe nichts, will nichts.* Como traduzir isso? "Um completo nada tem. Nada pode fazer, nada tem, nada quer."

Uma MOÇA alemã: Não serve pra nada!

KARL: Não serve pra nada, não vale nada. Tudo que você quer evitar, você é.

Um MOÇO italiano: Estou refletindo sobre essa meditação da qual você fala. Você some. Simplesmente não tem mais nada. Não tem nenhum ganho. Simplesmente não tem nada, você desaparece e depois está de volta.

KARL: Não, você nunca desaparece.

MOÇO: Dá essa sensação.

KARL: Dá essa sensação, mas isso é só a sensação de um experimentador que desaparece, - nunca você. Essa sensação de ser e de desaparecer depois, faz parte desse filme, mas você nunca vem e nunca vai. Para que o movimento possa acontecer, você tem de ser imóvel,- para que possa acontecer esse aparecer e desaparecer. Aquilo que você é tem que ser imóvel.

Essa experiência absoluta que você é jamais se move por um milímetro que seja. Portanto a Índia veio a você, nunca você veio para a Índia. Esse corpo veio a você, mas ninguém jamais veio para esse corpo. É só inverter. Você não é filho do tempo, mas o que você chama de "tempo" é filho seu. Esse aparecer e desaparecer - sombras fugazes no que você é - n' Aquilo que está se experimentando a si mesmo; mas você é jamais parte daquilo que pode ser experimentado.

Portanto você não é o corpo que se move para qualquer lugar, e sim, é o lugar que está vindo para você. Todos os lugares, todos os corpos, todas as sensações são em você, mas você não é em nenhuma sensação. Portanto a partir dessa sensação de estar indo dormir, o sono acontece no que você é, - isso é tudo. Mas ninguém vai dormir e ninguém acorda. Portanto você está acordado dormindo, e dorme acordado, já que nunca você é um que dorme e nunca um acordado. Ambos são aparências e des-aparências, idéias e sensações, n' Aquilo que você é.

MOÇO: Preciso de um 'clique' para entender isso.

KARL: Não, não se trata de entender algo. Não se precisa de nada. Naquela fração de segundo[\*split second], você vê que isso sempre foi assim. Ninguém jamais precisou de qualquer 'clique' ou compreensão ou diferença na percepção. Mesmo tal diferença de percepção faz parte do sonho. Portanto tudo que você pode dizer a respeito, tudo que precisa de uma mudança qualquer, faz parte do filme. Mas Aquilo que você é, que é

anterior a esse filme sensacional cheio de aparições, idéias, e objetos, nunca vai mudar, por nenhuma mudança.

Você talvez? Não. Algo? Não. Ninguém me ajuda.. Você talvez tem uma pergunta? Sim?

## **Devocao é quando a *minha* compreensão me abandona**

MR.IYER: Eu li em algum lugar, para não prestar demasiada atenção às palavras do mestre. Elas não irão ajudar, é algo diferente o que está trabalhando em você. Seja simplesmente como você é, no *satsang*. Porque no *satsang*, as pessoas levantam varias questões. Algumas são relevantes para mim, outras não. Deveria eu então prestar atenção aos assuntos que são relevantes para mim e ficar calado no caso dos outros, ou esses também são relevantes para mim?

KARL: *Seja como você é.*

MR.IYER: Melhor a influência de se ouvir as palavras, ou o --?

KARL: Não, as palavras não têm influência. As palavras como forma não tem influência. O fato de você estar aqui, de que eu não estou falando com um espírito, e aquilo que está falando não difere daquilo que está escutando, - tudo serve para ver que Aquilo que está falando e Aquilo que está escutando, na essência, não diferem entre si.

Isso aqui agora é o que se chama *satsang*, mas Aquilo que está falando não fala com ninguém. Não é o que está sendo dito, não as formas, nem as idéias que chegam como palavras – e sim cada palavra está carregada dessa ausência de separação. E na plenitude dessa ausência de separação, aquele ouvinte e Aquilo que está dizendo algo, não são diferentes.

É essa nudez que está falando com essa nudez, e é isso o que conta, não as palavras, não as formas, não as coisas relevantes ou irrelevantes. Apesar de uma relevância ou uma irrelevância, Aquilo que está falando e Aquilo que ouve, são, na essência, Coração. Portanto Si fala com Si, como Coração fala com Coração, já que tudo que há, é Coração.

Portanto não precisa prestar tanta atenção às formas, aos objetos e às palavras. Seja simplesmente como você é, como aquilo que você está ouvindo não difere daquilo que você é. A mensagem é sempre esta—não tem mensagem, nem mensageiro, nem receptor. Tem a transmissão e a recepção, sim, mas Aquilo que está transmitindo e Aquilo que está recebendo, não diferem entre si. Portanto, o que importa não é o que está sendo transmitido, mas só de não haver nenhum transmissor e nenhuma mensagem para alguém recebê-la. E essa ausência de um transmissor e de um receptor, essa ausência absoluta de separação, de um segundo qualquer, isso se chama “*satsang*”.

Isso é o que significa o mestre dizer-lhe “seja como você é”, e depois ver, e demonstrar devoção. Devoção quer dizer respeito total ao tornar-se Aquilo que é o seu mestre, ao ver que Aquilo que fala não difere d’Aquilo que ouve, ao ser Aquilo que está falando e ouvindo, naquele instante. Isso é devoção. Abandonando a individualidade de “eu” ser um receptor, de um *meu* entender. Quando este “meu” desaparece, isso é devoção. E não uma emoção.

Portanto estou solicitando essa devoção, a devoção total, quando lhes digo para ser Aquilo que é eu. Não lhes peço de entender ou de fazer algo. *Seja como você é* significa, ser Aquilo que está falando, ser Aquilo que está ouvindo, mas sem ver um que ouve, e sem ver um que fala. De modo que você tem que ver a essência em qualquer palavra, em tudo que vem e vai embora, para poder ser Aquilo.

Novamente, essas palavras que acabo de dizer, elas não contam. Elas são totalmente irrelevantes. Mas o fato de serem totalmente irrelevantes, isso é como que elas apagam, aniquilam, as formas e os objetos dessa compreensão. É talvez para esse vazio ou essa ausência de separação, que você está sentado aqui. Mas ninguém pode fazer algo, ninguém pode criar algo, nada pode ser feito para isso. Então fazer o que? Muitas palavras, humm? Está bem?

MR.IYER: Muitas vezes que você disse algo, eu não entendi, mas mais tarde me dei conta do fato daquilo. Agora mesmo, não acho nenhuma diferença.

KARL: As palavras não fazem diferença, mas se você vê que palavras não fazem diferença para o que você é, isso faz toda a diferença. Porque então você vê que, independente de entender, independente das palavras, você é o que você é. Seja como você é, apesar das palavras, não por causa das palavras.

Eu não posso mudar o que você é. Não tenho nada para oferecer e nada para repartir aqui. O Absoluto que você é não precisa nada de mim, d'Aquilo que está sentado aqui e fala. Isso não pode acrescentar nada ao que você é. Sempre chamo a atenção para isso, que não tem ensinamento, nem professor, nem discípulo. Tudo que digo é um indicador total para isso, se me encontro numa boa posição. O resto é --- não sei. Portanto você está sentado aqui graças à graça, e eu, graças à graça, estou aqui sentado, - e graça é tudo que há. E graça fala com Aquilo que é graça, dizendo à graça, "Não precisa esperar pela graça, porque a graça não vai vir."

Uma MOÇA: Meu nome é Graça! [risadas]

FRANCESCO: Obrigado por ter vindo.

KARL: Graça acaba de chegar!

GEORG: Toma mais um café!

KARL: Portanto não espera pela graça porque a graça já está aqui, e a graça nunca vai chegar, porque graça é o que você é. Tudo que é, é graça. Então melhor não esperar por ela, porque ela nunca vai vir. Já está aqui. Ela nunca deixou você, assim que você não pode ganhá-la de volta. Você não pode perder o que você é, já que é a própria graça em si.

Portanto não espera por um mestre ou alguém que vai trazê-la para você. Não vai jamais haver quem a entregue a você. E quem quer que lhe diga, "Eu posso entregá-la a você, pela iniciação, por transmissão", ou algo assim, está mentindo, porque ela não pode ser dada, já que jamais foi roubada de você. Como você nunca perdeu o que é, nunca pode ganhar isso de volta, de ninguém, por nenhuma palavra, ou transmissão, ou *shakti*. E por nenhuma experiência adquirida você vai tornar-se o que já é. Aleluia!

Um MOÇO: Então o *satsang* não é um sintoma de loucura?

KARL: Tudo é um sintoma da idéia louca de que você nasceu. Você está num manicômio aqui, agora, e eu sou o médico que lhe diz, que tem apenas um hospício, mas que não tem ninguém nesse hospício.

Isso é como dizer-lhe que não tem nenhum doente porque você não consegue achar esse paciente que você é. Assim, não se achando em nenhum lugar – já que tem aí o hospício e todas essas idéias que fazem parte desse hospício --, mas não encontrando ninguém que está nesse hospício, o que sobra é simplesmente um hospício, - e daí? E você vê que você é, apesar do hospício. Jamais houve alguém nesse hospício. O que há é loucura, mas e daí?

MOÇO:É divertido.

KARL: Oh, é divertido, é um esporte, tanto faz como o queira chamar. Jogos Olímpicos da loucura.

MOÇO: E quem é o mestre?

KARL: É o medico. O mais louco é sempre o mestre. Chama-se isso de “sabedoria louca”. O mestre é sempre o mais louco; o cúmulo da loucura é o *guru*. A idéia mais louca que você pode ter já é a de que existe um Si ou um *guru* de todo. Assim, ainda por cima dessa loucura, tem um mestre da loucura.. Quanto mais louco é possível ficar? É tudo uma idéia louca, a começar com a idéia de que você existe.É com essa idéia louca que se abre o hospício.

MATTIAS: Aberto eternamente.

KARL: Ele nunca começou, porque essa idéia louca não tem nem começo nem fim. Como nunca houve um começo dessa idéia de “existência”,ela não vai acabar nunca. Portanto melhor não esperar que este hospício seja fechado, porque ele nunca abriu.

THERESE: Mas que imaginação, hein?

KARL: Que imaginação absoluta você é!

THERESE: Isso é demais!

KARL: Demais?

THERESE: Quero dizer, essa variedade, cores, cheiros, gente – é demais. É tanto!

KARL:E imagina, tudo isso vem daquilo que você é!

THERESE: Eu sei.

KARL: Você sabe?

THERESE:[rindo] Uma única primeira mentira,- e buumm!

## **Tudo que você faz com relação à ignorância, só a faz aumentar**

PETE: É pura imaginação. Não há pacientes no hospício; são todos imaginários. Pensamentos que surgem na mente. Será que não existe um pensamento corretivo para

isso? Se tem esses pensamentos que criam pessoas imaginárias, não haverá um pensamento corretivo?

KARL: Você quer dizer, se isso tem cura?

PETE: Bem, não quero cair na armadilha de dizer que tem uma forma de compreensão ou descoberta decisiva,- mas não há um pensamento corretivo que de algum modo tira você disso?

KARL: Nisargadatta, ele estava criando o último remédio para essa loucura, essa doença, esse mal da existência, - você procurar esse alguém doente que não tem.

PETE:Cada vez que minha mente vem com a idéia que esse aqui é uma pessoa, eu tenho logo um pensamento corretivo que me lembra,"Oh, eu não sou uma pessoa. Agora me lembro."

KARL:Mas depende de lembrar-se. Parece que há uma saída temporária desse erro, através da compreensão, mas essa saída temporária já é também um erro. Ainda é um erro. Pela compreensão você controla algo, você aceita que está fora dessa consciência pessoal, mas o que acaba com esforço, sempre volta atrás. No instante em que o esforço para, por um acontecimento qualquer, você está de volta naquilo. Você sempre depende de compreender algo, de um esforço, de uma atenção ou como queira chamá-lo.

Mas eu estou dizendo-lhe para ser esse bicho totalmente preguiçoso que você é, aquele que nunca fez nada, e que é, apesar de fazer ou não-fazer, aquilo que é, - jamais por causa de algo. Seja Aquilo que nunca esteve em ação ou não-ação, que simplesmente ficava totalmente quieto em si mesmo, sem nunca mexer-se. Para o qual nada jamais aconteceu.

Portanto mesmo essa compreensão nunca aconteceu. Já que nunca houve uma não-compreensão, não pode haver nenhum tipo de compreensão. Então seja Aquilo que é absoluto saber, mas sabendo nada. Todas essas palavras e indicadores servem para que você veja naquela fração de segundo[\*split second] que, apesar de saber ou não-saber, você é o que é, nunca por causa de algo.

Ninguém pode lhe dar isso. Simplesmente é como quando o seu coração se parte porque você largou o amor por si mesmo. Pelo seu interesse, pelo seu amor próprio, você se encontra envolvido nessas imagens, em todas as sensações.

PETE: Tem aí na frente essa pessoa imaginária que veio falar neste *satsang*, e ele está falando com esta pessoa imaginária aqui, e quando olho para esta pessoa imaginária que participou de todos esses *sadhanas*, eu não sei porque fez isso. Não pude fazê-lo parar de fazer isso; ele fazia, e eu olhava.Ele fez todos esses *sadhanas*, veio para a Índia, todas essas diferentes coisas.Eu não sei por que ele fez essas coisas loucas.

KARL: Como disse antes, todos os *sadhanas*, cada ação, cada respiração sua, tem que ser feita, já que tudo que é feito é tão único e absoluto e é feito por essa totalidade. Sem esta ação, não haveria totalidade, não haveria Absoluto. Portanto cada *sadhana* ao que você foi ou não foi, tinha de ser, absolutamente; e o próximo passo que você vai dar, tem que ser dado, porque não tem nenhuma saída disso.

PETE:Vindo assim tropeçando ao longo do seu caminho e fazendo estes *sadhanas*, esta pessoa imaginária começa a ler livros sobre o Vedanta, e começa a ouvir desses outros *satsangs*, e então ele começa a ter esses pensamentos corretivos, o que eu chamo de

“pensamentos corretivos”, que fazem com que ele pensa de outra maneira sobre si mesmo. Ele começa a pensar,”Oh, talvez eu não sou uma pessoa, talvez isso é só imaginação, talvez é só um filme que estou vendo, talvez eu seja algo anterior a isso.” Mas de novo, tudo isso são pensamentos.

KARL: Sim, como já disse, você só acrescenta algo à ignorância anterior. É só a quantidade de ignorância que está se expandindo.

PETE: E todas as palavras que estou ouvindo da pessoa imaginária ali na cadeira, essas palavras baseiam-se em pensamentos que surgem na mente da pessoa imaginária.

KARL: Sempre acrescentando mais a essa quantidade de ignorância. Tudo que eu posso dizer será sempre ignorância. Aquilo que é – disso nós não podemos falar mesmo. Eu só posso estar aqui sentado e falar e falar e falar e acrescentar mais quantidade, vomitando-a por assim dizer ; e apesar disso tudo, eu sou.

PETE: Uma pessoa ‘desperta’ ao ver tevê, a outra faz tantos *sadhanas* e ‘desperta’ também, mas não importa. Ela não podia não ter feito os *sadhanas*. Eles foram feitos. Existiram.

KARL: Sim. Ele tinha de fazer os *sadhanas*. Aquele que ficava sentado na frente da tevê, *tinha* que sentar na frente da tevê, e também isso é meditação. Consciência, em qualquer momento dado, está meditando sobre Aquilo que é o Si. Tudo que é consciência sente falta dessa felicidade, e é desse sentimento que surge a meditação pela felicidade. Portanto, se você está sentado na frente duma Tevê, você quer ser feliz. Tudo surge a partir desse desejo de ser feliz o tempo todo.

PETE: Então, se eu vou ao cinema e vejo James Bond e começo a pensar,”Eu sou James Bond”, e quando ele sai da porta, eu começo a pensar,”escolho de virar à direita, e agora escolho virar à esquerda.” E mais tarde alguém diz, “Não, você não é James Bond. Você está vendo um filme, você está num cinema, você está só vendo isso, e você não fez essas escolhas.”

KARL: Mas com isso você está num outro filme, nada mais.

[risadinhas gerais e cochichos, “Mmm,” “muito interessante”, etc.]

KARL: Você sai de um filme para entrar em outro filme.

PETE: Tem um certo deslocamento no qual posso ser aquele que tenho sido o tempo todo.

KARL: Não tem deslocamento. Não! Nunca, jamais.

PETE: Primeiro pensava ser James Bond; pensava ser aquele que virava para a direita --

KARL: Mas mesmo como James Bond, você é quem você é.

PETE: -- Mas enquanto isso eu estava sentado no cinema, olhando.

KARL: Mas esse tal que lhe conta que você não é o filme, ainda é dentro do filme. Você não consegue sair do filme. Você é Aquilo que é o filme, gostando disso ou não. Você não consegue sair do filme. É isso, o “sem saída”. Você não pode ir a outro nível de compreensão e então estar fora do filme. Isso novamente se daria por um esforço e você ficaria dependendo desse esforço. Você seria dependente de uma certa compreensão, de

que alguém chega e lhe diz, "Você não é o filme, você não é o personagem". E depois, o que?

Apesar de Jesus ter realizado este Coração, ainda esta existência e esta busca continuam. Apesar do Buddha, apesar de Ramana, apesar de todos os sábios, continua havendo a busca, e buscadores estão sentados por aí escutando algo que não pode ser falado. Portanto, esqueça isso.

AIKO: É isso o que chamam "a piada ultimativa"?

KARL: A piada[\*joke] ultimativa é que não tem piada ultimativa. Não tem mesmo coringa[\*joker]. Soa bem, eu sei, que vai chegar um mestre para lhe dizer que você não é o personagem que pensava ser. E depois? Você vai da identificação para a não-identificação. Torna-se um "eu sou". "Tudo bem, eu não estou no filme." Mas aquele que não está no filme, acaba esquecendo-se e novamente está de volta no filme.

Você tem que ser – dentro do filme e fora do filme – o que você é. Se você é somente numa compreensão do que é, que espécie de compreensão é essa? Que espécie de existência seria isso? Liberdade é isso?

PETE: E não é uma questão de só lembrar-se, como disse Ramana, de fazer o inquérito, repetindo, "Quem sou eu?"

KARL: Tinha Ramana um guru na época antes de ter aquela experiência, que lhe disse, "Você não é o corpo, você não é o personagem"?

PETE: Então não se trata de fazer esse tipo de ginástica mental de um pensamento corretivo para te lembrar que você não existe?

KARL: Soava como se você andasse por aí repetindo, "Eu não sou pessoa, não sou o feitor, eu não sou o feitor, eu não sou o feitor!"-sem parar. Parece coisa de louco. É o mesmo como se você andasse por aí repetindo, "Sou eu quem faz isso. Eu faço isso. Eu faço isso." Qual a diferença? Pensamentos corretivos?!

Será que existe de todo um pensamento 'correto'?

Assim eu sempre aponto para esse fato que apesar do pensamento, correto ou não, ou de qualquer conceito que lhe ocorre, apesar disso, você é. Então seja Aquilo que é apesar disso, e não por causa de qualquer pensamento corretivo.

PETE: As suas palavras são indicadores para os pensamentos que você está tendo, elas refletem seus pensamentos, - e elas não são pensamentos corretivos? Elas me corrigem.

KARL: Eu não estou corrigindo ninguém. Apesar do que lhe digo, você é, não por causa de algo. Eu não tenho nada para corrigir, já que não vejo nada de errado. Nunca houve um problema, assim que não há nenhum problema a resolver. Não estou falando sobre pensamentos corretivos com um espírito. Quem se importaria com estes pensamentos corretivos ou com qualquer pensamento de um espírito qualquer? Hmmm? Você se importa?

JOAN: Não sei se vou interpretar você corretamente, mas você disse que alguém que faz definições é um mentiroso. Imediatamente, alguém assim já é um mentiroso. Quer dizer que nós também fazemos uma definição quando reconhecemos que isso é uma mentira?

KARL: Faz parte da mentira. Que ideia que você poderia corrigir uma mentira?! É como a famosa estória do “eu” que, querendo corrigir o “eu”, vira policial. Primeiro tem um ladrão, um mentiroso, e então o mentiroso lhe diz, “Oh, quero ter certeza de que você conheça a verdade. De agora em diante digo-lhe a verdade. Antes eu era um mentiroso, mas agora vou lhe contar a verdade. Isso agora sim, vai ser um pensamento ‘correto’. Com este pensamento vou corrigir; antes eu era incorreto, agora estou sendo correto! Estou sendo suficientemente em ordem assim para você? Você gosta de mim assim, ou gostava de mim antes? Agora vou lhe ser agradável. Antes talvez estava irritando-o, mas agora vou agradá-lo. De agora em diante vou me comportar.”---”Ô meu Deus, vou lhe dar novamente minha atenção. Você está prometendo bastante, meu querido.”

Consciência faz os dois papéis.”Incorreto. Correto. Agora posso fazê-lo feliz. Agora estou na posição correta para fazê-lo feliz, para fodê-lo corretamente. Agora sou um cara que fode corretamente, antes fodia incorretamente. De todo jeito, fodendo!”[“ôhs” e “ah-hams” e risadinhas na sala]

JOAN: Mas como você faz isso parar? Correto, incorreto ----?

KARL: Não faço ideia. Para quem isso precisa parar? Nunca começou! Quem precisa que pare?

JOAN: A pessoa que está sofrendo.

KARL: Deixe-a sofrer. Ainda assim continua sendo o Todopoderoso. “Oh, pobre de mim! Pobre do Todopoderoso, sofrendo por uma ideia. Ôh meu Deus. Tão enamorado de si mesmo, levando-se tão a sério, e então você sofre. Ôh meu Todopoderoso, como você está sofrendo por levar-se tão a sério! Estou com muita pena de você. Sinta a minha compaixão. Aleluia! O Todopoderoso está sofrendo! Oh, estou sofrendo com você agora.”[risadas]

JOAN: Queremos ser livres disso tudo!

KARL: Por querer ser livre, você está na prisão – por esta mesma ideia. Que ideia! Liberdade quer ser livre, liberdade querendo ser livre! Que piada! Liberdade procurando por liberdade. “Eh, olha para mim! Me dá sua atenção! Quero ser livre. Me dá liberdade!”- disse a Liberdade.[risadas] Ai,ai-ai. “Não está me vendo como uma pessoa que sofre?” Não!

MOÇO espanhol: Quantos ensaios esta manhã?

CHARLES: Está perguntando, quantos ensaios para este ‘show’?

KARL: *Da Capo*. Sempre *da capo, da capo, da capo*.[\*novamente do começo] *Kaputt, kaputt, kaputt*.[\*quebrado, partido]

Buda dizia que o fim do sofrimento é de não se achar o sofredor, e nada mais. Assim tudo que você fizer com respeito ao sofrimento ou à ignorância, você os faz crescer. Quanto mais quer evitar de sofrer, tanto mais cria um sofredor. Mas no fim você não consegue encontrar o sofredor. Nunca houve e nunca vai haver um sofredor.

O Si não pode sofrer pelo Si, porque não tem um segundo si pelo qual pode sofrer. Portanto nunca houve sofredor algum. Tem sofrimento. E daí? Oh meu Deus. Toma um ‘drink’. “Saúde, sofrimento!”

THERESE: Falta um minuto.

KARL: Bom, última pergunta.

PETE: Se o pensamento corretivo é um mentiroso, se cada pensamento é um mentiroso, e você é um mentiroso, e eu sou um mentiroso --

KARL: Não é uma maravilha?[risadas]

MATTIAS: Não se pode confiar em mais nada.

KARL: Você não pode confiar em nada! Tudo é mentira. Portanto você é totalmente não confiável. “*Irre-lie-able*”.[\*irre,em alemão = louco;lie = mentira] “*Irrer*”.

THERESE: O que é *Irrer*?

KARL:*Irrer* significa, você é totalmente louco. Você é a própria loucura.

PETE: Mas você é um mentiroso engraçado, por isso é divertido estar aqui dando risada.

KARL: Isso é a única coisa, o humor d’Aquilo que é o mentiroso. Vendo que o mentiroso é um mentiroso, mentiroso, mentiroso, fica tudo *einerlei* [\*uma coisa só ; tanto faz]. *Einerlei* quer dizer que é tudo Si. Portanto, se tudo é uma mentira, então tudo é Si. Mas para apontar a verdade, na medida em que você definir verdade, você diz ”Mentira, mentira,mentira,mentira,mentira.”[\*lie-lie-lie-lie-lie/pronunciado ‘lai-lai..’]

THERESE:É como cantar uma canção. “Lie,lie,lie,lie,lie,lie,lie.”!

[Karl e outros cantam juntos. ‘Lai-lai-lai-lai-lai-lai-lai!’ - Muita risada em toda volta]

THERESE: O grupo cantando. Vamos fazer um CD.

FRANCESCO: Veja o que se passa depois de duas horas com este cara!

KARL:Obrigado.

[Todos estão rindo.]

## 18 de Janeiro 2004

O problema de não haver problema nenhum; ou – o fim de preocupações e tédio

### A totalidade da existência requer que você se preocupa

KARL: Bem. Todos sabem como funciona? Pergunta e resposta.

THERESE: Eh, ontem à noite eu quase tranquei todo mundo.

KARL: Ah sim?

THERESE: Saí do filme e fui para fora procurar os meus sapatos, e não sei como, tranquei a porta por fora. Depois escutei buumm, buumm, buumm, então eu ---

KARL: Isso já é conhecido. Mas deve ter outra saída ainda. Foi um filme bom?

THERESE: A estória era confusa e o inglês demais pra mim. Não consegui entender nada. A música era boa.

KARL: Precisa ver mais filmes. Eu aprendi o meu inglês olhando televisão nos Estados Unidos, por isso estou acostumado.

THERESE: Eu vejo filmes ingleses. Estou mais acostumada com o inglês britânico.

KARL: Mmm. Eu fiquei tão acostumado com *Perry Mason*. Gozado, porque aprendi meu inglês com *Perry Mason*.

MARY: Minha avó era viciada em ver *Perry Mason*.

KARL: Eu também. Cada manhã. Uma hora *Perry Mason* e depois dez minutos *Todas as Minhas Crianças*. Era o suficiente.

MARY: E ela tinha uma caixa de bonbons. Uma caixa de bonbons e *Perry Mason*.

KARL: Sim, é o paraíso.

CHARLES: Tudo bem, agora que sabemos o que é o paraíso, podemos ir embora.

KARL: [rindo] Soa bem. Eu sempre tive um “5” em inglês na escola.

THERESE: É a pior nota, não?

KARL: Não, tem mais uma. No sistema alemão, é o “5”. Se você tem dois “5”, você está fora. Um “6”, significa estar fora de qualquer jeito. E com dois “5”, você está fora, mas com um, pode continuar na mesma classe. Então eu sempre dei um jeito com esse “5”. No resto das matérias eu era bom, mas em inglês ---

THERESE: Meu professor de inglês tinha um acento francês horrível.

KARL: Ah, agora sabemos de onde veio isso! Bem, então vamos começar com alguma coisa – com um filme espiritual.

KLARA: Karl, tenho uma pergunta. O que Ramana queria dizer quando disse, “Permaneça no Si”? [\*’abide in the Self’]

KARL: *Self-abidance*? [\*o repousar em Si, permanecer em Si, assentar-se, fundar-se em

Si, estar ancorado em Si]. Eu faria disso uma estória, porque para mim é como a serpente de Shiva olhando para o próprio rabo. Olhando para esse movimento e então vendo que ‘permanecer em si’ significa que você morde o próprio rabo, e ao morder o próprio rabo você vê que Aquilo que é o mundo não difere daquilo que você é. Para mim isso seria “a-bite-ance”[\*a-mord-ança]. Você morde o próprio rabo e então sente que Aquilo que é mundo não difere daquilo que você é.

Isso então é compaixão. Você permanece totalmente n’Aquilo que é. Você simplesmente entra naquilo que é mundo, no que é. Você se identifica totalmente com o que é o mundo, e então você vê que aí há compaixão total, que há repouso total naquilo que você é. Portanto você se morde a si mesmo e então vê que não há nada que difere daquilo que você é. Não lhe parece bem?

Mas Ramana entendeu isso um pouco diferente, me parece. *Abidance in the Self* - algo como simplesmente ser Aquilo que é Coração, o que é anterior a esse pensamento-“eu”, e então permanecer anterior ao pensamento-“eu”. Ser Aquilo de onde vem o pensamento-“eu”. Permanecer nessa Fonte, como essa Fonte que você é, vendo que o pensamento-“eu” chega de manhã em qualquer forma de “in-form-ação”, mas que Aquilo que você é, é anterior a isso.

KLARA: Isso em realidade não é possível.

KARL: Nada além disso é possível. Você nem pode *não* permanecer em Si, já que você é Aquilo de toda maneira. Você é Aquilo que é a Fonte desse pensamento-“eu”, o Coração em si. E nesse Coração, o pensamento-“eu” enquanto “in-form-ação” brota ou floresce. Mas você não é aquilo que chega como um pensamento-“eu”. - Portanto permaneça n’Aquilo que é permanente, absolutamente permanente, tão sólido como possível, nesse Coração em si, intocado por qualquer idéia. É isso, permanecer em Si.

Seja esse Coração em si – que nunca foi tocado ou não tocado, nunca abalado ou mudado em nenhum sentido—por simplesmente ver esse pensamento-“eu” como já sendo um pensamento fantasma, e permanecendo n’Aquilo que é anterior a esse pensamento.

Sentindo-se atraído por esse pensamento-“eu”, e tomando-o por algo real, você lhe confere realidade. Mas você é a vida em si. E pela sua vida em si você confere vida. Tudo que recebe a sua atenção torna-se realidade. Mas se você dá a sua atenção Àquilo que é Atenção, que é Coração em si, isso é permanecer em Si. A pura consciência da pura consciência. Portanto permaneça nisso.

Mas como pode permanecer nisso? Primeiro, isso é um conceito, algo como um indicador, mas talvez essa pergunta “Quem sou eu?” coloca você nesse mistério d’Aquilo que é anterior. Pode ser que consegue liquidar essa estória de “mim”, de um feitor, de uma história qualquer que se pode imaginar, porque esse pensamento-“eu” está envolto numa nuvem de história. Fazendo-se essa pergunta, não mais sobra um “eu” que pode colecionar história, e aos poucos essa história desse pensamento-“eu” desaparece, nessa pura consciência, - porque aquela pergunta coloca você nesse mistério. É um conceito. Mas é capaz de apagar aquele primeiro conceito que diz que que você nasceu. E sem esse primeiro conceito, o de ter nascido, esse “eu” dissolve-se n’Aquilo que é Coração, naturalmente. Portanto, permaneça nessa pergunta. É isso ‘permanecer no Si’.

Só que ninguém sabe se isso funciona ou não. Isso é outra questão. Mas somente pela

graça é que você está sentado aqui, e é pela graça que você se coloca aquela pergunta. Portanto a graça estava durante todo o tempo aqui, sem haver dúvida. De todas maneiras, a graça conduziu cada passo que você deu em toda a sua existência. E também o próximo passo vai ser guiado por essa totalidade. Portanto, não se preocupa.

KLARA: Mas este é exatamente o ponto. Eu me preocupo.

KARL: Você se preocupa, então na realidade é isso que a totalidade quer que você faça, preocupar-se neste momento. Só não fique duvidando disso. É o que a totalidade da existência requer totalmente: que você se preocupe. E esta preocupação é exatamente o que vem antes de qualquer passo que você dá.

KLARA: Não consigo acompanhar isso.

KARL: Você não consegue acompanhar, como jamais acompanhou algo.[Klara ri] Você tenta acompanhar algo que de toda maneira não pode acompanhar. Você tenta entender um mistério da existência, mas você não vai nunca entender.

Vai haver um entender total quando você é esse mistério. Somente sendo esse mistério, há compreensão absoluta, - somente pela total ausência de um “eu” que está na idéia de “entender”. Nessa ausência, tem compreensão absoluta, sem nenhuma dúvida. Mas a partir desse tal que duvida, o “eu”, você vai sempre duvidar. Isso é como funciona o “eu”, precisa ter dúvidas. Indubitavelmente. Portanto deixa o duvidor, -esse tal que duvida, deixa que ele duvida de tudo de que pode duvidar.[risadas]

KLARA: Mas então vem preocupação.

KARL: Da dúvida vem as preocupações. Certamente. A partir da dúvida de que você existe, você se preocupa com a sua existência. Vira um Shakespeare. “To be or not to be.”[\*ser ou não ser] Você duvida.

KLARA: Sim, eu continuo muito preocupada com o que você disse ontem, de que não há vantagem.

KARL: Mas que não há vantagem é a vantagem absoluta. É só ver isso, e relaxar nisso. Porque se você vê que não tem absolutamente nenhuma vantagem para o que você é, junto com essa idéia de “vantagem”, cai também a idéia de desvantagem.

Então você está livre da idéia de “eu”, porque esse “eu” vive dessa idéia de uma vantagem, e nada mais. Sem essa idéia de vantagem nenhum “eu” é possível. Mas esse “eu” precisa duvidar, porque este funcionamento produz a dúvida nele e assim o sistema de sobrevivência inicia-se.

Portanto você tem que duvidar disso, porque a partir dessa compreensão, “eu” não vai existir. Essa compreensão vai simplesmente aniquilar você totalmente, ao arrancar esse “eu”, porque o “eu” vive a partir de esperanças e vantagens. Portanto esse problema de não haver problema nenhum --- até disso você cria um problema, porque você vive de problemas, e nada mais.

KLARA: É verdade.

KARL: Sim, é verdade – ou não. [risadas] Aquilo que é “eu”, enquanto objeto, vive a partir dessas dúvidas e preocupações e dessa idéia de vantagem. Portanto tudo que chega para dizer-lhe que “não tem nenhum problema”, - você vai sempre lutar contra essa

compreensão.

Você vai sempre dizer, "Eu preciso meditar, preciso fazer algo, para que eu possa fazer algo, para que eu possa ganhar alguma coisa com essa compreensão. Primeiro preciso entender, e depois talvez vou concordar. Eu, o Deus da existência, separado. Preciso criar um entender. Primeiro preciso controlar a existência para então poder concordar com a existência. Primeiro a existência precisa ser domesticada por mim, pela minha compreensão, pelo meu contrôle, e depois vou concordar com a existência!" Não?

Sim, sim, sim.

O diretor de circo sempre diz isso. Mas você é o circo todo, e o pensamento - "eu" é o diretor que pensa que pode dirigir o circo. Mas os palhaços fazem o que querem, nunca o que o diretor diz. Os palhaços são os outros pensamentos. E os leões e as feras.

Ahammm? Talvez você consegue domesticar os pinguins. Ou os porcos, talvez.

[risadas]

## O fim da imaginação.

KLARA: Eu estava pensando, com esperança – os Yogui ensinam que, a partir de um certo nível, você não pode mais regredir; não é possível. Algo foi aniquilado.

FRANCESCO: Não pode?

KARL: Ela está falando da suprema Yoga onde, quando você aniquila o primeiro pensamento de "mim", o "Eu", e então o primeiro pensamento-"Eu" é visto como fantasma por esse ser que você é, mantendo-se n' Aquilo que é Coração, como Aquilo que é Coração. Depois do total aniquilamento do primeiro pensamento, o "Eu", então você não pode mais voltar atrás, porque sem o primeiro pensamento não tem volta. Portanto nada adianta se controlar os *outros* pensamentos.

Tudo depende do primeiro pensamento. Vai diretamente ao pensamento-"eu", e simplesmente nessa pergunta "quem sou eu?" aniquila esse pensamento-"eu", extirpando-o totalmente com essa pergunta. Esse pensamento - "eu" é a idéia de ter nascido, a ideia da própria existência. Quando isso foi realmente extirpado, totalmente liquidado, então não há caminho de volta.

Mas enquanto ainda existe esta primeira carta no castelo de cartas dos seus conceitos, com essa primeira carta vão sempre se criar novos conceitos.

Você pode cortar alguns galhos, mas isso não significa nada, porque a árvore vai crescer novamente e ainda mais. Portanto controlar a mente é fazer com que ela cresça mais ainda. Você precisa ir à raiz da mente, a esse pensamento-"eu". Sem extirpá-lo totalmente, ele sempre vai crescer, e mais ainda, virando até uma religião. Então surge uma religião a partir de experiências meio espirituais, mas o pensamento-"eu" continua aí, e ele cria uma história pessoal de experiências religiosas. Há muitas iluminações e libertações e experiências, mas elas são tomadas como algo pessoal. E então surge disso uma religião, - ou uma técnica, até uma técnica de Yoga, de como se cortar alguns galhos.

Ramana foi muito radical, no sentido de ir diretamente àquilo que é o pensamento-raiz. Porque sem esse pensamento-raiz não tem mais árvore— nunca houve, nunca vai haver.

É este o significado da ‘suprema Yoga’, como via direta para liquidar o primeiro pensamento, a primeira carta do seu castelo de cartas de conceitos. A primeira carta, a da idéia mesmo de uma “existência”, da primeira noção de existência como “eu”, dessa pura consciência, da pura-consciência-“eu”, já é um fantasma.

A partir dessa pura-consciência “eu”—enquanto Pai, Fonte – sempre surgem “eu sou” e “eu sou assim e assim”. Vendo entretanto a primeira consciência-“eu” já como sendo um espelho e não aquilo mesmo que você é, não o Coração que é anterior a esse pensamento-“eu”,- você permanece n’Aquilo que é anterior, que é o mistério d’Aquilo que é Coração. Sendo totalmente vazio de qualquer idéia sobre o que você é e o que você não é, tem aí um vazio absoluto que é liberdade, liberdade das idéias de um segundo, de qualquer coisa.

Então o pensamento-“eu” pode surgir ou não, mas não tem mais quem se preocupa, já que isto[levanta a mão fechada para simbolizar Coração] vem mesmo automaticamente, como pura consciência – “eu “[polegar], como “eu sou”, [polegar e dedo indicador], e como “eu sou assim e assim” [polegar, indicador e dedo médio]. Mas isto[mão fechada] é o que você é absolutamente. Portanto eles [polegar, indicador, dedo medio] podem surgir ou não, - eles nunca surgiram mesmo, nem nunca vão embora. Eles nunca estiveram aí. Mesmo então, esta trindade da sua realização [polegar, indicador, dedo medio] é também o Coração em si [mão fechada]. Não existe mais diferença. Isto [mão fechada] é o fim de uma separação total que vem com o pensamento-“eu”. Pode então ter um pensamento-“eu” ou tudo que dele resulta, mas tudo isso é Coração. Portanto, tudo que há é Si, quando isso [mão fechada] é o que você é.

Isso é o fim da imaginação, porque tudo que você imagina então não difere do que você é, tudo isso [polegar, indicador, dedo medio] é Coração [mão fechada], tanto faz de que maneira ou forma se apresenta. Tudo que é, é Coração. Assim não mais há separação. Nada segundo.

Com tudo que você quer com esse “eu”, “eu sou” e “eu sou assim e assim” você apenas está querendo curar algo que nunca existiu. Jamais houve qualquer doença. Mas querendo se livrar de algo, você faz disso algo real. Portanto tudo que fizer no “eu sou assim e assim” ou no “eu sou” apenas confere realidade a algo que não existe. Então essa pergunta direta, “Quem é esse ‘eu’ que medita?”, indo para esse mistério que é Coração em si, é a pergunta que extirpa até a idéia de “existência”. E então o que há é a existência absoluta, até sem a idéia de ‘existência’.

Chega de ‘suprema Yoga’? Supremo. Algo a perguntar quanto a isso?

MR.RAO: No seu entender existe uma técnica então que se pode aplicar ao primeiro pensamento?

KARL: Ramana estava oferecendo a técnica do “Quem sou eu?”. Esta técnica é algo como um conceito que vai acabar com todos os conceitos da sua existência, e então finalmente também vai cair. Digamos que você tenha o conceito de uma doença que precisa curar. Pergunta, “Tem mesmo alguém aí que está doente?” - É o remédio ultimativo oferecido por Nisargadatta, por Ramana e outros, durante muito tempo.

Fazendo essa pergunta “Quem sou eu?” ou “Tem alguém aí que está doente?”, você quer achar a si mesmo. Mas então precisa perguntar, “O que é esse achar do Si, essa busca

d'Aquilo que sou eu? Pode isso levar-me a um resultado qualquer?" Ou é justamente por não achar aquilo que você é, que você simplesmente é o que é,- e não por um objeto ou conceito qualquer ou uma experiência que você está caçando?

Portanto você procura infinitamente, e então, a um certo ponto a busca simplesmente acaba porque há uma resignação ao ver que você não consegue encontrar-se em nenhum lugar ou objeto ou experiência. É um colapso. E então você olha para dentro à procura d'Aquilo que você é, mas ali também você não se acha. Portanto acontece um "não-achar" do lado de fora e um "não-achar" do lado de dentro. Aí então aparece a resignação total, e você para de uma vez. E você vê que você já é Aquilo que está tanto procurando.

Quer dizer, no instante em que procura, você vai para fora. Depois tem um despertar, e você vai para dentro, em busca de un-dade.[\*oneness] Mas nem na un-dade você consegue se achar, já que você não é nem a un-dade e nem a separação.

Os dois extremos – separação e un-dade – são apenas aspectos do que você é, portanto são imaginação. Você é sempre Aquilo que não pode ser imaginado nem formulado por qualquer idéia. Toda idéia vem d'Aquilo que é o Coração em si. Portanto você não é nem un-dade nem separação. Você não é nem o vazio e nem a plenitude. Tudo aquilo que se pode dizer, você não é. Tudo que pode imaginar ou enquadrar num conceito qualquer, você não é. O que você é, não se pode jamais imaginar, não se pode jamais enquadrar.

Então seja Aquilo que você não pode imaginar jamais. Como Aquilo que é o olho de Deus e que nunca pode ver a si mesmo. Até o pensamento-"eu" que é como o experimentador ao acordar, faz parte dessa experiência. Aquele "Eu" em si nunca pode ser experimentado. Tudo que você pode experimentar não difere do que você é, mas não é o que você é em essência.

Portanto permaneça n'Aquilo que é anterior ao que se pode imaginar. E então, nessa permanência,[\*abidance] tem o aniquilamento ou "burn-out" [\*queimada total interior] de tudo que é uma idéia. Nessa pura consciência da pura -consciência, o fogo do inferno está queimando, e somente esse fogo do inferno, esse "holocausto" pode aniquilar o fogo da idéia de "eu", a qual é a idéia-diabo de "separação". Portanto somente nesse repousar permanente[\*abidance] na pura consciência da pura consciência, que é o Coração em si, esse "eu" pode queimar até acabar.[\*burn out]

Mas tudo que o "eu" fizer, toda meditação, toda espécie de cortes, não pode levar Àquilo. Você não pode evitá-lo, pelo contrario, é apesar disso tudo que a pura consciência da pura consciência surge. Nunca por causa do fazer ou do não –fazer de um feitor. Assim, apesar de tudo que você tem feito ou não feito na sua assim-chamada história de vida – a consciência dessa pura consciência vai surgir – não por causa disso.

Não está mais doente?

MOÇA inglesa: Um pouco melhor, sim.

MR.RAO: Estou me perguntando, se você procurasse dentro, bem dentro, tem aí mais nenhum pedaço da existência?

KARL: Não vai mudar nada. Você simplesmente sai de uma identificação separada e entra nessa identificação absoluta onde ninguém mais pode ser identificado. Portanto não estou lhes dizendo para abandonar algo, nem mesmo a identificação separada, já que tudo

isso são aspectos daquilo que você é. Simplesmente digo para ser você Aquilo que é, identificando-se com tudo, sendo Aquilo que é Coração.

Mas ninguém consegue isso. Assim tudo que você faz é tratar de evitar isso, porque isso vai ser o 'seu' fim. Esta identificação absoluta vai simplesmente matar 'você'. Essa idéia de "eu" vai ser morta por essa identificação absoluta, - portanto ninguém vai querer arriscar isso. Tudo que você faz é tentar evitar esse esvaziamento do "eu", porque tudo que o "eu" faz é feito a partir da preocupação com a sua existência. Tudo que vem desse "eu", desse pensamento-"eu", vai ficar lutando contra aquilo. Mesmo meditação ou compreensão serão técnicas para evitar aquilo.

Por livre -arbitrio você não vai jamais colidir com a árvore da existência. Sempre quer tirar uma carteira de motorista justamente para não acertá-la.[risadas] É assim. É este o funcionamento desse objeto separado e do sistema de sobrevivência enquanto um "eu quero sobreviver". Portanto você quer tornar-se imortal, e querendo tornar-se imortal, é preciso evitar a morte. Você medita sobre essa imortalidade que quer atingir. Assim você nunca põe em prática esse assassinato final que é necessário, esse negócio da Kali, de cortar as cabeças.

Daí que se diz que é pela graça que você vai ser decapitado, goste disso ou não. Mas não sera por querê-lo. Você pode levantar a cabeça—"Ôh, olha, me pega!" Não funciona. Ela não conhece você. Enquanto você estiver querendo graça, jamais vai encontrar graça.

Mas quando a graça está atrás de você, é melhor ter cuidado. Esse ter cuidado é como tentar fugir. Porque você já começa a sentir algo. Você já está na boca do tigre, e numa fração de segundo essa boca vai simplesmente 'cloque!' fechar, e você nunca sabe quando. Assim você anda se preocupando. "Talvez—oh!—o que eu posso fazer para evitar isso?" E você sempre tem dúvida. "Oh! Será que estou na boca do tigre ou não? Devo estar! Não, não estou. Será que sou suficientemente maduro? Que posso fazer para amadurecer mais? Ou menos? Eu realmente quero isso? Talvez não quero ser um 'salgadinho de sofá' assistindo televisão pelo resto da minha vida. Não, eu não quero o tédio de uma não-existência desse "eu". Não, o "eu" não gosta disso! [risadas]

Como se eu já soubesse. Sim, todos passamos por isso. E não há nada de errado com isso. Simplesmente veja isso como o funcionamento daquilo. E sem uma única ideia dessas, não haveria nenhuma existência. Porque toda preocupação que há, toda idéia, todo e qualquer aspecto da existência, têm que ser exatamente como são nesse momento do tempo – e mesmo não havendo tempo – para que a existência absoluta seja tão absoluta como é.

Portanto nada precisa acabar para essa existência em si, porque tudo isso é o que é a existência em si. Todas as pequenas preocupações e todos os pequenos aspectos das flores e do florescer e das nuvens chegando e indo e do chorar e das lágrimas – tudo isso é o que é. Você. Não se pode evitar nenhum aspecto disso. Nem mesmo o próprio evitar você pode evitar. Então não se preocupa. Como você é Aquilo que é o Coração em si, tudo que é, é o que você é. Que mais?

Assim eu estou aqui sentado para lhe dizer: "Não se preocupa, seja feliz," porque mesmo isso que está se preocupando, essa infelicidade toda, faz parte da felicidade que você é. É um "felizar", um "evento feliz"[\*"happy-ning", -jogo duplo de palavras,-happy=feliz/ to

happen=acontecer] porque, dessa felicidade absoluta que você é, só vem felicidade.

## **Acendendo a fogueira do absoluto ‘burn out’**

PETE: Se é preciso preocupar-se, pela razão que você deu, qual a parte sua que não se preocupa?

KARL: O Coração nunca se preocupa.

PETE: Onde fica o “Não se preocupem!” [\*palavras de Jesus, “Não tenham medo!”], se você precisa preocupar-se?

KARL: N’ Aquilo que é Coração, que é a Fonte absoluta de tudo que se pode imaginar, há um “eu” imaginário, um “eu sou” imaginário, e preocupações imaginárias que surgem desse “eu sou”. Mas quem vai se importar com todo esse funcionamento, com esse filme?

Trata-se de um filme absoluto. Você não pode mudá-lo porque já está rodado. Não pode mudar nenhum quadro dele, nenhum aspecto. Nesta totalidade de manifestação não tem começo nem fim. É tão consistente como você é. Nada acontece ; não há nenhum acontecimento ali. Nada se passa. Portanto, se tudo já é tão consistente, e se cada quadro no instante em que aparece diante de você ou em você, é um quadro total desse filme infinito , então você pode simplesmente divertir-se com o filme. Você não pode mudar o filme, então você se reclina nesse experimentador absoluto que você é, e assiste o filme.

PETE: E se o filme é de preocupação—Você está imaginando o tempo, e nesse momento particular do tempo, o filme é um filme de preocupação.

KARL: Bem, divirta-se com a preocupação.

PETE: Quer dizer que não se pode *não* se preocupar, já que o filme é preocupação nesse momento.

KARL: Mas você não deveria preocupar-se com a preocupação.[risadas] Isso é o que te prende dentro do filme. Você fica cuidando dos cuidados e isso faz você fazer parte. Você fica sendo parte do filme porque toma cuidado. Você se apaixona pelo filme. Então ao namorar as imagens do filme, você entra no filme.

Essa idéia de um “amor elevado” talvez nem é tão bonita, porque você imagina que o filme é algo diferente do que você é , e este amor cria até ódio, e amor e ódio se combinam, porque você entrou nesse negócio das polaridades – e por amor!

Mas você não pode *não* entrar, porque não pode *não* apaixonar-se por você mesmo. Fazer o que? Só resta ser, dentro do filme ou sem o filme, o que você é, já que não é possível evitar de apaixonar-se pelo que você é.

PETE: Se você se cai nesse filme – isso é compaixão?

KARL: Não, não, não. Isso não é compaixão. Com esse cair na paixão e entrar no filme, já começa o sentimento de pena.

PETE: Mas antes você falou da serpente que morde seu proprio rabo, e você usou o termo *compaixão*. Eu achei isso interessante. Você disse que quanto mais alguém fica se

envolvendo nesse drama, quanto mais identificado---

KARL: Sim, o único caminho para fora desse filme é de você *ser* o filme. Isso sim é compaixão – mas sem haver alguém que tem compaixão.

PETE: Ser o filme inteiro.

KARL: Na identificação absoluta com Aquilo que é existência em si, que nunca começa e nunca acaba, não tem mais ninguém identificado. Mas tudo aquilo com que você se identifica como algo separado d'Aquilo, ainda deixa você pousar num ponto qualquer da identificação separada. E isso logo mais será trocado por outra coisa. Mesmo na identificação com a pura consciência, você vai regredir para os estados de “eu sou” e “eu sou assim”.

Permanecer no Coração é isso, é ser Aquilo que é Coração, que é a identificação absoluta com a totalidade da existência. Nessa identificação absoluta não há espaço, porque ela é vazia de “eu”.

Ela é plena e ela é vazia, simultaneamente. Então existe aí uma plenitude do vazio, um pleno vazio. E nessa plenitude do vazio, não há mais um “eu” porque não há absolutamente espaço. Há uma ausência total e uma total presença, as duas juntas. Não há nenhum “eu”, nunca teve e nunca vai ter. E nisso você é esmagado totalmente pela existência em si.

É o abraçar absoluto do próprio abraçar infinito. E nesse abraçar absoluto, a idéia de “separação” – e qualquer idéia – simplesmente acaba, absolutamente, - essa ideia que por si nem existiu. Mas não há ninguém que consegue fazer isso. Cai do céu. Costuma chamar-se “a explosão do amor”, ou “a explosão da existência”, já que é uma total implosão e explosão que cai nessa identificação absoluta daquilo que você é.

E isso é o “split second”[\*fração de segundo], pois não é no tempo.

Tudo bem?

Uma MOÇA: Com certeza.

KARL: Com certeza.[os dois riem] Então mesmo isso aqui, quais sejam as palavras que eu posso usar agora, ou conceitos, eles não são mais que apontadores [\*pointers] para aquilo.

PETE: Esse é sempre o meu problema. Estou sempre fazendo isso com a minha mente. Entro nesse estado mental de imaginar que eu sou tudo, mas então isso é nada mais que mais um pensamento, mais um conceito.

KARL: E vendo isso ---

PETE: É o que eu disse ontem do “pensamento corretivo”, lembra?

KARL: Sim, mas já lhe disse, mesmo esse pensamento corretivo não vai ajudar.

PETE: Certo, porque ele pode não vir quando você precisa dele.

KARL: Mas isso ajuda você. Ajuda absoluta é isso - de mostrar que Aquilo que você é nunca precisou de ajuda. Você não precisa de nenhuma correção. Você é absolutamente correto, mesmo sendo incorreto. Portanto essa minha vã tentativa de lhe ajudar, talvez está ajudando --- no sentido de apontar para essa impotência que você já é, a qual nunca

precisou de nenhuma ajuda.

Toda imagem, todo conceito que eu posso lhe dar, não pode mudar o que você é, já que você é Aquilo que é esse Absoluto. Tudo que eu posso dizer não passa de indicadores para Aquilo. Mas como vê, na mente isso não vai funcionar jamais. Então você talvez abandona a idéia de que a mente poderia conseguir uma vantagem por compreender alguma coisa. E quando você desiste de querer entender, e vê que a compreensão não vai lhe trazer benefícios, essa idéia desmorona.

A idéia do “*jnani*” desmorona, e de repente, “Oh, o *jnani* estava sempre aí. Eu já *sou* compreensão, e eu estava procurando por mais compreensão. Que idéia! Eu sou esse saber absoluto sem nenhuma idéia do saber ou do não saber. Portanto aquilo que vive a partir do saber ou do não saber --- a mente --- não pode me ajudar.” Isso é ver que a mente pode fazer de tudo que uma mente faz, e que o que é consciência pode prometer tudo que a consciência é capaz de prometer.

É esse diabo da separação, das promessas, que pode prometer-lhe algo, - mas você vê absolutamente que ele não é capaz de entregar-lhe esse tesouro que você é, ou seja, ser o Absoluto em si. Isso não pode ser transmitido por nenhuma idéia, por nenhuma compreensão, por nenhum ‘insight’. Por nada que você pode imaginar, isso pode chegar.

Não tem nenhum sistema de entregas como o da *UPS*, que chega e lhe traz as coisas. “Ups, - aí estava. Oh, já foi embora novamente.” “Ups!” vem, e “Ups!” vai. É como a iluminação. A iluminação vem; e então “oh!” já se foi novamente. “Oh, merda, perdi-a novamente!” [risadas]

PETE: “Eu tive um instante de iluminação, ontem.” [mais risadas]

KARL: E antes de poder botá-la no bolsa, ela já se foi. Merda. Na próxima vez vou ser mais atento. Quando chega, vou estar pronto com a minha carteira—Ah, sim, agora tenho-a. Agora, só colocá-la no meu coração. Sim, agora tenho-a. Depois posso alimentá-la e fazer com que brilha.” Olhem só! Eu a tenho. Eu achei. Eu! Agora estou com a consciência-de-Deus. Eu!”

PETE: Tem uma linha divisória bem tênue entre isso e o simples ‘burn-out’ espiritual[\*colapso esp.], você sabe. Você simplesmente se cansa disso. Você se cansa de lutar e tem um colapso.

KARL: Espero que você tenha o ‘burn-out’ absoluto. E essa questão “Quem sou eu?” é como acender o fogo desse ‘burn-out’. Depende então de quantos conceitos têm aí, ou quão forte ainda é esse “eu”. Algumas vezes desmorona imediatamente, e outras vezes fica queimando por um pouco mais de tempo. Mas quem se importa quanto tempo leva. O fim vai ser o fim de ‘você’.

E o fim será, você ver que nunca houve nenhum começo. E vendo que nunca houve um começo disso que você é, isso é o fim do fim, a morte da morte, - já que nada jamais nasceu nem pode morrer, então só a morte pode morrer nessa fração de segundo[\*split second] em que você vê que você é Aquilo que é.

Ninguém aguenta esse “não haver fim”. Aquilo que é esse filme não tem ‘happy end’[\*final feliz] como um filme normal. Você está sempre esperando pelo final e de poder ir para casa, mas garanto-lhe, este filme não tem fim. [risadas] Você está tão

acostumado de ir ao cinema, e cada filme ter um final. O final feliz é ver que o filme não teve nenhum começo. Mas veja que então não sobra nesse ver ninguém para ficar contente. Portanto isso não se dará na *sua* presença.

PETE: Não é um contentamento mental. Ela não se dá na mente, essa alegria.

KARL: Mental? Tudo antes é na mente. Mas então você dá o passo para fora dessa alegria imaginária, para dentro d' Aquilo que é alegria em si. E n' Aquilo que é alegria em si, não tem mais ninguém que fica alegre. Aí não há ninguém em casa. N' Aquilo que é o em-casa, ninguém pode estar em casa. Quando você é Aquilo que é o proprio em-casa, que é Coração em si, não tem mais ninguém que está em casa. Não sobra nenhuma idéia de posse ou de feitor, e assim você deixa de ser possuído por essa idéia, - que é esse nó no coração, o qual sempre exerce essa pressão para você possuir algo.

“Meu coração.” Assim você se encontra sempre sozinho. Com a idéia de posse, você entra para o reino da solidão do existir. Porque no instante em que você estiver identificado com algo, surge o rapaz solitário. O filme solitário começa com “eu”, possuindo algo. “Possuidor de um coração solitário.” E então ela está sempre por perto, essa tristeza desse alguém, já que esse pensamento-“eu” é a tristeza em si. Isso já é a separação e como que um engano.

Esse engano e essa tristeza, você não pode aceitar jamais. E daí que esse “não existe nenhuma ajuda” naquele momento, te deixa deprimido ou triste. Sente um aborrecimento constante. E isso faz com que se torna um buscador. Em busca da felicidade, a idéia de algo que você imagina ter perdido, - você a procura em todo lugar, e até morre por ela.

E sem você poder saber quando, isso vai-, isso tem que acontecer. Mas tudo que veio precisa partir novamente, portanto também essa idéia que você imagina como algo que veio, vai sumir.

Só que ninguém sabe quando a fogueira vai ter queimado até acabar[\*burnt out]. E ninguém pode lhe ajudar. “Nem mesmo eu!” Portanto eu aqui sentado, na realidade sou absolutamente irrelevante para o que você é. Nada posso lhe dar, nada posso lhe tirar. Posso talvez apontar para alguma coisa, mas isso não ajuda. Portanto, é absolutamente inútil.

MR.RAO: Mas apontar a isso, - isso sim pode ajudar.

KARL: Não tenho idéia. É um paradoxo. Estou apontando para a sua natureza absoluta que nunca precisou de qualquer ajuda. Portanto isso não é ajudar. Ninguém está ajudando ninguém. Você pode até chamar essa absoluta “nenhuma -ajuda” de “ajuda”, mas não é ajuda. Você se ajuda a si mesmo, já que não há nenhum outro Si que pode lhe ajudar.

Mas o Si não precisa de Si. Portanto não existe ajuda. Êste *koan* você não vai desfazer jamais. Fazer o que? Eu deveria ser o homem mais frustrado sobre a terra. Falando todos os dias sobre a mesma coisa, e conseguindo nenhum resultado.

AIKO: Posso lhe contar só uma coisa?

KARL: Espero que não!

AIKO: Isso me deixa mais calma.

KARL: Mas lhe digo, a calma que chega também pode ir embora de novo.

AIKO: Mas ainda---

KARL: Sim, ainda. Fica contente. Quando vê a futilidade do fazer, se isso te tranquiliza, tudo bem. No instante de ver isso, isso primeiro aparece no seu espírito, nesse “eu sou”, nessa compreensão. E então vai descansando, descansando, descansando mais e mais n’Aquilo que é Coração em si. Simplesmente dissolve-se nessa futilidade, nessa desorientação. Primeiro parece algo sem-remédio, e então torna-se novamente esse desamparo em si.

Porque quando começa essa desorientação, essa pura consciência, isso fica simplesmente afundando naquele desamparo que é o que você é, naquele paraíso absoluto de ver que tudo que você pode ver, não lhe pode dar nada, não pode lhe trazer nada.

Portanto, isso não é nada mal. Põe você para dormir. Quem sabe, eu sou uma pílula para dormir. Hoje você precisa de um remédio para dormir, Francesco?

FRANCESCO: Não, hoje tudo está muito doce. Não sei porque. O que você comeu ontem a noite?

KARL: Vimos um bom filme ontem a noite. Muito *bhakti*. “Down to the river we go”. [\*Descemos para o rio] Batizado.

FRANCESCO: O título?

KARL: *Brother, Where Art Thou?* [\*Irmão, onde estás?]

FRANCESCO: Filme antigo?

KARL: Não, quatro anos.

FRANCESCO: Não é novo. É por isso que você está de bom humor?

KARL: Não posso pôr a culpa em nada.

FRANCESCO: Claro. Para você.

KARL: Isso pode mudar a qualquer momento. [risadas] – Como você diz. Tem algo aí? Tudo bem? Mais ou menos. Mexico?

ROSA: Eu sinto que hoje sei menos que jamais antes.

KARL: Sim, soa bem. Menos e menos e menos e menos.

ROSA: Mas, eu não sei.

KARL: Eventualmente a pergunta não consegue aparecer, e então a pura consciência simplesmente a esgota. Nada mais. Assim, pergunta por pergunta chegando nessa pura consciência desse desamparo ou dessa futilidade, ela simplesmente surge, logo é expressada e então desaparece, até você esvaziar-se totalmente, até mesmo do próprio questionador.

ROSA: Algumas vezes me sinto bem, e depois às vezes me sinto--

KARL: Mal de novo.

ROSA: Mas não realmente mal ou realmente bem. Mais por igual.

KARL: É como antes, você se sente mal e depois bem, como céu e inferno. É muito

polarizado. E depois isso se aproxima mais e mais dessa linha da pura consciência.

ROSA: Sim, é assim.

KARL: Então a vida se torna paz, como um rio ou uma linha de paz, com cada vez menos altos e baixos, e sem tiques ---

FRANCESCO: Isso é “Parkinson”. [risadas]

KARL: Ah, não. Isso é como o rio da pura consciência. Mesmo no sono profundo, tem isso. Durante o dia, vai subindo e baixando em ondas, tem picos e vales, e depois no sono você simplesmente desce para esse rio- uno. E depois de manhã, novamente isso começa a subir e descer. Ora mais, ora menos, com emoções, toques, movimento. Portanto cada vez fica menos, quer dizer que você volta cada vez mais para esse estado de sono.

ROSA: Sim.

KARL: Mas isso é ser cada vez mais desapegada?

ROSA: Sem palavras, - nenhuma idéia.

## **A família que Karl nunca teve**

ANNA: Karl, fico pensando se você pode, ou se poderia -- passar todos esses pensamentos aos seus pais ou parentes?

KARL: Se eu pudesse contar-lhes?

ANNA: Quero dizer, como eles vão reagir?

KARL: Oh, muito bem. Você acha que eles pegam uma camisa de força e me internam num hospital? Não.

Foi bonito com a minha mãe, porque antes de morrer, eu estava falando com ela sobre o livre arbítrio e essas coisas todas. Então ela teve uma cirurgia dos pulmões, retiraram metade de um pulmão com cancer, e ela entrou em coma por cinco semanas, e eu falava com ela. Quando acordou, ela disse, “Karl, você tinha razão. Eu não posso decidir quando vou morrer, mesmo realmente querendo—”. Ela realmente se ‘encheu’, do filme todo---” Mas como não posso decidir quando isso ---, e como isso pode levar ainda algum tempo, quem vai ligar?” Assim mais tarde, um ano depois, uma noite ela simplesmente captou isso, e então ela ficou quieta.

Mas antes, ela era a pessoa mais queixosa do mundo. Eu não podia aguentá-la. Ela era A Queixa em pessoa. Queixando-se da vida inteira, o tempo todo, “Eu quero morrer e buu-huu-huu, e minha cabeça, e ninguém me ama.” “Ah, cala a boca!” [risadas]

FRANCESCO: Você disse isso?

KARL: Sim, eu lhe disse, “Uma palavra a mais, e eu vou embora. Uma palavra a mais e você não me vê nunca mais.”

THERESE: Isso é extremo.

KARL: Extremamente consequente. E ela sabia que eu falava sério. “Uma palavra a

mais!” [risadas]

THERESE: Isso foi depois do cômico?

KARL: Não,- antes; mas foi como uma energia emprestada que lhe dei esta atitude consequente.

FRANCESCO: Ela entrou em cômico porque você lhe disse para ficar quieta! [risadas]

KARL: Mas foi um ensinamento maravilhoso, esse cômico. Mostrei-lhe que ela não podia ajudar a si mesma. E ela estava realmente pronta para morrer a qualquer momento. “Eu não quero mais viver! Totalmente. Absolutamente. Não. Esta dor, tudo isso, não!” Mas então, cômico e acordar, e depois houve esse largar da esperança dela ser capaz de decidir algo. A idéia de um “livre arbítrio” sumiu de vez. Ela era pura aceitação.

Então, durante este ano, ela não se queixou mais. Todos ficaram tão admirados. Mesmo meu pai não dizia mais que ela deveria deixar de fumar. Porque ela ainda estava fumando, mesmo com esse furo aqui [mostra um ponto na garganta]. Mas ninguém lhe dizia mais para parar. Eu disse ao meu pai, “Basta uma palavra sua para ela parar, e eu vou parar você.” Foi genial. Fumando aqui, e então a fumaça saindo por aqui. [“uuhh”-s e “ooh - não”-s do grupo] Mas ela estava feliz. Eu disse, “Não se preocupa. Um mês a mais ou a menos fumando, quem vai ligar? Meu Deus. Se você gosta!”

Assim que isso foi como se, algumas vezes funciona.

THERESE: E o seu pai, podia escutar você?

KARL: Não, com meu pai foi uma estória diferente. Quando minha mãe morreu e já estava no túmulo, ele quis pular atrás dela, queria se matar, absolutamente. “Karl, não posso mais viver. Me ajuda!” Eu disse, “Tudo bem, como posso lhe ajudar? Devo arrumar um revólver, uma corda, ou umas pílulas? O que posso fazer por você? Como posso te matar? Como posso ajudar-lhe?”

[silêncio]

Ele ficou totalmente zangado. [risadas] “Como tem a ousadia!” disse. Ficou tão zangado comigo, que esqueceu totalmente que queria se matar. [mais risadas] E três meses mais tarde, tinha uma nova namorada. Quinze anos mais nova! Só isso, com relação ao dizer “Não quero mais viver!”

Assim, só para deixar isso claro, se você é consequente nessa aceitação, nessa impassividade, êste é o único caminho. É isso, compaixão. Nada de ajudar ou, “como posso faze-lo entender?” – tudo isso é auto-piedade. Mas com essa impassividade e essa aceitação despreocupada, naquele momento você diz, “Sim, ou não?!” e nada mais. “Tudo bem. Como posso lhe ser útil agora?” E diante da minha aceitação total do desejo dêle, ele ficou totalmente chocado.

Naquele instante não há quem não saia do “Kindergarten” [\*jardim de infância] e cresce, como consequência dessa aceitação. Porque isso é mortal. Fazer o que?

É como aqui. Se alguém vem com uma questão de como ser consequente, - já essa impassividade sozinha aponta para a impassividade que você procura. Você está procurando aquela liberdade que é despreocupação, aceitação a cada momento – e de no próximo momento não haver um próximo momento – e realmente persistindo nisso, para

tudo que vier você pode dizer, ”Sim. E daí?” Todos vêm para cá a procura disso; pura liberdade, essa impassibilidade absoluta e despreocupação absoluta com tudo que existe.

Portanto isso é um indicador, talvez seja mesmo um exemplo, algo como ver uma publicidade dessa impassibilidade. Veja como é fácil! Não há nada mais fácil do que essa impassibilidade e essa desorientação e impotência. Tudo o demais são conceitos de moralidade, de querer ajudar, e eles vêm dessa idéia de “eu”, da auto-piedade. Mas essa impassibilidade é compaixão e não auto-piedade, porque não há mais um si que sente pena de si mesmo.

Enquanto ainda houver uma idéia de “mim”, de si mesmo, há auto-piedade, e você sente pena de si mesmo e pena dos outros. Somente com essa Abnegação, essa impassibilidade que não vê ninguém correndo perigo, não vê ninguém como se tivesse nascido, - então com tudo que chega, você vê que ninguém se machuca, porque simplesmente não há ninguém que poderia machucar-se, - o que há é a consciência, transformado-se em alguma coisa. Nada que nasceu, e nada que vai morrer, - pois Consciência é em si infinita. Simplesmente muda de forma. E daí? Se você é essa imortalidade falando a essa imortalidade que nunca nasceu, a essa existência não- nascida, então o que pode acontecer?

Anos atrás, eu volta e meia trabalhava para minha mãe no ‘pub’[\* bar, boteco], e os vilarejos chegavam, e quanto mais bêbados eles ficavam, melhor eu podia conversar com eles. Eu realmente martelava nêles, “Ah, vem cá, toma mais um, você ainda não está bêbado bastante!” [risadas] “Hoje sou eu a tomar conta do ‘pub’, e tem cerveja de graça. Vem, fica bêbado e você chega naquele ponto de despreocupação, porque você é Aquilo. Fica embriagado com a existência! Seja Aquilo que é Coração, totalmente embriagado por esse nectar da despreocupação, essa impassibilidade, essa liberdade. Seja isso! Então bêba mais! Toma mais um.”

GEORG: E onde fica esse ‘pub’?

KARL: Você está sentado nele.

GEORG: Amanhã vou trazer meu copo.

KARL: Chega de respostas sobre minha família. Mas é a família que eu nunca tive. Um belo espetáculo. De fato, foi a preparação para eu vir sentar aqui, porque ali com toda essa bebedeira, os velhos reclamando das suas mulheres – não é tão diferente daqui!

MARY: Seus pais tinham um ‘pub’?

KARL: E uma fazenda. Sim. Então, às cinco da manhã eu ia tirar o leite das vacas, à tarde jogava baralho com alguns vilarejos, e à noite, cerveja até a uma. E então, as vacas de novo.

MARY: Eles tinham uma fazenda e um ‘pub’?

KARL: Sim. Ainda têm. Mas eu fugí. Minha irmã continua aí. Ela se encarregou. Estou tão agradecido. Mesmo quando ele se comporta igual a uma mãe, ainda assim me sinto feliz.

MARY: O que você quer dizer?

KARL: Ela tem que cuidar dos filhos, e assim às vezes precisa ser dura. É a sua

obrigação. Ela é uma boa mãe. Uma boa mãe é uma chateação para o resto do mundo. [risadas] Ela só se preocupa com os seus filhos, com o que eles conseguem. Mas tudo bem.

MARY: E você tem filhos?

KARL: Eu? Não. Veja, tudo é uma demanda dessa totalidade. Se você é uma mãe, precisa se comportar como tal. Precisa preocupar-se mais dos seus filhos que dos outros. Assim um lado é voltado ao amor, e um outro lado é –grrr!- lutar. Mãe é isso. Assim é que funciona; e é totalmente como isso deve ser. Então fazer o que? Não tem ninguém que pode evitar isso. A mãe não pode *não* amar o filho.

MARY: Mães já nascem protetoras, é biológico.

KARL: É isso, protetoras. E se você é protetor, algumas vezes tem que matar um outro alguém. Faz parte dessa proteção. Mr. Bush, protegendo os americanos, tem que matar os iraquenses, porque falta petróleo para os carros. Ele é uma mãe que protege os Estados Unidos.

MARY: Um pai.

KARL: Ou um pai. É o mesmo. Mas pais vão para a guerra, e mães os enviam. [risadas] Quem é pior então? São sempre as mães que mandam os seus filhos para a guerra. Filhos guerreiros. Cuidar da família. "Ganha algo para mim. Quero ter algo sobre a minha mesa." É uma tradição muito antiga. Fazer o que com isso? Só mesmo os solteiros que querem sair disso. Então é isso, com respeito ao negócio de família.

ANNA: Sim, é bom saber disso.

KARL: Talvez assim você não precisa ir ao curso de "constipação familiar". [\*aludindo a um método terapeutico chamado "Constelação Familiar"] [risadas]

ANNA: Claro.

KARL: Talvez você vê que nada vem mesmo de uma pessoa. É só o funcionamento de uma função. Portanto isso retira toda a culpa de cada um. Fazer o que então? Eles só podem ser como são. Não podem ser diferentes. Como eles são o funcionamento de tudo aquilo para que foram moldados nesse sistema de informação, de desenho genético, ou como você quiser chamá-lo, - de uma história.

FRANCESCO: Nada mal.

KARL: Agora, isso não faz deles uns santinhos.

AIKO: Minha mãe era mais avançada que eu. Quando ela estava morrendo, eu pensava na reencarnação. Era o meu conceito. Então ela disse, "Isso não passa de mais uma esperança."

KARL: Sim, - você vê.

AIKO: Ela era muito boa.

KARL: Ela conhecia a filha dela. Todas essas idéias são só idéias para se achar uma saída.

AIKO: É isso.

KARL: "Talvez, talvez." Sempre como um navio com S.O.S. "Socorro, estou

afundando!” – “Tudo bem, vou lhe ajudar!”[risadas] Francesco, tudo bem? Será que eu toquei demais em sua mãe?

FRANCESCO: Não. Já com o meu pai, isso foi bem diferente. “Você pensa o que quiser, mas é importante que trabalhe. Se trabalhar, pode pensar o que quiser.”

KARL: Mas você tem que trabalhar, certo?

FRANCESCO: Sim.

KARL: “Enquanto você faz o que eu quero, pode pensar o que quer.” Foi igual comigo, sem dúvida! [risadas] Como vai a Itália?

MRS.ANGELINA: Estória poderosa de família.

KARL: Estória poderosa de família. Isso é italiano. *Mamma mia!*

MRS.ANGELINA: Muito pesada.

KARL: Mesmo ser uma ‘mamma italiana’ não é coisa fácil.

MRS.ANGELINA: Sim, sim. Muito difícil.

KARL: Garantido. Fazer o que?

MRS.ANGELINA: Cozinhar, cozinhar, e cozinhar![risadas]

KARL: Pasta, pasta, pasta[\*macarrão]—até que *basta* ! E você nunca sabe quando vai chegar o *basta*, mas até então, é pasta.

## **Entre a sabedoria do vazio e a plenitude do amor**

MATHILDA: Sendo no Si, você está além da polaridade. Mas se viver na terra, isso não pode ser.

KARL: Digamos que você não vai poder trazer isso para a vida, porque isso jamais existirá em polaridades.

MATHILDA: Sim. Quero dizer, viver na terra é polaridade o tempo todo.

KARL: Esta relatividade simplesmente é polaridade. Simplesmente há distinções. Mas fundamentalmente você não pode trazer o Absoluto para a vida, porque ele já está aí.

MATHILDA: Estou falando com relação a este sistema---

KARL: Isso é tudo que há. Mesmo essa relatividade é Aquilo que é Si. Mas Si não é relativo por ser relatividade. Si assume a forma de relatividade ou polaridade. Si é Aquilo que é polaridade, mas não tem polaridade. É Aquilo que é polaridade, mas aí não há separação. É Aquilo que é separação, e Aquilo que é separação não é separado. Esta essência[\*”is”-ness] do ser-separado, esta essência da un-dade[\*one-ness], esta essência da pura consciência, é sempre Aquilo que é a existência em si, assumindo a forma de separação. Mas essa separação não fará d’ Aquilo que é Si algo separado.

MATHILDA: Cada vez que tem separação ou polaridade, eu não posso experimentá-la, -é isso?

KARL: É a própria experiência, mas não pode experimentar isso. Assume a forma de um experimentador, e é Aquilo que é o experimentador, e é Aquilo que é o experimentar, e é Aquilo que é experimentado. Sem distinção. Mas não é o experimentador, e não é a experimentação, e não é o que está sendo experimentado. E sim, é Aquilo que é o experimentador, Aquilo que é a experimentação, e Aquilo que está sendo experimentado. Isso ficou claro agora! [risadas]

Quando tem três coisas diferentes – um sujeito, uma função da percepção, e aquilo que está sendo percebido como objeto --, então isso em essência é Aquilo que é o perceptor, Aquilo que é a percepção, e Aquilo que está sendo percebido –, já que Coração é tudo que há. Desta maneira Aquilo que é Coração, assume a forma de um experimentador, uma experimentação e algo que está sendo experimentado. Mas não é um experimentador experimentando algo para ser experimentado. E sim continua sendo Aquilo que é.

Não há nada que não é Coração. Seja qual for a forma ou configuração assumida pelo Coração, isso não faz do Coração algo separado daquilo que é Coração. Portanto há separação, mas não há. Tem aí um sonho de separação, mas ninguém que existe separado. Claro?

Portanto, nada precisa desaparecer para Aquilo que você é. Simplesmente, seja Aquilo que é, como *Eu sou Isso*. E então você é Aquilo que é o experimentador experimentando algo experimentado. Assim você é o “eu”, você é o “eu sou”, e você é o mundo. Você é o “eu”, como experimentador, como Aquilo que é o *eu* do “eu”. E você é experimentação, como “eu sou”, ou espaço, - como Aquilo que é o *eu sou* do “eu sou”. E você é Aquilo que é o mundo, sendo o *mundo* do mundo. Assim que isso é uma trindade na sua manifestação; mas você é Aquilo que está se manifestando, portanto você não é algo manifestado, nem mesmo em manifestação. Você é Aquilo que é manifestação, mas ainda assim não é algo manifestado.

MATHILDA: Então eu não posso jamais sentir isso com atenção, porque se eu tenho a consciência atenta, então --

KARL: N’Aquilo não há ninguém que tem pura consciência. Você não pode possuí-la. Em toda essa trindade não existe propriedade. A existência não pode ser possuída por alguém. O possuidor, o possuir e o que pode ser possuído, é possuído unicamente por Aquilo [levanta a mão fechada em punho]. Portanto o possuidor [polegar], o possuir [polegar e dedo indicador], e aquilo que pode ser possuído [polegar, indicador e dedo médio], isso tudo é uma manifestação parecida com sonho e pertence a esse possuidor absoluto que é Coração – por ser Aquilo.

Portanto em essência você é o possuidor absoluto de tudo—da posse, do possuidor enquanto possuidor relativo de uma propriedade qualquer, e de algo possuído --. Você é esse possuidor absoluto que é Coração. Isso você não pode deixar de ser e também não pode recuperar. E não é por qualquer posse relativa de idéias ou por compreensão, que você vai poder tornar-se esse possuidor absoluto.

Com Jesus, ‘você só pode vir como existência nua. Nenhum proprietário passa pelo olho duma agulha. Você não pode seguir-me enquanto não estiver totalmente desnudo, despido de todas as idéias sobre o que você é e o que você não é -- existência nua em si.’

E nessa nudez é o paraíso. Porque não sobra ninguém que pode ser feliz ou infeliz, sortudo ou não sortudo, conhecedor ou não-conhecedor. Tudo isso – tomado por algo real, por alguém que existe, como um “eu” – tudo isso é algo como um sonho, e você ao tomar um sonho por realidade, fica preso a essas imagens e esses objetos, e você mesmo se torna um objeto. Mas você é Aquilo que é Coração. E nunca deixou de ser isso, portanto nunca precisa recuperar isso. Por nenhuma técnica, nenhuma compreensão, você pode tornar-se o que já é.

Tal compreensão não é uma compreensão; Este compreender significa de fato o desmoronar total de um qualquer que compreende. Mas isso não pode ser provocado por esse um. Acontece. Como veio sozinho, essa paixão pela imagem de si também vai desabar da mesma maneira, sozinho, e não por causa de uma compreensão ou uma técnica qualquer ou pelo que seja que esse meditador tenha feito.

MATHILDA: E o que você tem em mente quando diz que você é um rasga- corações?

KARL: É deixar claro que o amor não está na terra, que você não pode jamais encontrar o que você é, e que tudo quanto é o amado, não pode ser uma posse sua. Porque este amor relativo é como se você estivesse querendo abraçar o amado o tempo todo, e nisso você é separado daquilo que você é. Você vira um amante e algo amado. Partir ou rasgar o coração significa, deixar claro que o que você toma por amor, não é Aquilo que é amor. E não pode ser controlado por você.

MATHILDA: Dá para se perceber isso?

KARL: Eu diria que você não pode senti-lo, e você não pode *não* senti - lo. Você é isso absolutamente, e esse *sê-lo* absolutamente significa experimentá-lo absolutamente.

MATHILDA: Será porque é algo para lá da polaridade que eu não posso reconhecer isso?

KARL: Você não pode *não* reconhecê-lo. Você é o próprio reconhecimento disso. Tudo que você reconhece é o que você é. Não importa que forma isso assume, ainda é o que é. Você não pode *não* experimentar o que você é, já que só existe Aquilo que é Coração que experimenta o Coração. Em toda experiência você é Aquilo que é Coração, experimentando um aspecto do Coração. E como não pode *não* realizar-se a si mesmo, tudo que é realizado é Aquilo que é Coração.

Isto é o que você é. Não tem nenhuma diferença entre o real e a realização. Tudo que é, é Coração, e Aquilo você não pode *não* experimentar, já que você é Aquilo. Não tem nenhum momento sem isso. Nenhuma experiência foi sem Coração. Portanto Coração é Aquilo que é o experimentador, a experiência e o que é experimentado.

Não é necessário que você traga algo para dentro d’Aquilo que é Coração, porque o Absoluto é, mesmo nessa separação absoluta, Aquilo que é o Absoluto. Só existe o Coração absoluto – na separação, na un-dade, e mesmo na pura consciência. Tudo é Coração. Nada precisa aparecer ou desaparecer para que Aquilo seja.

Portanto você não precisa trazer nada para nenhum lugar, porque isso já é em todo lugar e em lugar nenhum. Em lugar nenhum, veja bem, - e não, em qualquer lugar. Este paradoxo você não pode dissolver. De isso não ter lugar, mas de não haver nenhum lugar sem isso. De nisso não haver tempo, mas de nenhum momento existir sem isso. É Isso o que você é --- entre as duas afirmações.

Você se equilibra entre a sabedoria do vazio e a plenitude do amor. No meio, nessa terra do nunca-nunca, você é. São os dois lados d'Aquilo que você é, o vazio e a plenitude, a sabedoria e o amor, e você é Aquilo que é a essência de ambos.

VICKI: Se você é a essência de todas as polaridades, elas vão tornar-se iguais?

KARL: Não. A polaridade existe, e há uma harmonia em tudo que esta polaridade traz ou não traz. Aquilo que é polaridade não pode ser perturbado por nada que é polarizado, ou como seja que ela se apresenta.

Não importa em que ponto você está no balanço do pêndulo; – já que você é o pêndulo por inteiro, não precisa se preocupar para onde o pêndulo vai. Para este lado, para o amor, ou para a sabedoria, ou no meio --- você não tem como distinguir. Porque você é o pêndulo, você é a existência inteira, aí não tem diferenciação, já que não há nada separado, nada segundo, para você poder diferenciar.

Qualquer momento dado nesse pêndulo ou nesse relógio, você é Aquilo. Então há polaridade, mas não há. Tem separação, mas ninguém que está separado. Este é o ponto fundamental. Não é a separação que é ruim. É a idéia de que você é “em separação”. Nunca houve ninguém “em separação”, já que você é Aquilo que é separação. Nunca pode separar-se de si mesmo, já que o Coração não pode jamais ser separado do Coração. E Coração, sendo Aquilo que é separação, não mesmo conhece “separação”.

MATHILDA: Devagar, devagar!

KARL: Digo-lhe, posso fazer isso todo dia, e é sempre novo. Cada dia, um martelo novo. E nunca se cansa de martelar, martelar, martelar. Dia e noite. Até o prego sumir. E logo terá outro prego, e você fica martelando e martelando e martelando. E mais um prego. E de ver que para um prego que você faz entrar, dez novos sobem. Feito uma música! É como se palavras saíssem da música. Sempre um coração cantando. Um coração martelando. O martelar do coração.

KLARA: Isso é como *neti-neti*. [\*nem isso, nem aquilo]

KARL: Sim, mas um *neti-neti* sem fim. Você está sempre tomando chá. “Chá não, chá não, eu quero café! [\*jogo de palavras com “neti-neti” e ‘nay tea-nay tea’= nem chá, nem chá] [risadas] ”Nem chá, nem chá. Café!” Então toma outro café. Nem chá. Nem café.

KLARA: Sou livre para escolher.

KARL: Ôi-ioi, agora estamos regredindo.

GEORG: Karl, teve alguma mudança na sua pintura, depois desse ‘evento’ que nunca aconteceu?

KARL: Ah sim, ela mudou. Antes, tinha essa “sabedoria do vazio”, totalmente, e todos os quadros eram pretos. Só havia pinturas e esculturas em preto. Tudo era preto. O vazio! Preto.

E então houve a explosão dessa coisa. Você vai para esse vazio e fica totalmente vazio dessa idéia e então, quando já está absolutamente vazio, chega a plenitude. Totalmente. Nesse momento, o vazio total vira plenitude. É algo como essa “explosão de amor”, como dizem. Quando você atinge um ponto extremo do vazio, da sabedoria, a plenitude pode chegar. Porque nesse vazio do Coração, a plenitude da existência cabe.

De repente, é a plenitude, e a partir desse momento, tudo era em cores vivas. Mudou a partir desse momento –boom! --, foi realmente como – buff! Eu fiquei realmente surpreso. Preto, e então – buumm! – a tela cheia de cores, brilhantes e coisa e tal. Mas ainda faço coisas monochromáticas, e coisas totalmente sem forma. Totalmente estrutura e fora, fora de tudo. Assim, agora tem os dois, -os dois extremos, mas de fato nada no meio.

GEORG: E você não pinta só pelo dinheiro; é pelo prazer?

KARL: É por dinheiro, vou lhe contar. [risadas]

GEORG: Mas mesmo que não ganhasse o dinheiro, você ainda faria os quadros?

KARL: Sim, sou suficientemente bôbo para fazê-lo mesmo sem vender. Mas digo-lhe, eu gosto de vendê-los, tanto quanto gosto de fazê-los.

VICKI: Tem lista de espera, sim?

KARL: Eu esperando pelos compradores, ou o que?

VICKI: Não, d'eles esperando pelos seus quadros.

KARL: Sim, preciso fazer mais alguns, porque já foram vendidos. É uma situação rara, digo-lhe.[risadas] Depois de vinte-e-cinco anos sendo artista plástico, isso é realmente uma situação rara. As pessoas olham alguns quadros, e depois dizem, "Eu quero o mesmo estilo de tal coisa."

VICKI: Mas em lilás. Uma cor diferente.

KARL: Sim, porque o meu sofá é diferente.[risadas] Uma cor um pouco diferente, por favor, para combinar.

MARY: Tem alguns artistas nesses tempos modernos com o mesmo problema, de não poder produzir suficientemente rápido.

KARL: Se ficaram famoso. Mas eu sempre tive o orgulho de não ser famoso. Porque dos artistas famosos eu não gostava muito. Eu sou mais pelos "infamosos". Nunca gostei de Monet ou de algum desses famosos. De fato, eram bonitinhos demais.

MARY: Turner é bonito. Você gosta de Turner.

KARL: Às vezes faço uma exceção. Ah, mas no tempo dele, ele não era famoso. E eu também não quis cortar a orelha.

GEORG: Pelo menos não a sua lingual![risadas]

KARL: Então eu não poderia mais falar. Então todos ficariam escutando![risadas]

GEORG: Escutaríamos cada palavra,Karl!

KARL: Eu me tornaria Meher Baba. Estaria muito ocupado. Por estes dias, teríamos um teclado, e sinais estariam aqui.

MARY: Só para informar você, na maior parte do tempo ele estava usando gestos, não o teclado alfabético.

KARL: Além do mais, ele tinha um tradutor.

MARY: Vários.

KARL: Mas nas últimas semanas, estava falando.

MARY: Sério?

KARL: Não faço idéia, é o que as pessoas me contam. Disseram que duas semanas antes de morrer, ele começou a falar novamente.

MARY: É tão gozado, eu volto novamente a escutar essas coisas. Durante tantos anos, isso não acontecia.

KARL: Não é divertido, inventar estórias?

MARY: Agora elas chegam.

KARL: Quem liga, se são verdade ou não? É como J.Krishnamurti, você lembra -, ele ficava com nervosismo. Duas horas antes de subir para falar, ele sentava no sofá de um psicoterapeuta. Mas depois ele subia e era deslumbrante. Sem ter mais nada. Mas duas horas antes, ele ficava no inferno de tanto medo. “Eu não sou digno disso, não estou preparado, bla-bla-bla.” A coisa toda. Isso é uma estória boa. Se é verdadeira ou não, quem se importa?

MARY: É uma estória?

KARL: Haa-haa, agora você caiu --- Mas quem liga? É sempre algo bonito para se dizer.

O ensinamento maior de Yogi Ramsuratkumar deu-se quando ele estava em cômá. Atrelado às máquinas, cheio de fios, - e então se alguém vinha, ele levantava o braço. Estava como numa casa de vidro. As pessoas podiam chegar e vê-lo como ficava nesse lugar, atrelado às máquinas, totalmente dependente. E num dia auspicioso, o dia do Shivaratri três anos atrás, desligaram-no. Só para fazer algo auspicioso no dia.

Isso é o maior ensinamento que se pode receber. A impotência em si. Ele era conhecido como um dos maiores mestres *siddhi*, mas este ensinamento foi o maior que eu jamais tenho visto--- de ser essa aceitação total, não interferir em nada, atrelado às máquinas, e simplesmente dizendo, ”Tudo bem, - o que vem, vem. Deixa ser o que pode ser. E daí?”

Isso foi o *siddhi* mais alto que você pode ter. Isso foi o *siddhi* todopoderoso, essa impotência, que não faz nenhuma tentativa de mudar qualquer coisa. Aceitação total, atrelado às máquinas, e não fazendo nada. Isso eu chamo ”ensinar pelo exemplo”, por esse indicador total. “Vejam, nada pode acontecer ao que eu sou. Atrelado às máquinas, discípulos em volta que ligam e desligam a máquina como bem entendem --- e daí?”

MARY: Então Christo --

KARL: É o mesmo.

MARY: Não. É que ele subiu para o Cashemir[\*região do Himalaia]

KARL: Isso é uma outra estória. “Cashemir *wenn du kannst* [\* jogo de palavras com ‘catch me’ if you can= pega-me se puder] Eu vou ao Cashemir.

VICKI: Teve um artista que fez isso também, num museu. Tinha uma exposição chamada *Horas de Visita*, e ele estava nesta cama de hospital—dentro do museu! – e as pessoas podiam vir falar com ele, e ele estava morrendo, acho que de AIDS.

KARL: A existência toda está ensinando, ensinando, ensinando a si mesma, o tempo todo. A cada momento. E só para deixar isso bem claro – não se trata dele ser capaz de fazer uma promessa e então de cumprí-la até morrer. Besteira. A cada momento pode mudar. “Eu prometo isso agora, e desisto no próximo momento.”

MARY: Baba sempre quebrava suas promessas. Sempre. Sem fim.

KARL: Se duas semanas antes de morrer, ele estava novamente falando---

MARY: Mas eu não sei --.

KARL: Sim, mas quem se importa? Seria magnífico. Isso seria um ensinamento. Ninguém cumpre suas promessas.

MARY: Você vê, ele manteve suas promessas, porque tinha dito que quebraria o silêncio, e foi o que ele fez.

KARL: Tanto faz. Só para dizer, o Mestre está sempre por perto, a cada momento. Aquilo que você é, está ensinando você, sem fim, momento por momento, por tudo que há. A graça está sempre por perto. Você é Aquilo que é graça, cercado por graça. Não se preocupa. Tudo é de graça, e você é Aquilo que é graça.

Assim, pela graça, houve Yogi Ramsuratkumar, e pela graça houve Meher Baba, e pela graça tem a montanha, e pela graça é tudo que é. O café desta manhã é pela graça, e o chá esta noite e o filme e a televisão e tudo o mais. Não há diferenças aí, já que Aquilo que é graça sempre está experimentando graça em todo momento dado. Fazer o que então? Você não pode *não* ser Aquilo, é tão simples ser Aquilo que é a graça em si, já que você não pode deixar de ser o que é. Então, já que você nunca abandonou a si mesmo, seja isso!

É para isso que a montanha ali aponta. Consistente como consistente pode ser. Nunca se abalando por nenhuma experiência em volta, por nenhum chegar e partir de qualquer buscador ou não-buscador.

## **Na dúvida total não sobra nenhum duvidador**

KARL: Talvez você tem uma boa pergunta ou algo? Não, se tudo está certo, tudo certo. Eu só estava pescando.

Um MOÇO sueco: Karl, você experimenta as nossas emoções? Você capta emoções de nós?

KARL: Não. Eu ouvi falar de um mestre que só aparece uma ou duas vezes por ano, porque ele não aguenta buscadores por perto. Fica com dor de cabeça. Eu não estou nesse caso. Sei o que ele quer dizer, mas então a porta de trás não está bem aberta. Eu conheço bem a dor de cabeça que chega e vai embora, mas quem se importa?

Eu conheço isso, quando consciência está sentada ali e passando por uma experiência qualquer de *kundalini*, essas experiências do fogo que sobe, desse fogo interior, dessa energia nas células e coisa e tal. Cada experiência, tudo que existe, esses extremos – eu sinto isso. Mas quem se importa? Duma certa maneira, este corpo aguenta tudo. É estranho. Porque com essa despreocupação, as coisas simplesmente entram e saem, como

ondas de vibração e energia. E desde que elas não são diferentes daquilo que eu sou, quem se importa?

Não tem “*minha* vibração” e “*tua* vibração”. Tudo é o que eu sou. Assim isso não mexe com nada. É simplesmente energia penetrando energia de alguma forma, vibração penetrando vibração, e então toda essa vibração é o que eu sou como consciência, como algo total. Fazer o que com isso?

Eu não as chamo ‘emoções’. Simplesmente há vibrações da consciência, aqui e agora, como formas, a nível emocional ou outro qualquer. Vibrações de energia, tomando forma, ou tomando uma forma emocional de energia, e todas elas aqui, - a totalidade está sentada aqui, como pura consciência. Fazer o que? Divertir-se com o ‘show’.

É como se este sistema de filtros simplesmente não funciona mais. Não há escudo. E sem um filtro na frente, não tem filtro atrás de você. O des-filtro! Não tem ninguém aqui que coleciona experiências. Sem essa idéia de “coleccionador”, ou de posse, tudo vem e vai como ondas. Infinitas ondas de experiências daquilo que você é.

Assim talvez se possa chamá-lo de “compaixão”, pois não tem um sistema de filtragem. Não tem o sentimento de pena. Não tem coleccionador. E sem coleccionador, as experiências simplesmente vêm e vão.

Como tem aí esta idéia de um “coleccionador” e você se encontra nessa idéia de “coleccionador”, você coleciona experiências e emoções, mesmo dos outros. Não apenas as suas próprias emoções, -você coleciona as emoções de tudo que está a sua volta. “Oh, aqui tem um negro; êle é escuro; oh, êle é robusto. Todas essas pessoas robustas perto de mim!” [risadas]

Um MOÇO japonês: Um *jivanmukta* sabe quando êle é um *jivanmukta*?

KARL: Não.

MOÇO: Portanto você não pode dizer que está num estado como o de Ramana Maharshi ou outro igual a ele?

KARL: Não tem estado. Você quer dizer, a ausência de estado? Eu não poderia dizer. Ramana estava apontando para essa ausência de estado, que é o mistério absoluto dessa existência absoluta, desse “eu sou”. Com respeito a todos os outros estados, talvez haja vários conceitos. Mas d’Aquilo, não dá para falar, - não é um conceito.

Em todo o resto que você pode denominar e delimitar, posso talvez concordar ou não concordar com Ramana. Mas com relação a Aquilo, não há desacôrdo. Não há possibilidade de desacôrdo, porque Aquilo não pode mesmo ser enquadrado ou definido. Essa ausência de estado que não tem nem forma nem não-forma, da qual ele estava falando, o Coração em si, é ao que estou me referindo, e quanto a isso não há dúvida. Tem um total acordo, um acordo absoluto sobre Aquilo, de ser Aquilo.

MOÇO: Você não tem nenhuma dúvida sobre a autoridade do que está dizendo?

KARL: Não. Nem do duvidar eu duvido. Como sei que tudo é mesmo mentira, tudo que eu digo já implica numa dúvida total. E esta dúvida não deixa sobrar nenhum duvidor. Assim, nessa dúvida total, não mais existe duvidor.

Portanto tudo que eu posso dizer não é capaz de lhe trazer algo, não pode determinar o

que é a verdade em si, já que eu não posso jamais falar sobre Aquilo que é a verdade. Assim, tudo que eu posso dizer, não vai fazer mesmo diferença nenhuma. Tem uma irrelevância total nisso. Uma total irrelevância desse dizer, desse cantar, desse fazer, de tudo. Este duvidar total é liberdade. Assim eu duvido totalmente daquilo que digo. Absolutamente!

Tudo que pode ser dito, tudo que pode ser posto em qualquer quadro verbal, não pode tocar Aquilo que é existência em si. Para Aquilo que eu sou, jamais aconteceu algo. Falar ou não falar, não muda nada do que eu sou. Assim eu posso duvidar ou não duvidar. Há uma total despreocupação com tudo que existe.

É isso que Ramana apontava sempre, Aquilo que é Coração em si, e disso você não pode duvidar. Para duvidar ou não duvidar, você tem que existir antes desse duvidar e não-duvidar. Mas d' Aquilo que é anterior ao duvidar e não-duvidar, você não pode duvidar. Dessa nudez da existência você não pode duvidar. Mesmo ao duvidar, você tem que existir. Êste é também o ensinamento fundamental de Ramakrishna.

Sempre se volta a este ponto. Apesar de saber ou de não saber, você é. Apesar de duvidar ou de não duvidar, você é. Totalmente apesar do que diz ou não diz, do que experimenta ou não experimenta, você é. É disso que eu estou dizendo. Estou apontando para isso, mas não posso comprimí-lo em nenhum conceito. E mesmo isso é um conceito. Conceito, conceito, conceito, mas não faz diferença. Mesmo com todas estas diferenças entre indicadores, ainda assim eles unicamente apontam para aquela ausência de 'ponto' chave. Eles não podem produzir o 'ponto' chave para o qual estão apontando. Inesgotavelmente.

A única coisa que posso dizer é, - e dia após dia eu falo disso, que isso é sempre como --- você. Vem desse mistério inesgotável. Eu não sei. Mas Isso eu sou. Parece que não posso nunca ter o bastante com relação a isso, nunca ficar cheio disso. Ou então, é isso que não pode chegar nunca a ficar satisfeito com aquilo que sai desta boca, -quem sabe? Quem se importa?

Francesco, você se importa? Hoje foi bom?

FRANCESO: Nem acredito! Foi bonito. Não quero estragá-lo.

KARL: Normalmente, ele se queixa de eu ser muito rude.

ANTONIO: Faltam vinte minutos ainda, Francesco! [risadas]

KARL: Melhor tomar cuidado!

Uma MOÇA: É tão aborrecido quando você não é quem faz as coisas. Não tem nada para fazer ---

KARL: Sim, o tédio vai matar você.

MOÇA: É muito tedioso.

KARL: Assim eu espero. Espero absolutamente que o tédio vai matá-la. Espero que o tédio, o que pode ser tédio, vai matar essa entediada. Porque esse "eu" está sempre entediado.

MOÇA: Eu sei.

KARL: É tão maçante, esse "eu"! Está sempre aborrecido, olhando onde ter mais uma

informação excitante, sempre querendo mais. Esta fome de excitação nunca fica satisfeita. Eu espero que vai ser morta por simples tédio. Porque esse aborrecer “a mim” sempre é muito aborrecido.

MOÇA: Tudo que faço, tudo que é feito, não o é feito por mim. Assim é mesmo sempre uma chatice.

KARL: Não é feito por você? Quem disse?

MOÇA: É simplesmente feito.

KARL: Não é simplesmente feito! Tudo, qualquer coisa que é feita ou não feita, é por sua causa! Você é absolutamente responsável por cada ação e não-ação, por tudo que é e que não é existência.

MOÇA: Eu não posso influenciá-lo.

KARL: Você não pode influenciá-lo? Mas você é a Fonte absoluta de tudo. Qual influência pode ser maior, se você é a Fonte absoluta de tudo que é e não é? Tudo é através de você. Quanto mais influência você gostaria de ter? Hmm? Me diga, por favor. Talvez eu posso satisfazer o seu desejo.

MOÇA:[rindo] Ainda seria uma chatice.

KARL: Seria, para esse “eu” que é a chatice em si, porque você é mesmo aborrecida como um “eu”. Qualquer pessoa é totalmente aborrecida, ela é a idéia de “aborrecimento”. Então fazer o que com esta idéia maçante de “eu”? Sempre tédio, tédio, tédio. Cada dia tem que comer, cada dia tem que digerir, cada dia tem que cagar--- todas essas coisas pessoais você tem que fazer. Esta história de uma pessoa, de um “eu”, realmente é aborrecida. Qualquer história é aborrecida.

THERESE: Karl, mas tem o outro lado disso também.

KARL: Que lado?

THERESE: Algo como essa espécie de leveza que parece estou experimentando. Isso eu acho tedioso.

KARL: Sim, assim eu espero. Você vai ser expulsa pelo tédio, já que “Therese” é mesmo aborrecida.

THERESE: Nada vem.

KARL: E daí?

THERESE: Eu iria realmente preferir se tivesse mais altos e baixos. [risadas]

KARL: [para os outros do grupo]Vejam,essas queixas nunca têm fim![mais risadas]

THERESE: Eu sou de ‘Peixes’, igual à sua mãe.

KARL: Ela é ‘Macaco’[na astrologia chinesa] e de Peixes, como a minha mãe. Vejam como disso nasce uma queixosa. Para eles nada jamais está bem mesmo. É o ensinamento perfeito. Você pode fazer o que quiser. Se tem uma relação com alguém assim, você logo desiste.[risadas]

THERESE: Mas quem sabe depois do coma, algo vai acontecer!

KARL: Que idéia! Você tem medo de si mesma, porque quando é você mesma, tem medo que seja muito tedioso. Uma bela desculpa, digo-lhe.[ri] O Todopoderoso dizendo, "Oh, talvez é melhor eu não ser eu mesmo, porque isso talvez seja muito chato. Melhor eu ser um buscador miserável, e ficar nessa miséria, aí eu tenho pelo menos algo para divertir-me!"

[as pessoas quase sem fôlego de tanto rir]

KARL: "Não, isso não é para mim, não gosto disso. Não quero ser isso, porque não gosto deste filme. É aborrecido demais. Gostaria mais de estar no inferno e queimar e ser crucificada, e o diabo vem e cada pensamento me queima. Sim. Mas essa despreocupação sem pensar, não, isso é muito tedioso para mim. Eu, o diabo, preciso de um pouco de inferno."

THERESE: Você mesmo ficaria aborrecido se você fosse essa despreocupação sem pensamentos. Não teria mais nada do que falar.

KARL: O que significa tudo isso?

THERESE: Claro, eu queria me queixar.

KARL: O diabo vai sempre entediarse com tudo, mesmo com o inferno, porque o tédio é o lugar do inferno e é esse o lugar do diabo ---você! "Diabo Therese," mais uma chatice do inferno.

THERESE:Tédio ambulante.

KARL: Inferno ambulante. O nome do tédio é "Therese". Tudo que vem, não vai satisfazê-la. É isso o que você acha. Assim também tudo de antes e tudo que vem depois, não vai satisfazê-la.

THERESE: É simplesmente interessante, ver tudo isso. Simplesmente observar.

KARL:[rindo] Interessante? Aaaa!

THERESE:[rindo]Não. Tudo bem comigo. [risadas]

## **Seja Aquilo que não pode ser imaginado**

VICKI: Mas não ser o feitor das coisas não significa, não fazer nada. Significa que você ainda tem que agir como se fosse o feitor, - enquanto está no planeta.

KARL: Não. Mesmo este sair e entrar desse ser 'feitor' para o não ser 'feitor, ainda continua sendo um fazer. Você só muda de identificação. Primeiro identifica-se com o fazer, depois identifica-se com o não-fazer. Não faz diferença. Você continua no inferno do "fazer" ou "não fazer".

VICKI:Sim, mas o que, se você não está fazendo? Se você toma isso ao pé da letra e não faz? Então você não está funcionando.

KARL: Mesmo não fazer é fazer. Você não fazer nada, é ainda mais. Você não faz nada, e isso é algo extraordinário, lhe digo. Você nem pode *não* fazer.

VICKI: É o que estou dizendo. Você tem que fazer.

KARL: Mas realmente você tem feito alguma coisa?

[Vicki suspira]

KARL: Você quer dizer, o que se pensa ser, é o corpo e o corpo tem que funcionar, bem como a consciência tem que funcionar. Tudo que tem forma precisa funcionar como uma forma. E então existe o fazer e o não-fazer, e essas idéias que vêm vindo, uma a uma, a partir disso.

VICKI: Sim, mas eu não preciso dar-lhes crédito.

KARL: Que crédito? Quem não precisa dar crédito? Para o que? Quem precisa dessa distinção? E quem faz a distinção? Quem precisa dessa compreensão e quem quer então ter o controle através dessa compreensão? Quem quer controlar o fazer e o não-fazer por essa compreensão de uma idéia de “não-feitor”? Quem precisa disso?

VICKI: Não sei.

KARL: “Eu!” [Vicki ri.] O mesmo, quando você quer sair da identificação para a não-identificação. Quem precisa disso? “Eu”. Você sai da unidade da não-identificação por um tempo, depois fica entediada e volta atrás. “Oh, é doce, mas de fato é tedioso.” O diabo quer sempre achar uma maneira de voltar atrás, para aquela separação mais infernal, mas excitante. “Ah, eu prefiro ser um buscador.” [risadas]

BERTA: Mas se tudo aquilo que lhe acontece é um acidente divino, você não pode evitá-lo. Você entra nesse tédio e não-tédio, e nada é suficientemente bom.

KARL: É o que eu disse.

BERTA: Temos esse desejo, sentimos essa falta, de ser Aquilo do que você está falando. Por isso estou sentada aqui. Não me canso nunca de ouvir o que você diz, mas também não aguento isso, - de não poder ser nada.

KARL: Sim, veja. Está aí o paradoxo.

BERTA: Mas para você é fácil, falando do lado de lá. [risadas]

KARL: Vem cá para a cadeira. Vamos dividir a cadeira.

BERTA: E então, tudo que você diz, eu ouço este grupo repetir. Igual a um papagaio. Você diz que é você quem estabelece isso - por assim dizer, e eu estou falando do meu negócio pessoal de “Berta”, tentando entender isso e fazer isso e aquilo, mas não adianta nada.

KARL: Sim, eu espero.

BERTA: Sim, eu espero! [risadas] Na realidade é uma agonia, sabe, de sentir que com todo esse tempo eu ainda não ‘peguei’ isso.

KARL: Vivo dizendo-lhe, nesses três anos que já estamos tendo esta discussão, [gritando] você não vai ‘pegar’ isso *nunca*!

BERTA: É isso que sinto.

KARL: Eu espero! Nunca, nunca alguém ‘pegou’ isso. É essa a beleza dessa liberdade – você não pode tê-la. Não pode enfiá-la no bolso e levar para casa.

FRANCESO: Tem certeza? [risadas]

KARL: Que espécie de liberdade seria isso, se você pudesse enfiá-la no bolso e levá-la para casa? É o que faz uma pessoa. Uma pessoa quer ser feliz o tempo todo.

BERTA: Não tem jeito.

KARL: Não digo que isso está errado. A idéia de “pessoa” é assim, de ter uma vantagem pessoal – essa vantagem de ser feliz o tempo todo.

BERTA: Sim.

KARL: Mas querendo ser feliz, você é infeliz. Querendo excitação ou maravilhamento, você é “des-maravilhada”. Simplesmente por querer tanto ser o que você já é, você está fora do que é.

BERTA: Mas não posso evitá-lo.

KARL: Não tem ninguém que pode ser isso por você.

BERTA: Sei disso. E também nada vale eu saber disso.

KARL: Eu espero.

BERTA: Assim você vê, ainda é --

KARL: Sim, vejo que você ainda se diverte com o que você é, gostando ou não gostando. E isso é a beleza daquilo que você é, você nem precisa gostar de si mesma para ser você mesma.

BERTA: Esta manhã eu acordei pensando, “Oh, eu ainda estou atrás disso. Todas essas palavras que digo, eu estou atrás disso, como a vaca na rua, como tudo, eu estou sempre atrás. Eu sou Aquilo do que você vem falando.”

KARL: Anterior, você quer dizer?

BERTA: Mas isso então é como conversa de papagaio. Então eu digo, “Vamos fumar mais um,” [risadas] porque então não existe nada. Quando eu chego na Índia, primeiro eu recebo esse montão de conversas e fico muito excitada, mas logo isso parece tão normal. E agora estou chegando nesta maneira de pensar como você, e tudo é vazio.

KARL: Sim, mas não é bom? Não é maravilhoso? Eu posso fazer essas palavras bonitas, e você pode sentir – ah, bah, fantástico! – e ao final você vê que elas não ajudam. Mas isso é a ajuda absoluta, que você vê isso – que não é por qualquer compreensão, nem por quaisquer palavras refinadas, por qualquer beleza das palavras ditas, ou algo assim – por nada jamais você poderá ser socorrida.

É assim agora, porque a graça está lhe mostrando isso. Essa resignação total é graça. Você renuncia a tudo que chega como se fosse capaz de talvez poder lhe dar algo. Você desiste da ideia de que, - por qualquer compreensão das palavras, por qualquer experiência, por qualquer técnica, você poderia tornar-se aquilo que você é. Nessa resignação absoluta, nessa parada absoluta, nesse ‘stop’ total e de uma vez, você é o que é, e isso já existia naturalmente, sem qualquer chegar ou ir embora de algo. Assim nessa fração de segundo [\*split second], - não há nada que jamais aconteceu. Talvez isso é como uma preparação sua, vendo que não há palavras bonitas que podem satisfazê-la. Não vai haver satisfação sobre a terra, com nada.

BERTA: Isso eu sei agora.

KARL: Você vê?

BERTA: Depois de cinquenta e cinco anos, eu sei disso.

KARL: Você acha que sabe. Assim trabalha a graça. A resignação funciona.

É realmente como um quadro. Por um acidente qualquer você se liga nessa busca universal, nesse desejo de consciência, e medita sobre o que você é. E por um acaso qualquer você desiste disso. Você se liga nesse universo, ou nessa escola, mas descobrindo que isso não pode trazer o conhecimento que você procura, você desiste. Mas então, por esse abandono absoluto da idéia de poder ganhar algo a partir dessa experiência, de repente tem aí esse saber absoluto daquilo que você é. E nunca tinha sido ausente.

Mas primeiro você tem que olhar, tem que ouvir, só para poder ver, “Oh, não é aí, nem aí, nem aí. *Neti-neti, neti-neti*. Muito bem, ‘stop’ total.” E de repente tem isso, “e agora?” - e então você sai novamente, porque não pode *não* sair. E novamente você se liga, e novamente você se desliga.

É a isso que Ramana se referia contando da aranha que acorda, tece a téia do universo, e depois, como do nada, recolhe tudo novamente. E isso não por causa de algo. Apesar de qualquer necessidade, ela faz assim. Não há necessidade de tornar-se uma aranha que tece o universo, e não há necessidade de recolhê-lo. Acontece simplesmente, como do nada.

Ninguém sabe porque. Não há nenhum “porque” - em nada. É simplesmente divertimento de Si. Ligando-se ao universo e desligando-se. Aleluia. Infinitamente. Assim você tem que estar igualmente dentro do universo como tem que estar fora do universo. Não existe diferença para o que você é, já que você não pode largar jamais aquilo que você é. E nunca largou mesmo – mesmo quando se ligava nessas coisas, sendo um buscador, querendo muito --, nunca você abandonou aquilo que você é.

ANNA: E para colocá-lo em palavras, nós então estamos falando sobre a realização de Si.

KARL: Então você realiza de que não há nada por realizar, porque tudo que é Si já é realizado desde sempre, e o que não é Si, nunca vai realizar-se. Você simplesmente vê que nunca teve qualquer “não-Si”. Isso é um paradoxo – você se dá conta de que aí não há nada por realizar. Aquilo que é Si é eternamente realizado, e o que é um ‘pote’ não vai realizar-se jamais.

Você entra nesse problema de que não tem nenhum problema. Isso chama-se “depressão”. Isso chama-se “tédio”, porque então você se torna aquela pessoa aborrecida, a pessoa entediada. Porque quando não tem problema, a pessoa que vivia dos problemas, fica entediada. E logo ela até cria certos ---. Mas não se preocupa. Não haver nenhum problema, este problema já basta para esse “eu”. Dá para trabalhar eternamente com este problema. Não se preocupa.

Uma MOÇA: Isso é um grande problema. Tudo fica meio “sem problema”. Então nós ficamos com muito tédio, por um tempo.

KARL: E depois voltam atrás. Os dois são tentativas de controlar. Você pensa que entra nesse vazio ou nessa ausência, e por isso, por este esforço feito para dar esse passo, você

quer novamente controlar Aquilo que é existência. Você continua querendo enfiar a liberdade no seu bolso. Que idéia!

THERESE: E quando você vê tudo isso tão claramente – que mesmo onde não há problema, você consegue criar um problema a partir disso --, então não há nada que fazer.

KARL: Fazer o que então? Quem vê isso então? Sempre volta a ter essas idéias do “ser-quem-faz” e do “ser- quem -não-faz”, da consciência identificada e da não identificada --- é um jogo sem fim. Esqueça isso.

A consciência não pode entregar os bens. Consciência é tonta, tão tonta como pode ser. É por isso que Nisargadatta dizia que é anterior à consciência, que você é. Consciência é o seu sonho. Mas você é o Sonhador absoluto. Com ou sem consciência, você é o que é. Mesmo a consciência é sonho.

BERTA: E nunca tem qualquer alívio?

Não? Tudo bem, [canta] “Isso vai ser a última vez, isso *não* vai ser a última vez.” Nisargadatta dizia que você é anterior à consciência. Assim eu não sou o primeiro, e certamente não o último, a dizer que consciência é a sua manifestação, mas você não é a manifestação de você. Você é Aquilo que está se manifestando, mas você não é a manifestação. A manifestação não é diferente do que você é, portanto mesmo essa manifestação é algo imaginário, mas Aquilo que está imaginando tudo que pode ser imaginado, é Aquilo que não pode ser imaginado.

Uma MOÇA alemã: Muito claro.

FRANCESCO: E isso é ‘permanecer em Si’. [\*abidance]

KARL: Isso é permanecer em Si—ser Aquilo que não pode ser imaginado. Então seja Isso. Mas como você pode *não* ser aquilo? É a própria ausência de esforço. Por nenhum esforço você pode tornar-se Aquilo. Você será o vagabundo mais preguiçoso que conhece. Sem mesmo saber o que é um vagabundo.

KLARA: Mas isso é aborrecido.

KARL: Aborrecido? Para quem?

KLARA: Para mim.

KARL: Sim, para você. Com tudo que você faz, com toda meditação ou técnica, você quer continuar no tique-taque.

KLARA: É horrível.

KARL: É o seu funcionamento. Assim é o funcionamento do Criador, Brahma. Ele precisa criar. O “eu sou” precisa sempre criar. O funcionamento da consciência é de criar, de dançar com isso [bate os joelhos juntos]. Essa Shakti, que é energia, e este Shiva, que dança consigo mesmo, eles precisam dançar.

Que idéia, que você teria que parar de dançar para tornar-se aquilo que é. Então fica aborrecido. Porque então você para, e por um tempo tem uma mente em branco, e logo você volta atrás. Você fica aborrecido até quando controla algo, porque a partir do momento em que a controla, a coisa é chata. “Oh, era tão bonito quando eu não controlava minha mente, agora que miséria.” [risadas]

Se esse contrôle, ou o adestramento do touro da mente, realmente conseguisse parar qualquer coisa, não haveria mais mundo. Mas apesar de Jesus, Buddha, Ramana, apesar de todos os homens sábios ou santos, o mundo continua. Portanto essa liberdade da existência não pode ser controlada ou parada ou assassinada, por nenhuma compreensão, por nenhum indicador [\*pointer]. Você não pode acabar com algo que não existe. Portanto, apesar de toda a compreensão e dos sábios e de tudo isso, a liberdade é.

É para isso que Ramana estava apontando. Ramana nunca foi um realizado, mas o Si é eternamente realizado. Então, para onde devo ir? O que devo fazer ou deixar de fazer? Já que eu sou Aquilo que é Coração, e Coração não pode abandonar Coração, que seja isso! Aleluia.

Está na hora? Tudo bem. Muito agradecido.

GRUPO: Agradecemos a você.

Uma MOÇA: Se alguém quiser encomendar um CD, pode fazê-lo comigo.

KARL: Só enquanto eu não preciso ouvir tudo novamente![risadas]

## 19 de Janeiro 2004

Caçadores de *shakti* e bruxos da consciência; ou- o fim dos sistemas de contrôle

### Você faz de si mesmo um objeto do desejo

KARL: Santa Fé veio em cheio, não?

LOUISE: Vamos fundir você por completo.

KARL: Me fundir?

LOUISE: Sim – no País do Encantamento.

KARL: O Espírito Santo de Santa Fé vai me fundir.

THERESE: Eu tentei, e nunca funcionou. Mas talvez Santa Fé seja mais quente.

KARL: Mais quente?

THERESE: Para a fundição.

LOUISE: Não desista, continua indo na sua.

KARL: Continua indo.

LOUISE: Se ir é bom, continua indo.

KARL: Não indo. Ir nunca vai, ou o que? Bem, agora, de novo tudo pronto para o que quer que seja? Se vier alguma pergunta fácil – mas essas são as mais perigosas. Sofia ! - Cansada?

SOFIA: Cansada de tudo!

KARL: De tudo? Mas não aposentada. Você está perto de se aposentar?

SOFIA: Já sou.

KARL: E agora precisa aposentar-se da aposentaria. Não, é que primeiro você se aposenta e então precisa aposentar-se também disso. Você fica cansada, e então “des-cansa”. Rebobina. Costuma -se dizer que quando alguém se aposenta, começa a divertir-se, não? O aposentado repousa, e então—o que? Tudo bem.

LOUISE: Vamos ficar sérios?!

KARL: Sim! [rindo] Sei lá o que isso significa. Recem-chegados de Santa Fé, deve ter perguntas novas das Américas!

Uma MOÇA de Santa Fé: Acabaram-se as minhas perguntas. Estava há pouco sentada na livraria do Ramanasram, onde eu realmente gosto de olhar as coisas, e abri um livro, mas logo fechei-o. Só ví conceitos.

KARL: Bom, da próxima vez, quem sabe. Tenta novamente. Isso volta.

MOÇA: Você acha?

KARL: Por que não?

MOÇA: Por que não?

RITA:Tenho uma pergunta. Por que o estado acordado parece tão mais real que o sonho? Quando estou sonhando, então isso parece real, e logo depois eu acordo e imediatamente o sonho fica com uma densidade diferente, não tão real.

KARL:Mas eles são a mesma coisa. Quando você adormece, isso some. Então é o mesmo. Talvez você pergunta no sonho, por que é que este sonho é tão real e o sonho anterior não era. Talvez neste agora tenha mais história, mais conteúdo.

RITA:Sim, é isso, maravilha. Exatamente.

KARL: É como quando no dia a dia você consegue lembrar-se dos tempos de antes.

RITA:Eu consigo lembrar do passado cronologicamente.

KARL: Mas algumas vezes num sonho você acorda numa forma qualquer, e este homem ou esta mulher tem uma história de certas coisas. Então naquele momento isso é tão real, essa história da qual você fala. Não, eu não diria que é mais ou que é menos. Bem agora aqui, você pensa que isto é mais, talvez porque você está mais habituado. Eu não sei.

Mas mais ou menos realidade não faz com que a coisa seja mais real. A quantidade de mais história, de mais resultados da memória é o que você tem aqui agora, mas esses resultados da memória não fazem com que isso seja mais real. Continua sendo um bocado de imaginação da realidade, achar que de todo existe alguma coisa. Porque você pensa que houve um momento de nascimento, e então todas as outras idéias aglomeram-se em torno dessa idéia de ter nascido, e você cria uma nuvem de memórias e história—e toma isso por algo real. Então fazer o que com isso? Se fosse algo real, deveria estar aí o tempo todo.

RITA: O que você quer dizer com isso?

KARL:Deveria estar aí permanentemente. Mas logo vem um novo sonho e mais um sonho, e até chega o sono, e o sono profundo, e todos esses estados, e nos outros estados você não se lembra mais deste estado aqui. Não há mais lembrança, não há um corpo de memória - como corpo energético de lembranças, e então você fica numa outra forma ou algo assim. E disso não há lembrança então, porque no sonho da noite você não consegue lembrar-se deste sonho aqui. Talvez até pode, mas isso não o tornaria mais real.

RITA: Quer dizer que isso simplesmente é uma flor infinita de sonhos, - nunca termina.

KARL:Eu diria que é um sonho absoluto daquilo que você é. Toda essa manifestação de uma realização é um sonho absoluto e uma imaginação d'Aquilo que você é. E um certo aspecto de um sonho não o faz ser algo mais ou algo menos, porque mesmo esse sonho é o que você é. Até de chamá-lo "um sonho" já é demais, penso. Mesmo esse sonho é o Si. O Si mesmo em todas as imagens de sonho continua sendo o Si.

Mas dizer,"Isso é *meu* sonho",- é isso que não cabe. A idéia de "meu", essa idéia de posse, isso é a falsidade. Do resto, não faço idéia. Mas esse "eu" significa que aí há 'eu' e '(m)eu-mesmo'[\*me and myself], quer dizer, há dois si-s. Então tudo que vem, o que quer que este mundo seja ou não seja, é sempre como se fosse (*m*)eu-mesmo, é *meu* mundo – tudo depende desse "meu", dessa idéia de "eu" que possui algo outro. Isto é separação.

Desse "eu", desse pensamento-raiz de "eu", vêm todas as idéias de posse e de um fazer.

Todo sonho que vem disso sempre começa com esse sonhador, “eu”. Portanto esse sonhador separado já faz parte do sonho.

Então, seja anterior a esse sonhador, sendo o sonhador absoluto que nunca se encontra numa idéia relativa de “eu” e “meu”, e para quem nenhuma posse e nenhum fazer são possíveis porque, esse ser anterior a todo sonho ou não-sonho, não pode ser definido.

Tudo que se pode imaginar, mesmo a imagem desse primeiro sonhador, nada mais é senão imaginação. Você se imagina a si mesmo, e esse si imaginário já é o pensamento-“eu”, e aí o sonho começa. Mas ver que você pode experimentar esse pensamento-“eu”, já significa que você não pode sê-lo. Já é a imaginação de algum segundo si. O erro então consiste em tomar esse segundo si por algo real. Aí é que você entra na separação, e a partir disso tem “eu” e “(m)eu-mesmo”, e dali vêm tantos outros si-s.

RITA: Então, do seu ponto de vista, pode se dizer que aqui não há mais ninguém como um segundo.

KARL: Não, tem aqui infinitas formas e jeitos do Si.

RITA: Mas não separadas.

KARL: Não há nem mesmo a idéia de “un-dade”. Para o Si, não há nem undade e nem mesmo a idéia de um “Si”. Há simplesmente Aquilo que é Coração, e Coração é tudo que há, sendo Aquilo que é a própria vida em si. Não há nada vivo além disso.

Portanto qualquer outra idéia de estar vivo, tudo que significa vida, toda definição, é um reflexo d’Aquilo, mas não é Aquilo. Coração é tudo que há, sendo Aquilo que é a própria vida em si. O resto é ficção mesmo. Precisa de alguém que chama algo de ficção ou ilusão ; portanto precisa de uma ilusão para chamar algo outro de ilusão.

Coração não conhece nada. E não sabendo o que é Coração e o que não é Coração, você é Aquilo que é Coração. Portanto é a total ausência de uma idéia daquilo que você é e daquilo que você não é, e não uma definição qualquer, que é o que você é. Tudo que você diz ou define, é separação. E como simples indicador, pode-se chamar isso “o esvaziado de coração”, o esvaziado de idéias sobre o que é Coração e o que não é Coração. Como pode-se chamá-lo “a essência da existência” ou “a nudez da existência”.

E todo o resto, não, - tentar decidir se esse sonho é mais real que outro, e se por isso e aquilo é assim, tudo isso faz parte da consciência que medita sobre o que é consciência. Tudo isso faz parte da exploração de Si, mas essa exploração de Si não vai levar você até aquilo que você é. Não será por essa exploração de Si que você vai tornar-se o que já é.

RITA: Então fazer o que? Nada?

KARL: Você medita. Porque a sua natureza é consciência como meditação, e essa meditação significa que você não tem nenhuma expectativa de um resultado. Seja como você é. Você é essa meditação, que é a meditação em sua natureza, ação sem intenção.

Veja simplesmente que aí não tem nenhum resultado, nada que resulta de algo que foi feito ou que não foi feito. Por nenhuma compreensão você pode tornar-se o que é. Apesar de conhecer ou de não conhecer, você é. Então, se você é totalmente apesar de tudo que pode saber ou não saber, então há meditação simplesmente porque você não pode *não*

realizar-se.

E realizar-se significa meditar sobre Aquilo que você é. A partir dessa meditação começa o sonho todo. Este sonho está meditando sobre o que você é como consciência. É uma manifestação daquilo que você é. Meditação é isso: sem intenção.

No instante em que uma intenção faz parte da meditação, surge um “eu” pessoal, porque tem aí uma idéia de vantagem. “Pela meditação eu posso me tornar aquilo que estou procurando ser, desejando ser.” Você faz de si mesmo um objeto de desejos, de uma meta. Então você está nesse negócio de controlar. Vira “o meditador”. *Fazendo* meditação. Mas você precisa *ser* meditação. Na meditação não existe feitor. Tem o “eu sou” que medita sobre Aquilo que é “eu sou”. Só isso.

LOUISE: [rindo] Só isso!

KARL: Muito simples. E daí? A partir da meditação, essa manifestação da totalidade existe. Mas no instante em que tem *minha* meditação, com algum tipo de meta, não mais tem meditação. Tem um sistema de controle do “eu” que se mantém na idéia de que ali tem algo para ser controlado, e algo para ser ganho. Isso se chama “buscar” e “almejar”. Mas por nenhuma busca e por nenhum achado você vai tornar-se o que é um buscador. Portanto, é *apesar* de buscar que você é Aquilo que é um buscador, - e não por causa disso.

Se a busca lhe ajudasse, se ela fosse a sua natureza, ela existiria sempre, sem parar. Mas já no sono profundo, não tem nem buscador nem busca. Isso simplesmente começa quando você acorda, e então você adota esse comportamento da Idade da Pedra, de colher alimentos para o inverno, nessa busca mesmo do que você é. Você coleciona experiências de todo tipo de *shakti*, porque “quem sabe, chega a escuridão, o inverno, e vou precisar todas essas experiências de luz para sobreviver naquela escuridão da existência!”[risadas]

Isso faz de você um caçador de *shakti*, caçando presenças de gurus, experiências, simplesmente para não passar frio no inverno. Isso é o design genético, por qualquer razão. Com o comportamento da Idade da Pedra você tenta controlar o seu ambiente, porque do contrario, você vai morrer. Mas de colocar esse sistema de controle por cima d’Aquilo, usando-o para buscar o que você é, isso torna você um miserável. Isso é sofrer. Vira uma idéia psicológica de que, por tudo que fizer, você pode acrescentar algo àquilo que você é.

Bom, o que fazer? O que a Hungria tem a dizer sobre tudo isso?

MOÇA da Hungria: Eu não tenho nada original a dizer.

KARL: Você não tem nenhuma idéia original a respeito? Nada que ajuda?

MOÇA: Sabe, quando você olha para mim, eu fico vermelha.

KARL: Você fica tímida?

MOÇA:[dando risadinhas]Como quando era criança, se eu tinha feito algo e alguém olhava para mim.

KARL:Eu também estou sentindo-o. Pego você disfarçando.

MOÇA:Disfarçando o que?

KARL:Qualquer coisa. É como quando você tem uma criança pequena que fez algo errado, e então, "Ah, eu sei o que você fez!" Eu sabia que você está disfarçando.

MOÇA: Nenhuma idéia, o que eu fiz, sério.[risadas]

KARL:Você não faz nenhuma idéia? *Isso* você sabe.[risadas] Tudo bem, vou procurar em outro lugar. Sim?

## **Vida em si não pode ficar ainda mais nua**

RITA:Tem algum aspecto do Si que só fica contemplando a si mesmo?

KARL:Não. Não é um aspecto que fica contemplando. É o Si. Nada é sem o Si.

RITA:Quer dizer que não há nada mau, e nada bom?

KARL:Há, - mas não há. Você não pode dizer que não há, porque se disser que não há, então ainda tem este "não há". Precisa dizer algo como, "Neste sonho, há; na realidade, não há." Portanto nesta realização, há; mas na realidade, não há. Assim, tem aí todo esse sonho, mas não tem sonho. Este paradoxo você não consegue solucionar. Este *koan*, não pode entender.

RITA: Te deixa louco.

KARL:Sim. Mas ficando desta maneira totalmente louco, totalmente confuso, mesmo nessa experiência de confusão total, você vê que a confusão total não pode tocar aquilo que você é. O que então? Você simplesmente vê que nunca você está em nenhum dos sentidos, e que sentidos de confusão ou experiências de confusão nem podem tocar aquilo que você é. Porque Aquilo que você é jamais pode ser confundido. Portanto mesmo nessa confusão total de não saber nada, estando nesse caos total, você continua sendo aquilo que você é.

E de fato é esta a experiência de Ramana, quando ele estava se deitando e tendo esta experiência da vida, porque tudo que podia morrer, ele deixou morrer. Mas a vida em si continuava intocada por tudo isso. A vida em si não pode ser tocada por um objeto ou uma idéia passageira, que chega e vai embora. Assim, se você deixa todas essas idéias sonhadoras e esses conceitos para trás, naquele 'substratum' que sobra --- sobra total da existência, essa nudez total que não pode ficar mais nua ainda--- aí você vai ver que a vida em si jamais nasce e jamais morre, e que jamais você pode deixá-la.

Simplesmente veja que nada do que você pode experimentar, pode ser você. Então, ao passar por uma experiência qualquer, você a larga, e assim vai indo mais e mais para trás até onde é o experimentador absoluto, e vê esse experimentador como sendo parte da experiência. Novamente torna-se Aquilo que é a vida em si, que nunca vem e nunca vai embora, que não faz parte desses fenômenos de sombras fugazes das experiências, dos experienciadores, de tudo isso. É por isso que se diz "feito sonho". Não é sonho, mas parece sonho.

RITA:Parece haver uma pequena diferença entre o que você diz e o que eu experimento.

KARL:Não, não. Parece haver. Mas digo-lhe, Aquilo que é aqui agora, é Aquilo que é o experimentador absoluto sentado ali nessa posição de câmara daquilo que você é, e

simplesmente fica olhando. Tem aí percepção, pura percepção. Essa percepção pura que é a pura consciência, é como uma tela. Estava aí quando você era um bebê e mesmo antes, intocada por qualquer sensação de ter nascido ou de sensações do que este sonho poderia insinuar.

Eu só falo com aquela nudez que nunca foi mudada, nunca se mexeu, para a qual jamais aconteceu algo. E como não falo com um espírito qualquer, nem com uma idéia, estou sempre falando com Aquilo que sou, como Aquilo que é intocado – e jamais pode ser tocado por qualquer idéia, e portanto não pode ter sido feito nem não feito por qualquer coisa. Então seja Aquilo que o bebê é mesmo antes dessa inocência. Seja em nenhum sentido[\*in no sense].

RITA: Inocente.

KARL: Não em nenhum centavo[\*in no cent / jogo com ‘inocente’]. Isso não leva a nada. Você é em nenhum sentido[\*in no sense].

LOUISE: E quem precisa saber isso?

KARL: Você. Quem mais? Aquilo que faz a pergunta, precisa saber.

LOUISE: Por que?

KARL: Por que não?

LOUISE: Bem, por que não?

KARL: Por que! Do contrario eu não estaria sentado aqui. Você estaria? “Poderia, gostaria?”

LOUISE: Essa nudez está sentada aqui.

KARL: Sim. Enfrentando a si mesma em frente à nudez, para que dela pode ser feita simplesmente uma idéia, que te lembra de ser essa nudez. É só isso. Mas isso não é nada novo. É um simples “Aham! Ah, sim.” Portanto neste sentido, eu não posso ajudar-lhe. Apenas apontar para Aquilo, e que você é Aquilo ao qual não pode ser ajudado de jeito nenhum, e o que nem mesmo pode ser relembrado, porque jamais tinha se esquecido. Assim que mesmo lembrar, já é demais.

LOUISE: E no entanto a estupidez continua aparecendo, eu ainda sou estúpida, sempre mais uma vez sou estúpida.

KARL: É divertido. Por isso ela fica vermelha, porque ela é tão estúpida e nunca escuta aquilo que lhe dizem.[risadas]

LOUISE: É porque você é tão bonito que ela não escuta.[mais risadas ainda]

MOÇA da Hungria: É sério!

KARL: Que idéias!

MOÇA da Hungria: Agora é você quem está vermelho!

KARL: Eu sei quando ela fica vermelha. Isso é a compaixão![risadas] Não, se sou sincero, qualquerum que chega com alguma coisa emocional ou energética, é aqui. Não há diferença.

Outra MOÇA: Se você é sincero por ela ---

KARL: Do contrario, eu tambem estou mentindo. Mas mesmo sendo honesto, eu minto, vocês sabem.[risadas] Especialmente quando digo que sou honesto. Uma mentira especial. É como esse "Quantas vezes já lhe disse!"

MOÇA da Hungria: Isso é a minha mente!

KARL: Martelando em você."Quantas vezes eu lhe digo que isso não é!"

LOUISE: É um florescer, ficar vermelho é um florescer.

KARL: Um florescer.

LOUISE: Da carne. Vermelhidão da flor de nudez.

KARL: Sim, eu disse que se essa energia é tocada, se esse choque acorda, é como um 'flash' [\*lampejo] de energia. É como quando o elefante acorda. Ramana dizia, quando lhe perguntavam porque ficava se sacudindo tanto, "O que fazer quando um elefante acorda dentro duma cabana?" É algo inevitável, porque isso é como apaixonar-se. Você não pode evitar que chega.

MOÇA da Hungria:[rindo] Eu sei.

KARL: Portanto eu estou dizendo que quando isso acontece, é um bom indicador para essa impotência, já que você não pode evitar de apaixonar-se, você não pode evitar algo que 'cai do ceu', que cai d'Aquilo que é a vida em si. Essa energia de vida começa, e ela é incontrolável.

Uma MOÇA inglesa: Ela te deixa cega.

KARL: A beleza é justamente isso. Completa falta de contrôlo é o que você experimenta. Tudo que você tem, pode controlar, mesmo os pensamentos – talvez, por uma técnica de meditação qualquer; dá para controlar a sua aceitação, os limites de sua tolerância. Mas quando isso acontece, não dá para controlar. É simplesmente,"Ah, merda! De novo!"Tudo em vão.

Daí que apaixonar-se é o mesmo, ou seja, a falta de controle simplesmente ficando evidente. E especialmente quando você quer evitá-lo, aí é que você cai ainda mais fundo. Você não pode *não* apaixonar-se.

LOUISE: E depois cai fora disso novamente.

KARL:Mesmo esse cair fora você não pode evitar. É a mesma coisa para as duas situações extremas –que você se apaixonou e não pode evitá-lo, é essa falta de alternativa, - e depois cai fora novamente, e só podendo cair fora quando você já cai fora, e não por decidir terminar. Você quer acabar com um relacionamento, mas fica segurando como quem não tem outra saída. Você sofre, faz de tudo, e então, numa única fração de segundo, a resignação total diante de tudo aquilo, o seu coração se partindo, e você cai fora. Mas nenhum instante antes disso. E a partir desse momento, parece-lhe,"Como é que eu podia jamais ficar apaixonado por alguém assim?" [risadas]

Mas até esse momento, você está indefeso. Você está *gelinkt* [\*conectado] Bamm.- Não é esquisito? Mas tudo é assim. Fumar, qualquer dependência dessas, é assim.

LOUISE:Quer dizer que primeiro você tem que continuar sendo essa nudez, e depois de

escorregar de novo para fora dela, o que é que acontece? Você simplesmente vira um “Joe Blow” e vai trabalhar das oito às cinco da tarde, é isso?

KARL: Depois de que?

LOUISE: Bem, quando você se apaixona por essa nudez, e depois perde-a novamente, certo?

KARL: Não, não. Apaixonar-se pela nudez, isso você não pode fazer.

LOUISE: Não pode?

KARL: Nudez não pode apaixonar-se por nudez. A nudez não pode evitar de cair na paixão por uma imagem. É algo diferente. Mas a nudez não pode apaixonar-se pela nudez. Na nudez, não ha nenhuma idéia de separação, não há nenhum cair em qualquer coisa.

Mas a partir dessa nudez, e por qualquer imagem, você se apaixona. E ao cair na paixão por uma idéia, você cai na sua própria armadilha. Você imagina algo, porque não pode *não* imaginar a si mesmo. Não pode evitar de acordar para essa pura consciência-“eu”, e então vem “eu sou”, e isso você não pode evitar. Então você se apaixona por essa imagem ao seu redor, e isso também você não pode evitar. E ao final você cai fora de novo – também inevitavelmente. Portanto, em tudo isso, há o desamparo, a completa impotência.

Eu fico sempre apontando para esse Absoluto que você é, e que é total impotência. Durante tudo isso, jamais houve qualquer controle, em nenhum sentido. Você não pode se controlar jamais, já que não há um segundo para ser controlado. Portanto, em qualquer circunstância ou estado, não existe nem controle nem não-controle. Desamparo, impotência é tudo que há. Assim, tudo que é, é como é, mas jamais porque você o controla ou faz ou tem qualquer coisa.

Assim nisso, tudo é uma totalidade de ausência de controle e liberdade. Tudo que é, é liberdade em si. Em qualquer circunstância, há liberdade. E essa liberdade você não pode perder e nem recuperar, pois você é essa liberdade da totalidade de existência que não pode socorrer a si mesma. Total impotência em si --- isso é liberdade.

E agora você está sonhando um sonho de controle, um sonho de livre arbitrio, e tudo isso é sonho, pois jamais houve algo assim.

## **Essa impotência é o Todo - poderoso**

LOUISE: Eu só fico de novo confusa com essa dualidade quando você diz “impotência”, porque se tem impotência e desamparo, também tem poder e amparo.

KARL: Não, não! Desamparo é anterior ao amparo e não-amparo. Você entende mal o que é desamparo. Você o toma por um desamparo pessoal, mas nesse Desamparo, não sobrou nenhuma pessoa. Sem nenhuma idéia de amparo ou não-amparo, ninguém sobra. Assim quando tem amparo e não-amparo, trata-se de uma ajuda e não-ajuda de tipo pessoal. Mas no Desamparo não tem separação, nada pessoal.

LOUISE: Pode dar um exemplo prático?

KARL: Ausência de desejos.

LOUISE: Então me dá um exemplo prático; eu sou apenas uma pessoa de mente muito simples.

KARL: Ah, ela continua mentindo. Que mentirosa! [risadas]

LOUISE: Me dá um exemplo sobre esse desamparo impotente. Ele parece o que?

KARL: Acabo de dar-lhe um exemplo. Se você se apaixonar por alguém, diante disso você é indefesa. Você não pode decidir quando vai acordar de manhã. Exemplos muito práticos.

LOUISE: Eu posso sim!

KARL: Nunca você faz isso!

LOUISE: Fico na cama mais uma hora ou algo assim.

KARL: Você fica, mas já está acordada.

LOUISE: Acordada meio sonhando.

KARL: Que “acordada meio sonhando”?

LOUISE: [dando risadinhas] Ah, eu não sei!

KARL: Ouçam só! Ela é um tipo ‘Tai Chi’. Ela ‘Tai’, Tai-she. [\*jogo com ‘Chi’ e ‘she’=ela] “Eu tenho o controle!” [risadas] Mestre das energias. Aí estão todos esses mestres de energia. Ela Tai e Tai Chi, e depois vem ‘She Gong’ [\*Ela Gong], She Gong e Gong She! Você me contou uma vez, “Com a minha energia, posso controlar tudo.” Não? Não contou?

LOUISE: [rindo] Eu lhe disse isso?

KARL: Me lembro.

LOUISE: Veja todas essas pessoas aqui. Elas vêm sempre.

KARL: Todos por sua causa.

LOUISE: Não, por sua causa!

KARL: Minha? Não, com certeza não por minha causa.

LOUISE: Doze mil milhas, e cá estamos.

KARL: Essa impotência completa é o poder todopoderoso. Essa impotência é o Todopoderoso.

LOUISE: Uuh, uuh. Quer dizer que isso é o seu exemplo prático? Não me satisfaz.

KARL: Não satisfeita? Você nunca vai ser satisfeita. Não pode ficar satisfeita. Como pode ficar satisfeita? Que idéia, de uma idéia poder ficar satisfeita! E quem deseja ficar satisfeito?

LOUISE: Você.

KARL: Não, não, não. Eu não estou aqui para agradar-lhe ou para deixá-la satisfeita. Quem se importa com a sua satisfação? Não, não, não. Assim é toda mulher, “Por favor

me deixa satisfeita! Me dá alguma coisa!”[risadas] Não, não, não. “Mais esforço, agora. Me dá um conselho prático!” Essa técnica é velha. [ainda mais risadas]

LOUISE: [rindo] Você não cai nessa! Agora você já tem idade suficiente.

KARL: “Oh, agora você já sabe melhor. Mais prática. Você prometeu que iria me deixar satisfeita!” [risadas] Michael?

LOUISE: Deixa ele em paz! [risadas]

KARL: “Não fala com ele!” Senão, cai a cabeça do Michael.[risadas] Então qual é o seu conselho prático?

LOUISE: Bem, deixa para lá!

KARL: Deixar para lá?

LOUISE: Chega de abuso, por hoje.[risadas]

KARL: Abuso? Oh, ela está ficando realmente psicológica agora.[risadas] Ela é bem esperta. Uma esperteza, psicológica---

LOUISE:[rindo] Com uma mente estúpida.

KARL: Com uma mente estúpida? Oh, vou lhe contar!

LOUISE:Ah, você me faz rir e chorar ao mesmo tempo!

KARL: Iss soa bem. Primeiro, dor de cabeça, e depois rindo e chorando.

LOUISE: Dois por um!

KARL: Bam, bam. É um belo exemplo. Tudo bem. Perguntas sobre isso, algum conselho prático?

RITA:[rindo] Então basicamente, tudo é um paradoxo, e você não pode experimentar --- não pode tratar de entender algo, então toda essa busca é completamente inútil.

KARL: Sim, graças a Deus. Imagina se você pudesse controlar a existência pela sua busca e a sua compreensão? Que idéia!

RITA: Melhor ficar em casa, se puder.

KARL: Ninguém pode ficar em casa. Não tem ninguém em casa! Primeiro tenta achar o que é ‘em casa’. Você nunca vai achar. Meu Deus. Não há ninguém que esta em casa. É só uma idéia.

“Fica em casa.” “Permaneça centrado em si mesmo!”[risadas] Se isso funcionasse, então depois de Jesus, Buda, e todos esses grandes, O Si nunca mais sairia de casa. Humm? Mas olha para ele. Ele nunca parou. Mesmo depois de todos esses santos, o sonho continua e continua e continua. É justamente isso a beleza da existência, essa liberdade--- você não pode controlar isso por nenhum tipo de ‘insight’ ou por qualquer conselho prático. “Como eu posso me controlar?” Não.

Você pode falar sobre o Todopoderoso que você é. Qual o significado de ser todopoderoso? Ser todopoderoso significa que não há nenhum segundo para controlar, e nem você pode ser controlado por algo segundo, por algo outro. É isso, ser todopoderoso. Mas também significa que, não havendo nenhum segundo para você controlar e nenhum

segundo que controla você, - você também não pode controlar a si mesmo. Assim, essa falta completa de controle é a sua natureza. Essa falta de controle é absoluta aceitação, mas sem haver algo para ser aceito, já que tudo que há, é o Si. Isso é absoluta aceitação, e não uma aceitação relativa qualquer, trazida por um conselho prático ou por qualquer tipo de controle.

Sempre que uma pessoa aceita algo, é uma forma de controle. Com tudo que você faz para praticar a aceitação, o que você quer é controlar tudo à sua volta pela aceitação. Você quer ficar desapegado de tudo. O seu sistema de controle está trabalhando. Você até gostaria de ficar iluminado, pois você quer controlar. O mesmo com a iluminação, -você a toma por algo pessoal e vira “o iluminado”. Então você encontra-se na consciência-de-Deus, e todo o resto é um chiqueiro.

RITA: Chiqueiro!

KARL: Tem que ser. Todos aqueles que estão na busca de algo, -é por causa disso. “Eu tenho que controlar, porque vejo a separação. Tem aí mundos separados, tem outros separados, e a partir de tudo isso, eu tenho que me controlar.” Então você quer controlar até a liberdade. Meu Deus. Ponha -a no seu bolso e leva-a para casa, já que quer ficar em casa. Não?

RITA: [rindo] Não particularmente.

KARL: Isso é o absoluto “sem saída”, e essa impotência absoluta é o paraíso. É isso, ser todopoderoso, porque essa impotência significa que não há nenhum controle, nem de dentro e nem de fora. Para Aquilo que você é, nada jamais aconteceu, e nenhum outro pode controlar aquilo que você é.

E nenhuma circunstância pode mudar você ou afetar você de qualquer maneira, já que todas as circunstâncias são por sua causa, mas você não é por causa de qualquer coisa. Você é a completa ausência de causa.

Tudo que tem uma causa não é o que você é. Portanto essa vida – ou não-vida -, objetiva e sensacional, jamais pode afetar essa vida eterna que você é. Então seja isso. Não há nenhum conselho mais prático para tornar-se isso.

LOUISE: É como ser criança. Você fica igual uma criança.

KARL: Você não fica coisa alguma.

LOUISE: É parecido! Essa impotência é igual uma criança.

KARL: Isso é ser impotente. Tem uma criança que está impotente, mas a criança não é a impotência. Você não pode fazer de um objeto a impotência. Na impotência em si, não há mais nenhum objeto ou sujeito; nada Segundo. Há total desamparo impotente. Se você disser que isso é igual uma criança impotente, - não é disso que eu estou falando.

MATHILDA: É mais como um animal?

KARL: Não. Mesmo o animal pode ficar impotente, mas isso não é a impotência. Impotência significa uma total falta de uma idéia de controle, de um controlador. Mas mesmo de um animal você diria provavelmente, que ele tem um controle.

MATHILDA: Um animal não quer controlar, não pensa em controle.

KARL: Um animal fica com fome, e pela fome ele mata. E você, quando a sua mente fica faminta de idéias, você mata por elas.

MATHILDA: O animal não pensa a respeito.

KARL: Mas o que é a mente? É como o estômago que fica com fome. É um estômago infinitamente faminto que quer passar por mais experiências. Qual é a diferença entre o seu estômago e o seu cérebro? Ambos querem funcionar.

MATHILDA: Acho que é o instinto.

KARL: Instinto?

LOUISE: Fede.[\*it stinks –jogo de palavras com ‘in-stinct’]

KARL: Fede! Você pensa que cheira e depois de cheirar, vai embora. Porque isso fede. Mas você é a completa falta de cheiro. Nunca pode cheirar a si mesma. Portanto tudo que procura pelo cheiro, não é aquilo que você é. Aquilo que você é, nunca cheira.

## **Para o infinito que você é, você não está nunca preparado**

MATHILDA: Tenho mais uma pergunta. Se eu não posso influenciar meu futuro por desejo ou por vontade, como é que ele acontece então? Quando tenho um pensamento ou uma idéia, ela se realiza - e às vezes bem depressa. Por exemplo, algumas vezes quando penso, "Ah, eu queria encontrar esse meu amigo", e ainda que ele está vivendo num outro país, quando saio pra rua, encontro com ele!"

KARL: Mas isso não é lógico? Para você encontrar um amigo no futuro, primeiro precisa pensar em encontrá-lo. Primeiro tem que fazer uma idéia, ou uma idéia vem, "Eu quero encontrar esse aí", e então você faz um esforço para encontrá-lo. Porque é preciso que você faça um esforço para que o futuro pode ser como o futuro pode ser. É uma interrelação entre futuro e passado. Muito fácil de entender. Primeiro você precisa querer beber – antes de beber.

MATHILDA: Sim, mas, - normalmente ---

KARL: Normalmente?

MATHILDA: Isso é um exemplo muito simples. Eu deveria pegar um mais complicado. [risadas] Realmente, esse amigo não poderia estar ali. Eu estou morando na Alemanha, e ele, na Itália, e um belo dia eu penso, "Ah, gostaria de vê-lo," e depois vou para a rua tomar um café, e ele está parado bem na minha frente.

KARL: Você pensa realmente que a consciência não sabe o que vem em seguida? De onde elas vêm, as idéias?

MATHILDA: Às vezes ---

KARL: Como "às vezes"? Não existe 'às vezes'. Consciência é a Fonte desse funcionar-sem-fim da consciência. Não tem aí nenhuma linha a separar ontem, amanhã, e agora. Tem simplesmente, atravessando toda a manifestação, Aquilo que é Consciência. E por que essa consciência não iria já conhecer o próximo momento?

Tudo aquilo em que a consciência se concentra, ela pode virar isso --- seja o futuro, ou o que quiser. Às vezes chamam isso de “psychic” [\*telepatia].

MATHILDA: Então eu posso ---

KARL: Se você puser toda a sua concentração em virar bruxa, você vai virar uma bruxa que pode prever o futuro. A consciência pode fazer de tudo. Se é para ser, vai acontecer. Portanto não há limites na consciência.

MATHILDA: Quer dizer que é a consciência que cria ---

KARL: Sim, ela é uma bruxa. Uma cadela[\*bitch] e uma bruxa[\*witch]. Consciência bruxa.[risadas]

MATHILDA: Então, é a consciência que cria os meus pensamentos, minhas idéias, e não a minha mente?

KARL: Nunca houve uma mente que criou qualquer coisa. Mente é criada por Aquilo. Consciência, como consciência sem forma, toma a informação mental como um pensamento-“eu”, e então uma nuvem de pensamentos surge ao redor. Mas tudo isso é uma “in-form-ação” da consciência. Jamais houve uma tal de mente que criou qualquer coisa.

MATHILDA: Mas não parece que meditar e fazer *sadhana* faz diferença? Anteriormente eu ---

KARL: Anteriormente?

MATHILDA: Antes de eu fazer *sadhana*, não acontecia tanto como agora, de eu ter um pensamento ou uma idéia e de repente acontecer aquilo.

KARL: Ah, é você quem causou essa un-dade, ou o que? É a causa dos milagres?

MATHILDA: Não, eu não me expressei bem.

KARL: Mas soa assim. Como um seminário para *avatares* ou algo assim. Você quer sempre ter um lugar de estacionar o carro quando precisa. [risadas]

AIKO: Aí o seu exemplo prático!

KARL: É esse o seu truque especial, sim. Todas as bruxas começam assim. Belo sistema de controle.

MATHILDA: Eu ainda não estou entendendo. Ontem ouvi dizer que não posso influenciar os meus pensamentos ou desejos.

KARL: Você não pode querer o que quer, porque Aquilo que é quem quer, já quis isso. O filme já foi rodado. Portanto pode haver desejos, e a partir desses desejos alguma coisa vai acontecer, pois faz parte do filme. Causa e efeito. Há uma cadeia de ação-reação, e tudo está interligado, mas não há ninguém que pode querer isso. Mesmo o querer, *você* não pode querê-lo. Você não pode pensar o que vai pensar, antes de pensá-lo. Não pode querer antes de querer.

MATHILDA: Eu achei que estas visões e a vontade surgem da mente.

KARL: Mesmo isso não pode ser você quem pensa. Não pode decidir o que vai pensar em seguida. Não pode pré-pensar.

MATHILDA: Eu achava que isso é a construção, porque tenho esta meta por mim mesma.

KARL: Oh sim, você não pode tencionar, mas tenciona. Simplesmente veja isso. Você não pode querer o que quer. Não pode pré-pensar. *Tem* que pensar. Então você pensa que é por causa do seu pensar que você pensa.

BERTA: E parece como se você o fizessa da sua própria maneira.

KARL: Parece ser assim, mas é por isso que digo que é sonho.

BERTA: Como por exemplo quando penso, eu vou seguir Karl.

KARL: Sim, mas de onde vem esse pensamento?

BERTA: Ah – sim. [risadas]

KARL: Ôi-iô! É como no ‘dominó’. O seu cérebro é como um jogo de dominó. Primeiro uma pedrinha precisa cair, e então todas as outras vêm juntas. E quem é que faz a primeira cair? Essa é a questão toda. Depois dessa primeira, você pensa,”Ah, isso foi por causa daquilo de antes,” mas o que era antes do que foi antes? Quem fez a primeira pedrinha cair?

BERTA: O que veio primeiro, a galinha ou o ovo?

KARL: E tem mesmo uma galinha ou um ovo qualquer? “Você depois de mim!”[risadas]

MATHILDA: E há muitos pensamentos e visões que não se cumprem.

KARL: Eu espero. Imagina se o tempo estivesse assim porque tem tanta gente que quer que seja assim. Imagina se todo desejo fosse cumprido![risadas]

Um HOMEM: Que bagunça!

KARL: Primeiro você está aqui e logo – buum – você está em Nova Yorque! Só pela imaginação, você já está lá. Mas imagina esse ‘flip - flop’. Nada existiria mais, se cada desejo pudesse ‘puuff, puuff,puuff’ realizar – se para você!

FRANCESCO: Um dia você tenta!

KARL:Pensar desejoso!

MATHILDA: Então, você pensa que tudo já é fixado? Todo o meu futuro é fixado pelo *karma*?

KARL: Não. Só digo, tenta encontrar esse tal que poderia ter um futuro e que tem um passado, e depois nós falamos sobre o que é fixado e o que não é fixado. Primeiro acha um que se importa com isso e que precisa saber isso. “Eu!” Esse primeiro “eu” você deve encontrar. E qualquer “eu” é um “eu-nimigo”[\*jogo de palavras com ‘any me’ e ‘enemy’]. Especialmente esse “eu” que quer saber “o que é eu?”. É um inimigo. Portanto, primeiro tente achar esse inimigo, e depois podemos falar sobre o futuro e o passado desse inimigo.

AIKO: É esse o truque que todo mundo usa.

KARL: Sim, é um truque.

Um HOMEM: Infame.

KARL: É eu.

AIKO: Então não há mais ninguém para perguntar.

Uma MOÇA: Ela sacou !

KARL: Ela sacou. Graças a Deus, ela sacou isso.

AIKO: Eu lí isso.

KARL:”Eu lí isso!” [risadas] Tem um dizer famoso de Wittgenstein, mas também Einstein o disse, que ele só podia aguentar a humanidade porque via que a humanidade não pode querer o que a humanidade quer. Portanto não há nenhuma culpa ou pecado, em nada, em nenhum fazer ou deixar-de-fazer da humanidade, pois a humanidade não pode decidir o que a humanidade vai querer. Isso significa que tudo surge dessa Fonte absoluta da existência. Essa totalidade requer tudo aquilo que deve ser feito e não feito. Não tem aí nenhum “eu” separado que pode decidir qualquer coisa.

Isso é liberdade. Pois o que vem em seguida, já está decidido, no sentido que você não pode decidir o que surge em seguida a partir daquilo que é “eu”. É a totalidade, a circunstância total que está ditando cada momento próximo. Até a próxima respiração ou o próximo movimento de um dedo surgem dessa totalidade.

MATHILDA: Então eu vou ficar bem preguiçosa.

KARL: Preguiçosa? E jamais você foi algo diferente? Como pode vir a ser preguiçosa? Você nunca fez qualquer coisa mesmo. Como poderia *tornar-se* preguiçosa? Meu Deus!

MATHILDA: Algumas vezes isso é cheio de ‘stress’ [\*tensão grande].

KARL: ‘Stress’? Onde?

MATHILDA: No trabalho, nas relações.

KARL: Só de estar vivo já é ‘stress’.

MATHILDA: Então, se não tem nenhuma importância, eu não vou mais trabalhar.

KARL: Você pensa que *você* pode decidir isso? Você acha, por algo que compreendeu, que você pode decidir o que é que vem em seguida?

MATHILDA: Eu não quero mais lutar por nada.

KARL:Uau! - Quando tiver luta, vai ter luta – você gostando ou não gostando.

MATHILDA: Eu posso decidir.

KARL: Você pode decidir? Ah, é de novo a bruxa. “Eu posso decidir! Você não pode roubar o meu livre arbítrio! É a última coisa que vou largar.”

MATHILDA: Posso desistir, sabia?

KARL: Você não pode desistir. Desistir do que? O que é que é seu?

MATHILDA: Das coisas que sou forçada a fazer.

KARL: Você, forçada?

MATHILDA: Pela minha própria disciplina.

KARL: Pela sua própria disciplina? Oh meu Deus! Agora estamos realmente começando a ter um problema.

BERTA: Mas Karl, isso me deixa muito confusa, porque nós vivemos num mundo onde o corpo é tido por aquilo que você é. Assim, quando você diz “você”, o “você” do qual você fala, este “eu” aqui sentado--- eu não sei como expressar-me --- mas isso confunde muito.

KARL: Sim, eu espero.

BERTA: E essa coisa toda do livre arbítrio ---

KARL: Eu estou aqui sentado para deixar confuso tudo que pode ficar confuso, e para você ver numa fração de segundo que Aquilo que você é, nunca foi nem nunca será confundido, por nenhuma circunstância. E o que pode ficar confuso, não é nada mais que uma ideia, um objeto que pode ser tocado e mexido e sacudido. Aquilo que você é, sendo simplesmente essa pura consciência absoluta, ou Aquilo que é Percepção em si, o absoluto Perceptor, o Si em si, isso jamais foi tocado por qualquer sensação, e nunca foi confundido ou não confundido por qualquer coisa.

Quer dizer, isso aqui é para deixar confuso tudo que pode ficar confuso. Aquilo que é aqui agora, é assim que te leva totalmente para essa impotência, essa desesperança ou algo assim, e você vê que nunca precisou de esperança nenhuma, de ajuda nenhuma, em nenhum sentido. E aquilo que precisa de ajuda e tem qualquer tipo de esperança, nunca existiu porque é uma figura de sonho. Isso simplesmente aparece e desaparece, e você jamais foi dependente dessa figura de sonho. Aí então eventualmente você pode se ver novamente como Aquilo que é a despreocupação em si, e que jamais deu importância a qualquer coisa.

BERTA: Mas você está ligada a esta figura de sonho por --- eu já tenho cinquenta e cinco anos ---

KARL: Ah não! [risadas]

BERTA: Então começo a chamá-lo “eu”, no lugar de um número. O que se pode fazer?

KARL: Sim, cinquenta e cinco. Você é um número assim.

BERTA: Cada manhã eu acordo com a mesma figura de sonho. “Oh, estou de novo aqui.”

KARL: Novamente, inferno.

BERTA: Eu sei.

KARL: E daí? À noite você diz ‘até logo’, e de manhã, ‘ôi’.

BERTA: E isso sempre se repete, sem parar.

KARL: E não vai parar nunca. Vai desaparecer nunca, porque não há nada para desaparecer. Vai se repetir e repetir e repetir e repetir.

LOUISE: “Doce melodia.”

KARL: *Hari Om!* “Carry On!” [\*vai levando] Sim, você tem que enfrentar a sua natureza

infinita, e natureza infinita significa que não há nada que vem e vai , mesmo nessa realização daquilo que você é. Esse sonho vai nunca terminar, pois nunca começou. Essa realização feita sonho é aquilo que você é, e a realização daquilo que é você é tão infinita como você mesmo.

E nenhuma pessoa pode aguentar isso. Se você olha para esse infinito, você vai desaparecer. Ninguém aguenta isso. Ninguém jamais tolerou isso. Foi este o significado de quando U.G. Krishnamurti veio e perguntou a Ramana, "Você pode me dar aquilo que você tem?" E Ramana disse, "Eu posso lhe dar, mas você pode recebê-lo?"

É só isso, é esta a questão -- você pode recebê-lo? E não vai nunca ter alguém que está preparado para aceitar isso, de ser esse infinito, de ser Aquilo que em si não tem nenhum vir e ir, que nunca nasceu nem vai morrer. Tudo que vive a partir de um ter nascido, não pode enfrentar Aquilo. Se enfrentasse essa vida eterna que nunca para, você enquanto Berta desapareceria nesse mesmo instante e nunca teria existido. Mas Berta não pode aguentar isso.

É por isso que eu nunca falo com Berta. Estou sempre falando com Aquilo que já é o Absoluto e que nunca saiu d'aquilo que é. Somente esse Absoluto pode aguentar de ser essa existência infinita, que nunca nasceu, nunca morre, é imortal. Tudo que estiver na idéia de ser mortal, não pode aceitar essa imortalidade, nunca, jamais. Porque nesse abraço sem fim do ser- Aquilo que é infinito, você vai ser aniquilado – no mesmo instante - enquanto ideia de uma vida separada, tendo nascido e tendo que morrer.

Tudo que foi antes, como entender, como "eu", como qualquer sistema de controle, não vai mesmo contar nada. Você não pode nunca e por nenhuma compreensão, controlar Aquilo. Não é virando feiticeiro ou *bruja* [\*bruxa] que você vai controlar a existência. Você nunca pode chegar a um ponto de estar preparado para esse infinito que você é.

Eu posso dizer totais absurdos sobre tudo que há, sobre desejo e não-desejo, e sobre quem chega nesta forma e do porque isso é como é --- e tudo que digo é irrelevante, absolutamente irrelevante, pois não pode tocar aquilo que você é. Não pode fazer de você o que você é. Portanto, entendendo ou não entendendo, quem se importa? Eu não tenho nada a oferecer, nem mesmo a compreensão de alguma coisa. Porque por nenhuma compreensão, por nenhum sistema de controle, você vai controlar a existência ou tornar-se aquilo que você já é.

Esta é a beleza da existência, - por nenhum sistema de controle ela pode ser controlada. Tudo não passa de ideias, conceitos, de alguém que gostaria de ter o controle. Mas mesmo eu não poderia decidir de sair desse colo desse momento! A primeira pedradominó veio. E então o dominó vira uma "domina", um controlador. Dominação. Ditadura. [risadas]

Simplesmente a partir da ideia de ter nascido, desse erro-"eu" ter nascido, o primeiro dominó está caindo. E então você pensa, depois do que aconteceu, que isso foi porque o dominó anterior estava aí. Mas foi tudo a partir desse erro-"eu". E entretanto, você não pôde nem decidir se sairia ou não do útero. Mas eu estou aqui para lhe dizer, você nunca saiu de nenhum útero tal como você é. O que você é, é sempre essa "criança de uma mulher estéril".

RITA: Portanto na realidade não há nenhum "erro-eu".

KARL: Há, mas não há. Mas de considerar você como esse erro-“eu”, identificando-se com esse erro, é este o erro-“eu”, o primeiro erro, e você fica sendo um objeto no tempo.

RITA: Mas isso também não pode ser evitado.

KARL: Não. Este dominó primeiro, surgindo como pensamento-“eu”, emergindo desse Coração, isso você não pode evitar. Você não pode evitar de acordar para a pura consciência-”eu”, e a partir dessa pura consciência-“eu”, vêm “eu sou” e “eu sou assim e assim”. Inevitavelmente. Mas eu estou aqui, quem sabe para vocês poder ver que Aquilo que é Coração – que é o que é você, como “eu”, “eu sou” e mundo --- que essa sua natureza você não perdeu jamais. Você é aqui agora essa existência absoluta, essa nudez.

E essa nudez você não perdeu nunca, portanto não importa que roupa você vestiu, que ideia você adotou como conceito, tudo isso não passa de ser conceito, e um dia vai ter sumido, já que ‘ a última camisa não tem bolso’[\*ditado alemão]. Mesmo essa iluminação que você pode ter, e as mais variadas experiências do corpo, nada disso você pode levar consigo para onde quer que for.

RITA: Então não tem mesmo qualquer história pessoal, em nenhum sentido.

KARL: Sim, esse ditado,”A última camisa não tem bolso”, significa que naquele momento, você está nú. Depois você se veste de novo. Mas você pode estar nú aqui e agora. Seja essa nudez, que só está vestida de uma ideia, e seja isso simplesmente vendo que essa roupa é uma ideia, que o corpo é uma ideia. Você é essa nudez vestida. E não precisa tirar a roupa para ser essa nudez. Você simplesmente vê que tudo é roupa [\*dressing – em ingl. com duplo signif.:1.roupa, 2.molho de salada]. Então você faz uma bela salada com isso.

## **O que precisa de ajuda é simplesmente uma figura de sonho**

LOUISE: Você pode falar algo sobre por que isso não está na natureza de todo mundo, por que são só alguns, meia dúzia de pessoas, que têm esse desejo?

KARL: E digo-lhe, que não há mesmo ninguém.

LOUISE: Diga isso mais uma vez.

KARL: Dizer “alguns” seria dizer demais. Não há ninguém que tem qualquer desejo. Há o desejo, mas não há ninguém que tem desejos. Ninguém. Até menos do que você pensava.

LOUISE: Ele é ‘foda’ mesmo! [risadas]Ele chega tão inocente, sabia ---

KARL:[rindo] Inocente? Chegando inocente? É como alguém chegando para Jesus dizendo,”Tenho um prego e um martelo. Estou vindo sem más intenções, bem inocente. Não se preocupa. Só tenho um prego e um martelo. Só quero pregar você na existência. Por que tem tão poucos aí? Jesus, me conta.”

LOUISE: Tudo bem.

KARL: Tudo bem?

LOUISE: Tudo bem.

KARL: E então você vai “de Pôncius a Pilatus” e faz a mesma pergunta. “Diga-me, por que?”

LOUISE: Não, desta vez eu não disse “por que”. Eu disse “como”.

KARL: Ah, “como”. Dá na mesma.

LOUISE: Não, realmente, como é isso?

KARL: Você está por um tempo demasiado longo na América. Se torna um índio de pele vermelha. “Como! Como é isso? Como sair disso?” Como? - E daí, “como”?

LOUISE: Tudo bem, não liga!

KARL: Não, você precisa ver que qualquer vendedor de ‘cachorro quente’ que prepara a salsicha, quer ser feliz. O propósito é felicidade. Tudo que está sendo feito pela consciência, é o desejo de ser feliz, surgindo da meditação sobre Aquilo que é felicidade em si, felicidade incondicional. Tudo que você faz como pessoa vem desse desejo de ser feliz o tempo todo. O significado de “pessoa” é isso. Tudo que a pessoa faz, em qualquer circunstância ---

LOUISE: Sim, o que queremos é paz, queremos felicidade, alegria.

KARL: E você até mata, você assassina, pela felicidade, pela paz. Então, o que é *um* propósito? Há seis bilhões de propósitos.

LOUISE: Então seis bilhões viriam para cá.

KARL: Mas para eles, talvez haja o “Mercedes Arunachala”. Pensam, “Se eu estivesse dirigindo um Mercedes, eu seria Arunachala”, porque Arunachala é simplesmente essa felicidade incondicional, o que é o Coração. “Se eu dirigisse um Mercedes, estaria feliz para sempre.”

Mas no instante em que você vira a chave e sai andando, vai haver um carro maior aí, e você continua na merda. Sempre tem algo ainda melhor.

E então vêm até as ideias de “iluminação”. “Primeiro vai ter a realização e depois vai ter a realização da realização da ---“. Ô meu Deus! E assim também com a iluminação. “Ah, tem a iluminação, mas ela é só o primeiro passo.” [risadas] Não é assim? E então vem, ”Ah, teve o momento da iluminação, mas isso foi só o primeiro passo, e depois disso eu realmente realizei ! Meu primeiro *satori* eu tive com quinze anos. Ah sim. Mas então mais tarde, houve o ‘Ah!’ Naquele tempo eu não sabia, mas agora sei!” [risadas]

Que emaranhado de ideias sempre, para se conseguir mais e mais de algo que você nem pode conseguir, jamais. Então há mesmo quantidades de iluminação? Imagina! “Você é mais iluminado, ou menos?”

É parecido como aquele teste específico, “Você está mais grávida, ou menos?” É um exemplo famoso. “Me sinto um pouco grávida.” [risadas] “Já me sinto um pouco morto.” [muitas risadas e barulhos de fundo]

LOUISE: Isso está doendo? Você sente a dor?

Karl: Ultimamente tem algo bem famoso, que eles chamam de “profundo

compartir”[\*deep sharing]. Parece-se com a tosa das ovelhas[\*sheep shearing / jogo de palavras pelo som]. Estando juntos, sendo totalmente sinceros uns com os outros. É como fazer-lhe a barba com uma faca não bem afiada. [risadas]

LOUISE: Sim, mas eles seguram as ovelhas entre as pernas.

KARL: Eu sei.

LOUISE: -- apertando o traseiro, e assim seguram eles.

KARL: Tudo bem.

LOUISE: Agora você diz”tudo bem”!

KARL: Por que não? Fico sempre admirado.

LOUISE: De fato.

KARL: Fazer o que? Tudo bem. Voltamos para aquela experiência. Você pode ter a experiência do livre arbítrio, mas continua não havendo quem tem o livre arbitrio.É tudo uma experiência de sonho. Não vou negá-la. Você pode fazer de tudo. Está bem. Mas de chamá-lo “*minha* experiência” e “*meu* fazer”, faz disso uma história.

Você tem a experiência de livre arbítrio, mas e daí? Com uma história, com um “eu” que nasceu e está numa história de momentos da *minha* assim-chamada vida, colecionando-a em volta do *meu* pescoço e alimentando-a e mostrando-a para todo mundo – isso é uma pessoa. O que fazer com ela? Ela tem que ser assim, porque foi projetada assim. Do contrario, não seria assim. Então divirta-se com o espetáculo.

Mas a felicidade que você procura e da qual sente falta, e que tudo que você é está querendo ser, você não pode vir a sê-la por nada daquilo que mencionámos agora. Nenhuma experiência, nenhuma sensação, nenhuma compreensão, nada que chega e vai embora, pode fazer de você Aquilo que você é. Mas isso você precisa ver por si mesmo. Ninguém mais pode lhe dar isso. Isso não pode ser transmitido. Não pode ser dado por uma compreensão, nem por coisa alguma.

Então se eu digo que espero ter sido irrelevante, como sempre, estou apontando para essa desesperança, de que eu não posso lhe dar nada como esperança ou ajuda, pois aquilo que você é, já é esse Todopoderoso que com toda certeza não precisa de nenhuma ajuda. Aquela ideia sim precisa de ajuda – e daí? --, ela pode precisar de ajuda e consegui-la ou não, mas quem vai importar-se com esse fantasma que recebe ou não recebe ajuda. É esse fantasma que está na ideia de ter livre arbítrio. Aleluia. Meu Deus. Cadela ou bruxa.

MOÇA da Hungria: Cabeça dura.

KARL: Cabeça dura.

MATHILDA: Se não há nada que fazer nem nada que pensar, não é mais confortável de simplesmente não fazer nada?

KARL: Tenta. Sim, tenta. Tenta não digerir mais. [risadas] Muito simples. Eu lhe peço muito simplesmente, tenta não digerir mais. É o mesmo que pedir-lhe de não pensar. “Não seria então mais fácil se eu simplesmente parasse de pensar?”

MATHILDA: Não. Estou dizendo, de não *fazer* nada.

KARL: É o mesmo.

MATHILDA: Eu sei que não posso *não* pensar.

KARL: Mas qual é a diferença? É algo como o digerir da existência, é o que te leva a fazer algo. Levantar o seu dedo é uma digestão da existência. Realmente, isso de você ter feito qualquer coisa, não passa de uma ideia. Todo fazer, o que foi feito e o que será feito, tudo surge dessa existência em si, dessa energia em si que é consciência, criando sempre a próxima ação a partir daquilo que é a cadeia de ação-reação da consciência kármica. Nunca houve um fazer ou um não - fazer pessoal. Portanto você nem pode *não* fazer algo. Esse “nada” que você quer fazer, é grande demais para você. Imagina se você realmente conseguisse fazer nada. Não há como.

FRANCESCO: Um belo ‘drink’ com açúcar?

KARL: Urina com vitaminas. Estou numa terapia.[risadas]

MOÇA: De verdade?

KARL: Sim, numa terapia interior. O tempo todo. Chama-se “digestão”. [risadas] [Karl bebe limonada]

FRANCESCO: É boa?

KARL: Fantástica!

## **Violentados pela existência**

ANTONIO: Tenho uma pequena questão.

FRANCESCO: Oh, Deus! Não acredito. Toma cuidado! [risadas]

ANTONIO: Não é por causa, mas ---

FRANCESCO: Não por causa!

ANTONIO: Apesar, apesar! Tanto faz a linguagem que usa. Você diz que o Si é sem gosto ---

KARL: Não, eu não disse “sem gosto”. O Si é ausência de [[algo que se chama]] gosto.

ANTONIO: Tudo bem, ausência de gosto.

KARL: É a ausência de gosto que não pode ser degustada.

ANTONIO: Sim, então a questão é ---

KARL: Eu não disse que não tem nenhum gosto!

ANTONIO: Tudo bem, tudo bem! Diga o que quiser! [risadas] Não é isso que perguntei. A questão é, quando Ramana realizou --- Oh! [risadas]

KARL: Não o diga assim!

ANTONIO: Tudo bem. Tinha aí esta experiência de deixar tudo cair, mas ele não estava dando *satsang*. Alguem chamou ele para dar *satsang*, para deixá-lo na posição de dar *satsang*. Então, quem é que falou da “ausência de gosto” sem dizê-lo?

KARL: “Não me faça sentar aqui,” ou o que?

ANTONIO: Você ou Ramana ou Buddha. Porque não tem Buddha por si mesmo, nem Ramana por si mesmo mesmo, nem você por si mesmo mesmo sentado aqui. Vocês não tem escolha.

KARL: É preciso dizer,”Estou sentado aqui só pelo Si.” Não por algo diferente.

SOFIA: Ou seja, porque tem a aspiração d’Aquilo.

KARL: Tem uma liberdade de toda decisão, e essa liberdade de toda decisão é em si a existência. Essa Liberdade decidiu sentar-se aqui.

ANTONIO: Significa, também no caso de Buddha?

KARL: Em qualquer caso. Buddha dizia que jamais houve um Buda sobre a terra e jamais vai haver. Você vê uma pessoa sentada em algum lugar, mas Buddha diria que aí está uma figura, e que não há ninguém ali sentado. E Buddha, Aquilo que é a natureza do que você é, jamais faz parte de alguma coisa. Este sonho, esta manifestação, é como é. Tem aí toda espécie de objetos e coisas, e objetos de sonho, mas não tem, em nenhum sentido, uma decisão qualquer. Liberdade é tudo que tem. Essa completa impotência. Essa ausência absoluta de uma ideia de “*minha vontade*”, ou “*minha liberdade*” ou “*minha não-liberdade*” --- esse sentar-se aqui ou não sentar-se aqui, essa despreocupação, é liberdade. Porque, veja como você não pode *não* sentar-se aqui, pois no instante em que está sentado aqui, isso é simplesmente algo como uma exigência total.

ANTONIO: Portanto neste caso, a existência simplesmente colocou você aí?

KARL: Não, ninguém está sendo colocado em lugar nenhum. Isso faz parte do sonho.

ANTONIO: No sonho.

KARL: Mas ninguém põe alguém em qualquer lugar. Tem simplesmente o sonho da existência. Ninguém está sendo colocado ou pedido para fazer qualquer coisa.

Você continua nesta coisa onde, do ponto de vista de uma pessoa, parece como se você está sendo forçado a sentar-se aqui. Vendo que você não pode decidir de sentar-se aqui, e que ainda continua havendo alguém que está sentado aqui, você pensa que está sendo forçado a sentar-se aqui. Você se torna uma pessoa indefesa. Vê a existência como aquilo que está forçando você, a cada minuto, porque ela faz com você o que ela, a existência quer. Humm?

ANTONIO: Não sei.

KARL: Se você fosse sentar aqui como agora, pensando que essa existência exige que sinta aqui --- é isso que eu quero dizer quando digo que você se sentiria forçado pela existência. Contra a sua vontade, você está sentado aqui. Quando pensa, “Não é a *minha vontade* de sentar-me aqui”, ainda existe aí a ideia, que é a existência forçando você a sentar-se aqui e que no fundo você está sendo violentado pela existência.

FRANCESCO: Agora perdi você. Perdi tudo.

KARL: Eu só quero deixar claro que, com essa compreensão, onde você vê a existência como tendo total controle, mas você continua aí como um “eu”, você está sendo violentado. Isso de novo é uma miséria, pois você se acha um violentado pela existência,

e que a existência é contra você. Você faz até da existência um inimigo seu. Não?

FRANCESCO: Ela precisa deitar. Vamos arrumar um lugar para ela.

[A Sra. Angelina deita e descansa. Ela não se sente bem. Ela e Francesco conversam em italiano enquanto o *satsang* continua.]

Uma MOÇA: É verdade. Isso é novamente a impotência.

KARL: Não, isso é impotente. Não é a impotência em si. Quando você é Aquilo que é a impotência, não tem nenhuma existência que faz qualquer coisa com você. Então você é Aquilo que é existência, e não tem ninguém que faz qualquer coisa com alguém. Mas se, por uma compreensão qualquer, você chega a ver que a existência é quem faz tudo, você continua separado da existência, e então você é violentado pela existência. “Oh, pobre de mim de novo!” Tudo isso é auto-piedade. Todas essas ideias de “si” são sempre auto-piedade. Continua havendo separação, e separação é inferno.

CHARLES: Porque você pensa ter escolha.

KARL: Sim, mas mesmo pensando que você não tem escolha, você continua nessa miséria de não ter escolha. Primeiro você pensa que é quem faz, depois torna-se o não-feitor pela compreensão “eu não faço nada”, mas continua na miséria. Não tem diferença. Assim, mesmo essa compreensão de que você é o não-feitor e a existência faz tudo, também não adianta. Não há liberdade numa ideia de liberdade, e não há compreensão no compreender-se algo.

MARY: “Eu-mim – meu” é o único problema.

KARL: Nem mesmo isso é um problema.

MARY: Sim, mas quero dizer ---, - você sabe.

KARL: Sim, quero dizer! Você sabe o que eu quero dizer, você sabe! [risadas]

MARY: Ver isso já é ---

KARL: Não quer dizer nada. Repito mais uma vez que, por nenhum momento de compreensão, por nenhum ‘insight’ intuitivo, por nenhum alto conhecimento, você chega nisso, - por nada! --- Esqueça!

É como no *Mahabharata*, quando Yudhistara foi com Krishna para o inferno. Inferno para a mente é isso, de ver que não tem saída. E a pergunta de Krishna, “Você pode aguentar de estar nessa miséria por tempo indeterminado, eternamente? Ou ainda resta naquilo que você é um desejo qualquer de evitar algo?”

E então teve simplesmente uma resignação total daquilo que costuma preocupar-se. “Tanto faz. Deixe estar como é.” Então de repente, não havia inferno ali, nem Krishna, nem Yudhistara --- nada sobrou. Havia simplesmente esse Absoluto em si, sem nenhum evitar, sendo esse absoluto vazio de ideias sobre o que é e o que não é. Um indicador direto para essa aceitação absoluta, que não pode ser feita.

Esse vazio de Coração de repente está aí, mas não por um fazer ou um não-fazer qualquer, nem por entender algo, nem por alguém que compreendeu algo ou não. É a total ausência de compreensão, a total ausência de liberdade. E somente essa total ausência ou o vazio de Coração pode conter Aquilo que é existência absoluta. Aquilo é o

que você é: aqui, agora, e para isso não há nada para acontecer.

Você é nudez aqui e agora, e não precisa tirar a roupa para isso. Você é totalmente vazio. Todas as ideias que chegam de manhã, não estavam aí antes. Portanto você é anterior a essas ideias que chegam como uma vestimenta. Você é apesar de ideias e conceitos, nunca por causa. Assim, tudo que chega de manhã junto com essa ideia de “eu”, qualquer compreensão ou não-compreensão, é passageira. E não pode acrescentar nada àquilo que você é.

Você veste e depois à noite tira de novo a roupa. Isso sem fim. Mas ainda continua sendo essa nudez em si que jamais esteve vestida de qualquer coisa. Então simplesmente seja essa nudez. Muito simples. Fica nessa nudez. De manhã quando chega a vestimenta, você diz, “Tudo bem ôi”, e mais tarde, “Até logo.” Um ‘até logo’ absoluto e um ‘ôi’ absoluto. Cada noite diz, “Se amanhã eu não te vejo de novo, foi um prazer encontrá-lo.” E de manhã, “Ah, ôi, você de novo. Tudo bem.”

[silêncio. Algumas risadinhas]

KARL: Isso é o inferno.

MOÇA da Hungria: É o que?

KARL: Quando Aquilo que é vida vai tomando consciência daquele Absoluto que é, o inferno começa. Porque quando há consciência, começa o holocausto. Nesse holocausto ou fogo do inferno da consciência --- essa consciência da consciência é o próprio fogo do inferno --- somente ali o diabo vai sendo consumido pelo fogo.

MOÇA:[rindo] Você pensa que eu faço qualquer ideia do que você está falando?

[risadas gerais explodindo]

KARL: Não faz diferença. Eu não falo mesmo com ideias.

MOÇA: Eu sei, sinto que você não está falando comigo.

KARL:Não, veja só!

MOÇA: Talvez por isso não consigo pegá-lo.

KARL: Sempre repito, eu não falo com espíritos.

MOÇA: Eu sei. Sinto que são espíritos ---

KARL: Espíritos. Muito atrás. Todo mundo diz sempre, “Se você olha para mim, e você fala comigo, não consigo entender nada.”

MOÇA: Sim!

KARL: “Você tem que falar para outra pessoa. Então talvez eu entendo as palavras.”

MOÇA: Não, mesmo simplesmente sentada aqui. Antes, eu achava que entendia algo, mas agora não há como pegar qualquer --

KARL: Isso soa bem. É como se nada mais existe em que esse saber ou não saber pode pendurar-se. Sempre sumindo novamente.

MOÇA: Sim, uma sensação como que dormindo.

KARL: Mas você ainda está acordada.

MOÇA: [rindo] Estou acordada. Estou amolecendo, mas não estou dormindo.

KARL: Hummm. Ah, isso não é tão grave.

MOÇA: Não.

## **Você nunca consegue calar - se**

KARL: Talvez tem algo aí? Não? Se tiver, é só falar. É possível que eu morda, mas não é tão trágico. Tudo em paz? Sempre as pequenas questões da vida, assim costuma começar, e depois ficam enormes. Berta, no seu aniversário, você deve ter cinquenta e cinco perguntas.

BERTA: Estou juntando-as. [risadas]

KARL: Guardando para mais tarde.

BERTA: Mas saber disso, não adianta. Aqui sentada com você, eu fico com uma mente bem afiada, em uma direção, mas não adianta nada.

KARL: É por isso que fica tão afiada. Porque não adianta nada.

BERTA: Não é para ajudar, eu sei.

KARL: Sim, mas nesse paradoxo você vê que mesmo essa mente afiada, essa compreensão intelectual ou as palavras bonitas, nada disso pode tocar você.

BERTA: Sim, “e então?”

KARL: É isso que quero dizer --- “e então?”

BERTA: É nisso que eu estou agora.

KARL: E eu estava apontando para o “e então?”

BERTA: [com sarcasmo] Sim, “e então?”! [risadas]

THERESE: Sessenta-e cinco vezes “e então?” “e então?”

Um HOMEM: Toma um chazinho.

KARL: Toma um chazinho, pois se nada lhe ajuda --- uauu – aleluia!

BERTA: Sim, nada me ajuda.

KARL: Sim, - maravilha.

BERTA: [irritada] Sim, maravilha! [risadas]

KARL: Isso é paz. É só a ideia esperançosa de que um dia vai haver ajuda para você, de que vai haver alguém ou algo que lhe ajuda ou vai haver um acontecimento de uma certa compreensão, e então você vai ser feliz para sempre --- é isso que cria a guerra. Mas se você vê que não vai haver nenhum momento assim que lhe traz ajuda, que é capaz de tirá-la disso que você é --- isso é paz. Você só se encontra em guerra porque espera ganhar alguma coisa, conseguir alguma coisa. Mas se você vê que aí não há nada para você ganhar, por nada, então você já está nessa paz de espírito, porque aí não tem

nenhum “e então?” Tem sempre só esse “E daí?” “E então?”

BERTA: O que você acaba de dizer, é o que eu digo a mim mesma. Portanto novamente tem aí dois, conversando, e um si diz para o outro, “Oh, você já é Aquilo!”

KARL: Não é engraçado? Um si dizendo, “Ôi, de novo.” O outro si dizendo, “Ah, sim, aqui estou. Bom ver você de novo.” “Muito tempo que não nos vimos.” “Ah, sim - a noite passada. Ah sim,” “Noite passada?” “Ah sim, interessante.” “Muito interessante.” [risadas]

BERTA: Tem esse eterno –

KARL: Essa conversação.

BERTA: Esse reporter.

KARL: A eterna conservação.

BERTA: O tempo todo fazendo reportagem, bla-bla-bla, você conhece isso. Vem sem parar.

KARL: Mas se você não o conserva mais, vai haver uma conversação, e mais nenhuma conservação. Se você não o puser mais numa lata de história, ocorre uma conversação, mas e daí? De agora em agora, você fala com você mesma. Falar infinito, universo infinito. E se não mais há nenhuma história nisso, nenhum ontem, nenhum amanhã, nenhum momento anterior, é simplesmente um falar agora, falando com você mesma, sem nenhum pensamento prévio. Sempre novo e fresco. [Karl, ficando de pé e voltando-se ora para um lado, ora para o outro lado, assumindo papéis alternados] “Ôi!” - “Ah! Conheço você?” [risadas] “Ah, prazer de encontrá-lo.” - “Parece que te conheço, mas não sei bem.”

THERESE: É bom ficar de pé?

KARL: [sentando novamente] Oh! É um circo. Logo mais eu vou ---

MARY: Fazer malabarismo.

KARL: Malabarismo! Berta, não tem nenhum problema.

Um HOMEM: “Não tem problema, mas tem que ter!”

KARL: Você fala sempre com você mesma. Que importa? Você vê que todo esse falar, é pura brincadeira pois nada resulta disso. Você fica dando tiros o tempo todo. Atirando para todo lado. Mas não pode calar-se. Esse falar nunca começou e nunca vai acabar. Você não pode nunca ficar calado.

Quanto mais que você tenta ficar calado e controlado, mais você está se envolvendo nesse falar, até fica sério, importante. Você fica mais e mais pesado, e então vira uma pessoa que se leva terrivelmente a sério. “O que eu digo, é realmente seríssimo! Eu sou um orador ‘foda’ - tão sério!” [risadas]

FRANCESCO: Eu fiquei cheio disso!

KARL: “Estou realmente me fodendo comigo mesmo! Mas isso é algo ‘foda’, muito importante!” [ainda mais risadas]

MARY: A linguagem corporal funciona tanto quanto as palavras.

KARL: Linguagem corporal. Sanduiche ambulante. *Ein Witz zwischen zwei Ohren*[\*” uma piada entre duas orelhas”, expressão alemã ironica]. E caminha. – Diz “Ôi!” Isso se chama “eu”.

BERTA: Já faz muito tempo. Isso realmente não adianta.

THERESE: Ela vê você como uma piada, não?

KARL: Sim, mas, e ela mesma? Esse é o problema.

Uma MOÇA: Os outros fazem.

KARL: Os outros o fazem?

BERTA: Não, digo, para mim mesma é---

KARL: Para você mesma? Me mostra você mesma. [silêncio]

KARL: O que parece o ‘si-mesma’ de Berta?

BERTA: Só posso papagaiar você.

KARL: Ah, me papagaiar. Virar um papagaio. Papagaiando. [ouvem-se passaros dando altos gritos] Humm. Alguma pergunta hoje, Israel?

Um MOÇO do Israel: É segredo. Só posso perguntar a mim mesmo.

KARL: [rindo] “Eu não preciso mais de você!” Sim, isso é a melhor coisa! Quem precisa de você? Divirta-se!

MOÇO: Idem, divirta-se!

KARL: Então isso é algo tão simples que você pode até perguntar a si mesmo. Uauu! Lindo. Posso ir para casa. Uauu! Como se você não perguntasse sempre a você mesmo. Mas esse Si não sabe mais que você mesmo. Existe qualquer “eu-mesmo” nesse “você-mesmo”? Fazer o que?

BERTA: Mas você nunca tem --- é o que você mesmo diz. Você diz, “Eu não posso ajudar ninguém, daí meu falar ser inútil; então ‘foda-se’, - o que é que eu faço aqui, vou ficar em casa.” Esse tipo de conversa.

KARL: É isso que você diria se estivesse sentada aqui, eu acho. [risadas]

BERTA: Se nada do que você diz, adianta ---

KARL: Sim!

BERTA: Então você simplesmente fala e fala e fala.

KARL: Estou sempre dizendo, eu deveria ser o homem mais frustrado sobre a terra. Mas isso me deixa tão feliz. Isso é liberdade, o fato que ninguém pega mesmo nada. Posso falar e cantar, posso fazer maluquices, tanto faz. Não faz diferença. Que não faz diferença, isso é liberdade. Posso criar tantos disparates, - e de toda maneira tudo é mesmo tão sem sentido. Nunca vai fazer sentido, porque não tem necessidade de sentido! Isso é lindo!

Imagina se eu pudesse ser uma ajuda. Isso seria o inferno! Eu seria o diabo. Pois, seja quem for que chega e lhe diz, “Eu posso ajudar-lhe”, - com certeza é esse diabo em

pessoa. E esse diabo precisa êle mesmo dessa auto-ajuda. [risadas]

RITA: Você poderia simplesmente ficar cantarolando ‘songs’ ou algo assim.

KARL: Não, eu não poderia. Cada palavra tem que vir exatamente como ela é agora. Quando tem o falar, tem o falar; quando tem cantar, tem cantar. Eu não poderia e nada poderia ser diferente do que é aqui agora. E não passa de contos de fada se tenta compará-lo com outra coisa qualquer. “Ramana não disse nenhuma palavra durante vinte anos, e então ele falou. Por que *você* está falando?” Comparando, bla-bla-bla. “Jesus andou sobre a água. Uauu, e ele não sabia nadar.” Quaa-qua-qua. [risadas]

MARY: Isso é verdade. O *avatar* não sabe nadar. Não, é sério! Meher Baba diz --- [risadas]

KARL: Graças a Deus eu não sou o *avatar*. Sei nadar.

## **Você não pode *não* divertir-se consigo mesmo**

SOFIA: Posso até entender isso do sem-sentido, mas não posso acabar com essa saudade de casa.

KARL: Posso contar a piada mais uma vez.

SOFIA: Isso eu não consigo largar. Não é uma piada para mim. Pronto.

KARL: Mas eu lhe digo, é uma piada. Para Aquilo que é ‘casa em si’, ter saudade de casa é uma piada, quer você goste ou não disso. A sua saudade é uma piada.

AIKO: Então qual é a boa nova?

KARL: Qualquer novidade é má notícia, porque nada é mesmo novo. E quando nada é novo, nada é velho. É isso a beleza.

LOUISE: “Nenhuma nova, é a boa nova”. Um ditado.

KARL: Mas ainda é uma notícia.

MARY: Ainda é “in-form-ação”. [risadas]

FRANCESCO: Isso é um presente para você.

KARL: Todos os dias aniversário, ou o que?

FRANCESCO: Sim, para você sim.

KARL: Parabéns! [\*cantarolando] “Da-da-daa-da-da-daa!”

LOUISE: Agora você canta!

KARL: Cada manhã antes de acordar, é “*Junge, komm bald wieder*” [\*‘song’ popular dos marinheiros, “Filho, volta logo”] [risadas] “*Ein Schiff wird kommen*” [\*idem song..] “Um navio vai chegar”.] Se você é uma “Titã”, vai virar um navio ‘Titanic’, um navio que afunda. Foi chamado *Titanic*, pois na época era o maior de todos. Mas todos esses gigantes da compreensão, vão ter que afundar.

RITA: Melhor manter um perfil baixo.

KARL: Um cartão postal de nenhures?

RITA: Não, melhor, manter um perfil baixo.

KARL: Perfil baixo? Onde?

RITA: [rindo] Não sei.

KARL: Você não sabe? Tem quem dirá que você precisa tornar-se bem visível para poder ser pega. Mas não funciona assim. Todo buscador diz, "Ah, a guilhotina! A iluminação! Por favor, cortam a minha cabeça primeiro. Por favor, por favor!" Mas logo a existência, muito mais triste, chega e diz, "Não!" [risadas]

FRANCESCO: Muito deprimente.

KARL: A atitude dele é essa o tempo todo, "Me pegam! Me pegam!"

MARY: Foi um filme bom, "The Titanic".

KARL: Eu não o vi.

MARY: Você não viu? Achava que você viu todos os filmes.

KARL: Não vejo filmes românticos. Bah! Que nojo. "Relacionamentos de merda" [\*Relation-shits] [risadas]

Um MOÇO: Havia um ponto que --- esses efeitos especiais, os caras todos pendurados---

KARL: Bom, pode ser que um minuto do filme está bemfeito. Tem sempre um final feliz, já sei.

HOMEM: Não, no fim afunda.

KARL: Mas isso é um final feliz, para mim. Todo mundo morrendo! [risadas]

MARY: Você viu "*Liar, Liar*"?

KARL: Não.

THERESE: Precisa ver.

MARY: Está passando aí fora.

KARL: Aí fora?

MARY: Acho que você gostaria dessa fita.

KARL: Eu gosto de tudo. A questão não é essa.

Uma MOÇA: Com exceção de "*Titanic*".

KARL: Com exceção de *Titanic*.

MARY: E esse "*Sobre Schmidt*"?

HERESE: "*As Good as it Can Get*." Esse é um dos bons para você.

MARY: Sim, se você gosta de ---

KARL: O que eu não vi, não gosto. [risadas] Muito fácil. O que eu vi, gostei. Ela quer fazer um 'menu' para mim. "Ah, isso é bom, aquilo é bonito." Impossível. Porque eu não vi.

ANTONIO: Quer dizer que o primeiro já foi o suficiente. Você gostou do que viu, então o primeiro filme foi o suficiente.

KARL: Que filme?

ANTONIO: Este filme aqui.

KARL: O primeiro horror, de sair dessa barriga da mãe, te conto, já foi o suficiente! Esse filme de sair dessa escuridão ---Arre! Chega. É bastante horror, estar vivo. Um filme de horror momento-por-momento.

MARY: A não ser que você saiba que é sonho.

KARL: E quem sabe que é sonho? Ainda isso faz parte do filme de horror. “A não ser que”! Que ideia, “a não ser que”?!

MARY: São só palavras.

KARL: Sim, de novo! “Você já sabe o que eu quero dizer!”

MARY: Vamos achar outra palavra para “quero dizer”.

KARL: São palavras bonitas. Com esse “você sabe o que quero dizer”, você já está sendo bastante desagradável[\*jogo de palavras com o duplo signif. de “mean”:querer dizer/desagradável]

Uma vez um homem muito desagradável veio a um”talk” em Berlin. Muito chato. Ele dizia,”Oh,você ainda usa relógio, você deve estar com um problema.”

THERESE: Por que?

KARL: Porque quem usa relógio tem problema. Por que? Não tenho ideia. Pergunte a ele. Ele era um desses professores, sei lá, mestres espirituais, veio com três ou quatro dos seus discípulos e queria simplesmente dar uma de ‘bom’ aí. “Eu vou lhe mostrar quem é melhor!” Algo assim. Eu disse,”Tudo bem.” Então falei e ele me olhava fixo e um hora gritou,”Eu sei!” - “Você sabe? Ah, seja bem-vindo. Por favor, conte-nos o que você sabe.”- “Eu sei!” Ficou realmente com raiva. E eu, “Por favor, conte-nos. Todo mundo está te esperando. Todos estão curiosos de saber o que você sabe.” - “Eu sei!” E ele ficou realmente bravo. “É o cúmulo, - se você soubesse, então também saberia que eu sei!” [risadas]

MARY: Agora ele ficou realmente vermelho.

KARL: [rindo] Não estou brincando. Mas isso foi realmente a coisa mais desagradável. Como quando você diz,”Você sabe o que quero dizer.” Isso é como,”Se você realmente soubesse, já saberia o que eu quero dizer.”

MARY: Boa palavra.

KARL: Sim, boa palavra.

MARY: Não tem importância.

KARL: Você se vê realmente confrontado com muitas facetas, vou lhe contar. Muitas maneiras de ser desagradável. Agora talvez uma última pergunta?

ROSA:Última chamada!

KARL: O ultimo Karl por hoje.

LOUISE: O copo está cheio. Não, o ‘tape’[\* fita gravada] está cheio.

KARL: Não, não. Sobra para mais duas horas. Não se preocupa.

LOUISE: É uma sobrecarga.

KARL: Porque você está falando tanto.

LOUISE: Quem está falando?

KARL: Não tenho ideia.

FRANCESCO: Essa é uma grande pergunta. Pode ser a última questão.

KARL: Veja bem quem está falando. *Look Who’s Talking*.

MARY: Karl? Então a expressão, uma forma – é só pela beleza? Simplesmente pela beleza?

KARL: Por qual beleza?

MARY: A formulação, não para se conseguir algo, mas simplesmente pela beleza disso, - é --?.

KARL: Não. A formulação[\*framing, com duplo signif.:formular/emoldurar] existe porque você faz uma pintura, e então você tem aí um quadro e gostaria de colocá-lo numa moldura. Só isso.

MARY: Entendo.

KARL: Especialmente quando tem um quadro bom, você quer emoldurá-lo. Quer conservá-lo.

MARY: É bonito. Isso de não se tirar nada disso. Mas simplesmente ---“ ooh.”

KARL: Que “ooh”? Com essa moldura, você cria uma história de se ‘enquadrar’ algo, de se ‘enquadrar’ o momento.

MARY: Para lembrar.

KARL: O que é que você pode não lembrar?

MARY: Não estou dizendo que isso é verdade.

KARL: O que é verdade? O que é mentira?

MARY: Eu gosto de enquadrar.

KARL: Então você gosta de enquadrar e vai enquadrando. Depois fica parado nesse enquadramento.

MARY: Não estou parada.

KARL: Claro que está parada.

MARY: Não estou parada!

KARL: [seriamente]Você está parada no enquadrar![risadas]

MARY: Gosto de enquadrar.

KARL: Ela enquadra até o amor divino. Enquadrando tudo. Ela é uma enquadradora. É o seu trabalho. Ela é uma enquadradeira. Vendendo enquadramentos, molduras.

MARY: [rindo] Não, não sou! Não ganho nenhum dinheiro com isso.

KARL: Se alguém diz, "Não, não sou!", eu sei com toda certeza que ele sim é. "Não sou, não sou. Não, eu não fiz isso! Não, não, eu não! Não, eu não sou assim. Não!"

MARY: Eu deveria fazer algo com relação a esse gosto pelo enquadrar?

KARL: Não faço ideia do que você deveria fazer. Não tenho ideia.

MARY: Nem eu.

KARL: Divirta-se com isso.

MARY: Estou me divertindo.

KARL: Sim? Tudo bem. Já que você não pode *não* divertir-se. Como se alguém pudesse sentar-se aqui e não se divertir. Tudo que está aqui sentado é o Si que se diverte. Infinitamente. Mesmo não se divertir é divertimento. Você não pode sair do divertimento, porque você é o divertimento em si. Você está se divertindo infinitamente. Não pode dar um passo para fora desse divertimento que você é. E parte desse divertimento é esse falar e não falar. E você não pode *não* divertir-se, pois tudo que você é, é isso --- puro divertimento. Meu Deus. Aleluia! Muito obrigado a vocês. [risadas]

## 20 de Janeiro de 2004

Apesar de eu não dizer nada relevante, você fica aqui sentado; ou – o fim de todos os significados

### Você está aqui para um relaxamento total

CHARLES: Amanhã todos vão vir com camisa de força, acho.

JAMES: Já estamos usando!

KARL: Você vai ser endireitado. Pelo *Jin-shin-jitsu*. É uma arte material para endireitar as pessoas.

THERESE: Arte marcial.

KARL: Material. Endireita a matéria. Me deixa muito forte. Pronto?

ANTONIO: Pronto. Não sei bem para que, mas estou pronto.

KARL: Sofia?

SOFIA: Só uma coisa. Onde posso encontrar um pouco de peyote?[risadas]

KARL: É para você?

SOFIA: Sim, por que não? A essa altura! [ainda mais risadas]

KARL: “Estou pronta para um peyote.”

FRANCESCO: Estou pronto para qualquer coisa.

KARL: Vamos ver se peyote está pronto para você.

[ouvem- se ruidos altos de fora]

FRANCESCO: Talvez é uma boa nova.

KARL: Tudo bem. Tanto faz.[e referindo - se aos ruidos] Mais um que morreu, ou o que? Os tambores. Sim, estão indo com música para o terreiro do fogo.

GEORG: Você sabe o que são esses *ghats* de queima?

LIZ: Em Varanasi.

GEORG: Não, por aqui.

KARL: Liz está de novo feliz.

LIZ: Ah sim. Estou de volta em casa. E posso ser picada em pedacinhos novamente. Adoro isso!

KARL: Pronta para virar carne moída novamente! Se não há perguntas serias, continuo com essas brincadeiras.

ANTONIO: Vai. Continua.

Uma MOÇA: Vai em frente!

ANTONIO: Não importa. Está bem.

KARL: Para mim também. É só se alguém quer uma mais séria. Sempre se pode desencadear algo com uma pergunta séria.

ANTONIO: Isso é verdade. Até mais de duas horas daria para gastar com uma pergunta séria.

KARL: Com uma pergunta fácil!

ANTONIO: Sim, com uma pergunta fácil também.

KARL: Só uma pergunta simples, fácil, hoje!

THERESE: Eeh, Karl. Sabe o que me vem quando encontro todos esses amigos do passado? Tantos de *Lucknow* [onde vivia Papaji] me perguntam, "Por que você precisa sentar de novo com alguém?" Estive pensando sobre isso, e não sinto que preciso sentar novamente.

KARL: Assim eu espero.

THERESE: É só pelo prazer. Simplesmente é divertido. E então eles vêm com umas perguntas como do nada. "Bom" eles dizem "por que você precisa sentar com alguém?"

KARL: Porque eles foram para frente. Livraram-se dessa dependência e agora dizem, "Por que você continua com essa dependência?" Eles acham que livraram-se dessa dependência. Como quando um fumante que para de fumar pergunta, "Você ainda fuma? Ainda não conseguiu parar? Olha pra mim!"

LIZ: Eu também penso nisso. Mas a mim parece que, quando sento assim, isso entra de alguma forma mais fundo. Pode ser que tenho que ouvi-lo muitas vezes, mas assim vai mais fundo. Me ajuda a ficar mais calma. Não sei se é uma dependência. E nem ligo se é. Funciona.

KARL: Bom, eu digo sempre, quando você aceita que a dependência não vai nunca parar, então o que é que tem? Você gosta da dependência?

LIZ: Sim.

KARL: E não sente orgulho em superá-la. Pois você não vai nunca superar essa dependência desse questionamento de si. Este questionamento do Si é a natureza da consciência. Não há nada para superar. Então fica sendo divertido de simplesmente perguntar, "Quem sou eu?", mas sem esperar qualquer 'insight' ou qualquer resposta ou algo assim. É isso, - "Quem sou eu?" E de fato o que se passa aqui é isso. "Quem sou eu?", sem esperar qualquer resultado. É divertido. Torna-se realmente leve e relaxado e em paz. Porque a paz já está aqui - e assim não é só uma ideia. Então o que?

MONIKA: Poderíamos fazê-lo sozinhos, não?

KARL: Você não está nunca sozinha, querida.

MONIKA: Por si mesmo.

KARL: Qual si? [risadas] Eu e eu-em-si podemos fazer isso sozinhos. Eu e eu e eu. Podemos fazê-lo sozinhos. Na Alemanha, tem uma camiseta - na frente diz, "Eu sou esquizofrênico, e nas costas diz, "Eu também." - "Eu poderia fazer isso sozinho. Só eu." Aqui você está só? Quem está aqui?

MONIKA: Ah sim.

KARL: Tem alguém aqui em casa?[risadas]

MONIKA: Me sinto como quem repetiu de ano.

KARL: Assim eu espero.

MONIKA: Ouço isso há vinte anos.

KARL:*Sitzenbleiber, Haengenbleiber!*[\* repetiu de ano, não passou de ano!]

MONIKA: Sim, *genau!* [\*exatamente]

THERESE: Eu não vejo diferença. Como, por exemplo, meus amigos ficam aí todo o tempo dando voltas nessa montanha, e para eles, o monte Arunachala não é um problema, mas então de sentar com alguém, sim é, "Como você ainda pode fazer isso?" Mas eu não vejo diferença. Você é uma montanha.

KARL: Não faça ideia. Deixa eles sentar, e então eles sentam de novo e logo sentam de novo. Como você vai sentar e sentar e sentar. Precisa sentá-lo até acabar [\*sit it out]. Mas você nunca vai poder sentá-lo até acabar; pois é um 'sit-in' [\*espécie de manifestação sentada ; tb. ficar recluso na casa].

MARY: É um 'happening' [\*evento artístico].

KARL: "Quantos anos eu preciso fazer esse 'sit-in', sendo um interno na prisão, antes que me soltam dessa prisão?" Mas as pessoas precisam primeiro sentir-se como um presidiário, para depois sair e dizer, "Oh, agora estou livre dessa prisão!" Só que o lado de fora é tanto prisão quanto o lado de dentro. Você não pode fugir ao que é. Primeiro tem aí uma ideia de ser um interno, e depois uma ideia de ser um "externo". De todo jeito isso é um hospício. Um interno e um externo. Mas o universo é um hospício, goste ou não goste disso. E você é o único paciente.[risadas]

LIZ: Isso é duro demais, muito rude.

KARL: Rude demais.[de fora, ruidos de marteladas]. Oh, hoje temos um som aqui. Não apenas eu martelando. Tem aí um colega de trabalho![risadas]

LIZ: O fora reflete o dentro.

KARL: Ah é? Tudo por sua causa!

LIZ: Porque eu acredito nisso? Ah, é um problema.

KARL: Problema. Ótimo. O que fazer?

[as marteladas param]

LIZ: Viu que eu fiz parar? Fiz parar as marteladas.

KARL: Ah, foi você! Obrigado.

LIZ: Em um minuto, vão começar de novo. [logo as marteladas recomeçam; risadas]

FRANCESCO: Faz eles parar.

KARL: Ou acostuma-se. Tudo bem?

KAATJE: Talvez você pode dizer algo sobre o tempo.

KARL: Oh, isso é difícil. Temos primeiro que achar o tempo, para depois poder falar sobre ele.

KAATJE: Porque as vezes dizemos, "o tempo vôa" ou "não há tempo".

KARL: Parece que não há tempo, e depois novamente tem um fluxo de tempo. Camera lenta e velocidade. Mas a pergunta refere-se a que?

KAATJE: Eu às vezes consigo isso. Tem pessoas que podem dizer o que vai acontecer, e então realmente acontece. Às vezes eu vivencio certas coisas e posso dizer, "Eu estive nesse lugar antes. Fiz essa experiência antes." Como é que podemos saber?

KARL: Se você se concentrar nisso, talvez por aí chegue a uma resposta. Não faço ideia. Se você está interessada nisso, você se concentra e então talvez encontre uma resposta. Porque para Aquilo vai haver uma resposta. Mas você está se perguntando, se há um destino ou não?

KAATJE: Algumas vezes tenho certeza, outras vezes, não. Às vezes eu simplesmente sei, e às vezes não sei nada. Isso me deixa confusa.

KARL: Assim espero.

KAATJE: É sim. É sim!

KARL: A questão seria, quem quer sabê-lo? Quem quer saber o por que disso e daquilo? Quem é que fica confuso e quem quer controlar algo por esse saber?

KAATJE: É isso. Eu quero ter o controle.

KARL: Com certeza. Você quer que seja como você gosta. Uma pessoa, é isso. Isso é como funciona uma pessoa que quer controlar tudo que é futuro, porque houve aí um passado e tudo isso. Há diferenças aí e então as diferenças precisam ser conhecidas, porque o que você conhece é seu amigo, e o que não conhece, é seu inimigo. Daí você querer conhecer tudo porque quer fazer amizade com tudo. Porque quando tiver somente amigos por perto, então pode relaxar. Então a guerra terminou. "Quando sei totalmente o que é, então por conhecer e controlá-lo, eu serei encarregado, e com meu auto-controle, serei o rei do universo." O treino de *avatar* que em algum lugar estão oferecendo, é assim.

KAATJE: Eu não tenho nenhum controle.

KARL: Estou sentado aqui para você ver que a ausência de controle é o paraíso. Qualquer ideia que você tem para um controle, é isso que controla você. Assim, quando você quer controlar o tempo, o tempo te controla. No instante em que dá a sua atenção a isso—qualquer coisa que você quer saber, qualquer coisa que quer controlar ---aquilo controla você.

KAATJE: Está certo.

KARL: E mesmo por um conhecimento --- se você se concentra completamente no Si, e o que você quer controlar é o Si,--- você será controlado por esse querer conhecer a si mesmo. E isso é uma miséria. Isso é como --ffiu!-- estar encurralado dentro. Nesse querer.

KAATJE: Querer.

KARL: Mas fazer o que? Como pode não querer isso? É porque você sente tanta falta de ser Aquilo do que sente falta. Portanto é desse sentir falta que vem toda essa tentativa de controlar Aquilo. Mas você já fez isso tantas vezes, já tem tanta experiência em tentar controlá-lo, - e sempre o fim foi uma miséria.

KAATJE: Sim.

KARL: Pois no instante em que quer controlar a si mesma, você está separada do que você é. De tudo que você quer controlar, você faz um objeto de controle seu. Portanto você faz de si mesma um objeto do conhecimento, um objeto do tempo, um objeto de qualquer coisa, e isso é sofrer. Mas como parar com esse sofrer?

KAATJE: Como parar com esse sofrer? Esta manhã nós fizemos isso.[rindo] Ridículo! Eu posso ver que é loucura, e continuo fazendo-o.

KARL: Ela perguntou, "Por que eu ainda fico sentada aqui?" Se não há nenhum "porque", nenhuma meta, é pura diversão. É simplesmente um relaxar e ficar em paz e fazê-lo, -mas sem expectativa qualquer. Então a vida se torna ela mesma meditação.

FRANCESCO: Relaxou?

KARL: Um luxo.

FRANCESCO: Você lhe disse para relaxar?

KARL: O luxo de ficar relaxado.

FRANCESCO: Não faz parte do meu vocabulário![risadas]

KARL: Larga- o.

FRANCESCO: Eu não sabia que vim aqui para relaxar.

KARL: Você está aqui para um relaxamento total.

FRANCESCO: Tem certeza?

KARL: Sim!

FRANCESCO: E você me diz isso só agora?

KARL: Dois meses mais tarde, eu lhe digo por que ele está sentado aqui.

FRANCESCO: Normalmente, vivo deprimido. Agora vou relaxar.

KARL: Mas você tem que passar por esse olho da agulha para chegar nesse relaxamento total. Antes disso é uma depressão. Você precisa ficar bem pequeno.

FRANCESCO: Agora vou ficar relaxado. Agora sei.

GRUPO: Uuaau!

FRANCESCO: Sim, eu gosto disso.[risadas]

KARL: "Estou gostando da minha depressão."

FRANCESCO: Para mim, é gostoso.[risadas]

KARL: Compaixão.

FRANCESCO: Sim. Você quem me diz!

KARL: O florescer da paixão.

FRANCESCO: Sim, eu sei.

KARL: Você vai ser reduzido ao máximo. E quando estiver reduzido ao máximo, você é esse vazio e essa plenitude. Há então uma total ausência de uma ideia do que você é e do que você não é. E quando você está reduzido a essa nudez da existência, não tem mais olho da agulha nem nada. Não há mais um segundo, nenhuma ideia mais de você e de outros, e isso é relaxamento total. É para isso que você está sentado aqui.

FRANCESCO: Isso significa que você está me ajudando.

KARL: Não, não estou lhe ajudando.

FRANCESCO: E quem faz isso? Para que venho aqui?

KARL: Você vem aqui para Aquilo, mas não para ter ajuda. Você fica sentado aqui para se livrar de qualquer ideia de “ajuda”.

FRANCESCO: Mas por dentro tem ajuda. Parece.

KARL: Parece? Ele quer sempre ofender-me. Me diz, “Você me ajuda.” [risadas] E volto a repetir — “again and again” [\*de novo e de novo] -----

FRANCESCO: Oh, começa o “again and again”.

KARL: “---again and again and again, there is nothing to gain.” [\*“não há nada a ganhar”/ jogo de palavras com ‘again’ e ‘gain’=ganhar] Sôa bem, não? Vou sempre repetindo, não há nada a ganhar. *Gaehnen* em alemão, significa ‘bocejar’. *Zum Gaehnen* [\*me faz bocejar] --- de novo e de novo e de novo. Nada a ganhar.

FRANCESCO: Você poderia repetir? Eu não entendi tudo. [risadas] Perdi as últimas peças.

KARL: As últimas peças você perdeu.

FRANCESCO: Vou tomar nota.

KARL: Vai tomar nota. E então precisa repeti-lo cada dia mil vezes.

FRANCESCO: Ah sim, isso é *sadhana*! [risadas]

KARL: Te deixaria feliz. “Ah, ele me deu algo para fazer! Ele gosta de mim! Posso fazer algo.”

FRANCESCO: Você nos dá muito tempo livre.

KARL: E isso está bem?

KAATJE: Está bem.

KARL: Está na hora agora. [os dois rindo] Agora em camera lenta. “Aaah-gggaiinnn “— Tudo bem. Se houver mais uma pergunta ----?”

**Nada precisa ficar acabar para você ser Aquilo que é**

JAMES: Tenho uma pergunta sobre isso que você acaba de dizer, de que não há nada para ganhar. Posso ver, da sua perspectiva do Si, que não há nada para ganhar ou perder, mas se tivéssemos que assumir a perspectiva de um indivíduo, tem sim algo a perder, não é?

KARL: Sim, o de você ser um indivíduo.

JAMES: Exatamente.

KARL: Mas você está pensando que para ser Aquilo que você é, isso precisa acabar.

JAMES: Não, não precisa acabar para Aquilo que você é. Mas para este senso de individualidade, isso precisa acabar, - para haver paz.

KARL: Não, precisa *ser*. A ideia de que a individualidade precisa acabar, justamente habilita a individualidade a ficar. Enquanto você está na ideia de que a individualidade precisa acabar, você como indivíduo pode ficar. É todo um sistema de sobrevivência.

JAMES: Isso eu entendo.

KARL: De novo o ladrão vira o policial.

JAMES: A velha estória.

KARL: Tudo que faz é para sobreviver. Qualquer técnica que pratica, qualquer *tapas*, ou *sadhana*, tudo que faz, é uma técnica de sobrevivência. Como espírito você diz, "Eu preciso ser relevante. Sem ser relevante, não existo. Portanto me faço relevante tornando relevante uma técnica qualquer de me livrar de mim mesmo. Para poder dizer 'eu preciso acabar', posso ficar."

JAMES: Sim.

KARL: Fantástico.

JAMES: É enorme.

KARL: Realmente enorme.

JAMES: Quer dizer, este ensinamento de que não há nada para se conseguir, nenhuma meta a atingir, nada a fazer ---

KARL: Vale neste sentido, ou seja, para o que você é. Mas em qualquer outro sentido --- se quer ser um milionário, por exemplo, precisa fazer --, precisa trabalhar realmente duro.

JAMES: Mas eu acho que muita gente vê esse ensinamento de "nada tem a ganhar, nenhuma meta a alcançar, nada a fazer", da perspectiva do indivíduo.

KARL: Querem trazer isso para o dia-a-dia.

JAMES: Eles têm uma compreensão intelectual disso e então acreditam que já chegaram lá.

KARL: E qual o problema.

JAMES: Não tem problema. Bom, sei disso. Não existem problemas.

KARL: Há problemas, mas eles não criam problema. Há diferenças, mas elas não fazem diferença. Então nessa existencia individual feito sonho, há todo tipo de problemas e

fazer e compreensões e conceitos, e todos vêm desse primeiro conceito “eu”. E eles não existem sempre.

Como viu, depois de Jesus, Buddha, e todos esses iluminados, o mundo continua funcionando como o mundo funciona. Com todas as ideias individuais de figuras de sonho que vivem ou não a sua vida diária, com o tempo ou o não-tempo --- tudo isso anda e anda e anda, sem parar. Há os *pandits* e os mestres e os discípulos e tudo isso vai indo, indo, indo. Nunca vai parar. Pois nem mesmo isso começou jamais.

A beleza disso é que nada precisa parar, nada precisa vir, nada precisa ser mudado para você ser Aquilo que é, o que é você. É por isso que estamos falando aqui e agora sobre Aquilo que é. Nada precisa sumir, nem mesmo esse “eu”, nenhuma ideia de se acordar de manhã e ---. Para Aquilo não há perigo. Pode simplesmente relaxar. Ninguém quer nada de você, mesmo como indivíduo. Você pode ser absolutamente individual; nada precisa sumir. Quando está dizendo que alguma coisa precisa sumir, quem fala é esse pequeno diabo dentro, que sempre lhe diz ser necessário que você faça algo.

JAMES: Tudo bem, antes desta conversa a minha compreensão dizia-me que não há realmente um indivíduo aqui nem em outro lugar, mas que parece haver, e que este senso de individualidade não pode fazer nada para perder esse senso de individualidade. Mas que este senso de individualidade pode acabar de fato, se isso é o destino. Agora, o que ouvi você dizer depois, ou achei que ouvi, é que esse senso de individualidade nem precisa acabar, para poder haver, digamos, liberdade.

KARL: Exatamente.

JAMES: Mas isso é algo que até poucos minutos atrás eu não sabia, e parece que vale a pena explorá-lo um pouco mais.

KARL: É simplesmente você ver, que tudo que é, é o que você é. Você é Aquilo que é o Absoluto. Tem aí um senso de individualidade, mas não tem. É um paradoxo. Tem um senso de individualidade absoluto, mas ninguém o tem, não há nenhuma posse n’Aquilo, nada como *meu* senso de individualidade. Há simplesmente um aspecto da existência, como o que eu sou, como o Si, expressando-se como senso de individualidade. Mas mesmo isso é totalmente Coração.

Tudo que é, é Si, ou Coração. Seja qual for o nome que você dá, ou como o enquadra, não vai se livrar d’Aquilo. Não pode livrar-se do que você é. E esse senso de individualidade faz parte da sua natureza infinita. Não há nada de errado ou acertado com isso. É nada mais que uma experiência, uma experiência-de-Si que você tem consigo mesmo. Não há o que fazer ou o que não fazer com isso.

Mesmo essa ideia, de que a individualidade precisa sumir como conceito, tem que existir. Isso é outro aspecto da experiência-de-Si. Vai indo e indo e indo, como uma cadeia de reações da consciência, ou de um conceito que cria outro conceito que cria outro conceito ou outra experiência, tudo que você disser. São todas experiências d’Aquilo que é o Si experimentando-se a si mesmo, realizando-se em infinitas possibilidades. Algumas vezes como algo individual, pessoal, outras, impessoal, e às vezes mesmo como qualquer coisa.

E a única coisa para a qual eu aponto é que não há saída disso. Você não pode fugir a nenhum único aspecto da sua natureza infinita. E um aspecto dessa natureza absoluta que você é, é esse senso de individualidade. Todas as coisas são este Absoluto, já que o

Absoluto é tudo que há. Portanto mesmo todos os aspectos são tão absolutos como Aquilo do qual eles provêm.

Até a reflexão é uma reflexão absoluta desse absoluto sol infinito que você é – o Si. E para o sol, vou lhe contar, nada precisa sumir, porque o sol não conhece sombra, não conhece reflexão, nada. Simplesmente é como é. Sólido, fixo, imóvel como Aquilo que é sol.

E essa sombra continua tendo a ideia de que a sombra precisa sumir. “A sombra tem que sumir, a sombra tem que sumir!” É uma dança sem fim das sombras. Mas tenta achar aquele alguém que precisa que isso suma.

Não encontrando a si mesmo em todas essas experiências cinematográficas, você vira o experimentador absoluto, onde o experimentador separado faz simplesmente parte dessa experiência. Portanto para o experimentador absoluto, nada jamais teve que mudar. Nunca houve algo que tenha acontecido para Aquilo.

E para esse experimentador meio sombra, as sombras vão sempre mudar, as ideias, os pontos de vista, tudo que você pensa, - a cada minuto tem uma mudança nisso tudo. Num dia você pensa, “Oh, eu preciso sumir,” e no dia seguinte, “Talvez posso ficar”. Vai mudar sempre. Mas apesar dessas mudanças, apesar do pessoal e do impessoal, você é. Isso faz parte das mudanças. Indo da identificação para a não –identificação, e então mesmo para a pura consciência, - tudo faz parte do país das sombras. É esse país dos sonhos.

JAMES: Continua sendo a sombra.

KARL: Até a luz da pura consciência é sombra; a experiência dessa luz é sombra. Para Aquilo que é Coração, não há experiência de luz, pois Aquilo que é luz em si, não conhece luz.

Portanto já a primeira experiência de luz é um espelho. É um reflexo desse Absoluto. Mas esse Absoluto pode estar em total escuridão, porque a total escuridão é como não poder experimentar-se. É uma não-experiência absoluta, um não-evento. Tudo que então acontece a partir desse Pai, Espírito Santo, e Filho, todos esses reflexos --- não mudarão jamais. Ou até mudam, mas porque mudam, não vão mudar. Isso de que nós estamos falando é apesar -, nunca por causa. E dizer que alguma coisa precisa mudar para você ser o que é, faz parte de todo um emaranhado de formulações conceituais.

JAMES: Mas o que digo é que precisa ter liberdade do individual.

KARL: Imagine, se liberdade precisasse de você sumir para poder haver liberdade! Que espécie de liberdade seria isso?

JAMES: Sim, bem, é óbvio.

KARL: Que tipo de liberdade você está procurando? Uma liberdade relativa para pôr no bolso? E logo, por “você” sumir, vai ficar livre?

JAMES: Penso que é isso que todos nós estamos procurando.

KARL: Mas como você é Aquilo que é liberdade, ao procurar liberdade, o que você está procurando é uma ideia de “liberdade”, e assim faz de você um objeto do desejo por liberdade. E então você se encontra nesse negócio de saudade da liberdade.

JAMES: E não é nisso que todos nós estamos?

KARL: Mas imagina se você pudesse encontrar a liberdade. Então você a colocaria num conceito seu qualquer. Seria a *sua* liberdade. Que espécie de liberdade seria isso? Seria propriedade de James.

JAMES: Não, não, tudo bem. Existe já uma compreensão de que liberdade não pode ser conseguida por ninguém. Mas apesar disso, em certos indivíduos, - até onde se pode dizer isso ---

KARL: Nunca, jamais!

JAMES: --existe uma experiência de liberdade ----

KARL: Você não pode experimentar a liberdade. Não é uma experiência. É a ausência absoluta de um experimentador que experimenta o que pode ser experimentado. É uma total ausência de uma ausência de uma experiência.

JAMES: Certo. Então em certos indivíduos acontece---

KARL: O que?

JAMES: [rindo] O que você acabou de dizer ---[risadas]

KARL: Nunca acontece. Jamais isso aconteceu a alguém.

JAMES: Sim, eu entendo isso.

KARL: Você entende isso? [ainda mais risadas]

JAMES: Meio.

KARL: Meio? São palavras de Buddha e de Ramana. Eles todos dizem a mesma coisa --- que jamais isso aconteceu a alguém. Como o Si é sempre - realizado, nada do que não é o Si - como um reflexo - pode realizar Aquilo que é o Si.

JAMES: E nós estamos todos sendo o Si.

KARL: Você não é o Si. Não pode “ser” o Si. Já a ideia de “ser” é demais. Aquela existência absoluta é a ausência absoluta de qualquer ideia de existir ou não-existir, até mesmo da noção de existência. Portanto o seu “ser” ainda é demais. Mesmo esse ser impessoal é demais, porque ainda há a separação de um ser pessoal. Você continua estando separado.

O que quer que você defina, qualquer “*meu ser*” e “*eu deixo cair*” e “*queixo caído*”, --tudo é separação. Tudo que fizer para Aquilo que você é, é separação. Mas mesmo assim você não pode separar-se de si.

Já que você nunca perdeu a si mesmo e não pode perder a si mesmo, não há nunca uma saída daquilo que você é. Pois então “*vamos lá*”. É divertido. É por isso que eu digo que é totalmente irrelevante falar sobre isso, mas é divertido. É divertido. Mas nada vai resultar disso.

É isso é a beleza dessa diversão. Você pode curtir, porque não tem nada pesado, e nenhuma importância nisso, - é totalmente irrelevante. Não pode trazer-lhe nada.

E isso é relaxante. O próximo momento não pode acrescentar nada àquilo que eu sou.

Então, como não posso ganhar nada, também não posso perder nada. Por nada. Pois então, vai e seja isso. Ou não. Quem se importa?

## **Da liberdade você não vai se livrar**

TOMAS: Mas Karl, quando você diz isso,- ao menos pelo que me parece, isso se baseia em algo diferente do que se eu o dissesse.

KARL: É possível.

TOMAS: Eu poderia dizer a mesma coisa, mas parece que tem uma diferença aí.

KARL: Porque você o diria provavelmente a partir de experiências.

TOMAS: Bem, não estou dizendo isso. Mas tudo aquilo a partir do que você fala, obviamente não é a mesma coisa a partir da qual falo eu.

KARL: Podemos falar sobre de onde eu estou falando.

TOMAS: Então de onde é que você fala?

KARL: Não tenho ideia.[risadas]

TOMAS: Isso é 'bola fora'. Não vale.

KARL: Não, realmente é isso. É uma total ausência de qualquer ideia sobre de onde isso vem ou de onde isso não vem.

TOMAS: Mas mesmo isso se baseia em algo. E eu não tenho esse algo.

KARL: Baseia-se em não-saber, mas não em qualquer experiência. Baseia-se nesse não-evento, nesse não- acontecimento.

TOMAS: Eu também poderia dizer isso.

KARL: Sim, diga-o!

TOMAS: Mas não é o mesmo. Quero dizer, deve ter aí algo, independente de você dizer que aconteceu ou que não aconteceu,- algo que faz uma diferença --- ainda que possivelmente não haja diferença.

KARL: Tem uma diferença absoluta, a de que, para Aquilo que eu sou, nada faz diferença. Você está sentado aí porque pensa que isso vai fazer diferença. Mas aqui tem um Absoluto para o qual jamais, nunca, alguma coisa fez qualquer diferença. Ao passo que você ainda está na ideia de que vai fazer uma diferença quando isso estiver aí.

TOMAS: Mas se eu "ainda" estou nessa ideia, isso parece implicar que no futuro eu não estarei mais nessa ideia.

KARL: Talvez não esteja mais. Sim. Por que não?

TOMAS: Mas isso não faria nenhuma diferença.

KARL: Repito novamente, não vai fazer qualquer diferença. Como eu vejo você, como eu sendo Aquilo que é você, não há nenhuma diferença. Há liberdade nos quatro cantos. Nada precisa vir, nada precisa sumir, para Aquilo que você é.

TOMAS: Mas de alguma maneira tem que haver uma diferença, porque eu não vejo isso em você.

KARL: Eu não vejo nada em você porque não conheço você. Não estou falando com espíritos.

TOMAS: Certo. Mas eu faço isso.

KARL: Sim, você está na terra dos espíritos. Você presta atenção à terra dos espíritos, e eu só presto atenção Àquilo que é.

TOMAS: Então, isso é uma diferença. Ou não é?

KARL: É uma diferença, mas não faz diferença.

TOMAS: Bem, isso eu entendo, mas ---

KARL: E não é bonito? Tem toda essa diferença. Você olha a partir da diferença de “eu” e “outros”, e eu olho a partir da absoluta ausência disso. Mas não faz diferença.

TOMAS: Para você! [risadas]

KARL: Não, para essa existência sobre a qual estou falando, para essa liberdade, isso não faz diferença. Para esse ponto de vista individual, faz uma enorme diferença, com certeza. Mas ainda assim não faz diferença.

FRANCESCO: Sim, o que você diz é muito claro --- muito, muito mesmo [beijando as pontas dos dedos]. Mas ---

KARL: O que?

FRANCESCO: Claro para você. Para mim, é simplesmente masturbação. Uma grande masturbação. O tempo todo. [risadas]

KARL: É o que eu sempre digo ---

FRANCESCO: E venho só para isso.

KARL: Ele vem pela masturbação. Ele é um *Brahmachari*.

FRANCESCO: É possível. Alguns me dizem isso.

SOFIA: Tem algo aí que eu não entendo. Você disse que pode haver um senso de individualidade e ninguém estando aí.

KARL: Por que não?

SOFIA: Como pode haver um senso de individualidade quando não tem ninguém?

KARL: Tinha ninguém antes, - e porque algo haveria de mudar? Como Nisargadatta disse em seus últimos dias --- está num livro pequeno--- ainda no ultimo dia, uma hora antes de morrer, - ele disse que os últimos vestígios de individualidade estavam deixando-o. O que você diria disso?

SOFIA: E ele não é ninguém?

KARL: Um pouco mais ou um pouco menos de individualidade --- e daí?

SOFIA: Mas neste caso, tinha alguém.

KARL: Sim, claro, tem um absoluto alguém.

SOFIA: Não, você disse que não tem ninguém.

KARL: Como “ninguém”? Não tem uma *pessoa*. Mas ainda tem o Absoluto. Como você é, - sem diferença. Você ainda é o Absoluto que pensa que tem aí um pequeno absoluto, um pequeno si. Mas isso ainda assim é o Absoluto. Não faz diferença. - O que?

FRANCESCO: Eu não sei nada! Eu não sei coisa alguma. Você sabe. Eu não sei. Qual é a diferença? Não sei. Para mim, tanto faz.

KARL: Por que algo haveria de sumir? Para quem isso teria que sumir? Quem precisa que algo some?

SOFIA: Mas você diz sempre que não deve haver mais ninguém.

KARL: Sim, mas nesse caso ainda tem alguém. Mesmo não tendo ninguém, ainda tem alguém aí.

SOFIA: Do ponto de vista absoluto, sim.

KARL: Não. Tem um Si absoluto, que no entanto não conhece Si. Nesse sentido, não tem ninguém.

SOFIA: Mas então não tem individualidade.!

KARL: No sentido de não haver ninguém. Mas ainda tem um reflexo d’Aquilo que é. Enquanto existir esse corpo, tem aí um senso de individualidade.

LIZ: E o que você diz agora, é que esse senso faz parte do Si.

SOFIA: E depois você diz que não tem ninguém. Você disse, “Eu não vejo ninguém.”

KARL: Tem, pois eu vejo figuras meio como sombras, mas a essência dessas figuras é o que eu sou. Não faz diferença.

SOFIA: Ah, bom.

KARL: O que, bom?

SOFIA: O que é que posso dizer? Nada.

LIZ: O que eu ouço você dizer é que, em termos de individualidade, isso faz parte do Si.

KARL: Não há partes do Si.

LIZ: Ou é uma sombra do Si. Vai sempre existir, independente de você conhecer ou não conhecer o Si. [silêncio] Não?

KARL: Eu apenas digo que esse conhecimento não vai fazer diferença, pois não há vantagem em você conhecer-se a si mesma.

LIZ: Bom.-

KARL: Mas nessa ausência de qualquer vantagem há também uma ausência de desvantagem. Conhecendo ou não conhecendo, você é o que é. Estou falando dessa liberdade absoluta, livre da dependência de se conhecer algo ou não. Não estou falando sobre algum conhecimento de mim mesmo, porque isso ainda seria dependência. Apesar de saber ou não saber, de conhecer ou não conhecer, eu sou o que sou, - não por causa de

qualquer coisa.

LIZ: Certo.

KARL: Sempre falo disso. Apesar da individualidade, das experiências pessoais e das impessoais, eu sou o que sou.

LIZ: E apesar do apêgo, apesar do desejo, eu sou o que sou. Independentemente.

KARL: É o que Deus disse quando lhe perguntaram quem êle é. “Eu sou o que sou.” Apesar de tudo. Portanto quem é que precisa que a individualidade suma?

LIZ: Ela existe, mas não importa, pois eu sou o que sou.

KARL: Como digo, há todas essas diferenças; momento por momento há diferentes experiências, mas elas não fazem diferença! Só porque você pensa que para o que você é, o próximo momento faz diferença, você lhe dá uma importância especial. E se torna um “que me importa muito”. E então fica com bastante pêsso e muito importante.

LIZ: No jardim, - ou no *satsang*. Não importa. Você é o que é. É isso.

KARL: É diversão, tudo. Curta-o.

LIZ: Curta cuidar do jardim. E curta *satsang*.

KARL: Você não pode *não* curtir.

LIZ: Curta o estar separada, e assim por diante.

KARL: Porque mesmo nessa separação, você simplesmente não pode ser separada. Não separar-se daquilo que você é.

SOFIA: Mas se isso é apenas uma questão de entendê-lo então ---

KARL: O que? Sempre começa com essa compreensão, a compreensão desse Espírito Santo, “eu sou”. Pode começar nessa compreensão vertical, a qual é apesar de qualquer compreensão que chega e vai embora, apesar das experiências. Com essa compreensão vertical desse Espírito é que sempre começa.

SOFIA: E entre este vertical e o horizontal, tem um encontro então.

KARL: Um encontro. Sempre agora. Um encontro já agora.

SOFIA: Então isso se passa dentro do espaço – e – tempo--- agora, agora, agora.

KARL: Não. Tem um ‘agora’ vertical e uma ‘eternidade’ horizontal. No meio é o Coração de agora e eternidade, um ‘agora eterno’. Este agora eterno você é, em essência. Este agora eterno é o que você é, o que é o Coração da existência, aquela nudez. E a partir dessa nudez, tem uma eternidade horizontal e um agora vertical. E você não pode dar um passo sequer para fora disso. [silêncio] Agora Sofia fica zangada.

SOFIA: Não, não. Não zangada. Algo diferente.

KARL: O que é?

SOFIA: Eu não sei.

KARL: Chateada?

SOFIA: Não sei.

JAMES: Karl, você diria que você ficou falando muito claramente sobre algo que nós não podemos entender?

KARL: Espero que não.

JAMES: Tudo bem. Você diria que ficou falando sem clareza sobre algo que não podemos entender.

KARL: Espero que não. [risadas]

JAMES: Você espera que não.

KARL: Sobre o que eu não posso falar, eu nem falo nada.

JAMES: Nós podemos entender o que você diz?

KARL: Não.

JAMES: Não. Obrigado.

FRANCESCO: Isso está engraçado.

THERESE: E tem algo errado se entendemos?

KARL: Nada. Mas continuam a não entender.

JAMES: Não dá para entender.

KARL: Mas isso é a beleza, mais uma vez, realmente, - se você vê absolutamente que, apesar de entender ou de não entender, você é. Nenhum entender pode fazer você ser o que é, e nenhum não-entender pode desfazer o que você é. O que, diabos, você ainda está procurando?

FRANCESCO: E por que você me diz isso?

KARL: Por que não?

FRANCESCO: Sim, mas por que? Se eu tenho isso, por que você vem para cá? Por que gasta o seu tempo aqui, e eu gasto meu tempo nessa reunião chata?

KARL: Eu estou sentado aqui porque tem um “e por que não?” aqui sentado. Você está sentado ali porque tem um “por que?” ali sentado. É um encontro de “por que?” com “por que não?”.

FRANCESCO: Sim, mas por que eu preciso disso o tempo todo? Por que preciso de você para me dizer, “você é, você é”. Você é quem? Você é ---

KARL:[rosnando como um cachorro] Rrrraau –rraau-rraau!

FRANCESCO:--o Si é estúpido! Isso é um si muito estúpido![risadas] Não, esta manhã, - não acredito o que estou lhe dizendo!

KARL: Não, o Si não é estúpido.

FRANCESCO: Eu sou muito estúpido.

KARL: A consciência é estúpida.

THERESE: Esta manhã, ele ficou brigando com o Si![risadas]

FRANCESCO: Eu vou explodir tudo. Que cara idiota!

LIZ: Idiota é um conceito.

FRANCESCO: Não acredito. Quem precisa dessas coisas? Quem precisa dessa brincadeira? Quem?!

KARL: Você.

FRANCESCO: Quem?

KARL: Você.

FRANCESCO: Não acredito. Continuo a fazer os meus *sadhana*, e não é bom fazer *sadhana*, porque *sadhana* não é o que eu sou. Mas ao mesmo tempo, eu não sei o que sou. Mas eu sei, sim, porque eu sou. [risadas] Você me diz que eu não preciso de nada, mas ao mesmo tempo, preciso vir aqui para você me dizer que eu não preciso de nada!

KARL: E isso é liberdade!

FRANCESCO: Mas eu não sei quem é livre. “Eu sou livre!” [com sarcasmo] Oh, fantástico. [risadas]

KARL: Mas é essa a beleza da liberdade.

FRANCESCO: Isso é uma informação muito útil.

KARL: É o que sempre digo-lhe. Auto-satisfação.

FRANCESCO: Não, não. É simplesmente masturbação. “Mas você não toma notas.” Oh Deus, eu quero anotar, mas não. O tempo todo!

KARL: Depois do orgasmo cósmico, ele vai estar mais feliz, masturbando o tempo todo. [risadas]

FRANCESCO: Mas ao mesmo tempo, eu não quero parar com isso.

KARL: Eu sei.

FRANCESCO: Isso é muito louco. [risadas]

LIZ: E eu preciso dizer, gosto muito da maneira como você fala também pela minha própria frustração. Obrigada.

FRANCESCO: Ah, isso é só o começo. [muitas risadas] Cada vez que você me diz, “Você é livre”[- estalido de língua], isso é terrível.

KARL: Eu nunca lhe digo que *você* é livre.

FRANCESCO: Oh, ou algo parecido. Quem é livre? Isso é demais.

KARL: Você não vai ser livre nunca.

FRANCESCO: Tudo bem. Obrigado, porque eu não podia me decidir. [risadas]

KARL: Sempre eu lhe digo que não há saída. Como é que a liberdade pode ser livre? – de que? Você nunca vai ser livre da liberdade.

FRANCESCO:[oferecendo o peito] Mais! Me pega mais! Por favor! [muitas risadas; Karl finge de chutá-lo] Oh Deus.

KARL: Sim. É uma piada, totalmente. Como se liberdade estivesse aí procurando por liberdade. É a piada do universo. O tempo inteiro.

SOFIA: Você é o único que vê isso.

KARL: Ah, vem cá!

FRANCESCO: Vem cá o que? O que você quer dizer com ‘vem cá’-?

KARL: Você está simplesmente tão apaixonado pela sua auto-importância que não vê nada. Enamorado por si mesmo.

FRANCESCO: Você sabe disso?

KARL: Sim, vejo-o.

FRANCESCO: Eu não sei disso.

KARL: Bom, estou lhe dizendo.

FRANCESCO: Você me diz o que?! Você não sabe o que me diz! Quando lhe pergunto algo, você me diz, “Eu não sei”.

KARL: Mas isso eu sei.

## **Não há sequer um que pode controlar um segundo**

JAMES: Karl, você sente amor por si mesmo?

KARL: Não tenho nenhuma ideia sobre amor ou não amor ou ódio ou algo assim. Estou falando sobre Aquilo que é anterior ao amor, ao ódio e tudo isso. Não tem ideia. Tem uma total ausência desse amor ou ódio ou de todas essas polaridades de conceitos sobre mim mesmo. Tudo isso pertence a esse sonho.

Esse personagem de sonho, Karl, pode ser que ele esteja enamorado ou não enamorado. Para Aquilo que é Karl, que é apesar de Karl e nunca por causa de Karl, não há conceito nem de amor nem de não - amor ou qualquer coisa. Tem uma ausência de conceitos de todas as coisas.

JAMES: Esse lugar de onde você vem, de onde vem o senso de alguma coisa ---

KARL: O que é o Coração. Isso se chama “Coração”, sendo a Fonte absoluta que não tem fonte.

JAMES: E no entanto, o senso de identificação que a maioria das pessoas tem é com este senso pessoal do si.

KARL: Porque eles são colados pelo amor à sua própria imagem.

JAMES: Por amor são colados a esse senso?

KARL: Colados - por enamorar uma imagem de si mesmos. O Si é colado pelo Si porque toma uma imagem de si como sendo um segundo si, como algo real. Iniciam-se o amante e o amado, e isso é o começo da separação. Então tem “eu” e “o outro”. Portanto até com uma imagem da verdade divina, do amor divino, ou do que quiser, você está separado d’Aquilo. Tanto faz como se define a si mesmo, ou de quem se apaixonou, é

sempre separação. Pois para o amor, precisa de dois separados.

Para Aquilo que chamam Paz, não tem segundo, não tem nem ação nem não-ação. Mas amor é como uma ideia do amor e do amado. Da Paz, desta paz imensa, desta paz absoluta, - você não pode fazer um conceito, como de uma paz elevada ou uma paz baixa, por exemplo. Tem somente Paz.

JAMES: Algumas vezes essa cola parece ser menos grudenta e então há uma paz.

KARL: É por isso que o chamam “uma fração de segundo”[\*]“a split second”]. Por esse ‘split second’ você cai fora desse amor. E então a cola sumiu.

JAMES: Para mim às vezes, essa coisa se dá no tempo. Por dias talvez, ou por semanas, um senso de paz, um senso de saber.

KARL: Você simplesmente entra nessa un-dade, da separação você vai para a un-dade. Então você sai do ódio, porque durante a separação você odeia a separação. Jamais pode aceitar a separação. Então você entra na un-dade, o que pode chamar de amor. E então você está nesse amor – esse “ah, o amor!”

JAMES: Mas é só uma experiência.

KARL: De tudo onde você entra, você pode também sair novamente. É como esse pingue-pongue que todos conhecem. “Ceus e inferno”. Inferno é a separação, e ceus, a un-dade, e cada um dos dois existe porque o outro existe.

JAMES: São apenas polaridades.

KARL: Simplesmente representam a polaridade de ceus e inferno. O ceus cria o inferno, e o inferno cria o ceus. Ambos são co-dependentes, totalmente dependendo um do outro. Sem a ideia de “ceus”, não há inferno. Ambos precisam um do outro. É assim que “ódio” e “amor” vêm também juntos como conceitos, como polaridade. Quando você faz da un-dade o “amor supremo”, e da separação, o “inferno”, você cria essa esticada entre os extremos de ceus e inferno.

JAMES: Então em nenhum dos dois há vantagem?

KARL: Não. Você se realiza na un-dade, no que é amor, e você se realiza na separação que é ódio. Ambos vêm da mesma Fonte, surgindo dessa ausência de ambos, surgindo d’Aquilo que é pura consciência, d’Aquilo que é o Pai, a Fonte [Karl levanta o polegar no ar]

Mas com todas as fontes, sempre tem a questão “O que é a Fonte dessa fonte?” Assim então se cria o conceito do “Coração absoluto”[levanta a mão fechada em punho], que é anterior ao pensamento “eu” enquanto o primeiro “eu”, - Aquilo que é anterior ao “eu” da pura consciência. Já com essa noção da existência [polegar], e a partir dessa luz, vêm “ceus” e “inferno”[dedos indicador e médio], e as ideias, a polaridade.

Então chamam “iluminação”, quando você experimenta essa pura consciência que é anterior a ceus e inferno[polegar]. Mas mesmo dessa pura consciência você pode dar um passo para trás. Diz-se então que você deve ter a “pura consciência da pura consciência”. Que mesmo, que essa pura consciência de “eu” deve afundar n’Aquilo que é ainda anterior [mão fechada em punho].

E assim finalmente você chega nessa experiência absoluta de você ser, apesar da luz [polegar], apesar da “eu-sou”-dade[dedo indicador], apesar da “eu-sou-assim”-dade[dedo médio]. Isto [mão em punho] é absoluto ser, ser apesar, é a realização de que, nessa fração de segundo, para Aquilo que você é, jamais algo chegou ou vai sumir. Tem absolutamente nenhuma necessidade ou urgência de que algo seja ou não seja, já que você não está em nenhuma ideia ou não-ideia de uma existência qualquer. Aquela primeira noção de existência depende de você, mas não você dela. Isso é liberdade, isso é *moksha*, mas essa *moksha* você não pode atingir – nem pela pura consciência, nem pela “eu”-dade, nem por nada, - por nenhum *samadhi*, por nenhuma compreensão.

Veja, isso aqui é compreensão[polegar e dedo indicador]. Dali você pode ir para a compreensão supra supra da pura consciência[polegar]. Mas mesmo essa pura consciência da compreensão supra supra é passageira. Isso [polegar] já é onde enraizam-se céu e inferno. Portanto para conseguir um tratamento total de raiz – o que dá para fazer? É por isso que eu sempre fico martelando esse “apesar”.

JAMES: Acho que agora eu entendi algo.

KARL: Eles estão com inveja.

JAMES: Não se preocupam, não é uma compreensão definitiva.[risadas] Basicamente, não há nada a fazer para chegar nisto [mão em punho]. Mas *sadhana* pode levar a isso [polegar].

KARL:*Sadhana* termina ali [polegar]. E então, o que vem então, como também tudo antes, vem pela graça.

JAMES:Eu acho que há muita confusão aí. Muita gente pensa que isso[polegar] é o ‘Xis da questão’, e que *sadhana* pode levar a isso, e então, “vem,vamos fazer *sadhana*, muitos *sadhana*”.

KARL:Sim. Não é tão mau. Por que não?

JAMES: Mas não vai levar a isto[mão em punho].

KARL:: Não.

JAMES: Nada pode levar a isso.[punho] Portanto tem essa coisa,”bem, *sadhana* não adianta nada, é uma perda de tempo”. Essa é uma ideia que se tem aí fora.

KARL: Eu sei.

JAMES: Não tenho certeza se você falou disso.

KARL: Não. Você não pode *não* fazer *sadhana*. *Sadhana* vai acontecer, como uma experiência feito sonho. Você não pode evitar o que você é. E *sadhana*, *tapas*, todas as técnicas, tudo faz parte da sua realização. Mas veja simplesmente que não há ninguém aí que faz algo ou que não faz algo.

JAMES: Sim.

KARL: Não há absolutamente nenhuma saída.

JAMES: Você não pode chegar nisso[polegar], sem conhecer isso[dedo indicador].

KARL: Mas dali[polegar], sempre vai para trás.

JAMES: Muitos mestres têm dito que não adianta fazer *sadhana*. Papaji, por exemplo, disse isso. E no entanto ele deu anos e anos de *sadhana* incríveis.

KARL: Sim. “Krishna, Krishna, Krishna!”

MONIKA: Ele disse que estava desperdiçando o seu tempo. Eu não conseguí encontrá-lo em nenhum lugar.

LIZ: Foi isso o que ele disse.

KARL: Com certeza ele diria, “Eu não podia evitar de fazer isso, mas não é por isso que eu sou. Eu sou, apesar disso. Mas ainda assim, não pude evitá-lo.”

JAMES: Quando veio falar com Ramana, Ramana disse que foi *sadhana* o que o trouxe, e então Papaji teve aquela experiência. Vê o que estou dizendo?

KARL: Uma coisa leva à outra.

JAMES: Certo. Então por que alguém diria que não adianta nada?

KARL: Tem algum ponto de interesse nessa realização como sonho, mas isso não faz nenhuma diferença para o que você já é.

JAMES: Não.

KARL: Mas você vai chegar nesse ponto ao qual não se pode ir.

CHARLES: Faz diferença para o sonho, mas não para o Si?

KARL: Nem mesmo para o sonho faz diferença, porque apesar dessa compreensão, o próximo momento será como o próximo momento será. Não é nunca por causa de uma compreensão que a vida vai continuar ou não a ser como ela é. Tudo, o que quer que seja, é apesar de qualquer compreensão ou não-compreensão, ou de qualquer coisa.

O incontrolável você não pode controlar, pois ali não há o que controlar. Não há nem mesmo um que pode controlar um segundo. Então nessa ausência de um segundo, tem absoluta ausência de controle. E até no tempo, naquilo que você chama de “tempo”, este sonho é incontrolável.

FRANCESCO: E daí?

KARL: Como “e daí?” Daí aí-aí.

FRANCESCO: O tempo todo, isso!

KARL: Agora você se odeia porque obrigou-se a fazer tanta coisa.

FRANCESCO: Oh.

CHARLES: Antes você usou a analogia da eletricidade que corre pela lâmpada ou por um transmissor ou algo assim --- e que isso é como a força vital.

KARL: Mas eletricidade, energia, ou consciência, é tudo a mesma coisa.

CHARLES: Certo. E o erro é, acreditar que esta coisa é independente da força vital ou da eletricidade.

KARL: Não. O que é eletricidade toma a forma de informação, mas ainda é eletricidade. Essa energia sem forma, enquanto consciência, tomando a forma de informação, -não faz

diferença. Portanto há uma consciência pessoal e uma consciência impessoal. Mas mesmo a consciência impessoal enquanto pura consciência presente, toma a forma tanto de consciência impessoal, cósmica, como a forma de consciência pessoal, individual. Sem que isso faz diferença.

CHARLES: Para a eletricidade?

KARL: Para a consciência, não faz diferença.

CHARLES: Certo.

KARL: Portanto independente da forma que assume, isso não faz diferença. Ainda é Aquilo que é.

CHARLES: Parece que faria uma diferença para a consciência pessoal, como experimentador.

KARL: Sim, mas continua não havendo nenhuma diferença aí.

CHARLES: Ainda nenhuma diferença. Mesmo que parece fazer uma diferença para nós.

KARL: Há simplesmente um ponto de vista diferente, uma informação ou algo assim diferente, mas isso não faz diferença. Existem diferentes pontos de vista. E daí?

CHARLES: É apenas um ponto de vista que não é real.

KARL: Sim, e esse ponto de vista muda o tempo todo. Mudando, mudando, mudando. Nem por um minuto você é a mesma pessoa. O ponto de vista está mudando absolutamente a cada instante. Você acrescenta algo a esse ponto de vista, ou você toma uma outra posição. Num dia você é a favor da guerra, e no dia seguinte você é anti-guerra.

CHARLES: Num dia queremos reunir-nos com alguém, e no dia seguinte pensamos que não precisamos.

KARL: Num dia, "Ele é o maior mestre que eu encontrei na vida," e no dia seguinte, "Oh, merda." [risadas]

LIZ: "Só mais um alemão".

KARL: Sim. Você se curva diante dele, e então no dia seguinte, 'só mais um alemão'. Mas eu gosto disso.

## **Tudo que você transforma em vantagem, te deixa em desvantagem**

JAMES: Karl, você poderia voltar para o ponto em que falou sobre esse filme,---que não tem nada que se pode fazer para controlar o filme – dá para você falar um pouco mais sobre isso?

KARL: O filme já vem pronto.

JAMES: Essa analogia ajuda muito.

KARL: O próximo quadro desse filme já existe. Você não pode mudar Aquilo que já

existe. Essa realização absoluta d'Aquilo que é Coração dá-se duma vez, e mesmo então, nada jamais aconteceu porque isso é tão infinito e sem começo e fim como Aquilo que é o Absoluto em si. Portanto o momento seguinte já existe absolutamente, não há nada novo, como não há nada velho.

O que tem, é este infinito agora ---um tempo infinito, você poderia dizer, com todas as suas formas infinitas. Todos os aspectos estão aí, tudo que possivelmente é um aspecto daquilo que é a existência. E então o agora vertical enquanto ausência de forma, está sempre presente aqui. Falando de um “momento”, você simplesmente corta isso, tirando um aspecto, um momento para fora dessa manifestação infinita daquilo que você é. O momento seguinte já faz parte dessa manifestação.

Você não pode mudar essa manifestação. Chama-se “mani-fest-ation”, ou seja, “many”[\*muitos]-“faltig”[\*plissados], muitos aspectos, mas é “fest”[\*firme,sólido]. Ali não há movimento, nada que vem, nada que vai, e nada que acontece nisso.

Todos os acontecimentos de sonho, as vindas e idas, são o que você experimenta, momento por momento, naquilo que você é de infinitas percepções e pontos de vista. Portanto esse perceptor absoluto que você é, está se percebendo a partir dessa percepção individual, ou de qualquer ponto ou posição de camera no espaço, e olhando para Aquilo que alguém é. Assim nós assumimos posições de sonho, olhando para Aquilo que somos, enquanto consciência.

Mas essa percepção absoluta muda o seu ponto de vista a cada momento, e é em si nunca percepção nos sentidos. Nunca faz parte da sensação, mas todas as sensações estão nela. Você é essa Fonte absoluta, na qual se passam o tempo e todas as ideias e todo esse filme, mas você nunca faz parte disso. Não importa qual for a percepção sua, o ponto de vista ou a posição da camera, - você jamais faz parte disso. Você pode ainda experimentar a impressão de estar nisso, mas você não é nisso jamais.

CHARLES: Quer dizer que o que eu percebo como “eu” é simplesmente um ponto de vista? Mas de alguma maneira eu tento mantê-lo.

KARL: Você quer fixá-lo.

CHARLES: Fixá-lo para ter continuidade.

KARL: Você quer tornar essa pessoa real, ao fixar esse ponto de vista.

CHARLES: Certo.

KARL: Você cria uma história com *minhas* experiências. Com esta pequena ideia, “*minhas*”, essa ideia de posse, você se apaixona por essa imagem e cai nessa armadilha.

CHARLES: Ideia tão pequena.

KARL: Mas isso também está bem.

TOMAS: Então Karl, dentro da imagem do filme, como cabe aí esse “split second” que você menciona às vezes? Quero dizer, o que é isso dentro do filme?

KARL: Mesmo isso faz parte do filme.

TOMAS: Então, isso acontece?

KARL: Acontece, mas nada acontece.

JAMES: Só acontece nos filmes!

TOMAS: Só acontece para o filme?

MONIKA: É uma explosão.

MATTIAS: Uma implosão.

KARL: É simplesmente uma palavra, uma expressão, para algo que você não pode nomear, não pode definir, com o que você não pode fazer nada.

TOMAS: O que é esse “split second” ou “acidente divino” ou o que quer que seja?

KARL: É aqui, agora.

TOMAS: Para o que você está apontando quando diz isso?

KARL: Eu estou apontando para Aquilo que você é.

TOMAS: E o “split second”?

KARL: Você é o ‘split second’ [\*fração do segundo]

TOMAS: Uau! Você pode falar mais sobre isso?

KARL: Eu sempre aponto para Aquilo que é percepção em si, no qual todas as ideias de tempo e não-tempo e todas as experiências aparecem, mas que em si não é jamais uma aparência. Sempre estou apontando para Aquilo que não é nem no tempo nem no não-tempo, que é em absolutamente nenhuma ideia, que é sempre apesar de. Estou apontando para essa Fonte absoluta que você é --- que é um acidente infinito. Um infinito “split second” [\*fração de segundo].

TOMAS: Então, o filme inteiro é o ‘split second’?

KARL: Sim, naquele segundo, num único acordar, numa única realização, tudo está aí. Portanto esse ‘split second’ é aqui, agora. Com isso [bate as palmas uma vez], você cria a manifestação. Bamm! A cada instante a manifestação – bam—bam—bam!

TOMAS: E então nesse um ‘split second’, o filme continua, mas de alguma maneira também para.

KARL: É uma total parada. Vendo que é um filme ---

TOMAS: O que me confunde é, que isso parece tão óbvio, tão simples e claro, e no entanto de algum modo, não acontece.

KARL: Não, se não é para ser, então não é para ser.

TOMAS: Quem precisa que isso exista?

KARL: Eu não sei. Quem quer controlá-lo?

TOMAS: Eu não sei.

KARL: Você vê? Nem eu sei. Quem precisa do controle, e quem precisa saber?

CHARLES: E quando o sono profundo acontece? É como a eletricidade não atravessar mais essa forma?

KARL: Quanto a isso, você é como uma panela na qual a eletricidade borbulha. E depois

no sono profundo ---

CHARLES: Não mais tem o borbulhar?

KARL: Não tem atenção, então não tem energia, porque a atenção está diminuindo você.

CHARLES: Mas a eletricidade ainda continua ali, igual?

KARL: Mas é uma 'flat line'. E então você acorda e bingue-bingue-bingue de novo. Mas ainda é a mesma energia. Entre o sono profundo como uma 'flat line' e de manhã o bingue-bingue-bingue --- não faz diferença. Tem consciência ali num 'flat liner' e consciência num bingue-bingue-bingue--- um bingue-bingue-bingue individual ou um bingue-bingue-bingue impessoal, ou a 'flat line' como pura consciência.

MONIKA: Por que não permanecemos em 'flat line'? Quero dizer, por que as bolhas sempre voltam?

KARL: Observa todos os mestres. Eles sempre vão para esse *samadhi* da pura consciência. E mil anos mais tarde, eles saem novamente --- e têm sêde.

SOFIA: Mas sono profundo não é *samadhi*.

KARL: Mas sono profundo e pura consciência são o mesmo. Assim eles vão para esse estado de sono profundo da pura consciência, e por uma concentração qualquer permanecem ali, por certas técnicas *siddhis*, por qualquer coisa que fazem. Eles querem controlar esse estado de sono profundo da pura consciência e então permanecer nisso. Com todos os *sadhanas*, toda essa atenção dada a isso, você consegue permanecer ali. Mas basta um único momento sem esse esforço, e – buum --- você está fora. Precisa haver alguém que poderia ter uma vantagem. E tudo que você faz ser uma vantagem, mesmo esse estado de pura consciência, qualquer *samadhi* que você faz ser uma vantagem, te deixa na desvantagem de precisar disso.

SOFIA: Bem, dá uma sensação de paz.

KARL: Por um certo tempo. É por isso que eu queria mostrar a todos esse filme *Samsara*, porque realmente é muito claro. Durante três anos, três meses, três semanas, três dias, três horas, ele estava em *Samadhi*, unhas assim, cabelos assim [mostra unhas e cabelos compridos], tudo estava perfeito, todo mundo feliz. “Oh, ele conseguiu!” Todos os amigos --- “Uau!”

E então eles o acordaram novamente. Isso foi no Tibét. Eles o acordaram com alguns rituais, *pujas*, energia vital, eletricidade. Para fora dessa 'flat line', uuh, devagar, e “iuuu”, novamente dentro da forma. Ah! Todos felizes. Fizeram *puja*. Tibét. Beemm-beemm [fazendo sons de trompete]. “Ele conseguiu! Um 'lama'!” Tra-la-la.

Logo na primeira noite, o seu amigo, cheio de felicidade, olhava para ele e dizia, “Meu amigo conseguiu. Ah! Luz! Três anos. Ele conseguiu.” E mais tarde ele olhou, e então bem devagar, viu no cobertor aparecer uma mini-tenda. Uma tendência! “Oh!” E logo mais, uma mancha branca circular em volta dessa 'tendência'.

MONIKA: Oh meu Deus.

KARL: E esse amigo disse, “Ah não! Perdeu –o novamente!!” [risadas]

## Você é a absoluta ausência de escolha

FRANCESCO: Mas não em todos os casos acontece isso.

KARL: O que é todos os casos? Não em seu caso? Você ainda tem esperança que em seu caso isso não vai acontecer?

FRANCESCO: Mas não é isso em todos os casos.

KARL: Em que caso?

FRANCESCO: Ramana ou Nisargadatta ou ---

KARL: Você foi ver Ramana de noite? [risadas]

FRANCESCO: Isso não! Cara, eh cara, cara, isso não!

KARL: É para isso que eu estou apontando. Não tem importância. Eu apenas disse que o *Samadhi* ou o que for que você pode atingir, não é nada.

LIZ: No caso de você entrar e sair.

KARL: Você vai sempre entrar e sair. Não tem escolha. Você é a ausência de escolha. Não pode escolher de permanecer no que quer que seja.

FRANCESCO: Mas Nisargadatta ---

KARL: Meu Deus. Besteira. Jamais houve qualquer Nisargadatta, Ramana, - besteira. Meu Deus! Cala essa boca!

FRANCESCO: Cala a boca dele. Nisargadatta vivia dizendo, "Você fica, você fica! É tão importante. Você fica, para compreender isso."

KARL: E eu lhe digo, como pode não ficar?

FRANCESCO: Para mim, dá na mesma. Você e ele são apenas duas vozes diferentes que falam. Uma me disse que é verdade; a outra me disse que não é verdade.

KARL: As duas falam besteira.

FRANCESCO: Talvez isso seja mais verdadeiro, porque ---

KARL: --Ele é mais famoso. [risadas]

FRANCESCO: Não, isso é a mesma coisa. São apenas duas vozes diferentes. E ele me disse algo diferente. Um me disse, "Isso não é nada. Isso não é você." Oh, eu entendo que não é eu, mas ---

KARL: Não é uma maravilha?

FRANCESCO: Oh, não é uma maravilha! O que você faz quando vem? Ele me disse, "Não faça isso!" É chato. Por favor, não venha. Não quero ficar nesse *Samadhi*, por favor.

KARL: Quem não quer ficar lá?

FRANCESCO: Se você me diz uma coisa, eu não quero. Se me diz a outra coisa, é chato. 'Isso não é nada para você. Isso não é o que você é.'

KARL: Isso te deixa no *neti-neti*. Portanto nem mesmo isso é aquilo. *Neti-neti*, com tudo

que você pode experimentar.

FRANCESCO: Eu entendo que nessas duas horas você quer falar somente com o Si. Mas não é simples entender o que eu sou, e ao mesmo tempo, eu sou este cara aqui.

KARL: Sim, você não vai entendê-lo jamais. Graças a Deus, você não vai entender nunca.

FRANCESCO: Eu nem sei por que venho aqui. [risadas]

KARL: A não ser para ver isso, essa beleza dessa liberdade, que você não pode jamais entender e controlar a liberdade.

FRANCESCO: Mas isso é só o que você me diz agora. Se eu não acredito ou se acredito, para mim é o mesmo.

KARL: Sim.

FRANCESCO: Porque está tudo na minha mente, ou talvez só a esta hora. Uma hora mais tarde, eu não acredito em nada disso.

KARL: Graças a Deus, nunca houve qualquer mente. Quem se importa com algo que nunca houve?

FRANCESCO: Isso é apenas mais uma ideia.

KARL: E daí?

FRANCESCO: Tudo bem.

KARL: Para quem? Para mim, mim, mim.

FRANCESCO: Sim. Eu, eu, eu.

KARL: Amar a si mesmo.

FRANCESCO: Eu não sei! Dá na mesma para mim. Não muda nada.

KARL: Eu espero.

FRANCESCO: Isso foi pesado agora.

KARL: O que foi pesado?

FRANCESCO: Esse “Eu espero”. [risadas]

KARL: Eu absolutamente espero. Isso é a esperança absoluta de que nada vai mudar por algo que eu disse. Imagina se algo mudasse por eu dizer alguma coisa?! Eu poderia controlar a existência. Oh meu Deus.

FRANCESCO: “Eu quero controlar tudo!” [risadas] Esse contrôle, contrôle, contrôle! Sim, e por que não?

KARL: Sim, por que não? Vai firme, Francesco.

FRANCESCO: Na realidade, não sei por que eu gosto de você. [risadas] Mas às vezes, certas palavras de você, da sua voz, dessa –desculpe – dessa estúpida consciência que me diz o tempo todo o que eu sou, que eu sou livre, e “você quer controlar”, e a partir desse contrôle, oh meu Deus! Agora eu gosto do meu pai! [muitas risadas] Meu pai gostava de

controlar. Acho que talvez vou para casa. “Meu pai, você é meu *guru*, e eu não tinha entendido nada da minha vida!”[risadas]

KARL: Não está vendo? Eu trabalho para o seu pai. [risadas] [Para o grupo] Filho de um fabricante na Itália, e o pai quer que ele assuma a fábrica, e ele disse, “Não, eu quero fazer meu *sadhana*.”

FRANCESCO: “Eu quero ir para Tiruvannamalai! E você acha que isso é uma ideia besta.” E agora não acredito, fico aqui no apartamento, nesse estúpido apartamento onde a água não – Aah! [risadas] Para que? Para nada!

KARL: E eu lhe digo então, “Isso é liberdade, meu querido!”

FRANCESCO: Isso é a estúpida consciência.

KARL: Isso é liberdade, porque você não tem escolha. Essa ausência de escolha é liberdade. Maravilha.

FRANCESCO: Não toca na rosa, cuidado. Vai vir abaixo.

VICKI: Isso é realmente controlar! [risadas]

FRANCESCO: De agora em diante, eu quero controlar tudo. [risadas] Volto para casa, faço um montão de dinheiro. Eu quero controlar o mundo.

KARL: Quer dizer, agora posso chegar perto do seu pai e receber o meu salário? [risadas]

FRANCESCO: Quando eu trabalhava dentro da fábrica, ele olhava para mim e dizia, “Oh, meu filho! Você é muito bom.”

KARL: “Eu te amo.”

FRANCESCO: Isso, não.

KARL: Não?

FRANCESCO: Isso, não. Seria demais.

KARL: Isso se guarda sempre para serem as últimas palavras. “Filho, eu nunca lhe disse, mas eu amei você. Oggh.” - “Eu trabalhei duramente -- para isso?” Tudo em vão. Ele me amava o tempo todo, e eu sempre trabalhando para esse amor. “Por que você não me disse isso antes?”

MONIKA: Viu, é por isso que os americanos vivem dizendo “eu te amo”, o tempo todo. [risadas] Eles não querem perder a oportunidade.

KARL: Nenhum instante sem isso. Só para preenchê-lo com isso.

FRANCESCO: Sinto muito.

KARL: O italiano. Um drama!

FRANCESCO: Não, pode ser que as pessoas entendem tudo. Talvez entendem o que é “livre”.

KARL: Não se preocupa.

FRANCESCO: Não, não. Eu não me preocupo. Sou feliz por eles.

KARL: Ninguem lhe acredita.

FRANCESCO: Eu não acredito em nenhuma pessoa.

KARL: Tudo bem, isso é bom.

FRANCESCO: Mas não por sua causa. Por causa desta estúpida consciência.

## **Querendo ter um pouco de controle da sua vida, você vira um pequeno controlador**

EMMA: Tenho uma pergunta. De novo é com o “split second”. Isso me dá medo - de alguma forma. É que esse “split second” se arranja sozinho?

KARL: Não. O ‘split second’ nunca arranja nada. Há um total desinteresse nesse ‘split second’.

EMMA: Mas isso significa então que de fato eu não tenho nenhuma influência.

KARL: Não, êle não arranja nada. Simplesmente é Aquilo, é ser Aquilo que é, experimentando aquilo que é. Mas apesar de tudo que está sendo experimentado, Aquilo não é alterado nenhum pouco ; por nenhuma experiência do mundo dos sentidos, ou do sonho ou de tudo que chega e vai embora, isso vai ser alterado. É isso, nada mais.

É aqui agora, Aquilo que era quando era bebê e antes. Você pode atravessar nesse ‘split second’ todo o tempo eterno, até Adão e Eva, até o início das experiências, e desde então, Aquilo não mudou nenhum milímetro.. Essa percepção em si, nunca nascida, nunca modificada, que é o olho de Deus, o olho do Buddha, a sua natureza-de-Buddha, - isso não pode se ver a si mesmo, mas tudo que vê, não pode ser. Isso jamais foi modificado por qualquer experiência, e por nenhuma circunstância poderia ser modificada.

Portanto para Aquilo, nada jamais aconteceu. Nessa fração de segundo[\*split second] você vê que para Aquilo que é a percepção em si, nada jamais aconteceu. Essas experiências separadas, essa pessoa, fazem simplesmente parte das circunstâncias, mas Aquilo que é a percepção em si, nunca fez parte de qualquer circunstância.

Isso nunca está em nenhum mundo, e nem *não* está num mundo. Todas essas ideias, todo o saber e não saber, tudo a que você pode dar ou não dar um nome,- você é apesar disso, pois tudo é algo como uma aparência, como uma sensação, mas Aquilo que está sentindo tudo, Aquilo que é anterior a todas as ideias de sentir e não sentir e de tudo que pode ser sentido,- isso em si não pode ser tocado. Portanto isso é um não-acontecimento, pois é em si a total ausência de qualquer acontecimento, já que nunca acontece nada ali.

EMMA: E por que você ganha a loteria, e não eu?

KARL: Qual loteria? Como disse mais de uma vez, a consciência não conhece separação, e a consciência não liga quem ganha a loteria, quem ganha o prêmio. Tem aí seis bilhões de possibilidades, e talvez um dos seis bilhões, ou talvez dois, ou talvez um de um bilhão ganha. Mas quem vai ligar? Não há nem mesmo um que ganha realmente.

Se a consciência como isso [aponta para o próprio corpo] ganha, a totalidade inteira está ganhando. O Si que é a totalidade da consciência, não liga quem ganha. Não conhece

ninguem! Tem tantas possibilidades de tentar e sentar e *sadhanas* e coisa e tal, e quem sabe se para uma das formas, algo despenca. Mas de toda maneira isso já é em todas as formas, e portanto não liga em qual das formas acontece.

Assim isso aconteceu para você --- mas não no que você pensa que você é. E no que você pensa que é, isso não vai nunca acontecer.

EMMA:[suspirando] Sim, sim.

KARL: Esse não-acontecimento acontece agora. Sempre tem esse não-acontecimento. Essa fração de segundo[\*split second] é aqui, agora. Nada por vir. Não aconteceu com ninguém. Não aconteceu com Karl, lhe juro. Nunca acontece com ninguém. Nunca acontece para qualquer conceito de espírito. Nunca acontece para a consciência. E *quando* esse sol interior nasce, o sol da pura consciência de Si, quando a pura consciência fica consciente dessa pura consciência que é a pura consciência em si, - isso não está nas mãos de ninguém.

Por é chamado de “um acidente”. Por acidente você entra nesse sonho, e por acidente você sai dele. Você se apaixona acidentalmente, e por um desânimo qualquer com esse amor você cai fora. Isso é como um “split second”. Numa fração de segundo, você se apaixona ; numa fração de segundo, você cai fora.

Portanto o amor é uma cola. Por amor ao que você é você fica sendo colado. Você está num relacionamento total consigo mesmo. E você odeia todo relacionamento, porque ele te faz sofrer.

MRS.ANGELINA:Como lembrar-se de todas essas coisas?

KARL: Nada precisa ser lembrado. Como você jamais esqueceu algo, não há nada para lembrar.

EMMA: Quer dizer que em realidade o amor é meu inimigo?

KARL: Não. Nada de inimigos.

EMMA: Não é isso o que você disse?

KARL: Você é simplesmente essa ausência de escolha. Essa liberdade não pode optar por *não* apaixonar-se. Pois o amor é um aspecto da sua natureza. Não há nada errado com isso. Mas eu só lhe digo, o amor que você transforma num ícone, em algo grande, não é nada de especial. Você não pode *não* amar a si mesma. Mas não é por amor que você é. É apesar de amar ou não amar que você é o que é, nunca por causa. Mas isso é liberdade. Apesar de amar, apesar da un-dade, apesar de todas as ideias, você é. Nunca por causa. Meu Deus.

Você é o Todo-poderoso. Você é absolutamente em contrôle, mas não tem contrôle nenhum sobre algo. Você é Aquilo que é contrôle, mas não possui contrôle. De maneira que, ao querer criar um mínimo de contrôle sôbre a sua vida, você se torna um pequeno controlador. Mas você já é o Todopoderoso. Pois por sua causa, tudo é. O que é mais contrôle e mais poder, do que isso? Você é o poder em si. Mas não tem poder nenhum. Ali não há nenhuma posse. Não há *meu* poder. Simplesmente pela ideia de “*meu* poder”, você entra nessa pequena função de um controlador.

FRANCESCO: Não, não, grande. Não pequeno. Eu não o quero pequeno.

KARL:[docemente] Francesco!

FRANCESCO: Tudo ou nada.

KARL: Sim, e veja totalmente, que por nenhuma experiência, nenhum aparecer ou desaparecer de uma sensação, você vai tornar-se Aquilo que é Aquilo. Então seja Aquilo! E ao ser Aquilo, você é esse Todopoderoso, - mas não por virar isso por uma sensação qualquer, por uma experiência qualquer de segunda mão.

FRANCESCO: Então é o *samadhi*.

KARL: Não. Ali não tem mais nenhum *samadhi*. Para aquilo, a que Ramana apontava, para Aquilo que é a sua natureza, que é uma ausência de estados, não há mais nenhuma ideia de *samadhi*. Não tem aí nenhum estado de *samadhi*.

FRANCESCO: Sim, sim. Mas eu já lhe disse muitas vezes --

KARL: O que?

FRANCESCO:-- que não estou interessado no Si. Nenhum pouco.

KARL: Oh.

FRANCESCO: Sim.

KARL: Eu sei. Você está interessado em controlar.

FRANCESCO: Não, eu não me interesso pelo Si porque não quero entender algo, já que não é possível entender, e não se pode entender qualquer coisa sobre o Si. Por isso eu penso ---sinto muito --- penso que é muito chata essa conversa sobre o Si. Por que vou perder meu tempo tentando ver como posso entender algo que não é possível entender?

KARL: Quem está perdendo seu tempo aqui? O que é o *seu* tempo?

FRANCESCO: Desperdício de tempo idiota.

KARL: É bem idiota dizer, "eu estou desperdiçando meu tempo". Você vai ser desperdiçado de toda maneira, gostando disso ou não.

FRANCESCO: Isso é um problema. Um problema bem grande.

KARL: Você vai ser 'curtido' de toda maneira, gostando disso ou não.

FRANCESCO: Isso é mais um problema.

KARL: [rindo] É mais um problema! Como eu sempre disse, Deus te ama de qualquer maneira. Pelo amor de Deus você é, e pelo ódio de Deus você vai desaparecer, - é isso?

FRANCESCO: Sim, mas, às vezes fica difícil entender nada, porque eu não quero entender, isso é demais para mim entender mesmo —talvez.—Tem uma palavra em inglês para dizer "não entender, mas chegar perto"?

KARL: Perto? Chegar perto de entender?

FRANCESCO: Muitas vezes você nos diz, "Você é isso, você é isso", mas quando se lê Nisargadatta ou algum outro ---

MARY: A palavra é "apercepção." Nisargadatta Maharaj fala de apercepção intuitiva.

FRANCESCO: Eu sinto isso. E eu acredito nisso. Ao mesmo tempo, estou justamente aqui, este rapaz, bem neste lugar, e na minha frente está você, e eu repito, não sei por que lhe acredito. Você me diz, "Não, isso não é verdade." Entendo que eu sou o Si, que não preciso de *sadhana*, mas ao mesmo tempo, para entender o que eu sou, o que é que faço? Então faça isso.

KARL: Tanto faz o que fizer, não se preocupa.

FRANCESCO: Apesar de --, eeh?

KARL: Não, eu lhe digo, essa consciência absoluta sabe melhor, então não se preocupa. O próximo passo vai ser perfeitamente o próximo passo.

## **Duvida de tudo que dá para entender**

MARY: Isso aqui está me cheirando um pouco a fé.

KARL: Fé?

MARY: Bom, você estava dizendo, "Não se preocupam, não se preocupam." Então diga algo sobre a fé.

KARL: Eu falo para esse Absoluto que pode se preocupar ou não. E apesar de se preocupar ou não, é o Absoluto, - não se preocupam.

MARY: O que é fé?

KARL: Não tenho idéia. Quem precisa disso? Não faça ideia.

MARY: É um passo.

KARL: Sim. É um passo, uma pedra no caminho.

MRS.ANGELINA: É um filme.

FRANCESCO: É *Samsara*. Filme idiota. Não esse filme, o meu filme é idiota.

MRS.ANGELINA: Um suave perfume de rosas. - Brincadeira.

KARL: Puro amor!

FRANCESCO: Sim, é o problema com isso.

MARY: Na fé, tem ouvido aberto.

KARL: Não. Algo começa a odiar o fato de não poder controlar-se -- para não mais vir para cá. [risadas]

MARY: Mas continua vindo. Isso é dependência ou fé?

KARL: A fé te deixa dependente. Fé faz parte do amor, da dependência.

MARY: Nada de fé.

KARL: Sim, cara a cara com o destino [\*fate]. Estou sumindo[\*fading away]. Face à fé com o destino, eu estou sumindo! [\*face to faith with fate,...(jogo de palavras)]

MARY: Sim, essa é boa. Eu penso realmente que deveria ser feito um livro com todos

esses pequenos ‘karlismos’. Certo? Realmente impressionante. Certamente iria vender bem. Você poderia ficar rico.

KARL: Graças a Deus, eu não sei de onde isso vem.

MONIKA: Agora sei por que estamos aqui.

KARL: ”Kalauer”[\*piadas banais]. É ‘Karl- hour’[\*hora do Karl].

FRANCESCO: Vai mudando, quem sabe – mas de você dizer isso, não---

KARL: Dizer o que?

VICKI: Ele está dizendo que você não iria fazer muito dinheiro.

KARL: Não. É o meu destino. Não vou fazer muito dinheiro com meu bla-bla-bla. Mas eu não prometo ---

MARY: Bom, espera. O dia ainda é jovem.

KARL: Êle diz.

FRANCESCO: Eu não sei.

Karl: Mas digo-lhe, a beleza disso é que eu posso estar aqui falando o que quiser, qualquer besteira, e você vai estar sentado ali, ou não.

MONIKA: Tanto pior.

KARL: Sim, lhe digo. Cada um de vocês está sentado aqui com esse desinteresse, para ver, que apesar de eu dizer algo idiota, ou algo inteligente ou relevante, você continua sentado aí. Fazer o que?

Mas isso é liberdade. Sempre repito e afirmo que isso é liberdade. Apesar de todas as besteiras ou idiotices que se diz, você tem que sentar ali. Você tortura o seu cérebro. “Ele diz algo, mas não consigo achar qualquer sentido nisso. Mas fico sentado aqui. Deve ter algo! Por que estou sentado aqui? Não estou aqui para nada! Deve haver alguma coisa!” Então novamente, não, não, não, bla-bla-bla.

MARY: Eu nunca estive tão relaxada.

KARL: Você vê esse absurdo. É tão relaxante. Para uns. Mas não para êle[apontando Francesco]

MARY:Êle está só fingindo. É um ator. O ator italiano.

KARL: Êle quer intrigar-nos com alguma coisa. Total consciência maliciosa. Ê como uma cadela. Consciência é uma cadela.

FRANCESCO: Eu sei, eu sei. Vou lhe contar!

KARL: Mas você é essa cadela.

FRANCESCO: Eu sei. Isso é o problema.

KARL: Você morde a si mesmo. Isso se chama “Self-abidance”[\*termo usado para um profundo morar no Si-mesmo, ou estar permanentemente ancorado no Si-mesmo./ aqui usado como trocadilho “bite”= morder / “abide”]. Você morde a si mesmo e vira um cachorro que morde o próprio rabo, ficando com muita sêde do próprio sangue. É uma

estória famosa. A estória da felicidade de morder o seu próprio rabo e então sentindo para sempre fome do seu sangue.

SOFIA: Eu sei.

KARL: Você se lembra dessa estória, Sofia? Pundit, aqui, você que lê tudo! [Sofia ri]

É das Upanishadas, o Si mordendo o próprio rabo e sentindo o gosto desse sangue da felicidade, e simplesmente pensando que é outra coisa, algo como essa felicidade dos deuses ou um estado êxtático de un-dade ou algo parecido. Depois ele morde mais uma vez e mais uma vez, sugando e sugando dessa felicidade de morder o próprio rabo. “Isso dói, oh, mas nunca chega, nunca é demais desse nectar da existência!”

Isso é algo como ficar dependente da felicidade ou da un-dade celestial. É como se o Si se tornasse cachorro. Deus vira um cão que morde o próprio rabo e suga o próprio sangue dessa felicidade, porque pensa, “Isso é tão diferente, isso me dá algo.” Mas numa fração de segundo, enxerga o próprio rabo, “Oh, estou mordendo o meu próprio rabo! Eu sou o próprio sangue. Eu sou Aquilo que é o cão.” Então é Deus novamente. Mas naquela ideia, você vira um cachorro. E isso realmente se torna uma vida de cão. Muito dog-mático[\*dog=cão,cachorro] [risadas]

É dali que vem isso. Você vira um cão e então se torna dog-mático. Então você escreve “dog-umentos” sobre isso.[mais risadas ainda] Tudo vem disso. Sonhos de cão, e “dog-tores” ---

MARY:Eu não vou nunca a um “dog-tor”![\*doctor = médico, doutor]

KARL: Agora você vê que é uma piada. Quá-quá-quá.

LIZ: Eu vou sentar aqui dog-maticamente, até que esse dogma ---

KARL: Sim, é mais um dogma!

LIZ: Vou permanecer[\*abide] nisso até entendê-lo. Vou voltar muitas vezes para isso!

KARL: “Vou ficar aqui sentada até conseguir isso!” [risadas]

LIZ: Até o dog -ma assentar.

KARL:Cão[\*dog],senta! Uaau, uaau![como latindo]

FRANCESCO: O que é bom é que, mais tarde eu não lembro de nada. Não só isso aqui, mas na minha vida.

THERESE: É por isso que você volta cada manhã![risadas]

KARL:É a benção do esquecimento. Buaau,uaau,uaau! Logo Sofia chega latindo.

MARY: Francesco, eu também.

SOFIA:Talvez não só vocês. Talvez muitos outros![risadas]

FRANCESCO: Posso tocar os teus pés?[grandes risadas]

ANTONIO: Algum *sadhana* para êle. Permita por favor.

FRANCESCO: Eu quero é controlar ---

KARL: Êle que me controlar.

FRANCESCO: Não, isso não. Eu quero controlar, mas talvez errei. Quem sabe, tocar aqui, e controlar uma outra vez.

MONIKA: Pode ser que funciona!

KARL: Se for o caso.

Um MOÇO alemão: Talvez aconteça um milagre quando tocar os seus pés.

KARL: Um milagre? Sim, sim. *Ein Mirakel wird von oben* [\*um milagre virá do alto].. Então, mais perguntas sobre o cachorro?

MONIKA: “Dog” é “God” [\*Deus] dito de trás pra frente.

KARL: É simplesmente o oposto, é o reverso. Deus ao reverso é cão. Primeiro você vira um cão ao perguntar, “Eu sou quem?”, entrando para o conceito dog-mático, e logo, com a pergunta “Quem sou eu?”, o cão vira novamente Deus. Mas em tudo isso, havia Deus, ou como um cão ou como Deus, - não faz diferença.

SOFIA: O ultimo ensinamento.

KARL: Não faz diferença.

FRANCESCO: Me diga, essa consciência ---

KARL: O que?

FRANCESCO: Ela não é normal. [risadas]

KARL: Normal?

FRANCESCO: Eu acho que não.

KARL: É como a fração de segundo. Você entra no “Eu sou quem?” e vira um cão --- ainda sendo Deus, mas como cão, --- e então num certo momento, você “Baauu, uauu, uauu, oh, Deus! Ah, sim!”

MARY: A consciencia não é natural.

KARL: Nas antigas Escrituras, caracterizam a consciência como uma cadela. E você nunca sabe quando a consciência vai te morder. De modo que você pode se comportar bem, e por um tempo, ela é muito gentil com você.

FRANCESCO: Não, não.

KARL: Mas um belo dia --- ela vai e te morde. Do nada, ela morde, e por isso a chamam de cadela. Você nunca sabe --. É totalmente imprevisível. Aquilo que isso é, que a consciência é, a manifestação de tudo, é imprevisível. Você não pode jamais prever o que vem em seguida.

Mas você tenta tanto controlar o próximo momento, vivendo a partir do passado para o futuro, você quer controlar o futuro através do controle do passado, limpando o passado, desmanchando os nós do *karma*, e talvez mesmo então você ainda quer controlar o próximo passo *kármico*. Neste sistema de controles você é como um cachorro. Mas é para ver a natureza imprevisível da existência, e ser Aquilo, ser o imprevisível --- paaff!

FRANCESCO: Isso é realmente ‘cool’.

KARL: É realmente 'cool'! Ou 'hot'[\*quente]. É muito quente. Dá para você suportar o calor que você é?

FRANCESCO: Não, não.

KARL: Ninguém consegue. Para o que você é, não é nada. Mas você nunca pode suportá-lo, como também não pode possuí-lo. Simplesmente sendo - o, nada é mais simples que isso. A simplicidade em si. Sendo-o. Mas não tornando-se isso. Humm?

ROSA: Me faltam as palavras. Parece tão simples.

KARL: E porque é tão simples, é impossível de fazê-lo.

ROSA: A mente não gosta da simplicidade.

KARL: A mente? Que mente?

ROSA:[apontando para a própria cabeça] Esta.

KARL:Essa? Essa que não é. Essa que não é, também não gosta do que também não é. Soa bem.

ROSA: É um belo fantasma.

KARL:Fantasmas gostam de ser confundidos.

ROSA:Você sabe, hoje tive essa ideia,"Eu entendi,- então deve ser errado, porque Aquilo está além da compreensão."[rindo]Assim eu me sentí culpada por ter entendido algo.

KARL:Oh, isso é bom. Duvidando de tudo que pode entender. Duvida disso totalmente. Torna-se um duvidar total. Porque tudo que é novo, não pode sê-lo. Você continua sendo apesar de qualquer compreensão, por mais bonita que seja. Tudo que faz sentido ou não faz, você é apesar disso. Isso vai sumir novamente. Portanto não se fixa nisso. Porque em geral acontece que você se fixa em toda e qualquer experiência feliz que parece ser uma compreensão, algo profundo. "E aí eu estive tão perto como nunca antes, - ao que eu sou." Que ideia!

ROSA: E já se foi. Foi só um momento.

KARL: Você faz simplesmente um documento a partir duma experiencia. Você a toma pessoalmente, para fazer disso uma história, você quer até da experiência- de- Si fazer uma história pessoal. Mas no Si não há história. Jamais vai haver.

ROSA: Portanto eu tenho que duvidar de mim?

KARL:Se acontecer aqui, agora, que você duvida até dessa compreensão que chega --- se você duvida totalmente e diz "Não, não, não, não" --- então permaneça nesse não-não, e simplesmente veja o que resulta desse não-não. Nada vai resultar. Então se nada resulta desse não-não, que é Coração, então esse não-acontecimento, esse não-evento, esse não-não, vai evidenciar-se como sendo o que você é, o vazio de um não-evento. Isso é o vazio do Coração. É paz, um vazio de Coração que contêm a plenitude da existência.

Mas já com a mais pequena ideia de posse, você ocupa-o. Com a mais leve ideia de um"Eu entendi", já há um que entendeu, e esse um que entendeu ocupa, enche inteiramente tudo aquilo que nesse momento é Coração. Portanto, tudo que você define,

toda compreensão que eventualmente é sua, esse “eu”, esse “meu”, essa posse, é como um nó no coração, e com esse nó, você está sempre sob pressão.

ROSA: É incrível!

KARL: É incrível! Então, o não-não ---

MARY: O absoluto *neti-neti* ---

KARL: Sim, o absoluto ‘não-não’ é um absoluto ‘sim’ para o ser Aquilo que é, mas sem alguém dizê-lo. Ficando calado. Tudo que chega então é um absoluto não-não ao que vem e vai. Isso é um absoluto sim. Mas um sim calado. Um sim em silêncio, sem que ninguém o pronuncie. Mas esse não-não ainda depende da consciência, de modo que a consciência precisa ir ao não-não. Aquilo que é o silêncio em si, que é um sim absoluto à existência, simplesmente é o que é. Soa bem, não? Mas é ainda mais um documento no tempo.

MRS. ANGELINA: Karl, parece que eu não estou entendendo o que você diz. Você disse que a partir desse nada, vem algo?

KARL: Não. Havendo nada, pode haver algo. Assim, a partir do nada, tem que haver algo. Pois enquanto ainda tem nada, tem que haver algo.

MRS. ANGELINA: Não está claro.

KARL: Sim, eu espero! Se você entender isso, não há mais ninguém que entende.

MRS. ANGELINA: Bom.

KARL: Bom? Pois você faria melhor cuidar do seu não-entender, porque isso deixa você como é.

MRS. ANGELINA: Sim, mas não-entender, esquecer, mais um filme, e mais um filme – que sentido tem? [Mrs. Angelina está séria e irritada. Cessam todas as turbulências na sala]

KARL: Não pergunte a mim.

MRS. ANGELINA: Você não pode usar nada. Nada então é real.

KARL: Mas isso tem alguma relevância?

MRS. ANGELINA: Parece ser relevante.

KARL: Mas falar, expressar um ponto de vista, é relevante?

MRS. ANGELINA: É só juntar qualquer tipo de palavras, sabe? Só juntar qualquer tipo de ações, não importa o que, bla, bla, criando juntos mais um filme, e mais um filme, mais um sei lá--- atemporal ---

KARL: Agora você está falando a partir da pessoa que quer fazer tudo ser igual. Isso é o tédio da história pessoal.

MRS. ANGELINA: Não é tédio. É relevante.

KARL: Mas essa relevância para uma pessoa faz disso uma estória de tédio. Porque é uma ideia.

KARL: E por que não?

MRS. ANGELINA: Para desaprender?

KARL: Que “desaprender”?

MRS. ANGELINA: Para desaprender o que nós já sabemos e não deveríamos saber.

KARL: Para que?

MRS. ANGELINA: Por nada.

KARL: Quer dizer, aprender por nada e desaprender por nada. Ambos ---

MRS. ANGELINA: Ambos irrelevantes.

KARL: Ambos irrelevantes. E daí? É divertido.

MRS. ANGELINA: É confuso.

KARL: E daí?

MRS. ANGELINA: E daí!

KARL: Você é Aquilo que é confusão. Quem se importa? Humm?

MRS. ANGELINA: Do nada vem surgindo nada. Nada surgindo deste nada!

KARL: Vou lhe contar!

MRS. ANGELINA: Você começa assim ---

KARL: Não, eu não estou começando. Enquanto houver a ideia de “nada”, tem alguma coisa. Nada é demais.

MRS. ANGELINA: Já é demais. Alguma coisa---

KARL: Enquanto houver nada, há algo. Do vazio surge a forma. Assim, mesmo a ideia de “vazio” cria uma forma. Isso você não pode evitar.

Nada é igual. Ou, você pode criar um outro conceito, de que tudo é único, cada momento é tão único como pode ser. Já que o Si é sempre absolutamente único em sua expressão, então tudo que surge, nunca é igual. Não há tédio.

Só há tédio no momento em que tem uma história de experiências e você quer compará-la. No momento em que você é *cão*, você é o próprio tédio. Porque você anota tudo numa história da *sua* coisa, e você quer torná-la relevante ou irrelevante, e tudo que surge dali prende você nessa solidão. Isso é um tédio. “Proprietário de um coração solitário.”  
Francesco! Divertindo-se.

FRANCESCO: Oh, eu não sei.

MRS. ANGELINA: *Neti-neti* não é assim.

KARL: Sim, mas quem se importa?

MRS. ANGELINA: Ninguém se importa.

KARL: Mas você se importa com o fato de não importar-se.

MRS. ANGELINA: Ninguém não se importa.

KARL: Não?

MRS. ANGELINA: Não há problema. Tudo que eu posso ouvir ou ver, não posso dizê-lo para ninguém.

KARL: Uau.

MRS. ANGELINA: Não há problema.

KARL: Isso soa bem.

MRS. ANGELINA: Talvez---

KARL: Talvez.

MRS. ANGELINA: Não é uma definição quando você pode dizer, "Oh, isso é talvez mais um conceito, mais uma solidão, mais um tédio, mais um mestre, fórmula, definição de algo"? Um segundo depois, é diferente. Antes, eu podia dizer, "Sim, talvez seja assim, portanto posso manter essa coisa boa para amanhã." Mas desta vez, não é mais assim.

KARL: Não pergunte a mim.

MRS. ANGELINA: A quem devo perguntar?

KARL: Não tenho ideia. Eu não sou um padre que dá confirmação.

MRS. ANGELINA: Quando quero confirmação, não venho para cá.

KARL: Viu?

MRS. ANGELINA: Talvez vou atrás de outras possibilidades.

KARL: Muitas possibilidades. Confirmadas.

MRS. ANGELINA: O tempo atemporal passou tão depressa. Um dia tão curto.

KARL: Que dia?

MRS. ANGELINA: Da noite ao nascer do sol ao pôr do sol. Tão depressa.

KARL: Ou muito devagar, humm?[pássaros estão cantando bem alto] É um casamento ou algo assim! [silêncio]

KARL: Então, tudo bem?

[Silêncio]

MRS. ANGELINA: Eu não gosto do silêncio.

KARL: Quem não gosta?

MRS. ANGELINA: Você fica nos segurando.

KARL: Sim. Se você mexer nisso, não o vê.

[silêncio]

EMMA: Me espanta que você fala todos os dias durante duas horas sobre algo de que não se pode falar. É um milagre.

KARL: Sim, se "eu" pudesse fazer isso. Isso é espantoso, incrível, como *Incrível Índia*. É um blefe.

EMMA: [rindo] É um blefe?

KARL: Sim. É um blefe.

MRS. ANGELINA: Não diga que é um blefe.

KARL: O que?

MRS. ANGELINA: Você sabe o que não é um blefe.

KARL: O que não é um blefe?

MRS. ANGELINA: Um certo momento, alguma expressão, essa uma que você eventualmente recebe, talvez não é um bla-bla.

[silêncio]

KARL: [esfregando as mãos e batendo palmas] Nenhuma pergunta? Então terminamos? Bem. Obrigado.

Grupo: Somos nós que agradecemos.

FRANCESCO: Quer dizer que posso tocar os seus pés? [risadas]

## **21 de Janeiro de 2004.**

**Sempre apesar - , nunca por causa de algo ; ou – o fim da “aceitação”**

### **A consciência é inesgotável**

LOUISE: Você se curva diante dela. Isso é bem uma coisa de mestre.

KARL: Curvau-uaau. Vuu-auu. As coisas chatas sempre são depositadas aqui. As coisas bonitas vocês não me trazem nunca.

SOFIA: Oh sim. Raramente.[risadas] Agora, você nunca dá as coisas bonitas.

GRUPO: Uaaaa!

SOFIA: Só estou dizendo o que você diz. É só isso, nada mais.

KARL: Tudo bem. Você recebe de volta o que merece, já sei. Soa bem. Dá para você ver? Ela pode ver? Nós podemos ver?

UMA MULHER: [questionando] E tem algo para ver?

LOUISE: [rindo] E tem algo para ver!

KARL: Faltam ainda dois minutos. Podemos divertir-nos um pouco mais. Tudo bem?

SOFIA: Melhor, nem perguntar.

KARL: Oh, eu gosto de perguntar. Então tudo bem. O mesmo procedimento como todos os dias -- nenhum procedimento. Se você é novo, - é como pergunta-resposta. Bem simples e informal. Quem tiver qualquer pergunta, pode ser que ela seja respondida.

FRANCESCO: E o “pode ser que“ é verdade.

KARL: Francesco!

KARL: Não lhe dei necas.

FRANCESCO: Eu falei – oh não! – já estou começando novamente.[risadas]

KARL: Você se prometeu de não falar.

SOFIA: Ele disse, “Hoje não vou perguntar nada !”

FRANCESCO: Começamos só agora, não? [risadas]

LOUISE: Parece que quando temos instruções claras de um a dez, ou quando tem alguma convicção – tanto faz qual – ; parece que as coisas podem ser mais fáceis, se houver uma estrutura. Daí, se você pudesse dar-nos instruções de um a dez ...

KARL: Instruções?

LOUISE: Por que parece ser tão fácil na vida quando você segue certas instruções ou regras? Por exemplo, você compra uma máquina, certo, e você lê as instruções e elas explicam como conectá-la, e buum --- funciona.

KARL: Um manual de instruções. Precisa de um “man-u-el”[\*homem-u-el]. Um Manoel! [risadas]

LOUISE: Quer dizer, Karl, que a confusão só começa quando não se tem instruções, e

nenhuma estrutura nem linhas mestras a seguir.

KARL: Sim, assim é bom.

LOUISE: Por que seria bom?

KARL: Porque tudo que pode ficar confuso deve ficar confuso. Aquilo que você é nunca pode ficar confuso - por confusão alguma. Aquilo que sobra, a sobra total, é sempre Aquilo que nunca pode ser e nunca foi e nunca será confuso, por nenhuma confusão.

LOUISE: [rindo] Tudo bem, - agora, toma cuidado!

KARL: Foi você quem pediu.

LOUISE: É sempre assim – ‘ ah sim, ah sim, bem, tudo bem, obrigada, obrigada ‘, e então -- buum! Acabou.

KARL: Exatamente. É isso o que conta.

LOUISE: A máquina quebrou.

KARL: Isso aqui não é para lhe fornecer algumas técnicas de ocupar o tempo nos anos futuros ou para tirá-la dum tédio qualquer em que se encontra e para que tenha algo para fazer. Aqui não é o lugar para isso. É ‘banguê – banguê – banguê’.

LOUISE: Banguê – banguê. Sim.

KARL: A resposta é simples: o que você é, nunca você vai poder encontrar no tempo ou no espaço ou em qualquer circunstância. Daí que qualquer técnica - muito bem, te mantém ocupada, mas não vai lhe dar aquilo que você é. Então, o que fazer. Um belo ‘um a dez’, e depois? Você conta de novo: um, dois, três,.. dez, e depois? E para trás de novo. Sem fim.

LOUISE: É um constante vai-vem entre fácil e difícil, fácil e difícil.

KARL: Tem o bemestar e tem o malestar. Saúde e doença vêm juntos.

LOUISE: Hmm.

KARL: Uma doença que se pode curar sempre volta. Você me pede uma técnica para sair da doença da ignorância, mas a ignorância que pode sumir também pode voltar.

LOUISE: Uuh – uuuh.

KARL: Fazer o que então, diante disso? Você continua a depender de que algo some. Imagina a liberdade, - se dependesse de algo sumir para liberdade ser o que é liberdade --- que ideia é essa?

LOUISE: Sim.

KARL: Seria então a sua liberdade já que você tinha uma técnica para o ‘count-down’. Você quer botá-la no seu bolso – e depois? “Olha só, é esse aí que tem liberdade!” Eu espero que não. Por isso é ‘ e depois’?

LOUISE: E assim eu fico de novo com essa dor de cabeça, e você diz que não tem nenhuma transmissão. [rindo] Sabe, bem agora a sinto. E você diz que não tem nada disso, nenhuma transmissão ou irradiação de *shakti*.

KARL: Não, não se trata de transmissão.

LOUISE: E o que é então? Por que sinto-o bem agora quando você fala comigo, e isso vai indo, indo, indo?

KARL: E eu vejo e vejo e vejo-o.

LOUISE: Sim, sim, e depois, buum!

KARL: Não é transmissão, pois falo com Aquilo que você é e não com um espírito qualquer. portanto não estou transmitindo nada. Não tenho que penetrar nada, pois falo com aquilo que sou. Não tem nada de transmissão, não tem transmissor e nem receptor.

E nesta ausência de um transmissor e um receptor, a vida desperta. É isso que você sente como *shakti*, como calor, calor físico. E logo começa a resistência do ‘terceiro olho’. Então você fica com dor de cabeça ou enxaqueca, a partir desse calor ou dessa energia que simplesmente surge por causa da ausência de um transmissor e um receptor, e então a pura consciência dessa vida acorda em todas as células. E logo a resistência do controlador traz dor de cabeça.

LOUISE: Resistência do controlador?

KARL: Porque você quer conhecer e quer controlar a *sua* energia. Esta ideia de “*minha* energia”, este “eu”, é sempre uma ideia de controlador. Daí tudo que então vem você quer que seja a *sua* energia, o *seu* sistema de controle, certo? E começa a resistência e você se torna uma pequena pipeta, e a energia tem que atravessar essa pequena pipeta, e então vira dor de cabeça. Pelo controle você quer afinar-se. Quando controla algo, você fica estreito. Mas não tem outro jeito.

LOUISE: Não. É só respirar

KARL: É só respirar. [os dois riem] Não, vou te contar, eu passei por cinco anos de enxaqueca, e sei de onde vem. E no momento em que acabou, simplesmente acabou. Porque junto com o controlador vai tudo embora. Depois tem aí uma total abertura de todas as partes, já que existe essa aceitação sem nenhum sistema de controle.

Sinto o seu calor aqui agora, toda essa energia, mas ela não incomoda isso aqui [aponta para o próprio corpo], nada disso, nem um pouco. Entra e sai, como ondas de energia. Mas não é *minha* energia ou algo assim. Simplesmente vem e vai.

Controlar, controlar. [Louise respira fundo] É forte. Vocês tem qualquer pergunta quanto a isso?

MATHILDA: Sim, - o que eu estava pensando é se uma aspirina não funciona.

KARL: Não. Porque não se trata de uma coisa química que se pode resolver com outra coisa química. Não. Eu tentei. Durante essas enxaquecas eu tentei de tudo. Pode esquecer. Homeopatia, alopatia, bla-bla-bla. Antipatia.

ROSA: [rindo] Antipatia!

KARL: Sim, e simpatia também não funcionou.

SOFIA: Quer dizer, o controlador pode acabar caindo, ou não?

KARL: Bom, foi quando estava assistindo o *Mahabharata* na tevê. Atravessando toda

essa história de livre arbítrio e de Krishna e no fim, indo junto com Yudishtara ao céu e ao inferno e identificando-me totalmente com Yudishtara, com esse personagem. E então não querendo permanecer no céu porque no céu só tinha inimigos, ele vai para o inferno, e Krishna pergunta, "Você poderia aceitar de ficar eternamente no inferno? Ou tem ainda um desejo qualquer de evitar isso, uma tendência qualquer de evitar o que é o inferno, o que é separação?"

E então veio um absoluto 'não'. "Eu desgastei essa tendência absolutamente." E então naquele momento havia uma total aceitação e um total colapso do controle.

SOFIA: Nesse "não" total, o que havia era aceitação.

KARL: Sim, nesse total "sem saída". Era o inferno, e não havia nenhum desejo de sair dali, simplesmente nenhuma ideia mais de uma saída. "Se for para ser assim, vai ser assim. Tudo bem. " Aceitação absoluta, sem nem mesmo dizê-lo. Nessa aceitação total não tem mais controlador. E sem o controlador, no mesmo momento toda resistência e toda a enxaqueca acabaram e não voltaram mais.

Mas não pela decisão voluntária de alguém. Tem aceitação quando tem aceitação, e não por alguma técnica que se pratica. Porque toda técnica usada vai contra isso. Cada vez que você tenta controlar a aceitação, você quer que seja a *tua* aceitação. Você quer controlar até a aceitação, então o aperto se torna ainda maior.

Estou dizendo que as técnicas são todas de alguma maneira contra essa aceitação. Porque tudo que você faz, é contra. Você quer controlar pela técnica. Quer que seja a *tua* aceitação. E você se torna mais e mais controlador. Torna-se até o deus, o *avatar* do universo, pelo controle. Pois na consciência não existe limite de controle. Você então se torna até o deus maior do universo, e no entanto continua sendo "o proprietário de um coração solitário."

PETE: Tem essa pessoa imaginária que faz tudo isso de buscar e tentar controlar ---. Talvez seria uma certa ajuda de dizer a essa pessoa imaginária, "Sim, vai firme nessa tua busca, tenta ganhar o controle"-- até que isso simplesmente entra em colapso, não acha? "Vai sim tentando, tentando ---".

KARL: Não. Isso não pode entrar em colapso porque isso já é a consciência, e a consciência é inesgotável. Se fosse igual a uma pessoa seria possível esgotá-la, pois haveria aí uma energia pessoal que pode acabar, seria fácil. Nesse caso tem técnicas de Yoga que conseguem esgotar essa energia pessoal. Mas como essa pessoa já é consciência em si, é inesgotável porque existe aí uma energia sem fim.

Há então consciência absoluta, e essa não se pode esgotar. Vai sempre ter mais um truque no livro para evitar esse esgotamento. De repente tem aí mais um vento, um segundo vento, um terceiro e um quinto vento, e tudo o mais que vem para essa busca.

PETE: Jamais o colapso.

KARL: Nunca vai entrar em colapso porque não há nada para entrar em colapso. O que há é a consciência absoluta, e essa ideia, essa consciência é tão real e tão absoluta --- impossível esgotar essa ideia. Pois mesmo essa ideia é absoluta.

As ideias sobre esgotamento funcionam dentro de certos limites. Digamos que você é corredor. Pode ter a ideia de que depois de quarenta ou cinquenta milhas você está

exausto, ou depois de dez milhas ou uma milha ou mesmo depois de cem metros. Mas um corredor de maraton poderia fazer uma pausa depois de vinte quilômetros quando sente que não consegue nem mesmo andar mais, e de repente tem aí um ponto morto, e depois ele corre novamente como se nunca antes tivesse corrido.

Nunca se sabe. Essa energia é algo tão misterioso, tão milagroso, tão mágico, sei lá. Inesgotável. Se é para acontecer que você retome a corrida, você vai correr e correr e correr.

PETE: Eu fiz tantos *sadhana*, igual a muita gente, e depois me pareceu que cheguei a um ponto crítico onde ví a futilidade de tudo isso, sabe? Mas o que você está dizendo é que, assim que descansa um pouco, esse pequeno homem - faz - de - conta dá um pulo e recomeça fazendo os seus *sadhana* novamente. Ou talvez não. Quem sabe, lembra?

KARL: Talvez não. Não sei. Não por ter feito os *sadhana* você vai necessariamente desistir. Se fosse assim, seria como se Ramana dissesse, “Porque eu tive sorte, vim para este mundo e fui diretamente para Aquilo pelo único ‘Quem sou eu?’ sem antes ter passado por tantas outras coisas. “ Não, você nunca sabe. É um mistério. Um mistério absoluto. Sem nenhuma regra. Absoluta falta de regras.

Me parece que não existe nada que você poderia usar como regra ou técnica para isso. Em nada disso tem um “porque”, somente tem “apesar de “. A cada momento pode mudar para algo diferente. Não se trata de algo como ir de A para B com toda uma técnica no meio, e então você esgota o seu *sadhana* e se torna mais consciente e você ficou mais consciente porque, bla – bla – bla, o castelo de cartas cai ; ah não. Você precisa ser, apesar da busca, apesar dos *sadhana*, e não porque alguma coisa parou. Vivo repetindo isso, martelando nisso -- que apesar de saber ou de não saber, você é o que você é, não por causa.

O conhecimento que você pode adquirir é de toda maneira de segunda mão. Portanto pode esquecer-lo. E mesmo esse conhecimento que chega por causa de uma ausência temporal de espírito ou de uma mente em branco, é também algo dependente.

PETE: Mas esse colapso quando você fica completamente nu e então consegue passar pelo olho de agulha – não digo que é através dos *sadhana* que pode-se alcançar algo – mas algumas vezes chega esse ponto de nudez depois de você ter tentado tantos *sadhana* e finalmente jogado tudo fora, e isso sendo um enorme fracasso para você, de repente você chega nessa nudez e então tem aí um momento em que você realiza ---

KARL: Mas essa nudez você é cada noite no sono profundo. Então seria como fazer *sadhana* para dormir. Você tem uma pílula para dormir ou uma técnica para dormir em sono profundo? É por ter feito os seus *sadhana* que você entra no sono profundo? No sono profundo ninguém se importa com os *sadhana* ou de não saber algo ou o que o próximo momento vai trazer, porque não tem aí nenhum preocupado, não tem nem pergunta nem resposta. Ou você faz os seus *sadhana* para poder dormir?

PETE: [rindo] Só se estar acordado é *sadhana*. Não sei. Uma vez que dormi bem, eu preciso ficar acordado por um certo tempo até poder dormir de novo.

KARL: Então, porque dorme, você lembra de novo. Soa bem. “Eu durmo para poder acordar de novo, e acordo para poder dormir de novo.” Um círculo vicioso sem fim – você se esgota para poder dormir e então por estar tão refrescado, pode se esgotar para

conseguir dormir de novo.

Mas é assim que é. Veja o mundo. Tantos grandes mestres entraram no *samadhi* de consciência, às vezes por mil anos, mas depois acordaram novamente e trabalharam. Esse sonho tem todos esses tipos de se acordar e esgotamento e recuperação e fazer e não fazer. Essa sua ideia de uma “total resignação por causa de esgotamento “não funciona. Você não consegue esgotar o que você é. Sempre soa bonito e bem e muito lógico, mas não funciona. Funciona quando você vai comprar um Mercedes ou quer uma casa nova ou outra coisa parecida. Você pode ter um procedimento A a B, passo por passo, para conseguir essas coisas. Mas não para Aquilo que você está buscando mesmo.

Essa mente preciosa, essa preciosa inteligência, pode jogar na lixeira mais próxima, pois para Aquilo ela não funciona. Tudo bem. Você brinca com ela. Você brinca com a mente, brinca com a inteligência, brinca com os *sadhana* -- e isso tudo é meditação. Você simplesmente brinca. Fica se divertindo.

Enquanto você não tem resultado disso, é no entretenimento de Si que você se encontra. No momento em que tem a expectativa de resultados você está trabalhando, e então você trabalha realmente duramente. Até o resultado de tornar-se aquilo que você é, você quer conseguir. Meu Deus! “Esse vai ser o *meu* Si. Eu me alcancei!” Que espécie de Si seria este que você poderia conseguir?

CHARLES: Um Si limitado.

KARL: Sim. Um si relativo, liberdade relativa, qualquer coisa relativa. limitada, limitada, limitada. Então o que? O que é toda essa “liberdade pessoal”? Uma ideia. Simplesmente uma ideia. É bonita, mas não vale nada. Portanto ainda apesar disso você é, e não por causa do que faz ou não faz. Se vê isso, se realmente vê que você é apesar dos seus *sadhana*, apesar do que você fez ou não fez, apesar dos seus pecados ou não – pecados, apesar da sua culpa ou não – culpa, realmente apesar de, sempre apesar de, nunca por causa de algo --- isso já é liberdade. Meu Deus.

## **Aquilo que é Si não conhece nenhum Si**

MATHILDA: Mas pode-se ver isso?

KARL: Claro que se pode ver isso. Você pode ver que você não pode ser aquilo que pode ver. Quando você é Aquilo que é o ver-se-a-si-mesmo, não existe nenhuma ideia nisso daquilo que é ou não é. Você simplesmente existe como esse ‘ver’ – sem qualquer conceito daquilo que você é ou não é. Tudo o que você vê, não pode ser você. Como é que você não consegue ver isso, se o tempo todo você o vê?

Você passa sempre por experiências, mas tudo que experimenta não pode ser você. Pois o que você experimenta é um segundo qualquer, é no tempo, é uma ideia, uma imagem. Mas o olho daquilo que vê, esse olho que é a própria visão, não se pode ver a si mesmo. E daí? Você só pode ver, mas não pode ser o que você vê.

Mas para ver, você precisa existir. Essa existência é nua. Assim, tudo que toma por uma roupa da visão, faz com que você está se vestindo do que imagina. Não passa de um vestido. Mas o tempo todo você é o que é a nudez, ainda que veste-se de conceitos,

erroneamente tomando essas imagens por algo real e usando-as. Este corpo está sendo usado como roupa por aquilo que você é, mas ele vai sumir como qualquer vestido um dia some. Você o veste e o tira. E daí? Não tem nada de errado com o corpo ou com qualquer outra roupa, mas veja que é roupa, é um embrulho ! Agora, se toma o embrulho por algo real, você se deixa ‘embrulhar’. [risadas] Não? Que belo embrulho então !

MATHILDA: Não devo identificar-me com isso.

KARL: Mesmo isso ainda é um conceito.

MATHILDA: Sim. Por exemplo, no lugar de ir a um templo, eu vou para o mercado, sabendo que gostaria mais de ir ao templo - para a minha cabeça, mas vou ao mercado. Simplesmente faço o que faço, não tenho escolha. Simplesmente faço-o. Vejo que gostaria mais de ir para o templo, mas agora estou aqui no mercado. Então aceito isso. E assim fica fácil.

KARL: Não. Não está nas tuas mãos de aceitar isso. Ainda se trata de uma aceitação pessoal e não significa nada. Essa pequena aceitação temporária quando vê algo, isso é uma compreensão puramente mental.

Mas eu estou falando de você ser Aquilo que é anterior a qualquer ideia, de ser essa aceitação onde não tem segundo, onde não tem nada segundo mesmo para se aceitar. Falo dessa falta de esforço da sua natureza, dessa nudez, e não de uma compreensão que vem e diz que “apesar de não querer estar aqui, eu estou aqui.” Não estou falando desse “apesar “. Não, esse ‘apesar ‘ vem e vai. Não se preocupa. Isso nem está aí. Eu estou falando sobre aquilo que é compreensão em si, conhecimento em si, e que nunca esteve ausente.

O saber do fato que você existe, tanto faz em qual ideia ou conceito, esse saber dessa existência nunca desapareceu. Portanto você nunca perdeu esse conhecimento absoluto que você é. Ele existe independente de todo o saber ou não saber relativo. Apesar disso, não por causa. É esta a aceitação de ser o Absoluto que é aceitação. Sendo que esse conhecimento absoluto jamais foi perdido, e portanto você é isso nesse Absoluto, - e não por saber ou não saber algo.

MATHILDA: É isso que eu quis dizer. Você não pode sabê-lo nem não sabê-lo.

KARL: Sim. Você é esse paradoxo. Não pode *não* sabê-lo, mas também não pode nem sabê-lo nem não sabê-lo. O saber e o não – saber existem só porque você existe. Assim, apesar do saber e do não-saber, você existe. É essa a existência absoluta. Portanto, apesar da existência relativa e da não – relativa, você existe.

Existência relativa e não – relativa, o limitado e o illimitado, existem porque você existe mas você não faz ideia de algo limitado ou illimitado, pois mesmo a ideia de ser illimitado é algo limitado. Com qualquer definição você se enquadra. Mas para poder enquadrar –se, você tem que antes existir. Portanto peço-lhe de ser o que você é, anterior ao que já é um conceito, ao “eu”, mesmo à pura consciência. De ser Aquilo que é esse “absoluto anterior “com o qual estou falando, ser só essa nudez.

Assim, apesar da sua compreensão, apesar da sua pequena aceitação, você é. Não por causa. Pode haver uma pequena paz pessoal com isso, ou uma pequena liberdade. Mas essa pequena liberdade ou paz pessoal vão sumir novamente. Você pode achar que é uma saída, mas não é.

LOUISE: Chega com tanto jeito. Como uma pequena caixa de ferramentas.

KARL: Soa bem.

LOUISE: De modo que quando você se encontra numa situação de ‘stress’, pode recorrer a essa parte. Claro, significa um certo conforto então. Você sabe que, quando está num ‘stress’ e sabe como relaxar, isso é bem vindo.

KARL: Sim, soa bem. Mas o que pode relaxar ainda é muito tenso. Mesmo nesse relaxamento pessoal você ainda está na expectativa de um novo ‘stress’. Eu falo de um relaxamento absoluto, onde não tem segundo, onde ninguém sobrou que pode estar tenso, que pode estar numa relação.

LOUISE: Mas enquanto isso, o que fazer?

KARL: Enquanto isso? Não existe ‘enquanto isso’.

LOUISE: [rindo] Eu enquanto isso não posso continuar assim o tempo todo.

KARL: O tempo é muito chato, eu sei. ‘Tempo’ significa que existe um segundo. E depois dum segundo, vem um minuto, e depois dum minuto vem uma hora, e depois dum hora vem um ano, e bla-bla-bla. Assim, com o primeiro segundo, começa o tempo.

É ver o primeiro segundo, e permanecer n’Aquilo que é anterior ao segundo, anterior a essa imagem. Então você vê que o tempo é um filho seu e não você filho do tempo. Essa é a diferença. Pode haver tempo e não – tempo, pode haver todas as experiências e imagens, mas são todos filho seu. Você não é filho do tempo.

LOUISE: [rindo] Bem. Sim !

KARL: Você está vendo? Não liga para uma mentira, mas faz o maior escarceu quando se trata da verdade. Por isso chamo você de mentiroso absoluto que é o que você é. Tudo que sai de você é mentira. Tudo que sai de você não pode ser você. É simplesmente um reflexo, um aspecto, não diferente do que você é, mas não é o que você é. Você é apesar disso. Mas é maravilhoso. É liberdade. Fazer o que? Imagina que você pudesse se controlar como está agora tentando. [ri]

SOFIA: Karl, você disse que só se precisa ver. Isso quer dizer, intuição.

KARL: Sim.

SOFIA: Isso é a “split second”? Só é preciso ver.

KARL: Só ver. Não “Você só precisa ver”. Só ver. Quando é só ver, não tem ninguém que cria um conceito de algo. Só ver, pois esse ver é anterior ao tempo e ao não-tempo. Se você só vê, você é simplesmente Aquilo que é percepção em si, e você é anterior ao tempo que é uma aparência n’Aquilo que você é. Tudo que aparece e desaparece em você é simplesmente como um vir e ir de sombras. Mas você é infinita luz pelo qual existem todas as sombras. E daí?

FRANCESCO: É tão duro entender o que você quer dizer com “só ver”.

SOFIA: É a percepção?

KARL: Pode ser.

MOÇO australiano: Você quer dizer, ver sem alguém que vê?

KARL: Sim, pois dentro dessa percepção absoluta, aparece o percebido. Então esse experimentador acorda de manhã n' Aquilo que é a percepção em si. Você é esse percebido absoluto que nunca faz parte daquilo que você pode experimentar. O percebido separado, "eu", e todo quanto corpo, imagem, aparece n' aquilo, mas você nunca faz parte das aparências. Pois seja Aquilo que é ver em si.

O alguém que vê sempre vem mais tarde, sempre é um segundo. Mas primeiro tem Ver e depois "quem vê" como uma ideia. Pois não seja a ideia, seja Aquilo que é anterior à ideia. Antes à ideia de "eu" é Aquilo que é "eu", que é a experiência "eu". Primeiro é o Ver em si, depois o "quem vê", ou o "eu". Então seja Aquilo que é Coração em si, no qual o "eu" surge.

FRANCESCO: Muito, muito, muito ---

KARL: Muito o que? É bem fácil.

FRANCESCO: Não, é muito difícil lembrar disso. Tcháu tcháu, para isso.

KARL: Você não pode nunca lembrar. Meu Deus.

FRANCESCO: Oh meu Deus, cada dia você fala e eu não lembro o que disse ontem! Cada dia é novo, e cada vez eu penso, "O que significa isso? Não lembro o que você disse ontem."

KARL: Veja a beleza disso, que você não pode lembrar ontem, ou nem o momento anterior.

FRANCESCO: É 'stressante'.

KARL: Só é stressante se você lembra. Se vê que não há nada para lembrar, é divertido, maravilhoso !

FRANCESCO: Mas por que ficar sentado aqui? Preciso lembrar e entender o que você diz.

KARL: Mas você não tem que entender. [severamente] Digo-lhe e repito-o, você não tem que entender nada!

FRANCESCO: Sim, eu sei, mas isso é normal para mim ! [risadas]

SOFIA: Então nessa percepção não há testemunha?

KARL: Mesmo a testemunha é testemunhada.

SOFIA: Sim, tudo bem.

KARL: E Aquilo que é testemunha não conhece testemunha nenhuma. Você pode chamá-la de "testemunha absoluta", mas a testemunha absoluta não conhece nenhuma testemunha. Portanto o que é uma ideia de "testemunha", aparece nesse testemunho absoluto. Soa bem.

ROSA: É como um bebê que não sabe nada, só abre os olhos?

KARL: Não, até anterior a isso. Porque já no bebê há uma certa noção de existência. E essa noção da existência é de segunda mão.

AIKO: Já está mentindo.

KARL: Já está mentindo. Não, você não pode localizar isso num objeto ou numa circunstância qualquer. É sempre anterior a todas as circunstâncias, mesmo à circunstância da primeira noção de existência. Anterior a esse primeiro estado de “eu”, a essa pura consciência de bebê, consciência sem forma, “eu”, - é o que você é como Coração.

Não se pode ligar isso a uma circunstância qualquer, para dizer, “Como bebê eu estava melhor. Quero ser novamente bebê.” Você continua então sentindo falta de uma circunstância especial, pensando que nela você ficaria melhor. Mas precisa ser o que você é, Coração em si, dentro do qual surgem todos esses estados, mas não surge você.

Portanto é preciso ser em todas as circunstâncias o que você é. Se for isso apenas em circunstâncias especiais, como a de um bebê, você de novo é dependente. E Aquilo que é Coração nunca pode depender de uma circunstância especial. Portanto, o que lhe peço é de ser Aquilo que é anterior a tudo que você pode imaginar.

ROSA: Isso me deixa não ser aqui neste momento agora.

KARL: Não. É só que você quer entender isso.

ROSA: Sim, exatamente.

KARL: E assim você está com um nó em volta do coração. Você quer fazer isso a *sua* compreensão. Ou seja, de novo que se controlar. Mas isso é inevitável.

ROSA: A velha estória.

KARL: A velha estória. É o assim chamado “nó no coração”, a tentativa, a intenção de controlar-se através do primeiro desejo de se conhecer a si mesma. Pelo desejo de se conhecer você sai do paraíso desse Não – saber absoluto que você é. Estressante, sim. Assim que você tenta conhecer-se, você cria um segundo si. Você imagina um segundo si que você poderia conhecer, e isso já é separação.

Mas a primeira noção, o primeiro acordar para esse desejo, isso você não pode evitar. Não pode *não* desejar o desejo. Como o desejo surge espontaneamente da ausência de desejos, você nem pode *não* desejar o desejo, esse desejo de se conhecer.

ROSA: Quer dizer que nem é preciso ter coragem?

KARL: Não.

ROSA: Até isso já é uma sensação.

KARL: Nada é necessário. Tudo que você cria vem dessa ideia do desejo de se controlar. A partir daí você precisa de algo. Mas se ficar nessa compreensão total do que é a existência, você não pode jamais ser controlada por Aquilo que é existência, já que não tem uma segunda edição da existência. Você é Aquilo que não tem segunda edição de existência. Aleluia. Fazer o que?

Essa ausência de controle é o paraíso. Mas com qualquer tentativa de se controlar você está nesse inferno. Vira um diabo que quer controlar Deus. Tem aí um diabo em “mim” --- ou “eu”, diabo, e Deus. Esse “eu” é um diabo, e Deus tem que ser controlado por esse diabo, “eu”. É assim que surge o inferno com a primeira mentira e o primeiro mentiroso, “eu”. E tudo que sai disso, é mentira.

ROSA: O pecado original é isso, acho.

KARL: E você é a pecadora original. Não pode culpar ninguém mais. Só a si mesma. O que seria bobagem.

ROSA: Mas isso é também o teu si.

KARL: Não é meu si.

ROSA: É “nosso si”.

KARL: Nem mesmo “nosso si”.

ROSA: É *meu* si?! É *eu* mesma?

KARL: É especialmente você ! [risadas] Enquanto você se vê como ‘você mesma’, como ‘nós mesmos’, tudo isso surge de você. Mas de onde vem isso, não faço ideia.

ROSA: Mas não tem nenhum ‘eu mesma’.

KARL: Não? Quem lhe diz?

ROSA: Você.

KARL: Eu? Digo até que não há nem mesmo um Si, pois até “Si” é uma ideia. E para o que você é, não existe nem mesmo Si. Há um total Desinteresse - de - si [\*Selflessness]. Aquilo que é Si não conhece Si nenhum, então fazer o que? Não há ‘meu si’, não há ‘seu si’, não há nem mesmo si. Portanto não tem ‘minha bolsa’ e ‘sua bolsa’. Bolsa é para cada um. Desembolsa. [risadas]

FRANCESCO: Beba.

KARL: Oh, de novo a famosa bebida. Hoje isso está realmente bonito.

THERESE: Mudou a cor.

KARL: Ontem tinha cara de limonada, mas isso hoje é marrom. Saudável.

MONIKA:Infern-oso.[\*trocadilho de ‘hell’=inferno com ‘healthy’ = saudável]

KARL: Oh, infern-ável. Aleluia.

FRANCESCO: Você pôs açúcar?

KARL: Não, é chá ou algo assim. O que é mesmo?

MOÇO que fez o refresco para Karl: Suco de noni.

Uma MOÇA: Suco de Nomi?

KARL: “No me”?[\*nenhum eu?]

MONIKA: Nenhum eu ! Finalmente sabemos o segredo ! [muita risada]

THERESE: Podemos sair para comprar!

KARL: É um suco “não-eu”. Podem comprá-lo no Ramana Supermarket. Não no *ashram*, mas no mercado em frente.

## A ideia de “melhor” já é bem pior

LIZ: Karl, tenho uma pergunta que fica aí rolando pela mente. Não consigo obter uma resposta que me satisfaz, então certamente você vai esclarecer esta questão. O que é o que re-incarna? Se nunca nascemos e nunca morremos – o feto vem, e o Si está aí esperando para simplesmente ficar dentro do feto e do adulto e assim por diante? Continuo me perguntando, o que – diabos! – é isso que re-incarna, e por que nos preocupamos com isso?

MONIKA: Sim, isso mesmo.

LIZ: Se o Si não pode nascer e não pode morrer, o que é que re-incarna então? A mente?

KARL: São tendências. Ação – e – reação da consciência transformando-se sem fim. Pode chamar isso de “consciência kármica” ou “energia kármica”. Uma reação em cadeia de energia. Portanto existe aqui agora consciência incarnada.

MONIKA: Desejos?

KARL: Tudo é consciência. Você não pode dizer que desejos incarnam.

LIZ: Então são moléculas que grudam juntos o tempo todo?

KARL: Nada de moléculas! Consciência é Aquilo que é moléculas, que é a energia da existência, essa “pura *shakti*” como pode chamá-la, ou “consciência” ou como quiser.

LIZ: Não recebemos a mesma coisa sobre o mesmo --- o mesmo si não fica retornando para o mesmo montão de moléculas? Está aí só para ser usado quando vem e atravessa o corpo.

KARL: Que corpo?

LIZ: A roupa.

KARL: Portanto esse corpo é moléculas, mas isso é algo como uma “in-formação”. Em que sonho? Não há nem mesmo moléculas que configuram algo. Onde estão as moléculas das quais você foi configurada? Você pode ir mais e mais para trás e não vai encontrar nada.

KARL: Já por séculos o mundo científico inteiro está querendo encontrar a matéria, mas até hoje não encontraram matéria nenhuma. De modo que não importa. [\*it doesn't matter –Jogo com as palavras “matter”-matéria e “matter”importa] [risadas]. Portanto, acha primeiro algo que incarnou, e depois disso podemos falar sobre o que é isso. Mas como eles nunca encontraram nada que incarnou, isso não importa.

LIZ: Realmente não importa, isso eu sei. É só minha mente que fica grudando nessa questão e não vai largá-la tão cedo.

KARL: Divirta-se.

LIZ: Deixa viver.

KARL: Por que não refletir sobre isso? Se você vê que está refletindo sobre a matéria e não consegue encontrar matéria nenhuma, então não importa.

LIZ: Realmente não importa. Acho que o que acontece é que tem aí uma conceito velho

de como isso funciona, e este conceito não posso mais manter, portanto preciso de um novo conceito.

KARL: Você não consegue superar a sua natureza Budista. Não, eu não sei.

LIZ: Vejo o que estou fazendo. É um conceito velho que foi morto, e quero ter um novo para botar no lugar.

KARL: Você quer ter um melhor no lugar.

LIZ: Um diferente. Esse vazio é muito duro.

KARL: Só um melhor poderia substituir esse não tão bom de antes.

LIZ: Um que combina.

KARL: Até agora, você só achou uns não tão bons.

LIZ: Não achei nada!

KARL: Sim, mas “nada” não pode substituir algo porque “nada” ainda é algo.

LIZ: Talvez ajuda ficar sentado no vazio, no nada.

KARL: Não.

LIZ: Tenho que ter alguma coisa?

KARL: Não, não. Você precisa virar o proprio vazio, o vazio em si.

LIZ: Isso leva um certo tempo.

KARL: Não leva tempo. É aqui agora. Nunca leva tempo para ser Aquilo que é o vazio. Mas para tornar-se o vazio, pode levar uma eternidade, porque você não pode nunca tornar-se o vazio. Mas aqui agora você é o vazio, portanto não existe tempo nisso. E sendo Aquilo que é o vazio, você é Aquilo que é plenitude. Mas não por tornar-se o vazio, você se torna plenitude.

Se tentar tornar-se o vazio, você não vai conseguir nunca. Sempre vai ter um que é demais --- esse alguém que é o vazio. E este alguém que nunca existiu, dele você não consegue se livrar.

LIZ: Não há nada a fazer.

KARL: Não sei. Mesmo esse “nada” é demais. Primeiro acha alguém que fez alguma coisa ou que tem algo a fazer. Então por não achar esse alguém, pela pergunta “Quem sou eu?”, e por não achar esse Si que fez ou não fez qualquer coisa, por esse absoluto não-achar o que você é, tem aí liberdade, tem a paz dessa existência absoluta que nem mesmo sabe existir. Mas não é por algo que você pode conseguir.

Simplesmente veja aqui agora o que existe. Tem um experimentador que experimente o que tem por experimentar. Tudo isso que acabo de descrever, como a experiência de uma imagem, aparece n’Aquilo que você é. E com isso não há nada de certo ou errado. Simplesmente está experimentando Aquilo que você é, em qualquer configuração e forma. O que fazer então? Como aqui agora não há nada incarnado, onde está essa ideia de “incarnação”?

LIZ: É só mais um conceito, só mais uma ideia.

KARL: Não, a maneira mais fácil de se encontrar o que está reincarnado consiste aqui agora em não achar Aquilo que está incarnado. E prometo-lhe que não vai achar o que você é em nenhuma circunstância. Assim, não achando Aquilo que você é em nenhuma circunstância e nenhuma forma, em nada mesmo, quem vai se importar com o que você acha? Você vê que não pode ver o que você é. Belo paradoxo.

LIZ: Eu sei. É sempre um paradoxo.

KARL: Portanto, o que é que você ganharia se tivesse todo o conhecimento do mundo, toda a compreensão da física e de como funciona ou não funciona tudo isso, e de como é reincarnar etcetera?

LIZ: Tem razão. Não importa, é só acabar com mais um conceito. Mais um conceito -“reincarnação” – acabou-se. Ou, trabalhar sobre ‘soltar’, largar.

KARL: Você está trabalhando sobre largar-nos? [risadas]

LIZ: Não vocês, os conceitos !Eu não vou embora.

KARL: Ela está procurando o andar das partidas. Vai sempre dar a impressão como se, passo a passo, você se torna menos alguma coisa, você atinge algo. De novo, um conceito. Uma ideia. Você não pode conseguir ser suficientemente “menos” para ser o que você é. E nem todo o conhecimento do mundo ou tudo que dá para saber pode satisfazer você.

LOUISE: E mesmo assim parece que vai melhorando aos poucos quando você anda por este caminho, tanto faz qual é o caminho. Quero dizer, é assim que vivencio esta viagem. Algo vai melhorando.

KARL: Mas o que melhora, pode piorar novamente. Essa ideia de “melhorar” já é bem pior.

LOUISE: Mas não no quadro maior.

KARL: Qual quadro maior?

LOUISE: Nesses trezentos e sessenta degraus, para cima e para baixo, para frente e para trás, tem alguma ...

KARL: Melhora?

LOUISE: Não, de fato eu não diria “melhora”. Por fora pode até parecer pior, mas tem uma certa sensação ou uma imagem, não sei bem o que, mas tem aí essa essência, tem uma certa textura nisso. Sente-se algo melhor. Eu me sinto melhor agora do que quando sentava com Osho. Sinto-me melhor do que quando era uma adolescente suicidária.

KARL: Mudou a circunstância hormonal. São outros os hormônios agora do que então para fazer a tua vida andar. Quem sabe, agora os hormônios são um pouco mais calmos.

LOUISE: Com certeza são.

KARL: Estou falando sério.

LOUISE: Parece que ---

KARL: Agora chega uma relativa paz.

LOUISE: Uma paz relativa. Bem.

KARL: É uma paz mais pessoal que chega porque os hormônios ficam mais calmos. Depois da menopausa ou algo assim, eles sempre --

MARY: “Men – pause”! [\*pausa dos homens] [risadas]

KARL: Uma pausa dos homens !

LIZ: Depois da menopausa você fica mais leve [\*lighter]

KARL: E a derradeira iluminação [\*enlightenment] é quando você vai para o túmulo. É o ‘ flash-light ‘ do fotógrafo. Não. É ainda algo que você pode encontrar no âmbito mundano. Você pode ficar mais calma por qualquer coisa, mas não é nunca dessa paz que estou falando. Essa é paz relativa. Você pode ficar em grande harmonia, mas é apesar disso.

LOUISE: Ah sim.

KARL: Apesar disso, você permanece “Teflon”. Nem mesmo essa paz relativa não vai grudar em você.

## **Só a mente dá importância para a mente.**

KLARA: Tenho uma pergunta. Em mim existe um reporter permanente. Comentando tudo. Mudanças, bla, bla, bla, tudo.

KARL: Comentando, “Agora mais paz que ontem.” [risadas]

KLARA: É permanente. Pára durante o sono, mas mesmo nos sonhos falo com esse mesmo cara. Mas minha pergunta é – você ainda tem isso?

KARL: O diabo na nuca? Que fica falando comigo o tempo todo? Sem ter sido convidado? Não, nisso não há diferença.

KLARA: Quem não foi convidado?

KARL: Meu Deus ! Um hóspede que você não convidou. O que fazer com alguém que você não convidou e de quem não consegue se livrar?

KLARA: É terrível.

KARL: Só porque você quer se livrar desse hóspede.

KLARA: Oh.

KARL: Se você deixa que ele fala, “Reportagem do dia”, “Sim senhor”. O que fazer com um hóspede de quem você não consegue se livrar como pelo que diz você não consegue se livrar desse reporter? No instante em que este corpo acorda, já tem reportagem, “Como eu dormi? O que sonhei? O que vai acontecer hoje? Bla, bla, bla” Fazer o que?

Você mata –o pelo reconhecimento. Fica totalmente reconhecedor desse reporter. Porque o diabo não é em nada diferente do que você é. Esta é uma experiência de como você é. Está fazendo uma reportagem a si mesma. Não tem diferença. Tudo é Coração. Tudo é Si. Quando tem um segundo si, não é diferente do primeiro Si. São simplesmente duas

aparências de um e um segundo.

Uma interação enquanto consciência. Um jogo. Papéis. Um é o reporter e um é “eu”. Mas em essência, ambos são Si Si assumindo a imagem de mim, e Si assumindo a imagem desse reporter permanente.

Você mata ambos quando vê que, em essência, não são diferentes d’Aquilo que você é. Portanto quando vê isso, ou quando você é Aquilo que é, então o experimentador que experimenta o que você experimenta como sendo um reporter, não difere em nada. Em essência, não tem diferença. Então, qual o problema se o reporter comenta algo? Liberdade pode ser perturbada por liberdade?

KLARA: Não.

KARL: Não, viu? Liberdade é tudo que há. Não existe momento sem liberdade. Portanto nessa liberdade, tem uma imagem de um experimentador e um reporter, tem uma interação de consciência. E daí? Fazer o que?

KLARA: Simplesmente deixar isso na minha cabeça?

KARL: Quem se incomoda?

KLARA: Eu !

KARL: Sim, “eu”! E o que há de errado com esse “eu” sendo incomodado por outra coisa? Só você se toma por um “eu” e outra coisa como algo segundo. Nesse caso tudo é inimigo.

A partir dessa primeira mentira de que você existe, a partir desse primeiro “any-me” [\*trocadilho “any me” = um ‘eu’ qualquer / “enemy” = inimigo] você se encontra numa situação de inimigos. No instante em que se encontra como tendo nascido, digamos, você cria seis bilhões de outros, e esses seis bilhões são inimigos. Já o primeiro “eu” é um inimigo. Mas sendo você anterior ao primeiro “eu”, você é anterior a essas seis bilhões, digamos, imagens. Portanto todos eles estão vivos a partir de você, mas você não vive a partir deles.

O que fazer então com esse primeiro “eu” e esses seis bilhões de outros se não é possível você livrar-se deles? Como você é essa impotência que não pode *não* imaginar a si mesmo como esse um e os seis bilhões de outros, como você não pode *não* acordar para essa presença de “eu” e depois “eu sou” e então o mundo, como você não pode *não* criar a partir d’Aquilo que é absoluto, Aquilo que é a manifestação --- fazer o que?

MOÇO da Austrália: Tomar outra cerveja.

KARL: Tomar outro café, sim. Outro ‘beer’, e então você tem um Shakespeare [\*trocadilho ‘shakes-beer’]. Quando passou isso, quando acabou Shakespeare, quando não mais tem a questão, “Ser ou não ser?” ---

KLARA: Quer dizer, o reporter continua para sempre? Achava, ouço os místicos falar sobre um estado “sem mente” --

KARL: Sim, se você se reconhecesse nesse “eu”, no reporter, em tudo que experimenta, e considerá-lo em nada diferente do que você é. Você é Aquilo que é o experimentador experimentando o que é experimentado, em essência, já que você é Aquilo que é.

N'Aquilo, nunca houve uma mente, não há nada, nada que pode perturbar você, já que Aquilo que é liberdade em si nunca pode ser perturbado por liberdade.

Essa liberdade é a ausência de um segundo. Assim, tudo que parece uma diversão de falar, é o Si falando com o Si. E daí? Divertindo-se a si mesmo. E quem precisa que o Si fique calado? Qual outro Si?

Portanto, cadê este “sem mente”? O sem-mente absoluto é se você vê que tudo que é é Si, e sendo isso. Sendo absolutamente o que você é, você é Aquilo que é a existência em si. Então você é Aquilo. Nunca houve e nunca haverá mente. O que é um sem-mente então? Não tem nem mente nem sem – mente. Ambos são ideias.

Quem precisa de um “sem-mente”? A mente. Só a mente se incomoda com a mente [\*mind]. “Never mind!”[\*Não liga !]

Tudo isso lhe ocorre a partir da ideia de que algo precisa mudar, de que – para você ser o que é – algo precisa ser diferente. Mas tudo é um ir e vir e não pode desfazer você, como nada jamais pôde te fazer. Então o que?

KLARA: Talvez eu deveria tentar um café no lugar do chá.

KARL: “A coffin?”[\*caixão – trocadilho em ingl. ‘coffee’/’coffin’] Vou lhe dizer, no momento em que pensa estar vivo você entra no caixão e está morto. Toda ideia de estar vivo te deixa morto. Essa ideia de estar vivo, de ter nascido, é uma ideia de “caixão”. Isso já é o seu entêrrão. Toda ideia de estar vivo é um suicídio. Você vira um objeto. Saindo dessa existência absoluta para entrar na ideia relativa de “estou vivo”. Portanto tudo isso é um caixão. E todos os internos são defuntos.

AIKO: Papaji dizia “cemitério”.

KARL: Cemitério, sim, terra das sombras dos defuntos, dessas imagens.

LOUISE: Da terra das sombras para a terra da graça.

KARL: É pampa, portanto terra vazia.

LOUISE: Louco. [\*trocadilhos com ‘graceland’- grassland – crazy]

KARL: É o que dizia Jesus, “Deixe que os mortos enterrem os mortos” Não se preocupa. Pelas ideia de ter incarnado, de ter nascido, você se mata. Portanto re-nascer é ver que aquilo que você é nunca nasceu. É um re-nascimento daquilo que você é.

LOUISE: É uma lembrada, um ‘recall’.

KARL: “*Total Recall*” [\*nome de filme] Schwarzenegger tem que vir? Não, deixamos o governador na Califórnia. [risadas]

Esse re-nascer é como uma ideia de Krishna. Até Ramana falava dela. O renascer da sua natureza absoluta está vendo que o que você é nunca nasceu. Qualquer ideia que você faz de si mesma, toda definição de si, significa matar-se. Assim, a cada momento em que você não é esse Absoluto --- esse não-saber absoluto do que você é e do que você não é – a cada momento que você se dá uma definição ou identidade qualquer, você se mata. Alô suicídio! Alô, defunto ! Ah, não é tão grave. [risadas]

LOUISE: Você não nos dá nenhuma esperança, Karl.

KARL: Esperança? Esperança nenhuma. Mas isso não é nada de novo.

LOUISE: [rindo] Não tão grave. Nem tão bom.

KARL: Nem bom nem mau, é isso o que é a coisa boa nisso.

LIZ: Nada de amor divino, nada de aceitação, nada de reincarnar. Não tem nada.

KARL: Nenhuma saída.

THERESE: Nada de vida melhor, nada de relaxar.

MONIKA: Nada de iluminação.

THERESE: Nada de melhora.

KARL: Eu diria que você não pode ficar mais iluminada do que já é.

MONIKA: Oh querido!

KARL: Você quer sempre conseguir mais.

MONIKA: Não, melhor!

KARL: Iluminação melhor. [risadas] Não, isso simplesmente se resume em algo dessa mente, nesta ideia de posse. Se não tem isso, ninguém se importa. Tem uma grande despreocupação. Mas no instante em que se identifica com algo, vem o “meu”. Esse “meu” sai do ter nascido, de estar separado. Você cria uma “*minha* existência”. E tudo que faz é querer melhorar essa existência que é a sua. Assim é a natureza disso.

Mas tudo que se pode melhorar, é coisa morta. Vazia. Tudo de segunda mão. Roupas. Continua com a dor de cabeça?

LOUISE: No momento estou bem. Acabou por enquanto.

KARL: No momento, acabou. Foi banido.

LOUISE: Punido?

KARL: Punição do contrôle. Na dor de cabeça.

LOUISE: Você se ocupa disso de novo?

KARL: Se eu me ocupo disso? [risadas]

MONIKA: Ele gostaria de devolver.

KARL: Não, tem grande compaixão por isso. Normalmente, realmente, não faço nada. Mas isso é realmente duro de aceitar.

Ninguém consegue suportá-lo. Se aí tem alguém que não quer nada de você e não tem nada para lhe dar, nada para mudar, nada a fazer, isso é realmente duro para uma pessoa de aguentar. Porque isso é a pior coisa para uma pessoa experimentar. Se não tem ninguém que quer algo de você. Você não tem que mudar, não tem que melhorar, não tem que fazer nada --- isso é como matar você. É a ideia de matar “você que precisa fazer algo”. A isso você realmente resiste, pois isso lhe tira todas as ideias de estar vivo, de ser uma pessoa que precisa melhorar. Não há nenhuma reação a você pois Aquilo nem conhece você.

“Quem é mesmo esse cara? Nem fala comigo. Eh, fala comigo !” – “Não. Nem te conheço.” – “Me reconheça ! Me diga que sou maduro! Ou me diga que sou um fracasso, qualquer coisa, mas fala comigo. Me diga que preciso mudar algo, porque se eu posso mudar, ainda estou vivo. Mas você me trata como se tivesse já morrido.” – “Sim, isso mesmo!”

LOUISE: Sim, é bem isso o que se sente. Essa coisa criada que fica martelando, chama a atenção e eu posso senti-lo no sistema de corpo-mente. Sabe, é como uma marca. Senão, eu não o sentiria. É como um truque, com algo de manipulação.

KARL: O que?

LOUISE: [rindo] Cada vez que penso estar sentado nele – da dun – da dun – da dun – da dun ! – eu caio desse cavalo. E um cavalo sem sela nem nada sai galopando para o deserto.

KARL: O cavalo simplesmente sai debaixo de você. Meu Deus, você é um tapete voador. Não pode aterrissar em nenhum lugar. Colchão da existência.

## **Contrôle absoluto é ser essa ausência de contrôle**

JAMES: Karl, voltando ao que você dizia no começo, sobre o ver. É que nesse ver, o “eu” e o universo desaparecem?

KARL: Aí tem somente Aquilo que você é, porque quando você é Aquilo que vê, você é tudo que existe --- não tem separação. Quando você é Aquilo que é o experimentador, então você é o que é a experiência e o que está sendo experimentado, já que é a existência absoluta. Assim, você é Aquilo que é o experimentador, sem ser o experimentador, no entanto. Você é aquilo que é a pessoa, mas você não é uma pessoa. Você é Aquilo que é o corpo, sem ser o corpo. De modo que, se você é Aquilo que é, então você é [\*duma vez] o experimentador e esse experimentar e o que está sendo experimentado. Seja na presença disso ou na ausência. Não há então diferença nenhuma. Na presença do que é mundo ou na sua ausência, somente Aquilo que é, é.

E Aquilo não tem ideia de ser ou não ser Aquilo. Assim, dizendo que você é Aquilo que é ver, você não está vendo algo, mas sendo Aquilo que é ver. E sendo Aquilo que é ver, você é o que é o vidente e o que é o mundo inteiro. Pois então tudo que há é Coração. Como você é Aquilo que é o mundo, você não mais conhece o mundo, porque tudo que existe é o que você é. Portanto nesse momento você não é o vidente, nem o ver, nem o que é visto, já que você é Aquilo que é. Na presença ou na ausência. Não faz mais diferença. Para existir, o experimentador precisa da presença da experiência e de algo a experimentar. Mas Aquilo que é o experimentador não precisa da presença de um experimentador experimentando bla, bla, bla. É totalmente independente de quaisquer circunstâncias. Todas as circunstâncias necessitam circunstâncias, o experimentador necessita uma circunstância de se experimentar, mas Aquilo que é o experimentador, não necessita nada.

Muito complicado, hein?

JAMES: Sim, eu me perdi completamente.

KARL: De fato é muito fácil. É fácil de sê – lo, mas não de entendê – lo.

JAMES: Impossível de entender.

KARL Mas ‘ impossível ‘ é só mais uma palavra da mente. Aquilo que é espírito absoluto não tem limites no entender.

JAMES: Certo.

KARL: Nesse compreender desse espírito ou inteligência sem limites, não tem mais “eu”. O “eu” só pode viver quando há limites no entender, como a mente só pode existir quando há um limite da mente. Nessa inteligência ou espírito sem limites, não há mais mente.

Isso é o que ela dizia com “total não – mente”. Porque nessa inteligência ou espírito absoluto sem limites nunca houve qualquer mente. Mente é simplesmente como um aspecto de compreensão, dessa compreensão absoluta. Mente simplesmente significa limitação, um limite no entender. Mas nunca houve um limite no entender, pois esse “limite” [\* como conceito] é apenas um aspecto de se experimentar um limite. Esse limite nunca existiu, a não ser como aparência de uma limitação n’ Aquilo que é sem limites, que é anterior.

Amansar o touro, controlar a mente, isso não se dá por nenhum contrôle, mas simplesmente você sendo o que você é. E quando você é o que é, o que é a existência em si, então nunca houve nem nunca haverá mente. Então mente é simplesmente uma imagem, como uma imagem de sonho ou uma forma, sem nunca estar aí. Mas por nenhum contrôle, da mente controlando a mente, de se precisar de uma “não – mente” blabla bla – o contrôle absoluto é ser essa ausência de contrôle, sendo Aquilo que é a existência em si. E que não tem segundo. N’ Aquilo, nenhum contrôle é possível.

Só existe contrôle na ideia de um “segundo si”. Mas ao ver o segundo si como sendo somente uma ideia, uma imagem, um fantasma --- controlar o que então? Esse fantasma você não pode mesmo controlar. Anna, está tudo bem?

ANNA: Sim, num sentido sim. Mas estou bem devagar hoje, tão --

KARL: Veja só. Hoje é dia de Shiva. Bem devagar.

ANNA: É bem isso.

KARL: Sem lua. Hoje é lua de Shiva.

LIZ: Lua de Shiva? Não existe !

MR.IYER: Lua nova.

KARL: Ou pode chama-lo de “sem lua”. No mes que vem é “Maha-shivaratri” [Noite de Shiva]. A grande.

LIZ: Você vai estar aqui para isso?

KARL: Não. Meu vôo sai nesse dia. Prefiro não estar aqui porque vai ter muita gente. Ess *maha* acontece a cada doze anos?

MR.IYER: Cada ano.

KARL: Cada ano. Cada doze meses.

MR.IYER: Cada mes tem um Shivaratri, mas nesse mes especial, Shivaratri é comemorado.

KARL: Sim, é um *maha*. Cada doze meses, na décima segunda ou décima terceira lua. Então vêm muitos.

MR.IYER: Mas não de fora. Em geral dos vilarejos por perto. Não tanta gente.

KARL: Não tantos como no Deepham [Festival das Luzes]

MR.IYER: Não.

KARL: Mas ainda bastante, penso.

THERESE: Ano passado eu estava em Varanasi para o Shivaratri. Tinha procissões de *sadhus* e elefantes e tudo.

KARL: Uma grande comemoração

LIZ: Essa é algo especial.

KARL: Fazer o que? Me lembro, três anos atras quando Yogi Ramsuratkumar morreu. Foi há três ou há quatro anos?

FRANCESCO: Três.

KARL: Três. Desligaram as máquinas.

THERESE: No dia do Shivaratri?

KARL: Sim.

MONIKA: Realmente?

KARL: Para ser realmente um dia auspicioso. Isso é um ensinamento total de impotência. Yogi Ramsuratkumar, o maior *siddhi* da India, preso pendurado nas máquinas e sendo desligado nesse dia auspicioso. Sem poder decidir qualquer coisa, e nem ligando, - vou lhe contar.

FRANCESCO: Bem, qual é o seu dia preferido? Amanhã? [risadas]

KARL: Se você achar a tomada.

FRANCESCO: Você não acredita, mas é possível. Tudo pode mudar. Ainda demais. Ainda. Oh meu Deus.

KARL: Mas voltando a essa impotência, realmente é como um grande ensinamento, um ensinamento absoluto. Sendo o maior mestre da região e deitado ali, estando totalmente dependente de máquinas, e então os discípulos decidem quando se deve puxar a tomada e tornam isso realmente algo auspicioso. Essa despreocupação, ali deitado, até o braço estava levantado por uma corda. Porque tinha uma casa de vidro ali em toda a volta, todo mundo podia visitá-lo. Cena bonita, hein?

FRANCESCO: Eu fui.

KARL: Era algo enorme ! Eu gostei.

FRANCESCO: Boa energia.

KARL: Sim. Mas olhar para isso! Depois quando ele foi, o corpo morto sentado na cadeira e o lugar todo cheio desse azul, totalmente energia azul, essa energia cósmica. Ffiuuu. Foi incrível. O elefante sendo solto desse corpo morto.

MRS. ANGELINA: Karl, essa apercepção existe apesar de eu ver ou não ver?

KARL: Você quer saber se é apesar da ação ou da não – ação de ver?

MRS. Angelina: Sim.

KARL: Mas na ausência de tudo que se pode perceber já existe simplesmente aquilo que você pode chamar de “um branco”, ou a total ausência de qualquer sonho. Mas você continua sendo o sonhador absoluto. E então acordando para a pura consciência, o sonho começa com esse sonhador absoluto. O sonhador absoluto é sempre essa apercepção, na qual aparece o percebido. E com o percebido vem a percepção e o que pode ser percebido, “eu sou assim, assim.” E essa apercepção, Aquilo que é o Si em si, é – com ou sem percepção – aquilo que é. Só o percebido precisa perceber.

MRS. ANGELINA: Quer dizer quando voce diz “simplesmente veja – “?

KARL: Quando há somente ver, então só veja, mas sem ser quem está vendo.

MRS ANGELINA: Está bem.

KARL: Apenas veja. Quem está vendo, somente está aí quando está definindo o que vê. Assim, o definidor bem como quem vê, define algo separado que está sendo visto.

MRS. ANGELINA: O que foi visto existe sempre?

KARL: Não sempre. Não se pode dizer “sempre”. Esse vidente absoluto, Aquilo que é anterior ao vidente relativo, não tem ir e vir. Mas o vidente separado que existe quando tem aí visão e algo visto, ele é temporário. Assim, Aquilo que é anterior ao vidente relativo, no qual aparece o vidente vendo o que é visto, é o que você chama de “apercepção”.

Você pode dizer, aqui agora existe o que você é, percebendo o que pode ser percebido. E o que é parte dessa percepção, o que é o percebido relativo, não é você. Você não difere disso, mas isso já é uma imaginação, --- essa imaginação do vidente que vê o que é visto. E todo esse imaginar que é a imaginação sonhadora da realização do Si, você não pode evitar.

Seja Aquilo que é anterior ao que pode ser visto. É o que Mestre Ekkehart chamava de “olho de Deus “. Aquilo que o olho de Deus vê não difere d’ Aquilo que Deus é, mas não é o que é Deus. Portanto esse ver não é o que é Deus. Você não pode defini-lo. Mas chega bem perto dessa pura consciência ou desse estado da tela, não sendo nem no tempo nem fora do tempo. Nisso todas as ideias aparecem, mas ele mesmo nunca se move. É como um apontador para Aquilo, mas em realidade não é isso. É até para além dessa tela, ou anterior à tela, por ser Aquilo que é a tela mas não a própria tela nem o que está passando nela. Perguntas?

Uma MOÇA alemã: *Ich verstehe leider kein Wort. Ich kann kein Englisch.* [\* Pena que não entendo nenhuma palavra. Não sei Inglês.].

KARL: Ah, isso soa bem. Ela está na posição melhor possível que se pode estar. Não entende Inglês.

LIZ: Ela vai se dar melhor que nós.

KARL: Vou lhe contar, muitos gostariam de estar na posição dela, fora do fogo. *Ja, geniess es einfach*. Divirta –se. *Ich weiss niemals was ich sage*. Nem mesmo eu sei o que digo. Mas isso de fato é o paraíso, se você não sabe o que diz. Absolutamente sem importância. Este ser total sendo absolutamente irrelevante. Sou totalmente *Irrer* –louco. Absolutamente louco.

LIZ: Mas curtindo cada minuto disso.

MONIKA: Deve ter algum mérito nisso. Senão, não o fariamos.

KARL: Se Aquilo que é o Si quer ser lembrado por qualquer coisa que é o Si e então coloca o Si cara a cara com esse Si a ser lembrado, sómente para ver que êle não precisa ser lembrado para ser o Si --- se isso for mérito --- fiiuu – soa bem.

CHARLES: Quem sabe, um dia você poderia dar um *satsang* inteiro em Alemão, e todos nós que não falamos alemão nos beneficiaríamos com isso. [risadas] Só os alemães iriam sofrer.

KARL: E no dia seguinte, em Japonês.

CHARLES: Zulu !

MONIKA: Suaheli !

THERESE: Gibberiano.

KARL: Falo o tempo todo em gibberiano. Em baby-lôniano. Da Bebê – lônia.

THERESE: Ou macaquês. Ee – ee – oo – oo – ah – ah !

KARL: Oh, você vai sentar aqui ! [risadas]

THERESE: Eu ví esse filme, *Greystone: The Legend of Tarzan*, e na saída eu falava macaquês. Adorei. Você não pensa mais. Só exprime algo – ah ah oo oo !

KARL: Oh, eles são bem tesudos, vou lhe contar.

CHARLES: Nem começa isso aqui conosco. Êles poderiam entender.

KARL: Therese, ouviu? Não faça isso em Tiruvannamalai, êles poderiam entender você.

THERESE: Sim, onde eu moro, o telhado vive cheio de macacos e eu fico olhando para êles e é como uh – oh !

KARL: Melhor falar em Hebreu. Oi yoi ! Perguntas? Vocês não ficaram colecionando questões nos últimos dias? Não chegam aqui com uma coleção de perguntas para mim?

LIZ: Ela sabe melhor.

KARL: Ela as deixa em casa onde estão bem protegidas. [risadas]

**Não há nenhum momento sem Aquilo que você é**

MR.IYER: Pode contar – nos algo de como você vê os poderes místicos exibidos pelos yogui, por exemplo, Yogui Ramsuratkumar? Ele curou muita gente de suas doenças.

KARL: Eu diria que eles lhe atribuíram isso, mas não foi êle.

MR.IYER: Perdão?

KARL: Você poderia dizer que teve cura aí, mas não foi por causa do Yogui. É simplesmente algo como uma coincidência. A cura vem da mesma fonte como a doença, e não de um Yogui. Êle nunca deu algo, e sempre apontava para isso. Se você chama – o de “Filho de Deus”, é simplesmente que êle é Aquilo que é a Fonte absoluta do universo. Mas por causa disso nada acontece.

Esse *siddhi* absoluto - de você ser o que é essa Fonte absoluta, o que é aceitação em si ou o que é graça em si – isso é a Fonte de tudo. É a Fonte tanto da doença como da saúde. Disso vem tudo, mas você não pode dizer o que – nada especial vem disso. Você precisa se dar conta de que é a Fonte de guerra e paz, de todas as feiuras e belezas – de tudo --- você é a Fonte.

E o Yogui Ramsuratkumar foi um apontador para isso, de ser essa impotência que é a Fonte absoluta de tudo que se pode imaginar. Mas por aquilo não hea nenhuma cura especial nem nada. Até cria doença, digo- lhe.

MR.IYER: Com Ramana ou Nisargadatta Maharaj você não encontra coisas como essas. Esse tipo de acontecimentos você só encontra no caso do Yogui.

KARL: Eu não lí os livros de Yogui ou o que êle disse. Eu simplesmente olho para Aquilo que ele é ou foi ou representou. E para mim, quando o encontrei e ví, êle representou essa despreocupação ou implacabilidade da existência. Êle não representou nada que foi escrito, sobre um mendigo ou um mestre *siddhi* ou não sei o que.

MR.IYER: Aqui uma coisa: Há mais ou menos dez, quinze anos, meu irmão estava vendo – o todas as noites. E uma noite, disse “Swami, não estarei aqui por alguns dias porque preciso operar a garganta.” Yogui perguntou qual era o problema e meu irmão explicou tudo. Então Yogui não disse nada. Apenas chamou –o e o abençoou. No dia seguinte, meu irmão foi para a cirurgia e eles fizeram o habitual check – up preliminar. Acontece que o resultado que acharam foi que não havia nada que indicava a necessidade de uma cirurgia. E eles mandaram–no para casa.

KARL: Mágico.

MR. IYER: Êle viajou então de Pondicherry diretamente par encontrar *Bhagavan* e lhe contou o que havia se passado no hospital. Êste disse, “Eu sei de tudo. Você vai para casa, leva isso, você por favor vem amanhã.”

KARL: Contaram a mesma coisa se Jesus e outros.

MR. IYER: Sim. No caso de Jesus, ele curou muita gente.

KARL: Mas aquele que cura – esse, não.

MR.IYER: É isso o que eu não consigo entender.

KARL: Mas a cura definitiva é quando lhe é dado o conhecimento total do que você é, através do conhecimento de ser Aquilo, de nunca ter nascido, nunca morrer --- e não

curando um corpo qualquer. Porque essa cura final, esse apontar para a natureza desse Coração que você é, é isso a cura absoluta. Que o corpo sara, pode ser um efeito collateral, mas todo corpo que foi curado agora está morto. É um ajustamento temporário.

Todos esses milagres são também temporários e simplesmente relativos, como um ‘show ‘ surpreendente, como David Copperfield que pode fazer um avião inteiro desaparecer, ou Sai Baba, que pode produzir um *linga*. Fazer o que? Não importa. Os dois não significam nada. São a magia da consciência que é capaz de tudo. Pode fazer aparecer e desaparecer uma montanha. Pode fazer aparecer e desaparecer o universo inteiro.

O que é mais mágico? Você é o mago total. Você deixa o universo inteiro aparecer por simplesmente tomando – o por algo real. Você cria criando tudo por simplesmente olhando – o.

Uma MOÇA: Isso é *lila* ou *maya*?

KARL: Maya? Hugo? Ele é um grande guru aqui, um guru alemão. [risadas]

THERESE: Eeh, esse que vem e vai? [\*trocadilho com “who go” e Hugo]

KARL: Hugo Mayer. Nome bonito. “Quem vai? Maya.” Assim, *maya* vem e vai.

BERTA: E como fica isso com Karl? [risadas] Renz !

KARL: “I rent and rend.”[\*alugo e passo]

MR.IYER: Outra coisa. Ouvi falar de bons e maus espíritos que possuem pessoas e controlam as suas atividades. Isso também você não encontra com Ramana ou Nisargadatta, mas no caso de alguns yoguis, às vezes você topa com isso. Como ver isso? Existe a possibilidade de ser controlado por outros seres? Tem algo assim?

KARL: Se você está na ideia de ter nascido, de que você existe e que há outros seres, você está no país sombrio dos espíritos, e vai ser controlado por outros espíritos. Como quer controlar os espíritos deles, você é controlado por eles. Enquanto houver um segundo “eu”, enquanto houver um “eu” feito espírito, você se encontra rodeado por inimigos, espíritos quaisquer. Você é cheio de espíritos, criando seis bilhões de espíritos, simplesmente tomando esse primeiro espírito “eu” por algo real. Assim, nesse espírito então tem bons e maus espíritos para você que é um espírito você mesmo. Enquanto você for esse espírito rodeado de outros espíritos, há bons e maus espíritos, como há boas e más pessoas. E tudo isso, no sonho.

Tudo isso vem com o primeiro pensamento “eu”. Com o primeiro espírito você cria todos os outros espíritos. Você está rodeado de outros espíritos porque você precisa controlar.

Mas vendo esse primeiro pensamento “eu” como um espírito, um fantasma, você é anterior àquilo, absolutamente anterior, na ausência total de qualquer ideia do que você é ou do que você não é. Então não há nada de espírito, nada de mundo, nada mais, a não ser Aquilo que é o que é. O resto são sombras fugazes, ou imagens de sonho, e mesmo esse sonhador, enquanto “eu”, é uma figura de sonho que vem e vai.

Mas no instante em que você toma esse primeiro sonhador por real, o sonho também é real. E nesse sonho, há espíritos, fantasmas, bons e maus rapazes, tudo isso. De modo que tudo depende da primeira raiz, “eu”.

Quando um yogui lhe diz que há bons e maus espíritos, e você consegue ocupar-se disso, então ele próprio ainda é um fantasma. Só pode falar a partir do que ele conhece. Então tudo que ele conhece, nesse espírito, -- fantasma, mago, bruxo blab la bla – ele vira isso. Pode ser que consegue controlar energia, pode ser que se torna um grande mestre de algo. Mas continua sendo ---

MARY: Projeção.

KARL: Projeção, e é como uma sombra controlar outra sombra. Nada mais.

SOFIA: Mas o que dizer de Ramana que apareceu a Papaji e lhe disse ---

KARL: E por que não? Ainda isso. Não um fantasma aparecendo a outro fantasma, mas simplesmente uma imagem aparecendo para outra imagem, como que dando uma sugestão. Como a montanha. Tem uma montanha aí? Sofia, tem aí uma montanha? Um vê uma montanha, outro vê pura luz. Qual a diferença?

Portanto existe Ramana, existe luz assumindo a imagem de Ramana, como um símbolo, como uma sugestão, como a montanha que é um total apontador, um apontador absoluto para Aquilo que é anterior à montanha. Portanto, se para a existência inteira, se para Aquilo que é a existência em si, essa montanha é um total apontador para Auilo que a existência é, então o que? Quando Ramana como imagem é tomado por Papaji como um símbolo nessa aparência, então o que? Mesmo aqui agora, Ramana ainda vive como imagem.

FRANCESCO: Sim, mas nessa crise, Ramana apareceu na frente de Papaji e lhe disse de ir a Tiruvannamalai para encontrar Ramana, e que isso seria para ele.

KARL: Sim, e daí? A Consciência não pode fazer isso?

FRANCESCO: Isso lhe ajudou, pois ele tinha viajado pela Índia por muitos anos à procura de um *guru*, sem achar.

KARL: Estava sempre dançando com Krishna.

FRANCESCO: Sim, mas isso é algo diferente.

KARL: Diferente como?

FRANCESCO: Bem, Ramana apareceu bem na sua frente e lhe disse par air a Tituvannamalai.

KARL: E Ramana perguntou –o onde estava Krishna agora.

FRANCESCO: Sim, mas quando Papaji realmente foi a Tiruvannamalai e estava em frente à Ramana, Papaji disse que Ramana olhou nos seus olhos e lhe deu a possibilidade de entender o que ele é.

KARL: Eu não estava aí.

FRANCESCO: Nem eu. Mas tenho esperança.

KARL: Espero que isso vai acontecer um dia para você.

FRANCESCO: É para isso que venho todos os dias para cá.

MARY: Sugestão, sugestão !

FRANCESCO: Olha nos meus olhos ! [risadas]

KARL: Apesar do que você disse agora, apesar de qualquer figura de Ramana, apesar da montanha ou do que quiser imaginar, você é. Só posso novamente apontar para isso. Apesar da sua compreensão desse “por que”, você é, não por causa disso. Mais tarde não vai haver mais compreensão. Talvez haja um certo controle de uma certa compreensão de determinadas circunstâncias, mas isso não pode controlar Aquilo que é você, como Aquilo que é compreensão em si. Você não pode acrescentar nada a essa compreensão absoluta que você já é, por nenhuma compreensão relativa do por que Ramana apareceu a quem, ou de qualquer tra-la-la.

FRANCESCO: Sim, mas é simplesmente bonito. Se eu estivesse na Itália, e Ramana estivesse na porta, do lado de fora, e dissesse para mim, “Oh, Francesco, como vai você?”, isso seria bonito, sabia? Simplesmente, como “tomar outro café.”

KARL: Se fosse assim, você não falaria disso. Não estou dizendo que tem algo errado ou certo com isso, só digo que não é nada especial, ter certas visões de alguém.

SOFIA: Então, se eu sonho com o mestre ou tenho uma visão do mestre, ou se o mestre está aí, dá exatamente na mesma?

KARL: Novamente e mais uma vez, só posso dizer que não tem nenhum momento, não tem nenhuma coisa, sem Aquilo que você é. E Aquilo é o mestre em si. Você é Aquilo que é o mestre. Esse mestre que se pode experimentar é simplesmente um reflexo dele. Assim que essas imagens que você chama o seu mestre são somente imagens. Mas esse mestre que você é, e que está sempre presente em qualquer momento dado ou em qualquer circunstância, sem ele, o que é um mestre? Não teria nem mesmo uma circunstância, nenhum aparecimento de Ramana, e nenhum sonho de qualquer mestre, nem nada disso. Portanto, esse mestre, essa graça que é o que você é, está sempre aí, sem nenhum ir e vir.

Todo mestre de imagens que vêm e vão é talvez algo como um extra bonito, mas não pode acrescentar nada ao que você é. Se gosta disso, tudo bem. Mas se você fizer disso algo especial e tomá-lo como *minha* experiência de um mestre, pois “eu fui especialmente escolhido, já que o mestre vem me ver durante a noite,” e então você toma isso pessoalmente, você de novo está na mesma merda.

MARY: É falso.

KARL: Falso ou não falso. Você simplesmente toma algo pessoalmente. Como na tal de experiência de iluminação. No instante em que tomar isso pessoalmente, você sai para contar e quer vendê-lo. “Minha experiência !” O que é isso? Mas acontece.

BERTA: Estamos falando sobre Aquilo no qual você está estabelecido?

KARL: Não, eu não estou falando de nada. Esqueça !

BERTA: Você está falando sobre algo de que não se pode falar.

KARL: Sim, e digo mesmo que falo sobre algo de que não posso falar.

BERTA: É o que todos os mestres fazem. Ou seja, é outra palavra para “mestre”.

KARL: É problema seu se me chama de “mestre”. Eu não conheço mestre nenhum.

BERTA: Mas é o que mestres fazem. Falam sobre algo de que não se pode dizer nada.

KARL: Eu sou um mestre da fala. [risadas]

THERESE: Um mestre escola [\*head master = literalmente ‘mestre cabeça ‘]

MARY: Nada de cabeça.

KARL: Sou a vingança da Alemanha para a Holanda ! [risadas]

MONIKA: Não, a vingança dos holandeses para os alemães! Ao contrario ! [mais risadas ainda]

MARY: Outro dia alguém fez uma imagem bonita. Disse que Ramana Maharshi e Arunachala seriam um. Arunachala é o potencial, totalidade, eletricidade, e Ramana é a lâmpada, cinético, o que brilha, a irradiação. E são só um e o mesmo. Achei isso bom. É apenas uma imagem.

KARL: Imagem bonita. Eu diria que há uma luz estável e uma luz corrente. É só. Ambos são luz. Como o Monte Kailas sendo a casa de Shiva, e é o próprio Shiva.

## **Esse absoluto “sem saída” é paz, e o resto é tentar escapar**

Uma MOÇA francesa: Com relação à criação, no sentido em que você usa o termo – é que eu crio o mundo ao usar os sentidos?

KARL: Não, você não cria algo. Não pode criar o que já está aí.

MOÇA: Sim, mas você diz que nós somos o criador.

KARL: Mas o criador faz parte da criação. A ideia de Deus como “o Criador” faz parte da criação. Esse Deus Criador faz parte da manifestação do Si. Mas nisso nada é criado e não tem ninguém que ao dar sua atenção a algo ou a over algo, está criando algo. Tem somente o Si, somente Coração, e não tem nem criador nem criação. De modo que você não pode jamais criar algo, dando a sua atenção a algo.

MOÇA: Antes você disse que, ao olhar você cria, você torna este mundo real.

KARL: Não, por tomar esse criador como alguém real, surge um criador e uma criação. Mas de fato é tudo o Si, e o Si é infinito e nunca aparece nem desaparece. Ao virar esse criador, como “eu”, ao tomar esse criador por alguém real, você se separa do que você já é. Assume uma imagem, uma forma, como algo real, - mas mesmo esse “Deus Criador” é uma imagem, simplesmente uma ideia. Você continua dando um passo para fora dessa ausência – de – Deus que você é, para fora desse paraíso do não – saber, para dentro de uma ideia.

A partir dessa ideia de “criador” você cria imagens e formas. E assim torna –se a consciência- sem- forma como um criador que cria todo tipo de “in – form – ações”. Mas isso já é sonho. É ficção. É falso. Portanto você nunca criou algo, como também nunca houve nem criador nem criação. Tudo que é, é Coração ou Si. E n’Aquilo, nada jamais aparece nem desaparece. Assim que não há um criar, nem mesmo há aparecimento ou desaparecimento. Fazer o que com isso?

MOÇA: Nada.

KARL: Então você vê que tudo que vem desse sonhador, dessa ideia de uma imagem dum sonhador que acorda de manhã, é simplesmente parte do sonho absoluto que está aí absolutamente, sem nenhum surgir e sumir. Nada acontece aí. Nada jamais pode desaparecer, como nada jamais apareceu. Nada jamais foi criado, portanto nada há que pode desaparecer.

Não tem mesmo a sua ilusão de um aparecer e desaparecer. Até essa ilusão é infinita. Nada é por sua causa.

MOÇA: Quando eu disse isso, o “eu” não é o ‘eu’ pequeno.

KARL: Mesmo o grande ‘eu’. O ‘eu’ gigante. [ambos riem] Não, Aquilo que é o Si nunca criou algo. Não tem nada disso de criação ou criador em tudo que é existência. Somente tem essa existência absoluta, sem nenhum vir e ir. Nada é jamais criado por alguém, nem mesmo por Aquilo que é o Criador. Tudo isso é uma realização feita sonho, e esse sonho é tão sólido como pode ser, enquanto manifestação ou realização dessa existência absoluta. Nada há para ser visto ou compreendido. Simplesmente seja Aquilo que nunca chega, que nunca nasceu, que nunca pode ser criado e nunca pode criar.

[silêncio]

MONIKA: Achei que fosse tudo por minha culpa ! [risadas]

KARL: Nem mesmo isso foi culpa sua, de ter pensado que tudo fosse culpa sua. Mas isso é apenas um apontador total. E isso é paz. O resto é ficção. O resto é, de novo, tentar compreender e controlar o que é existência.

Essa existência, essa existência mística, o mistério da existência absoluta, você não pode jamais revelar tal como é. Você tem que sê – lo. Sendo – o, não tem nem conhecimento nem não – conhecimento disso. Tem simplesmente Aquilo que você é como o que é. Portanto todos esses acontecimentos, essas ideias de sonho que chegam e vão, não podem tocar o que você é. E somente isso é paz em si. O resto é ficção.

Um MOÇO ingles: Como podemos realizar essa paz?

KARL: Essa paz é sempre – realizada e não necessita da sua realização dela.

MOÇO: E como posso realizar que isso é o caso?

KARL: Não tem nenhum “como” nisso. Jamais vai ser no tempo. Jamais vai ser numa ideia qualquer. Jamais vai ser da posse de alguém. Assim, essa nudez da existência não pode ser propriedade de ninguém. Você tem que sê – la absolutamente. Tem que ser essa nudez que é a ausência absoluta de qualquer ideia do que você é e do que você não é. Você é mesmo a ausência da ausência disso, o que é a omnipresença d’Aquilo que é a existência em si, e que não tem experiência nenhuma dessa presença.

MOÇO: Parece que você de alguma maneira me dá um objetivo, o de ser o que eu sou, de ser a existência anterior aos fenômenos.

KARL: Tudo que você pode deixar para trás, você não pode ser. De existir, você não pode deixar para trás. Portanto você não pode *não* ser o que você é, mas tudo que pode te deixar, não é você.

Todas as ideias chegam e vão embora, são simplesmente conceitos. Podem te deixar. Portanto você pode acreditar ou não nelas, - de toda maneira elas vão te deixar.

Para acreditar ou não acreditar, você precisa antes ser. E Aquilo que é anterior a um sistema de credos de ser ou não ser, não pode ser alcançado por você. Mas ao invés de saber ou não saber disso, você *é* esse conhecimento absoluto, sem nenhuma relação com um saber relativo maior ou menor. Portanto, digo – lhe, você não pode *não* ser o que é, pois jamais perdeu a si mesmo.

MOÇO: Mas veja, sou habitualmente assim – sinto que preciso ter uma técnica. Isso está tão arraigado em mim. Não consigo escapar à sensação de que preciso saber como fazê – lo.

KARL: Bem. Pode usar técnicas. Por que não? Não tenho nada contra.

MOÇO: Mas o que você parece dizer é que eu não preciso de nenhuma técnica.

KARL: Não, Aquilo que você é não precisa de nenhuma técnica. E o que você não é precisa de todas as técnicas possíveis só para sobreviver. [risadas]

Não se pode misturar as coisas. Aquilo que você é jamais precisou de qualquer técnica, mas o falso “eu” precisa de todas as técnica só para sobreviver. Assim, tudo que o falso faz, toda técnica usada, mantém o falso vivo. Essa ideia falsa de “criador”, “eu sou”, a consciência, faz de tudo, todas as teaticas, para sair desse tique – taque. Mas por tentar tudo para sair do tique – taque, está fixando esse tique – taque no tempo.

Tudo que você faz para sair do tempo assegura que você está no tempo. Como pessoa, como um “eu”, você tem que tornar o tempo algo real. Do contrario, não haveria mais “eu”.

MOÇO: Sim.

KARL: Portanto tudo que faz, é um sistema de sobrevivência

MOÇO: Bem, eu compreendo você, mas ainda não deu o clic.

KARL: Não, nunca vai dar o clic. Isso é um clic. Nunca jamais. Você é nunca – jamais ! Mas nunca, jamais vai ouvir esse clic. Porque quando esse clic se dá, não tem ninguém para ouvi – lo.

É como atirar em si mesmo? Você nunca ouve o banguê.

KARL: Algo parecido. Você já morreu antes de ouvir o banguê. [risadas]

Soa bem. Para o que você é vai ser sempre depressa demais ou devagar demais. Então lhe digo que você não pode *não* fazer *sadhana*, mas que apesar dos *sadhana*, Aquilo que você é existe. Só que, esse *sadhana* mantém vivo o que faz *sadhana*.

Um MOÇO: E por que não?

KARL: Sim, por que não? Eu só aponto que você não pode tornar – se o que é por deixar de fazer *sadhana*, exatamente como não pode, por fazer *sadhana*, tornar – se o que é. Os dois são o.k. ; os dois são irrelevantes.

E´essa a beleza, mesmo dos *sadhana*. Você os faz, mas não é ninguém que os faz. São simplesmente divertimento do Si, todo o tempo. Mas isso é meditação ! Isso é liberdade,

mesmo na meditação. Pois meditação só existe quando não há expectativa de resultados. Sem intenções, não tem mais pessoa. Assim, quando tem meditação, já tem absoluta consciência cósmica, como Aquilo que é a consciência que medita sobre Aquilo que é o Si.

Mas *com* intenção, quando tem ação com intenção, você vira uma pessoa. Essa intenção mantém o seu “eu” vivo, pois há uma ideia de vantagem ali, meditando para ganhar algo com isso – mais liberdade pessoal, paz ou algo mais que você pode pronunciar. Não há nada de certo ou errado com isso. Eu só chamo a atenção para o funcionamento disso, dessa experiência de “eu” [levanta polegar, dedo indicador e então dedo médio].

A função do “eu” é a de se ter uma intenção para se manter vivo. E então vem “eu sou”, simples meditação sem intenção [levanta polegar e dedo indicador]. E anterior ao “eu sou” é “eu”, pura consciência [levanta polegar], e anterior a isso é Coração [mão fechada em punho]. Coração nunca precisa de “eu”, “eu sou, e”meu “, mas eles todos aparecem n’Aquilo que é Coração. Assim nada é jamais criado, porque coração é o primeiro e o último.

Portanto onde quer que seja, em todas as dimensões, em todos os mundos, tempos, tudo isso precisa de intenção, porque só há tempo quando há intenção. Só há “eu” quando há intenção. Assim, tudo que você faz, mantém isso vivo. É um sistema de sobrevivência nisso [polegar, indicador, dedo médio]. Quando não há intenção, tem o “eu sou” sem forma [polegar e indicador] que medita. Por nenhuma intenção, mantém o “eu sou” vivo. E então, anterior a isso é a pura consciência como “eu” [polegar], simplesmente presença. E pura consciência mantém pura consciência viva, simplesmente como algo automático.

Mas anterior a isso é Aquilo que é pura consciência e Aquilo que é “eu – sou”-dade e Aquilo que é “eu sou assim” – dade. Isso [mostra os três dedos e logo os fecha novamente em punho] é sempre Aquilo que é Coração [punho] e isso [abre os três dedos e logo os fecha em punho novamente, repetidamente] é a realização d’Aquilo [punho], e aí não há diferença.

Você não pode criar nenhuma necessidade d’Aquilo [punho] que nunca precisou de “eu” [polegar] ou disso [polegar e indicador] ou disso [polegar, indicador e dedo médio]. Mas isso [polegar, indicador, dedo médio] precisam de intenção, isso [polegar e indicador] precisam de nenhuma intenção, e isso [polegar] precisa ser a Fonte de intenção e não – intenção. Portanto essa ausência de tempo cria tempo e não – tempo. Mas ausência de tempo já precisa d’Aquilo que é ausência de tempo, como o que é não – tempo precisa d’Aquilo que é não – tempo, e o que é tempo precisa d’Aquilo que é tempo. E Aquilo é Coração. Muito simples. Então seja Aquilo, já que você não pode *não* ser Aquilo.

MOÇO Inglês: Sim. A maneira de sê-lo é, sê – lo.

KARL: Não há outro caminho.

LIZ: Muito simples !

Um MOÇO irlandês: Esse “nenhuma intenção” mantém o “eu sou” vivo? Mas isso acontece bem naturalmente, sem nenhum esforço.

KARL: Sim, mas “sem esforço” precisa de nenhum esforço para ser sem esforço.

MOÇO: Não nego isso.

KARL: Sim, mas aí tem ainda uma definição, “sem esforço”.

MOÇO: Mas estive prestando atenção ao que você disse, de que “nenhuma intenção” mantém o “eu sou” vivo.

KARL Mas o “nenhuma intenção” só existe porque tem a intenção do “eu sou assim assim”. Do contrario, você não iria defini-lo. Só há não-tempo porque há tempo. Só há “não-intenção” porque há intenção.

MOÇO: Sem dúvida, sem dúvida.

KARL: Estou apenas apontando para isso. É como um sistema de sobrevivência porque tem aí polaridades que mantêm os dois vivos. O vazio só existe porque existe a plenitude. Portanto a plenitude é vazia, e o vazio é pleno. Forma é não-forma, e não-forma é forma. A sobrevivência de “forma” é de ser forma. A sobrevivência de “eu” é de ser Eu. Mas para isso [mão fechada em punho] não existe sobrevivência.

MOÇO: Mas me dá a sensação que ali não tem ninguém.

KARL: Nunca houve alguém. Mas ainda tem um. Até para dizer, “Ali não há ninguém”, ainda tem que ter alguém. Quem experimenta esse “ninguem”? [rindo] Um belo embuste. Belo arbusto e nenhum arbusto.

CHARLES: E você não pode responder agora a não-pergunta?

KARL: [rindo] Esse vai ser o truque final. Você precisa ver até a dependência da não-dependência.

MOÇO irlandês:[rindo] O que quer dizer isso?

KARL: Uma ideia de “não-dependência” necessita que haja nenhuma dependência. Portanto depende da não-dependência.

MOÇO: Mas cadê a ideia de “não-dependência”?

KARL: Pois você acaba de falar dela.

MOÇO: Eu estava ouvindo você! [risadas]

KARL: Mesmo o “eu sou” depende ainda do “*Eu sou*”. É “eu” dependendo de “*Eu*”.

MARY: E como fica o “é”?

KARL: Qual “é”?

MARY: Bem, - “é”.

KARL: “É” depende de “é”.

MARY: “É” já é melhor que “eu sou”.

KARL: Melhor? [risadas] Você não consegue sair da dependência da existência. Isso é um “sem saída” que você depende do que você é. Você não pode escapar da existência já que você é Aquilo que é existência.

Portanto tem uma dependência absoluta, já que você não pode escapar do que você é. Isso é o absoluto “sem saída”. Um pouco mais ou menos de dependência, quem se importa? É esse o ponto. Há dependência no “eu”, há dependência no “eu sou”, e assim

por diante, e tudo dependendo da dependência absoluta de que você é Aquilo. E esse absoluto “sem saída” é paz, e o resto é tentativa de escapar.

MRS ANGELINA: Não é possível.

KARL: Toda tentativa sua de encontrar uma saída daquilo que é, é suicídio, e então você reclama que a vida é uma miséria. A cada momento em que você quer escapar do que é, você quer escapar do que você é, e então você sofre por causa disso. É o começo do sofrimento, dando um passo fora da aceitação de ser Aquilo que é a existência. Você entra numa vida de objeto, e então quer escapar a essa vida de objeto. Mas mesmo disso você não pode escapar, já que mesmo isso é uma experiência daquilo que é você.

Você não pode *não* experimentarmos o que você é. Você não pode *não* realizar o que você é, ou seja, nunca vai haver qualquer escape em qualquer sentido. Aleluia ! Tchau – tchau. Finalmente, Amen. Agradeço, agradeço. Sempre me surpreende quando alguém me ouve. Total surpresa. [risadas]

## 22 de Janeiro de 2004

Você é Aquilo que é o “em-casa” ; ou, - o fim de todos os fins

### ”Desaparece” o professor

KARL: Ventando bastante. *Kommt die Katze* [\*A gata vem vindo], hoje.

GEORG: *Hier kommt die Katze* [\*Aqui vem vindo a gata] ! “Kamikaze !”

THERESE: Kamikaze! Miaauu!

[Karl de costume não está cercado por nenhum dos usuais sinais de reverencia a mestres espirituais na Índia, como grinaldas de flores e incensos. Apenas uma simples cadeira na frente do espaço, para ele sentar quando chega. Mas neste dia, alguém colocou duas flores no suporte de bambu atrás e acima da cadeira de Karl e duas flores nos braços da cadeira.]

KARL: Aqui e aqui – O que?

FRANCESCO: [apontando Monika] Ela fez isso.

KARL: Oh meu, meu ---

GEORG: *Flower Power*.

KARL: Flower Power ! De volta aos anos sessenta.

GEORG: California, sim.

MONIKA: É da Holanda, do “flower Bauer” [\* camponês das flores]

THERESE: Tenho boas noticias. Hoje é dia de confusão.

MONIKA: Boas noticias?

SOFIA: Só hoje?

THERESE: Ainda mais hoje. Esse moço da India me deu carona desde o “Mountain View”, e eu lhe disse, “Oh, hoje estou meio atrasada” e êle, “Oh, não se preocupa, hoje é um dia de confusão, por causa da astrologia.” Portanto se você tiver planos, eles vão todos ser confundidos. Eu disse, “*Disso* o Karl vai gostar – dia de confusão !” [risadas]

KARL: Assim que você recebe uma infusão de confusão. Tudo bem. De novo confusão. Fazer o que?

KRISTOPH: A mente é confusão.

KARL: Então haveria algo como uma mente. Não adianta dar-lhe outro nome. Primeiro, trata de achar mente, e depois lhe dá um nome. Pois isso é confusão, - que você não pode achar nada.

KRISTOPH: Só brincando com palavras.

KARL: É o que eu disse.

THERESE: Eeh, Karl, está ficando perigoso. Você ganha flores em volta. Respeito

chegando !

KARL: Sim, é preciso tomar cuidado.

THERESE: Respeito, autoridade.

KARL: Fiz algo errado, acho. [risadas] Algo deu errado aqui. [olha em volta para as flores que marcam os quarto cantos de um quadrado em volta dêle.] Quatro.

GEORG: Enquadrando você.

KARL: Enquadrando. Todos me querem enquadrar, com certeza ! [risadas] É realmente perigoso. O quadro do “divino amor”.

JAMES: A razão pela qual querem te enquadrar, Karl, é porque você sabe que é tudo por sua culpa.

KARL: Tudo bem, crucificado ! Me preguem. Me enquadram. Dá na mesma.

JAMES: Não trouxe os pregos.

KARL: Não? Você não trouxe nenhuma pergunta?

JAMES: Veio uma pergunta, por pura brincadeira. Do ponto de vista ou da perspectiva da realização do Si, pareceria que um individuo que é Si-realizado não seria crítico para com a manifestação, e especificamente, para com outros mestres.

KARL: Quem diz isso?

JAMES: Bem, é só uma ideia, mas cada mestre que eu conheci fica criticando outros mestres.

KARL: Sim, assim tem que ser.

JAMES: Pode explicar isso? Por que tem que ser assim?

KARL: Porque esse aspecto de Shiva precisa destruir tudo, até a si mesmo enquanto um mestre. Isso é um ensinamento para destruir todos os ensinamentos e mestres e tudo que pode ser falado. Isso não é uma crítica ou um cinismo ; é simplesmente que nada pode ser deixado sobrar. Nenhum mestre, nenhum ensinamento, nenhum discípulo. Isso é o aspecto detruidor de Shiva.

Portanto isso não é um ponto de vista crítico. É simplesmente que você precisa retirar tudo que pode ser retirado. Mesmo todos os mestres porque você deixa claro, “Veja, eles não podem lhe ajudar. Ninguém tem algo a mais. Ninguém tem esse nectar para lhe dar.”

JAMES: Sim, penso que soa bem se criticar outros mestres.

KARL: Não é criticar nada. É destruí –los. Destruí – los na sua frente.

JAMES: Penso que está bem criticar outros mestres e então ao mesmo tempo criticar a si mesmo. Mas alguns só criticam outros mestres.

KARL: Alguns? Então ele precisam dar mais um passo. Porque é preciso d’ êles mesmos “desaparecer” na sua frente. Mas talvez isso vem logo. Quem sabe? Por que você questiona isso?

JAMES: Vejo que isso traz à tona uma outra questão que é de que algumas pessoas

pegam um mestre e o colocam num pedestal, você sabe, que é muito muito alto.

KARL: E pensam que então estão seguros ou o que?

JAMES: É uma projeção, certo?

KARL: Simples brincadeira. Sem perigo.

LOUISE: Tem algo além da brincadeira aí?

KARL: Pura brincadeira.

LOUISE: E é tudo isso --- brincadeira?

KARL: Sim, além da brincadeira, tem brincadeira.

LOUISE: Além?

KARL: Tem brincadeira.

LOUISE: Vai dizendo, vai dizendo.

[Karl fica em silêncio por um instante. Todos os olhos estão nêle. De repente, uma das flores solta do bambu acima da cabeça de Karl e cai no chão com um pequeno ruído. Várias pessoas exclamam, “Ah !”]

KARL: Você vê, e então isso vem abaixo. [risadas]

LOUISE: Então você tem ressaca.

KARL: De que?

LOUISE: De demasiada brincadeira ?

KARL: De quem? Brincadeira é a ausência de alguém que fica brincando ou não brincando. Então só há brincadeira e nada de ressaca. Mas como você vê isso como uma brincadeira pessoal, sempre tem uma ressaca depois, porque você faz uma diferença entre brincadeira e algo outro. Mas se não há nada além da brincadeira, não tem mais ninguém que fica brincando. Disso não tem ressaca. Só quando há uma polaridade entre brincadeira e não – brincadeira, entre felicidade e infelicidade, então você fica com ressaca dessa felicidade, desse nectar, da brincadeira, da divina feliz ---

LOUISE: -- infinita brincadeira !

KARL: Bom. Mas talvez nem mesmo há brincadeira.

LOUISE: Oh !

[De repente, do bambu acima da cabeça de Karl cai uma segunda flor para o chão. As pessoas explodem em risadas]

KARL: Então novamente saio do quadro --- fazendo nada. As coisas simplesmente caem por si.

FRANCESCO: [levantando uma flor e oferecendo – a a Karl] Quer?

KARL: Não, fica melhor em você.

FRANCESCO: Obrigado. Amanhã vou trocar de *guru*.

KARL: Amanhã você troca de *guru*? Tudo bem.

FRANCESCO: Tudo bem? Um segundo ! Antes do “tudo bem” você me diz, ”Não, por que?”

KARL: Você acha que ganha isso de mim?

FRANCESCO: Eu sei. Estou brincando.

KARL: Seria algo como, “Por favor, fique !” Portanto nem mesmo brincadeira. [cobre a cabeça] Algo mais tem que cair agora? [risadas]

MONIKA: O teto.

JAMES: Você diria que é Karl o que precisa cair?

KARL: Não. Como pode algo cair que nunca esteve aí? Primeiro acha algo que existe, depois podemos falar sobre algo que precisa desaparecer.

JAMES: Boa resposta ! [risadas] Penso que provavelmente para alguns de nós, eu incluído, ainda penso que aí tem um “Karl”.

KARL: Sim, divirta –se com Karl, como isso [aponta para si mesmo] também se diverte com Karl.

JAMES: Outra boa resposta.

KARL: É tudo “fun – tástico.” [\*fun = diversão] Tudo “fun – tasia”. Tudo é “fun – tástico”, e tudo é diversão.

Sofia, algo a acrescentar? [para o resto do grupo] Sofia quer agora urgentemente tomar peyote e realmente ‘ voar ‘ embora. [Sofia ri] “De uma vez por todas, quero romper as amarras dessa escravidão de ---”

THERESE: Divertido ! [risadas] Esta manhã estive pensando como preciso ir achar outro mestre, e então eu jea estava sentindo falta dessa diversão daqui. Não quero sentar em silêncio.

KARL: Você nunca senta em silêncio mesmo ! Que ideia que alguém poderia ser deixado em silêncio. “Estou sentada em silêncio.”

BERTA: Sim, mas isso foi também o que Ramana ensinava.

KARL: Mas não sentado em silêncio.

BERTA: Êle estava em silêncio.

KARL: Não, não estava. Havia silêncio, mas ali não havia ninguém que estava em silêncio. Essa é a diferença. Como o que você é também é silêncio, sem diferença. E esse barulho, esse movimento ou o que seja, não podem perturbar esse silêncio, - só isso. Êle estava sempre consciente desse silêncio, mas não havia ninguém consciente. Simplesmente havia esse silêncio consciente de si mesmo.

BERTA: Acho que foi isso o que me encantava tanto com Papaji.

KARL: Não faço ideia.

BERTA: Porque ele também era o que você está dizendo mas não pode dizer. É como que êle também estava em silêncio.

KARL: Mas ali não tinha ninguém em silêncio.

BERTA: É isso o que eu quis dizer ; não consigo dizê – lo como você.

KARL: Esqueça Papaji, a forma, o nome, tudo isso. Nunca houve um Papaji. Silêncio existirá, com ou sem esse nome de Papaji ou qualquer mestre ou algo assim. Sil êncio é o que é a existência em si. Não necessita de nomes de Papaji ou Ramana ou sei lá o que, nem de Arunachala.

BERTA: Se você nunca ouviu falar disso, é uma maravilha de ter um homem como Papaji com o que você senta em silêncio, e então você adquire pura consciência d’Aquilo que você já é.

KARL: Não, pode ser que êle lhe mostra que  *você*  não vai jamais sentar em silêncio. Não vai ser o  *seu*  silêncio --- isso êle pode lhe mostrar. Mas você não pode nunca sentar som alguém em silêncio. Ninguém pode trazer – lhe esse silêncio que você é. Nem mesmo Papaji ou Ramana ou qualquer forma que seja. Êle pode deixar claro que êle não é diferente do que é você, esse silêncio é a sua natureza, a sua verdadeira natureza. Nada precisa vir, nada precisa ir para isso, e êle não pode lhe trazer isso nem lhe dar algo. Não há nada para dar, nada a ensinar, nada a ganhar, de ninguém, nem mesmo dêle.

Digo – lhe e repito, se realmente respeita Papaji, deixa êle morrer como figura, como um nome. Seja o que é Papaji, esquecendo – o totalmente e não fazendo dêle um ícone.

KRISTOPH: Se encontrar Buddha, mata – o.

KARL: Se você realmente respeita Aquilo que você chama o seu mestre, deixa que êle morre na sua frente, porque ele quer que você o deixe morrer, assim que você morre com êle, no mesmo instante, para Aquilo que é silêncio, onde não tem Papaji nem você, nem nada outro mais --- onde tem puro silêncio, como Aquilo que é Si, sem nada segundo.

KAATJE: Então precisamos só relaxar e deixar passar.

KARL: Você não pode jamais relaxar ! Não pode tornar-se mais relaxada do que já é. Você é o próprio relaxamento. Que ideia de poder ficar mais relaxada, ou que uma pessoa pode jamais ser o bastante relaxada para entrar nesse silêncio. Nunca jamais qualquer forma pode atingir esse silêncio. Que ideia de que você pode relaxar ! [pausa] Nada de esperança.

E o relaxamento novo, vai lhe trazer o que? O que é novo, fica velho e pode sumir de novo. Esqueça. Aquilo que é a sua natureza está aqui agora absolutamente relaxado. E esse relaxamento novo é simplesmente como uma ideia, uma ilusão, de alguém que êle mesmo uma ilusão.

## **Varrendo sistemas de crença**

PETE: Você vai falar sobre a diferença entre o “eu” e o “eu sou”? Vivo confundindo os dois. Você estava dizendo que o “eu sou” é sem forma, e o “eu sou assim – assim” é forma ---

KARL: Sim, e o que é o puro “eu” é a ausência de forma e sem - forma. É a Fonte de forma e não - forma , o que é pura consciência. Ali não há nem ideia de “não – forma”.

Na pura consciência não tem segundo. Nem espaço há.

O “eu sou” já é consciência como espaço, sem forma. E a partir desse espaço ou vazio, vem a forma. “In – form – ação”. Os dois vem juntos numa vez, como polaridade, forma e não – forma, como um só.

PETE: Então o “eu sou” é forma potencial?

KARL: Não, já o “eu sou” é como forma. Mesmo a não – forma é uma espécie de forma. Os dois vêm juntos. Não tem forma sem não – forma. Não tem vazio sem ter plenitude . Ambos vêm juntos numa vez a partir do que é o Pai, pura consciência.

No Cristianismo você poderia dizer que o Pai [levanta o polegar] é pura consciência como Fonte, e então o “eu sou” [polegar e dedo indicador] é o Espírito Santo, e a partir do Espírito Santo vem informação como “eu sou assim – assim” [polegar, indicador e dedo médio]. Assim, o sem – forma “in – forma” – se para ser “in – form – ação”. Ambos vêm juntos do Pai, do que é pura consciência. Assim, Pai [polegar], Espírito Santo [polegar e indicador], Filho, ou mundo [polegar, indicador e dedo médio] , - como uma nova Trindade.

Mas Aquilo [mão fechada em punho] é o que é você. Assim mesmo com pura consciência, você é Aquilo que é pura consciência. Depois vem a “eu – sou” – dada, e você é Aquilo que é “eu = sou” – dada. E então a “eu- sou – assim – assim” – dada, ou o mundo, e você é Aquilo que é o mundo. E você é aqui agora Aquilo que é Coração em si, como pura consciência, como “eu – sou” dada e como “eu – sou – assim” – dada [levanta os dedos, um dois, tres – e de volta para o punho, em rápida sucessão repetidamente].

E nisso tudo é silêncio. Porque silêncio é tudo que há. Nada se passa n’Aquilo. Jamais algo surge ou some n’Aquilo que você é.

THERESE: [levantando os três dedos e depois recolhendo –os para a mão fechada em punho] Mas daqui isso vai para ali – ou seja, algo se passou.

KARL: Nada se passou. Este acordar da pura consciência é sem fim e nunca começou. Igual como isso é [punho], também estes são [polegar e dedos indicador e medio]. Não tem um acordar daquilo para isso [dedo para dedo]. Você não pode acordar, isso nunca se passa.

Há uma totalidade como Coração e manifestação. Isso nunca vem, nunca vai. Tão infinito como é Aquilo que é Coração, é Aquilo que é manifestação. Ali não há vir nem ir. Isso jamais acorda para nada. Pura consciência é tão infinita como Aquilo que é pura consciência, e “eu –sou” – dada é tão infinita como Aquilo que é “eu – sou” – dada, e “eu sou o mundo” é tão infinito como Aquilo que é o mundo.

Portanto nunca teve um acordar. Você não pode colocar tempo em algo onde não há tempo. Jamais teve algo como tempo, algo como criar, algo criado por alguém. Tudo que é, é. Jamais teve um momento de ‘big bang ‘. Pode haver um Big Ben em Londres, mas nenhum big bang na existência. Espero que isso tenha ficado claro agora ! [risadas]

Mass ó isso é paz, essa paz absoluta, imensa, d’Aquilo que é Coração, que nunca vem, nunca vai. Realização não é nada diferente d’Aquilo que é Coração, já que tudo que há, é Coração, ou Si. Isso é tão sólido como pode ser. Nunca muda, nunca vem, nunca vai. Este momento é tão infinito como Aquilo que é Coração, porque a essência deste momento

aqui agora é Aquilo que é Coração.

JAMES: Esses três estados existem simultaneamente? Ou eles existem tanto simultaneamente como não simultaneamente?

KARL: Eles são, mas não são.

JAMES: E não tem ninguém em nenhum desses três estados?

KARL: Não, você é Aquilo que é Si em qualquer circunstância, mas você mesmo não tem nenhuma circunstância. O que você é nunca está numa circunstância. Todas as circunstâncias são a sua realização infinita, mas não tem ninguém que está em qualquer circunstância.

É isso que significa dizer *Se Encontrar o Buddha na Estrada, Mata – o*. Porque Buddha não pode andar na terra. Não é jamais uma forma ou um nome ou algo assim. É um belo título de livro. Ajuda para ver qual é a sua natureza, Aquilo que é Buddha em si, essa natureza de Buddha que jamais pode incarnar em nada. Que nunca está numa circunstância ou andando pela terra. Que nunca faz parte de nada, porque não pode ser separada de algo outro. Portanto nunca está em nenhum lugar, mas não há nenhum lugar sem isso.

JAMES: É por isso que não tem ninguém iluminado?

KARL: Não tem nem nunca terá. Mais uma vez, quando perguntaram a Ramana sobre a sua realização, ele disse que o Si é sempre-realizado e Ramana não difere do Si, portanto Aquilo que é Ramana é tão sempre – realizado como Aquilo que é Si. Sem nenhuma dúvida. Não tem nenhuma nova realização, de espécie alguma. Portanto você pode realizar que é realizado. Mas isso não é nada de novo. Não tem ninguém que está mais realizado que um outro.

Entra, pode olhar. Por favor senta. Quer um gole? [bebe da sua garrafa de suco].  
Obrigado.

FRANCESCO: Eu amo você. [ouve – se o som do líquido] Oh, tão depressa você – [risadas]

KARL: Vai muito rápido ! Tem alguma pergunta sobre isso, sobre diversão pessoal?

KRISTOPH: Em algum momento a estória pessoal tem que acabar. Não é assim? Como você pode dizer que não tem história pessoal.

KARL: Nada precisa terminar. No fim -- no que você chama de “fim” – você pode ver que não houve começo.

KRISTOPH: Tudo bem. Você vê isso do ponto de vista do Absoluto, mas tem também o ponto de vista pessoal, não?

KARL: Sim, ouvi falar.

KRISTOPH: Mas se você se lembra da sua história – talvez você não consegue mais lembrar-se – você também esteve uma vez nesse estado onde estava identificado com a sua forma.

KARL: Não, eu nunca estive em nenhum estado. Esse estado de ignorância apareceu n’Aquilo que eu sou, mas o que eu sou nunca foi ignorante. Portanto nunca estive num

estado ignorante. Esse estado ignorante que você chamaria de “uma pessoa”, apareceu n’Aquilo que eu sou. E pode desaparecer. Mas não há necessidade disso. E quem se importa com isso? Quem precisa que isso caia? Quem precisa que isso termine? Não faço ideia.

KRISTOPH: Então isso é como algo fugaz – como uma folha [\*leaf] no vento. Você fica identificado ou não.

KARL: Sim, é um sistema de “be – leaf”[\*ser folha]. Uma folha no vento , porque um sistema de “belief” [\*crença]. [risadas] “Believe it or not.” [\*acredite ou não]

Enquanto você estiver num sistema de crença, você é como folha no vento. E então, “Oh, a existência está me levando pelos ares ! Talvez eu não quero ir. Talvez me leva embora.” Assim você está “blowing in the wind”.

E então chega nesse ponto, “Oh, eu sou o vento. Eu sou consciência. Eu sou o criador de tudo.” De um sistema de crença você vai para outro sistema de crença. E então você pensa: “Oh, talvez este lugar é melhor para mim aterrissar. Não sou mais uma folha, sou o vento que assopra a folha” É um enorme sistema de sôpros, um “blow job“. [risadas]

Sim, pois você continua sendo dependente. Primeiro é dependente do vento que te assopra, depois você é o assoprador, mas ainda depende de assoprar a folha, porque não pode deixar de fazer isso. Você precisa criar. Precisa assoprar porque você é o vento. E a função do vento é, assoprar, a função da folha é, ser assoprada – levada embora.

KRISTOPH: Mas em realidade, você é os dois?

KARL: Você não é nenhum dos dois. Nem o vento, nem a folha você é.

KRISTOPH: Você é esse que vê isso? Você é em quem isso se passa?

KARL: Não. Você é Aquilo que é isso. Mas não tem ninguém que vê isso. Mesmo esse um que o vê, faz parte desse sistema de crença. Mesmo esse vidente relativo, esse percebido ou experimentador, faz parte da experiência absoluta. Portanto eu não sou nada do que você chama de “experimentador“ de algo.

Pode chamar isso, como fez Ramana, de “o sonhador absoluto “, e o sonhador relativo como experimentador faz parte desse sonho. Desse sonho absoluto ou realização. Mas Aquilo que é o real, Aquilo que é o Si, nunca faz parte desse sonho. Assim, não tem nem o sujeito nem o objeto nem nada que você possa nomear ou enquadrar. Tudo isso é feito um sonho e nada diferente do que é o sonhador, mas não é Aquilo que é o Si.

Uma verdade da qual se pode falar não é verdade. A verdade que se pode enquadrar com um nome qualquer, mesmo “a testemunha“ ou como quiser chamá – la, não pode ser Aquilo. O Taoista diria,“O Tao do qual se pode falar não é o Tao. Mas não há nada senão o Tao.”Assim você precisa virar esse paradoxo, pois você já é Aquilo.

KRISTOPH: Então mesmo se eu quisesse achar um nome para isso, seria um problema.

KARL: Perfeitamente. É para isso que estamos sentados aqui. Você vem com uma coisa, e eu acabo com ela.

Mas é assim mesmo. Você quer se imaginar e ao imaginar-se a si mesmo, quer enquadrar – se. Talvez seja para conhecer –se. Então você está nesse imaginar e vira alguém que se

imagina, querendo conhecer – se. Assim você vira consciência que medita sobre o que você é. Você está numa busca, nesse “business” da auto – pesquisa onde a consciência sempre tenta achar Aquilo que é consciência.

E num certo momento ou numa fração de segundo, a consciência torna - se totalmente consciente de que Aquilo que é consciência não pode ser enquadrado. Nada disso acontece. E isso é uma parada total, esse “split second” que então é Aquilo que é o Si, tendo absolutamente nenhuma ideia de qualquer existência ou não – existência. Uma total inexistência de qualquer ausência ou presença.

Isso é a experiência de vida de Ramana, quando tudo caiu que pode cair – seja como ideia ou como sistema de crença, como dele ser um corpo, ou ser espírito, algo surgido. Tudo isso te abandona. Todos os sistemas de crença são vistos como sendo apenas sistemas de crença, conceitos. Mas você é apesar deles. Aquilo que é o Absoluto apesar de qualquer sistema de crença ou mesmo apesar da pura consciência --- você é Aquilo, e Aquilo é vida em si.

Mas não é uma experiência; é um absoluto não – evento. É um absoluto não – acontecimento, já que tudo que pode se passar como experiência, você esta podendo deixá – lo cair. Mesmo o experimentador você deixa cair n’Aquilo. O que sobra, é proprio em -casa. Mas ninguem está em casa, nao mais.

TOMAS: E em que sentido isso difere agora de qualquer outro sistema de crença? Não é isso também um sistema de crença?

KARL: Não se trata de outro sistema de crença. E mesmo isso aqui também precisa desaparecer.

TOMAS: Então não há uma diferença qualitativa?

KARL: Aqui trata – se de um apontador para essa qualidade que não pode ser enquadrada. Mas também isso não cabe n’Aquilo. Voce não pode enquadrá – lo.

TOMAS: Mesmo o apontador [\*pointer] é uma crença?

KARL: O apontador é um apontador. Pode fazer dêle um sistema de crença se quiser. Se fizer dêle “o meu sistema de crença”, e com esse apontador “eu vou me tornar alguém”, entnao isso vira um sistema de crenca. Se o tomar simplesmente como apontador, então não tem sistema de crença porque esse apontador é agora aqui, e não num quadro qualquer de tempo.

TOMAS: O apontador não aponta para um sistema de crença?

KARL: Não.

TOMAS: Então tem algo que difere de um sistema de crença ali?

KARL: Tem algo diferente. N ‘ aquilo que é um sistema de crença você não pode acreditar. Precisa *ser* esse sistema de crença em si.

TOMAS: Como você é de toda maneira todos os sistemas de crença.

KARL: Tudo em que acredita, você é.

TOMAS: Então não faz diferença.

KARL: Não faz diferença. Mas ao receber esse apontador, você pode ver totalmente que todas as diferenças que pode haver ali, não fazem diferença. Tudo que vem e vai nunca vai fazer qualquer diferença para o que você é. Nunca fez, nunca fará qualquer diferença.

Portanto todas as diferenças, e todos os diferentes gostos e formas da existência e estados de vir e ir existem, maravilhosos, únicos. Cada momento é tão único como pode ser. Cada floco de neve é tão único como possível. Não tem nenhum floco de neve igual a um outro. Somente tem o Si numa expressão única em cada momento. É fantástico. Portanto, divirta – se.

TOMAS: Obrigado.

KARL: Não vai haver outro Si que se diverte com você.

## **Não encontrando o sofredor**

SOFIA: [calmamente] Eu começo a, mmm, a realizar que a mente não consegue mais acompanhar tudo isso que está acontecendo.

KARL: Sim, é para isso que eu estou aqui.

SOFIA: Uma espécie de – não entendo --. Não. Não, hoje não. É só que --

FRANCESCO: Para mim isso é o normal.

KARL Para êle, é normal.

SOFIA: Cheio, cheio de --- não sei.

KARL: Em alemão nós dizemos que é como uma – [pergunta aos presentes] O que é uma resposta universal? Uma “solução universal”? Sim, a mente entra nessa solução universal dessa indicação para esse silêncio absoluto, e recebe uma solução total. É uma solução absoluta.

GEORG: Absolvição.

KARL: Absolvição ! Você está na igreja aqui, agora. Cada manhã vai para a igreja, querendo ou não, vai. [risadas]

Só que eu não vendo as cartas de absolvição. Na Idade Media era uso vender – se cartas até para os pecados que ainda não foram cometidos, os pecados do dia seguinte ou da semana seguinte. Foi o maior negócio que a Igreja jamais esteve envolvida. A maior parte das igrejas na Europa foram construídas com o dinheiro dessas cartas. É o melhor negócio, criar um pecador e então conferir –lhe a absolvição.

MONIKA: Adiantada !

KARL: Até adiantada. Até o dia da sua morte --- mas fica bem caro. [risadas]

KLARA: Mas isso é também um jogo do Si.

KARL: Claro,é divertido, não é? O Si sendo pago pelo Si. Sempre uma piada. Mas se você não ri , ninguém mais vai rir dessa piada que você é

THERESE: É fácil, rir da piada que todo mundo é --- mas não da minha.

KARL: Oh, nós podemos lhe ajudar !

THERESE: [rindo] Por isso venho para cá.

KARL: Precisa de um bom espelho para rir?

MONIKA: Mais um fracasso feliz !

KARL: Cada manhã, “Therese !” [risadas] E o seu nome? Sempre esqueço o seu nome.

MRS. ANGELINA: Não tenho nome. [todos reagem com um grande “uaaaau”!]

KARL: Chamam – na “uma ninguém”. É um belo nome – Sem Nome. Bem, encontramos a Sem Nome.

MRS. ANGELINA: Os indianos me chamam “An- titia”.

KARL: Uma tia italiana. An-titia é bom. “Eu sou An-titia--- não sou pró, sou anti. Sou contra tudo. Eu sou anti!” [risadas]

MRS. ANGELINA: Anti – trabalho, anti – meditação, anti – realização, anti – mestre  
-KARL: Você é o Anti – Christ ! [risadas] Encontramos o diabo ! Vem da Italia. ‘Diávo-  
lo’. Oh, então é esse seu nome: Diávo-  
lo.

MRS. ANGELINA: Sim.

KARL: Ah, agora estamos vendo. A Anti – Christ.

MRS. ANGELINA: [calmamente] Anti – crises. [\*crise epilética]

KARL: A Anti – Crise?

MRS. ANGELINA: [seriamente] Não quero mais as crises epiléticas, não mais esse sofrimento.

KARL: [com simpatia fingida] Auu!

MRS. ANGELINA: Estou aqui pela paz, para não sofrer mais.

KARL: Mas enquanto quer não sofrer, você sofre.

MRS. ANGELINA: Eu sei, mas sou muito --

KARL: Firme, cabeça dura.

MRS. ANGELINA: Sim, sim.

KARL: Você sempre pensa, “Tenho um prego e um martelo, preciso fazer algo com eles. Senão, não os teria. Tenho uma mente, preciso fazer algo com ela. Senão, não a teria. Precisa ser usada. O sistema não lhe dá algo por nada. Se houver uma possibilidade de sofrer, preciso fazê-lo. Senão, não teria essa possibilidade.. “Sim? Aleluia ! Você é uma bela ‘dummy’ [\* boneco] Chamam isso de “crash test dummies” para a existência. [risadas]

FRANCESCO: É um teste – [explica – o em italiano á Mrs. A.]

KARL: Boneco para teste. testando se o carro é estável ou se o cinto de segurança funciona. Ou a iluminação – se este ou aquele caminho é bom? [risadas]

GEORG: Então todo sofrimento é simplesmente opcional? Ou tem uma componente

física do sofrimento e você só cria um sistema de crença para negar isso e se livrar?

KARL: Não, o sofrimento começa com a primeira ideia de que aí tem um indivíduo, “eu”. O seu “eu” já é um problema psíquico e aí já começa o sofrer. Tudo que fizer a partir disso são tentativas de manejar a crise existencial, ou mesmo de existir. Porque isso já é uma crise existencial desde o começo. Tudo que você faz depois é tentar manejar esse sofrimento, pois já com isso você – ao tomar essa imagem da existência por aquilo que é você, conferindo uma certa realidade a todas as experiências e mesmo à primeira noção de pura consciência --, você está em separação.

Tem “eu” e “eu mesmo”, bem sutilmente. Tem Coração e a ideia de “Si” como pura consciência, como uma noção de existir. E a partir dessa noção, tomando – a por algo real, você se apaixona por aquilo que é – e então você começa a manejar essa crise existencial.

Portanto esse sofrer começa no instante em que toma essa pura consciência ou qualquer imagem, como “eu”, por algo real. Este é o momento em que se apaixona com o si seguegundo si, apaixona – se pela própria imagem da pura consciência. Você está com o potencial para sofrer e esse potencial vai sempre manifestar – se.

Quando começa a tomar como sendo o Si qualquer coisa ou mesmo a ideia de “si”, o “eu” se inicia, o pensamento “eu”, e a partir desse potencial pensamento “eu” começa a Fonte do “eu sou” e com isso o experimentador. E tudo que é experimentador é de alguma forma, sofrimento, pois aí tem separação. Tanto faz em qual forma você se encontra, em qual caminho, qual imagem toma por si mesmo, qual o nome ou a forma que se dá, - é sofrimento, porque você se afasta desse Absoluto que você é.

GEORG: Sim, acho que entendo isso, mas tento aplicá – lo na prática. Digamos que sou atropelado por um caminhão, estou com dores físicas e sofrendo---

KARL: Isso não é sofrer, é dor. O sofrimento começa se você chamar a dor de “*minha dor*”. Se minuto por minuto, você fizer dela “*minha dor*”, “eu tenho uma história de dores” e “a história das dores vem comigo que tem essa história de dores” – então isso vira sofrimento.

Sem essa ideia de posse que isso é a *sua* dor, tem simplesmente algo como uma vibração de energia do que você poderia chamar “dor”, de alguém que sente dor. E sem a ideia de “*meu corpo*”, sem qualquer dessas ideias de propriedade, ou sem tomar esse experimentador por algo real, não há sofrimento. Há simplesmente uma experiência d’Aquilo que é a existência.

Tem uma aceitação absoluta d’Aquilo pois dali não há saída. Você vê que essa experiência de dor é inevitável já que ela é o que você é e simplesmente revela um aspecto da sua natureza infinita. Só se você toma esse corpo como um corpo individual separado, como *meu* corpo, então tudo que chega para esse corpo se torna sofrimento.

Desde o nascimento, já com o primeiro erro de tomar esse “bife” por algo real, você vira sofredor. Primeiro, procura pelo peito de sua mãe para satisfazer o seu estômago, mas ainda não tem um “eu” nisso, não tem a ideia de posse. Ela só começa com a idade de três anos quando você diz “*meu corpo*” porque a sua mãe lhe disse que isso é o *seu* corpo e o *seu* brinquedo, e que é *você* que tem que cuidar deles !

Esse cuidar começa com três anos ; antes disso não tem cuidar. Tem as experiências de ter fome e procurar pelo leite para ter a energia normal funcionando. Ação – reação. Mas com três anos, tem um condicionamento. Está completo, o “eu” está aí, completamente desenvolvido como uma posse --- *meu* corpo, *minha* existência individual. A essa altura o sofrimento está realmente integrado.

KRISTOPH: Precisamos da individualidade para funcionar, ou como é isso?

KARL: Oh não, eu não estou dizendo que tem algo de errado com isso. É só para você ver como funciona o que é consciência quando sai dessa não – identificação para a identificação. Mais uma vez, quero deixar claro, é inevitável que a consciência faz isso. Isso é um funcionamento da consciência – saindo desse sem – forma para a forma, na “in – form – ação”, e identificando – se com isso.

Mas ainda tem algo anterior a essa consciência na qual tudo se passa, algo que jamais foi tocado por isso, nunca foi envolvido em algo, algo que é percepção em si, você poderia dizer. Aquilo que é o sonhador absoluto jamais fez parte de qualquer sonho que se identifica com a consciência.

Não é você, mas você toma essa pura consciência – esse segundo si – como o que você é. E apaixona –se por isso, fica colado nisso. E a única solução é essa coisa de partir o coração, porque partir o coração significa que você cai fora desse amor de si próprio. Por acidente, você gostou de uma imagem qualquer, ou mesmo da luz, tomando a luz por uma imagem do que você é, como algo segundo, e se apaixona por si mesmo, e a partir desse amor vem todo o resto, e esse amor vira amor e ódio, e todas as polaridades, e todo o sofrimento.

A fonte do sofrimento é a paixão por aquilo que você não é, uma imagem de si --- mesmo como primeira imagem de pura consciência, de luz --- e a partir desse primeiro “eu” surge todo o resto. Ou seja, ao ver que pura consciência existe porque você existe, e que você é Aquilo que é pura consciência, - nem mesmo pura consciência pode mexer com você. Tudo existe por sua causa, mas você é sem causa.

Então, quem se importa com o que vem depois dessa primeira pura consciência do “eu sou”? Tudo então é realização feito sonho e não pode tocar o que você é. Assim, como você é nunca – nascido, Aquilo que é não – nascido não pode sofrer por algo que é simplesmente uma experiência objetiva.

Portanto você é esse total “split second”. Para Aquilo que você é, nada jamais aconteceu. Não tem nascimento nem morte. Tudo vem como sistemas de crença, sómente Aquilo que você é, é vida em si. De maneira que tudo que se pode experimentar é morto, é vazio. E Aquilo que é uma experiência absoluta de vida em si, isso você nunca pode experimentar. Você simplesmente é esse Si que não se pode imaginar nem experimentar. Tudo que vem a partir d’Aquilo é imaginação que vem e vai, sem necessidade de se preocupar.

Isso indica simplesmente aquele não – nascido que você é e que jamais esteve num sistema qualquer de sofrimentos. Mas no primeiro instante em que você se afasta disso, por tomar qualquer ideia ou sistema de crença como algo real, começa o sofrimento, começa o sofrimento. Para você, é inaceitável que aí tem um segundo, pois você sai daquela paz absoluta, dessa liberdade de um segundo, e entra na ideia de “um segundo”, e

isso significa: guerra. Ainda que você falar de “amor”, esse amor será guerra. Inicia –se o sistema de defesa, a conservação de tudo que tem, porque você cria uma existência individual, como um ser separado.

E mesmo essa ideia se torna tão real para você porque você lhe dá a sua atenção, e tudo que você toma por algo real, passa a ser real. Portanto no instante em que toma a separação por algo real, ela se torna real.

Só quando Aquilo que é pura consciência volta-se para Aquilo que é pura consciência, é como um espelho que fica espelhando totalmente Aquilo que é anterior. Chamam a isso de “nascer do sol interior”, mas isso é sem causa, vindo e indo não por um esforço qualquer, não por um fazer ou não – fazer qualquer.

E é em função dessa impotência – de se ver aquilo como paraíso – que eu estou sentado aqui. Apontando para Aquilo que você é, essa impotência, onde não tem segundo.

Tudo que você gosta de controlar, te controla. Tudo que vê, tudo que experimenta, não é diferente daquilo que você é. Tentando controlar o que você vê --- e pensando que por controlá – lo você se livra disso --- que ideia ! Assim, tudo que você quer controlar coloca você nesse quadro, e você se torna prisioneiro dessa ideia ou desse sistema de crença, em tudo o que você faz. Toda definição que você inicia é uma prisão.

Somente a absoluta ausência de qualquer ideia do que você é e do que você não é, e até a ausência disso, é Aquilo que você é. Isso é silêncio e é paz, essa imensa paz que não se pode experimentar, porque você é isso. É isso que é chamado “a nudez da existência”.

MR.RAO: Isso é o que você chama “o estado natural”?

KARL: Digamos, o seu estado natural é uma ausência de estados, Aquilo que não tem nem nunca terá estados. Todos os estados vêm dessa Fonte absoluta, mas Aquilo que é a Fonte absoluta, não tem fonte. Portanto isso é uma ausência de estados na qual todos os estados e ideias e imagens aparecem.

Não há nenhum estado sem Aquilo, mas isso em si não tem estados. Você pode dizer que não tem lugar para isso mas também nenhum lugar sem isso. É sempre esta essência absoluta da existência, e não a forma ou a não – forma ou como quiser chamá – lo ou enquadrá – lo num sistema de crenças.

*Eu Sou Isso Que Sou* significa “eu sou esse – sinal de interrogação. “ Um absoluto sinal de interrogação. Esse mistério absoluto de algo que você não pode enquadrar, por mais que tenta, e não pode colocar em nenhum sistema. Por não encontrar o que você é, cai tudo que encontrou, em qualquer experiência. E não encontrando o experimentador absoluto, você como esse experimentador relativo que surge de manhã já faz parte da experiência. Mas a experiência absoluta tem que ser anterior a tudo isso. Nem mais, nem menos.

Sempre anterior, anterior, anterior. É só um apontador, para dirigir-se Àquilo que é anterior, o que se chama “o abstrato total”, “o substratum total”. É um conceito, mas é exatamente o conceito de que você não pode ser um conceito.

Em alemão, poderíamos dizer “*kotzept* ”[\* algo como ‘vomitagem’ – jogo de palavras]. Portanto é um vômito de todas as ideias de uma vez, o vomitar de qualquer ideia mesmo de que você existe. É uma diarreia absoluta de conceitos. [risadas]

MRS. ANGELINA: [com profunda angústia na voz] Mas Karl, quando uma dor forte vem ---

KARL: Você chora.

MRS. ANGELINA: O que posso fazer?

KARL: Chorar.

MRS. ANGELINA: Tenho que fazer algo com isso.

KARL: O que?

MRS. ANGELINA: Não sei, Karl. Pergunto a você porque talvez você saiba uma resposta.

KARL: Bem, eu lhe respondo – chora. Fazer o que?

MRS. ANGELINA: [implorando aos soluços] Mas você tem que fazer algo quando tem esse sofrimento tão grande.

KARL: Tudo que faz vai alimentá – lo. Tudo que você quer evitar, você o alimenta ao evitá – lo. E no entanto, não pode evitar esse evitar.

MRS. ANGELINA: Não posso?

KARL: [seriamente] Você não pode evitar o evitar. Você não pode evitar a dor.

MRS. ANGELINA: [chorando] Não posso?

KARL: Não !

MRS. ANGELINA: Não é possível?

KARL: Mas isso é esse “sem saída”, e é o único caminho para sair da dor.

MRS. ANGELINA: Mas eu tenho que fazer parar esse sofrimento !

KARL: Não tem sofredor. Tente simplesmente encontrar o sofredor. Parada total. E prometo – lhe, nunca vai achar esse safado !

MRS. ANGELINA: Eu vou nunca achar --

KARL: Você não vai achar esse safado de sofredor. E como não pode encontrar o sofredor, nunca houve qualquer sofrimento.

MRS. ANGELINA: [calmamente] Você tem certeza?

KARL: Mas assim que tentar parar o sofrimento, você alimenta o sofredor.

MRS. ANGELINA: Porque estou vendo o meu sofrimento crescer.

KARL: Sim, é uma crise. Sempre crescendo [\* increasing]. O mesmo tanto que você quer evitá- lo, isso aumenta. E eu lhe peço – como Ramana pediria – de achar esse danado de sofredor. O remédio ultimativo para qualquer sofrimento é tentar achar o sofredor. E não achando o sofredor, fica claro que nunca houve alguém sofrendo. Faz parte da história. E se você não conseguiu achar a propriedade dessa história, de um “eu” que está numa história, então cadê a história de sofrimentos? É uma piada. Uma ideia sofria por outra ideia ! [com sarcasmo:] Oh meu Deus, sinto tanta compai≈ão por essa ideia que sofre por

outra ideia ! [seriamente:] Eu absolutamente não quero que o sofrimento pare para você. Absolutamente não. Toda dor, como qualquer aspecto da existência, existe para ser experimentado por esse experimentador absoluto que você é. Não tem como evitar. Você não pode escapar ao que você é. E cada dor é uma experiência do Sid a sua natureza infinita. Não tem nada do que afastar – se. Vocie não pode escapar do que é. Nunca, jamais !

[De repente, Mrs. Angelina sorri através das lágrimas].

KARL: Ah !

MRS.ANGELINA: Gosto disso !

[As pessoas que estavam assistindo em silencio o sofrimento de Mrs. Angelina, agora caem na gargalhada]

KARL: Como dá para sentir --- Isso é o paraíso !

[As pessoas estão encantadas e surpêsas. Batendo palmas e suspirando com alívio.]

MRS. ANGELINA: Porque cada dia eu tento me sentir melhor, e não me sinto.

KARL: Sente – se pior. eE bem isso --- ao tentar sentir – se melhor, com certeza sente – se pior.

MRS. ANGELINA: E as pessoas me dizem, “Toma essa pílula, ou isso, ou toma aquilo”, e cada dia vou piorando. [com leveza na voz] Mas agora, não sei, alguma coisa ---

FRANCESCO: Por ora, está bem.

KARL: Olha aí de novo o diabo. Acaba de dizer, “Não se preocupa, isso não vai durar.” [risadas] Êle se conhece. “Mea culpa !”

Este ‘remédio ultimativo’ é o único indicador que posso lhe dar. O remédio ultimativo – achar o sofredor, ou achar esse alguém que poderia estar doente. E não encontrando – o, porque Aquilo que você é não pode ser encontrado em nenhuma circunstância, - isso é o fim absoluto de qualquer sofrimento. O fim do sofredor é o fim do sofrimento, porque ao não achar o sofredor, nunca houve um sofrimento. É isso. Não é nem mesmo o fim de algo, porque nunca houve algo para ter que acabar. Pois então, divirta – se.

MRS. ANGELINA: Veja, Karl,algumas vezes eu perdia a consciência. Tenho ataques epiléticos.

KARL: Sim, gosto disso.

MRS. ANGELINA: E quando a crise epilética chega, eu sinto, “Oh Deus, acabou tudo !”

KARL: É você quem vai acabar !

MRS. ANGELINA: É muito estranho, porque não tenho nenhum controle do meu corpo.

KARL: Mas isso é genial. É um indicador total da graça da sua impotência. Divirta –se com isso ! Nada tem aí que pode prejudicar você. Nada a perder por perder isso que está consciente, o controle todo. Nada melhor que perder esse danado de controlador. Então a graça vem,e o fogo do inferno começa. Dando – lhe essa experiência epilética de pura eletricidade, eletricidade do universo inteiro passando pelo seu corpo pequeno --- ouuaah! Isso é o que é graça ! Isso choca você de vez.

MRS. ANGELINA: É graça? Você me diz que é graça?

KARL: Sim, digo isso.

MRS. ANGELINA: Oh, me sinto feliz ! [risadas]

KARL: Acredita ou não, esta eletricidade é o que você é, é consciência. Pura eletricidade. Todas as formas, tudo, é elétrico. Daí, quando essa armadura racha e a eletricidade passa através de você, é como um ataque epilético, porque você não consegue manter essa armadura individual em volta de si, como um organismo corpo – e mente.

Eu tive tantos sonhos, sonhos de realidade, nos anos setenta, quando ia ver diferentes mestres. Eles vinham e diziam, “Bla – bla – bla,” e no final tinha sempre esse choque elétrico que tocava o cotovelo. Buumm! Éra como epilepsia, conheço bem isso. Então por horas você se encontrava totalmente em choque, nessa eletricidade pura, pro “bvvvv-bvvvv”, sempre dando – lhe o que você não pode receber. Sim, isso soa bem. Ah, estou muito feliz por você.

MRS. ANGELINA: Agradeço – lhe muito.

KARL: Não, isso de fato só é para você se acostumar com o que é, de certa forma, por tornar –se Aquilo que é energia. Você vê que qualquer alta voltagem elétrica pode passar por você, sem nem tocá – la, porque você já é Aquilo. Tudo que pode ser tocado, é uma experiência, mas não pode tocar você como Aquilo que é percepção em si. Esta percepção aqui agora não é diferente da percepção na sua infância ou como bebê, ou mesmo antes. Ela nunca foi tocada por nada. Nem mesmo essa eletricidade pode tocar Aquilo. Portanto, esse choque não choca você.

FRANCESCO: É só tomar mais um cafézinho.

KARL: Só toma mais um cafézinho, sim. [com carinho] Francesco !

## **Não há como evitar o vazio**

LOUISE: Mas com essa eletricidade, você tem que estar conectado? Como por exemplo, esse aquecedor de imersão? Você conecta – o à tomada e a água fica quente.

KARL: Mas nunca você está desconectada. Como desconectar – se da existência?

LOUISE: E nada sai se você não se conecta.

KARL: Não tem nenhuma tomada! Como conectar –se com a tomada se não tem tomada?

LOUISE: Bom, digamos que eu sou o aquecedor de imersão.

KARL: Você é o aquecedor? Oh meu Deus.

LOUISE: Quero dizer, falando dessa eletricidade. Sonhando disso. Eletricidade em si não é nada.

KARL: Como, nada?

LOUISE: É só ligar e usar.

KARL: Não é nada? Ponha o seu dedo na tomada e você vai ver o que é eletricidade. Nada?

LOUISE: Bem, tem algo no fim.

KARL: No fim?

LOUISE: Primeiro tem água, depois tem eletricidade.

KARL: Você viu o filme *Matrix*? Viu que usavam corpos humanos como baterias que forneciam energia ao sistema todo? Portanto você já é eletricidade ; nem precisa se ligar. Já é essa eletricidade.

LOUISE: Certo.

KARL: Como, certo? Onde está o aquecedor de imersão agora?

LOUISE: Fiquei bloqueada agora.

KARL: Ficou bloqueada no aquecedor de imersão, sim.

LOUISE: [rindo] Comecei a ferver.

KARL: Está fervendo. Veremos onde o ponto de ebulição sera atingido. Sai fumaça.

JAMES: No Budismo, há uma discussão de longa data sobre o que seria a iluminação. Numa das escolas, indicam este refinamento da pura consciência, até o ponto em que mantemos essa experiência da pura consciência.

KARL: Em alemão chamam isso “*die Scheidewand der Wahrnehmung*”.[\* o muro limitrofe da percepção]. Soa bem. Como é isso em inglês?

MONIKA: Muro da percepção.

KARL: Não, o limite, o limite da percepção. Como “borderline”. Na Bíblia, diriam “o Dia do Juízo Final”.[\* em alemão, “Juengster Tag” = Dia mais Jovem] Permaneça nesse dia mais jovem, antes do tempo, antes de qualquer ideia de tempo e não – tempo --- fique nesse limite, nesse limite do juízo, anterior ao juízo.

Portanto é dia de julgamento. O dia mais jovem antes de qualquer julgamento, tempo ou não – tempo, antes de acontecer qualquer conceito. Você fica n’Aquilo que é anterior, simplesmente anterior ao que acorda de manhã. Não acompanhando o corpo que acorda e tem as suas experiências. É isso o que se visa no Budismo, não?

JAMES: Bem, outra escola diz que --- num sentido do que ouço de você – que isso é anterior à pura consciência.

Sempre duas coisas juntas. E para mim, é o mesmo. Aquilo que é pura consciência é a pura consciência da pura consciência. É como a plenitude da plenitude. A “eu –sou”-dade da “eu – sou”dade. Sempre esse indicador para esse Coração absoluto da existência. Portanto não tem diferença.

JAMES: Disso então você vai para essa coisa da qual você falou, esse não – evento e a não – experiência. Pode falar um pouco mais sobre isso?

KARL: Por via das dúvidas. Não, pela via, mas por via. Apesar da via. Apesar do que são experiências fugazes frente ao que você é. Esse “apesar de” é o “split second”, e então

não há mais nada a acrescentar. Apesar de toda a história, apesar de tudo que se passou ao que está à sua frente, esse corpo – e –mente ou como dizer, tudo de experiência que se pode experimentar – apesar de tudo isso, você é. Mas Aquilo que você é, você absolutamente não sabe.

JAMES: Mas isso ainda é complicado.

KARL: Complicado?

JAMES: Houve um tempo em que esse não – evento ou essa não – experiência, aconteceu.

KARL: Você pode dizer que, para esse organismo corpo – e –mente, ainda há tempo, pois sem tempo, sem separação, não haveria nem forma nem não – forma. Mas aí não havia um tempo. Êle é aqui agora. Este corpo precisa do tempo. Este objeto imaginário precisa de um sujeito numa circunstância, simplesmente para poder ser experimentado. Portanto você precisa desse tempo imaginável e dos quadros e dos corpos e objetos, para que experiências possam acontecer.

JAMES: Então, esse não – evento, essa não – experiência ---

KARL: -- é aqui, agora.

JAMES: O tempo todo?

KARL: Não há tempo nisso. Nem mesmo não – tempo. Tempo e não – tempo aparecem n' Aquilo.

JAMES: E isso é a realidade do que é Karl, constantemente?

KARL: Não. É a realidade d' Aquilo que não conhece realidade. E Aquilo não quer conhecê – la, porque não tem nada para conhecer.

JAMES: A coisa que tentei conseguir de você e que não conseguí ainda [risadas] – é, Isso foi um evento de não – tempo? Já sei que não existe essa coisa de tempo, mas o tempo parece que continua mesmo assim.

KARL: Não, não. Isso – de ser Aquilo ao que nada acontece jamais – nunca foi diferente. N' Aquilo não tem ir nem vir. Isso é aqui, agora – ou jamais.

JAMES: Sim, mas no que você diz, algo é ---

KARL: Não, isso é apenas um apontador. Aquilo é nunca nunca ! É a fração d segundo de ser nunca nunca. Nem mesmo jamais. É nunca nunca. Então o que mais, se o que você é, é nunca nunca. Você jamais é? Não, você é nunca nunca.

JAMES: É por isso que fiz a pergunta ontem. Nesse não – evento, nessa não – experiência, o mundo esaparece?

KARL: Não é uma não – experiência. É a experiência, que você não é nem um experimentador e nem o que pode experimentar. É uma experiência absoluta de ser absolutamente independente de tudo que pode experimentar, e até absolutamente desse experimentador. É uma absoluta experiência d' Aquilo que você pode chamar “liberdade”, mas sem ter ideia do que seja e do que não seja liberdade. É simplesmente ser Aquilo que nunca pode ser tocado por quaisquer sentidos ou por algo que você pode sentir como vida objetiva.

Portanto você é Aquilo que desde sempre é em nenhum sentido. Todos os sentidos existem, mas você não é jamais em qualquer sentido --- nem nunca foi, nunca será. E n' Aquilo que nunca foi em nenhum sentido, nunca nasceu nem pode morrer, nesse momento, a ideia de "morte" está morrendo. É isso. E você vê que o que é você, é nunca nunca.

E isso não é nem algo novo nem velho ; isso nunca era nunca. De modo que para que qualquer coisa pode estar aí – qualquer conceito, sistema de crença, imagem --- primeiro você tem que ser, como Aquilo que é nunca nunca. Aquilo que é nunca nunca é o substratum que não se pode reduzir mais. Nesse instante de total redução, você se reduz ao máximo. Assim que, nesse instante, você se torna ambos juntos ; o vazio e a plenitude. Como se encontra nesse vazio de ideias, o Coração está em si tão vazio que somente então pode conter a plenitude dessa existência absoluta. Assim você retorna a esse máximo de redução para tornar-se esse máximo de existência absoluta.

Outro caminho é simplesmente impossível. Por isso é que os Budistas apontam tanto para esse vazio, para se entrar esse vazio. Para atingir o aspecto absoluto, tornar-se essa unidade com tudo [faz uma grande expiração], mas isso você não pode atingir. Chegar naquele vazio do Coração, para isso tem um repuxão natural de dentro. Você simplesmente vê esse repuxão como o que você é, e então você simplesmente descansa nêle. E esse vazio que está aí, simplesmente torna-se o melhor amigo, esse paraíso.

Então você não quer mais evitar o vazio. Pode ser que antes queria evitar esse morrer, esse vácuo, porque vácuo significa a morte das coisas. Mas quando vê que o vácuo é o que você é, tomando pura consciência desse vácuo, desse vazio, então você simplesmente repousa nisso – vendo que ali não há nada para temer. Foi isso que Jesus dizia, para não ter medo do que você é. Porque você é essa ausência, essa ausência absoluta de ideias. Essa ausência de qualquer ideia é o vácuo. O vácuo total, esse abismo, é você. A escuridão da ignorância você é.

Você não é a luz de algo, pois isso se chama "Lucifer". Tudo que vai lhe trazer luz é Lucifer. Quem quer que lhe traz algo, promete – lhe um conhecimento, mesmo sendo o que é consciência ou luz, prometendo –lhe um saber que pode acrescentar algo à sua natureza --- tudo mentira. Não pode acrescentar nada ao que você é. Portanto essa mentira de luz, essa luz de Lucifer que lhe diz, "eu posso trazer – lhe algo. Eu posso ajudar – lhe. Eu posso deixá – lo mais feliz , eu posso trazer felicidade,- pois até a tal felicidade celestial dos divinos tra – la – la, até a ideia do "amor divino" --- são ideias do diabo.

Todos os sistemas imaginários e de iluminação – até a ideia de "iluminação" – vem a partir desse diabo. Como se a iluminação pudesse acrescentar algo à sua natureza ! Que ideia !? Sempre uma piada ! Você falando consigo mesmo e criando essa imaginação do diabo, e então isso fala com você o tempo todo e lhe promete algo, mas nunca pode cumprir a promessa.

Nunca vai fornecer o tesouro que você é. Você é Aquilo que é Deus mesmo. Todos os ornamentos --, tudo que diz, mesmo as promessas – tudo ainda é ouro. Não pode tocar você. Portanto não se acredita a si mesmo. Não pode confiar em si mesmo. A beleza está nisso. Sempre essa imagem de si – "Confia em mim. Vou guiar você. Confia em mim." Sempre falando. "Confia em mim. Eu posso trazer –lhe – ". Ha – haa ! Não. Você não

pode nem mesmo confiar em si próprio, já que nem tem um Si para se confiar nele, pois até a ideia do “Si” vem a partir desse mesmo esquema qualquer. Não.

“Fffiiuu. Absolutamente sozinho. Ninguém para confiar. Nenhum Deus, nenhum Si. Fffiiuuu! “Mas isso é o paraíso, essa ausência de Deus, essa impotência, esse “sem nada segundo”, - isso é o paraíso. Nem mesmo conhecendo a si mesmo. Uma total ausência até da ideia de “Si” ou de “Deus” ou de qualquer coisa. Você é Aquilo que é, seja o que for que isso significa.

FRANCESCO: Seja o que for ! Isso é o paraíso.

KARL: Ah !

JAMES: Hoje você recebeu flores. Da próxima vez vai ter velas e incenso.

FRANCESCO: Isso, amanhã. Esta manhã eu esqueci. Não, as flores foram dela.

MONIKA: Apesar de mim ! [risadas]

## **Deixar a existência toda desabar**

KARL: Aquecedor de imersão, tem algo?

LOUISE: Às vezes eu acho mais difícil estar no mundo com isso que não se pode conhecer, esse vácuo do qual você fala, e esse corpo – mente funcionando assim em qualquer lugar, em todo lugar, em nenhum lugar, -- às vezes parece que não se está muito dentro dêle, ou que se pode sair dêle --

KARL: Quem pode sair dêle?

LOUISE: Eu não sei.

KARL: Sim, e eu tampouco sei ! Não vejo ninguém dentro do mundo. Não vejo ninguém que pode sair dêle. Que ideia essa de que você pode sair --- de que?

LOUISE: Bem, é o que eu faço.

KARL: Então você ainda está dentro. Não saiu. Por causa desse sair, você está dentro.

LOUISE: Eu sei. E isso acho às vezes ainda mais duro ainda.

KARL: O que? De sair? Porque essa saída te deixa ficar dentro. Você se engana a si mesma.

LOUISE: Quando essa mulher entrou, você disse, “Entra, assim você pode olhar em volta.”

KARL: Sim. Não tem diferença.

LOUISE: Então t’ái, “Sempre mais uma vez, não há nada para ganhar.” Bem, o que eu estava perguntando? Não sei. [risadas] Não estou perguntando nada. É que eu, sabe, eu também poderia trazer – lhe rosas e flores, e poderia beijar os seus pés, ou não, poderia atirar tomates.

KARL: Isso você não ousa fazer. [risadas]

LOUISE: Amanhã vou trazer tomates.

KARL: Nunca mais vou lavar os meus pés.

LOUISE: Eu tenho uma pergunta, só não sei como formular. Às vezes acho mais difícil.

KARL: O que?

LOUISE: O que? Sim, realmente --- o que? O que é mais difícil?

Um HOMEM: “Eu tenho que sofrer! Eu tenho que sofrer !”

LOUISE: Você não está ajudando. [rindo] Me tira desse apêto !

KARL: Eu vejo o controlador, e controlando o sofrimento, fica dentro. Então controlando, sai, e ainda fica controlando. Controlando, controlando. Sim. Divirta –se com o seu contrôle.

LOUISE: Mas isso agora já cansei de ouvir de você.

KARL: Sim,é o que digo – lhe todos os dias, “Divirta –se com o seu contrôle.”

HOMEM: Até você acreditar.

LOUISE: Até eu acreditar !

KARL: Até você fica satisfeita com o contrôle? Não, nunca consegue controlar suficientemente.

LOUISE: Por que isso?

KARL: Faz parte do jogo.

LOUISE: Mas por que comigo?

KARL: “Por que comigo? ”Peguem um outro “amigo”. Peguem um inimigo.

LOUISE: Não, por que é que você me diz isso? Não tem nada mais ?

KARL: Por que vejo o controlador. Com tudo que você faz, fica controlando.

LOUISE: Uma ideia de como --?

KARL: Para sair disso? No momento em que quer sair disso, de novo você quer controlar.

LOUISE: Uuuh! [risadas]

KARL: Até a mente ficar --

LOUISE: Explodindo.

KARL: Explodindo.

LOUISE: Em pedaços.

THERESE: É por isso que ela usa o cachecol.

LOUISE: É uma bandagem.

KARL: Bandida. Ela agora é a bandida.

LOUISE: [rindo] Bandido !

KARL: Mas você sente isso. Está sentindo agora esse calor.

LOUISE: Sim, é isso.

KARL: É isso algo como o controlador, aqui [aponta para a testa], o terceiro olho. E fica sempre controlando. Tudo que faz, controla. Isso é o diabo, controlando.

THERESE: Então quem não sente essa dor, é porque não tem aí um controle? Eu não sinto dor aqui.

KARL: Ela simplesmente não pode mais evitar a energia, porque a energia vem em demasia. Portanto essa energia de vida acorda e então o controlador tem realmente um problema, - e a sua resistência cria essa dor de cabeça, essa enxaqueca.

E assim isso não funciona mais, esse controle das coisas, porque esse “inferno energético” chega, essa energia vital que lhe mostra o seu controle. Ensinando – lhe, “Oh, você está controlando ; vamos ver o que se pode fazer.” Isso traz dor de cabeça. Então ela quer até controlar a dor de cabeça ou essa energia, e fica com mais dor de cabeça. Como um sistema automático que se auto – alimenta. Parece que estou a par disso, eeh?

Mas de fato não é tão mau . Porque somente por esse fogo infernal, por essa dor, por essa “eu – xaqueca”, o “eu” está sendo apagado pela energia de vida em si. Essa total consciência pura aniquila essa ideia de “controlar”, pois vai chegar ao ponto em que você vê que não havia nenhum controle naquele controlar, porque nem mesmo o controle você pode controlar. Dizer o que então? Graça do começo ao fim.

THERESE: Mas Karl, quando eu ouço falar dessa enxaqueca --- eu não tenho enxaquecas.

KARL: Oh, agora você quer ter enxaquecas?

THERESE: Sim. [risadas] Parece ser um certo estágio, um passo grande, sabe, se você tem enxaquecas e um montão de energia fica saindo.

KARL: Eu nunca digo que é um passo grande ; só digo que é assim que funciona. Falo sobre a energia, de como ela funciona. Não digo que tem vantagem nisso ; nunca digo isso. Só digo como funciona. Não tem vantagem ali.

THERESE: Não é a regra, pois muitas pessoas não têm enxaqueca e continuam tendo essa energia de vida. A energia vital ainda está em movimento, e nem todo mundo tem enxaquecas.

KARL: Não? Mas pode chegar.

THERESE: Parece até que estou dizendo, “Oh, eu quero uma enxaqueca”.

BERTA: Oh, terrível --- enxaqueca.

KARL: Sim, vou lhe contar. Se você se interessa, tem uma biblioteca inteira no Vaticano, salas cheias de histórias sobre homens sábios com esse fogo interior surgindo, e sempre junto com o fogo interior vem o fogo no corpo, e logo o fogo do coração, e as enxaquecas, todas as dores físicas e tudo que você pode imaginar. Vem tudo junto. É bem famoso. Não digo que é uma vantagem. Simplesmente digo que é assim que acontece. Sem dizer que é uma necessidade.

THERESE: Então eu estou o tempo todo perdendo a ---

KARL: Você está perdendo tudo ! Você é um fracasso feliz ! [risadas]

THERESE: [rindo] No meu leito de morte ---

KARL: Agora ela se queixa de novo, “Oh, pobre de mim. Não tenho enxaquecas !” Isso é o perfeito exemplo de uma personalidade individual.

THERESE: Agora estou ficando com enxaqueca. ‘Stop’. [risadas]

MONIKA: Ela está feliz !

KARL: Está escrito na Bíblia. Se você pedir, lhe será dado.

BERTA: Sim, e se você nunca ouviu falar disso, não vai acontecer ; por isso eu não falo mais disso.

KARL: Vai acontecer quando acontece ; e se não, não. Simplesmente significa que não há vantagem ou desvantagem, em nada. Mas se acontece assim, faz parte do divertimento, você gostando ou não gostando. Mas novamednte, não vai haver vantagem para ninguém, pois não tem ninguém que poderia ter uma vantagem por qualquer coisa. Nem mesmo por essa enxaqueca. Sei que existem pessoas que então pensam, “Oh, será que eu estou nessa coisa de energia agora, com *kundalini* e enxaquecas, e agora estou maduro e ficando pronto?”

MONIKA: Pelo menos algo está acontecendo.

SOFIA: Mas às vezes não leva a nada.

KARL: Jamais vai levar a algo. Não só às vezes não. Nunca tem qualquer coisa. Nunca leva a qualquer resultado.

SOFIA: Mas às vezes chega esse “split second”, às vezes não.

KARL: O “split second” nunca chega. Não estou falando de algo que vai chegar. Este “split second” é aqui agora. Se você não estivesse aqui agora, êle não seria nunca. Portanto nada vai chegar. Isso não vai acontecer nunca, isso que não pode acontecer. Seria melhor você não esperar por isso, pois nunca vai chegar.

A boa nova é essa. Nunca vai chegar. Com ou sem enxaqueca, não chegará. Se realmente fosse uma ajuda a alguma existência de tornar-se Aquilo que é Si, isso iria parar imediatamente, porque teve Buddha, teve Jesus, teve Ramana, tantos homens sábios. Se realmente ajudasse –essas experiências de qualquer transformação, vindo da consciência identificada para essa consciência cósmica, toda essa energia acontecendo e retornando --- se isso realmente ajudasse, tudo isso iria simplesmente acabar. Não iria continuar. Para um Si, isso seria o fim. Por qualquer transformação ou transmutação em algo diferente do que é, a existência inteira iria simplesmente desabar.

Se você pudesse controlar Aquilo que é a existência em si, como Aquilo que é Si, por qualquer experiência de calor ou por uma transformação qualquer, que espécie de liberdade seria? Portanto tudo isso faz parte do ‘show’, mas não faz diferença. Vai haver Therese para sempre, Therese esperando pela enxaqueca. [risadas]

THERESE: É uma nova, agora, uma nova enxaqueca.

KARL: Depois pode ser que haja alguém que faz esa experiência, ‘split second’ bla – bla – bla, e então vai e, “Oh, o que foi que eu fiz antes desse ‘split second’?” E então isso vira

uma religião ou uma técnica de Yoga. “Porque eu, fazendo isso e isso, tive esta e esta experiência do meu corpo, de calor etc., portanto tudo deve estar conectado com as minhas experiências de antes.”

Ele toma até essa experiência de um não – evento como uma experiência pessoal. E tudo que houve antes é tido como “por causa disso eu cheguei nesse ponto.”

Mas não é jamais por causa de um passo anterior, que Aquilo é. Em todos os passos, já estava ali, não é nada novo. Eu sempre aponto unicamente para Aquilo. Não é jamais por causa de um fazer ou um não – fazer, mas apesar do calor, apesar da enxaqueca, apesar de todas as sensações e acontecimentos e estórias e histórias, que você é o que é.

Portanto, esqueça isso. Pode acontecer ou não, mas quem se importa? Não há nem vantagem nem desvantagem. É simplesmente como uma nova sensação no que você é. Uma sensação de corpo diferente.

E vendo que, para o que você é, não há jamais tal coisa de uma vantagem em algo, também a desvantagem desaba, e então você é o que é, apesar de tudo, e nunca por causa de um calor no corpo ou de algo que precisa desabar. Não há nada para deixar cair. Faz parte do show, tudo isso. Você pode se divertir, mas nada disso vai lhe ajudar.

## **Você não pode *não* realizar - se**

Berta: Completamente sem esperança.

KARL: [rindo] Não é engraçado? Imagina se tivesse esperança ! Esperança é o inferno. O diabo está sempre aí querendo catar alguém e dizer, “Veja, talvez isso vai lhe ajudar. Se você fizer isso, prometo –lhe o paraíso.”

BERTA: Então é por isso que estou sentada aqui, não só porque você acaba com essa esperança, mas porque você tem a competência de falar sobre Aquilo. Depois, se eu não ouvir isso por um bom tempo --- quando encontrei você fazia mais ou menos três anos que não havia ouvido ninguém --- me parece que esqueço. Não consigo pegar isso em livros ou ‘tapes ‘. Ainda que sem esperança, em algum lugar há esperança.

THERESE: Esperança desesperançada.

KARL: Esperança desesperançada.

MONIKA: Mas tem que ter alguma coisa. Alguma coisa, em algum lugar, tem que ganhar algo com isso, porque realmente não há razão lógica para alguém sentar aqui. [risadas]

KARL: Sim, eu sou um anúncio volante. “Vejam aqui. Eu deveria ser o homem mais frustrado sobre a terra, porque estou sentado aqui falando com o que for, com sombras que não podem entender nada, e tudo é irrelevante, não significa nada, nada precisa de ajuda ou algo assim. Eu deveria estar totalmente frustrado.

MONIKA: Sim, mesma coisa conosco. Quero dizer, eu fico frustrada. [risadas]

KARL: Mas digo –lhe, essa impotência, essa total irrelevância, é o paraíso. Porque isso é liberdade. Liberdade absoluta. Não há nada a ganhar de qualquer circunstância. Portanto

é absolutamente irrelevante o que eu digo ou não digo. Mas isso é liberdade absoluta --- apesar do que digo ou não digo, eu sou.

MONIKA: Mas nessa associação de, sei lá, nenhuma expectativa, nenhum ganho ---

KARL: Não, não é “nenhuma expectativa, nenhum ganho” Não estou falando de “nenhuma expectativa”.

MONIKA: Tudo bem, expectative sim, mas nenhum ganho.

KARL: Pode haver expectativas, mas quem se importa?

MONIKA: Agum mérito, ou alguma coisa, tem.

KARL: Talvez não.

MONIKA: Não faz diferença. Mas eu nem entendo.

KARL: Ela pensa, “Se esse alemão consegue isso, eu também posso.” Mas não tem ninguém que conseguiu. Repito mais uma vez, eu nunca alcancei algo, como nunca deixei algo. Não posso alcançar novamente o que sou. Assim que não alcancei nada. Portanto de mim, com certeza, não há nada para ganhar.

FRANCESCO: Verdade.

KARL: Você não pode ganhar algo do vazio.

MONIKA: Vazio?

KARL: Talvez é isso o que você é, mas isso você não pode ganhar. Pois vendo que do vazio nada vem, que você nunca deixou o vazio que você é, você vie que o vazio nnao pode ser dado. Você é esse vazio. Isso é como um paradoxo. Aponto para isso. Vocie pod ever que, a partir do vazio nada vem e nada retorna para o vazio.

Você é esse vazio em si, que nnao tem nada a alcançar, nada a ganhar, por nada. Como você nunca deixou o vazio, não pode recuperá – lo. Portanto esse apontador, que você nã pode ganhar nada d’Aquilo que eu sou, como o que é o vazio, está apontando para Aquilo que você é. Assim, esta nudez fala com aquela nudez. E *you* pensa que isso é um mérito.

MONIKA: É um apontador.

KARL: Às vezes chamam isso “o divino casamento”. Quando você vê que o amado é o vazio, e que o amante também é o vazio e que nesse vazio, os dois desaparecem. Mas isso é de novo um conceito.

Como sempre aponto, não tem saída. Jamais houve algo saindo do que você é, e como você nunca deixou o que é, não tem retorno a isso. Mas esse “sem retôrno”, talvez seja o que é um caminho de retôrno. Quem vai saber? Simplesmente vendo que você nunca saiu. Você é de toda maneira Aquilo que é em-casa. Nunca deixou o em-casa. E não há ninguém em casa. Nunca houve, já que você é Aquilo que é o em-casa. Tudo isso como apontador. Pode ser que num certo ponto, ao apontar para Aquilo que você é totalmente, você será levado a ver o ‘ponto xis ‘.

MONIKA: E então fico sem ponto.

KARL: Então você é um ponto sem ponto. Não sem ponto, mas o ponto sem ponto.

MONIKA: Mas já foi sem ponto?

KARL: Antes?

MONIKA: Antes. [ambos rindo]

KARL: Portanto você tem que fixar os pontos. Algumas vezes tem prego e martelo para fixá – los. “Não tem nada para martelar ! Estou martelando mas não tem nada para martelar. Não tem nem martelo.”

TOMAS: Fico pensando, como pode alguém tomar esse ‘split second ‘ como algo pessoal? Não faz sentido.

KARL: Faz sentido.

TOMAS: Faz sentido?

KARL: Sim, porque não faz sentido. Tudo é possível. Já que ninguém poderia jamais experimentar esse ‘split second ‘.

TOMAS: É isso o que eu quiz dizer.

KARL: Uma pessoa vai sempre querer fazer disso uma experiência.

TOMAS: Mas a pessoa não pode tomar algo pessoalmente que nem mesmo experimentou.

KARL: Digo – lhe, ela sempre toma tudo pessoalmente, até quando não há nada para tomar pessoalmente. O que é que tem? Todo mundo é – aqui não tem nada pessoal, e mesmo assim você toma isso pessoalmente. Pois até esse split second – essa experiência da não – experiência – você toma pessoalmente, com certeza. Como pode *não* tomá-la por algo pessoal?

TOMAS: Bem, com certeza, não é certeza.

KARL: Não é certeza? Talvez. Talvez não.

TOMAS: Então não tem certeza?

KARL: Mas isso tem certeza. [risadas]

TOMAS: Então nem mesmo o split second é uma saída?

KARL: Não.

TOMAS: Bem, fico esperando, tanto faz o que você diz.

KARL: Sim, você está *esperando por Godot*, mas Godot não vem nunca. Você não pode *não* esperar, mas você pode ver que Godot nunca chega, - então você espera, mas sem esperar. Isso é meditação.

Quando medita querendo chegar a um resultado qualquer digamos de saber o que você é, isso é ação intencional, o que a torna pessoal. É como uma ideia de vantagem. “Estou fazendo algo e quero ganhar algo com isso, que seja o conhecimento de mim mesmo.”

Mas se você vê que Aquilo que você é não pode ser conhecido, e você continua a meditar, sem expectativas, então tem aí um fazer sem fazedor. Tem ação sem intenção. Ninguém está agindo então. Ainda tem ação, mas ela não é nem ativa nem não – ativa.

Pois nada pode resultar disso para aquilo que você é. Portanto isso vai se desdobrando por si mesmo.

Infinita realização do que você é, como experiência de Si, nunca pode parar, pois voce não pode *não* experimentar o que é. Portanto mesmo essa não – experiência é uma experiência. Como você não pode sair d’Aquilo que você é, não pode sair dessa experiência de Si. Pela experiência de Si é que você se realiza. E você não pode *não* realizar – se a si mesmo.

Qualquer aspecto da vida, todos os momentos, são parte dessa realização- de- Si e experiência- de- Si. E isso não vai parar nunca. E aí tem todas as espécies de experiência – tem calor, tem cada sensação do que pode acontecer com este corpo, tudo que pode se passar nesse quadro de tempo deste sonho de experiências. Mas até enquanto elas podem acontecer, não são reais.

## **E finalmente, não tem “finalmente”**

MOÇO Latino: Tenho uma pergunta. É meio pessoal. Você é feliz na sua vida? Você tem algum sofrimento? E a sua vida mudou depois que você realizou o seu verdadeiro Si?

KARL: Estou aqui sentado. Sempre há coisas que mudam. Para esse corpo, tudo, qualquer coisa está mudando a cada instante, mas não por causa desse ‘split second ‘. Nisso não existe causa e efeito.

MOÇO: A minha pergunta é --

KARL: Se eu sou mais feliz depois disso?

MOÇO: Se você é simplesmente feliz.

KARL: Não. Não faço ideia do que é felicidade.

MOÇO: Você tem alguma ideia de sofrimento? Você chora?

KARL: Chorar? Eu choro frequentemente. Quando tem um filme triste, eu choro. Como posso não chorar quando tem um filme que lhe espreme lágrimas? [risadas] Realmente. Aí eu tenho que chorar.

Não tem diferença entre o experimentador, o experimentar e o que é experimentado. Qualquer tristeza por aí, você é. Qualquer felicidade por aí, você é. Tudo que puder trazer à tona, você é. Como pode não estar em compaixão com o que você é?

MOÇO: E se olharmos em grande escala, digamos pelo planeta todo, pela humanidade, -?

KARL: Pela humanidade? Oh. Primeiro precisa achar a humanidade, depois podemos falar dela.

MOÇO: Tanto faz, tem aí o que tem. Certo? Cada semana, cada dia, as pessoas causam mais dor umas às outras.

KARL: Desde que houve humanidade, tinha guerra e dor e sofrimento. Você está certo.

MOÇO: Mas está ficando mais e mais agora.

KARL: Não. Vai à Idade Media, vou lhe contar, aí tinha bastante dor e sofrimento. talvez

hoje a quantidade de pessoas é maior, por isso você pensa que há maior quantidade de dor e sofrimento.

Mas qual é a sua pergunta? O que deveríamos fazer com a humanidade, ou o que? Não façam mais sexo, porque assim não terá mais tanta dor, talvez, porque não terá mais tanta gente.

MONIKA: *Brahmacharya* !

KARL: Não, se me perguntarem o que fazer com a humanidade, com todas essas pessoas, eu diria a cada um, “Não faça mais sexo”, assim não haveria mais gente e então não tem mais sofrimento. Fazer um corte realmente radical.

Um outro MOÇO: Então você tem aí um outro tipo de sofrimento.

KARL: Você sofre por um tempo, até morrer, porque não faz mais sexo, mas você simplesmente pára aquela população. “Stop popping” [\*para de estalar], e não terá mais população [\*population].

MOÇO Latino: Então o que você diz é que vai sempre ter dor e sofrimento.

KARL: Não, nunca teve qualquer sofrimento nem dor. O problema é esse. E de resto você não pode parar algo que nunca existiu.

MOÇO: Mas você vê a mulher chorando. Ela vai chorar amanhã e o dia depois de amanhã.

KARL: Sim, ela vais sempre chorar ; é a sua natureza. [risadas]

MOÇO: Qual é o a meta ultimativa?

KARL: Que não tem meta. É isso a meta ultimativa --- que não há meta. Finalmente, não haver nenhum “finalmente”.

MOÇO: Mas o fato continua --

KARL: Que fato?

MOÇO: O fato que não somos felizes.

KARL: Não? Nunca vai encontrar alguém que é feliz. Tem razão. Pois não tem ninguém que pode ser feliz. Você não vai encontrar. Primeiro acha um alguém, e depois falamos de felicidade ou infelicidade.

MOÇO: Depende da definição de felicidade --

KARL: Pela simples definição você cria uma ideia de alguém, é isso. Se parar de definir, quem vai estar aí? Precisa definir “humanidade” para que haja humanidade.

MOÇO: Buddha, Krishna, Rama, Ramana Maharshi, todos dizem que houve poucos, bem poucos que realmente ficaram iluminados.

KARL: Não. Todos eles que você menciona disseram que nunca houve quem ficou iluminado. Buddha na *Sutra Diamante* deixou – o bem claro. Disse que nunca houve qualquer Buddha andando sobre a terra e nunca vai haver. Portanto nunca vai haver um iluminado. Êle disse que pregou por quarenta anos, e nunca dissera uma palavra a alguém. Buddha é isso.

E foi isso o que Ramana dizia. Aquilo que é Ramana é Si, e esse Si é sempre – realizado. O que você pode chamar “Ramana” vai nunca realizar esse Si, já que o Si é sempre – realizado.

Portanto nunca houve uma pessoa realizada sobre a terra, já nunca houve pessoa de todo que pudesse ser realizada. Aquilo que é cada pessoa é sempre Aquilo que é Si e é sempre-realizado e não necessita nenhuma maior realização do que já tem. O pote nunca vai realizar Aquilo que é o pote. Então o que dizer de iluminação? Primeiro acha alguém que é não-iluminado, depois falamos novamente.

MOÇO: Somos todos não-iluminados.

KARL: Quem de todo está aqui? Eu não estou falando com espíritos ! Não vejo ninguém aqui. Vejo o Si aqui agora, como Aquilo que é. Não tem ninguém, nenhum *alguem*, aqui que é iluminado ou não-iluminado. E não falo com sombras. Não falo com fantasmas que vêm e vão. Falo com Aquilo que eu sou.

MOÇO: Mas ---

KARL: Mas? Sim, mas, aah, aah, traz ‘mas’.

MOÇO: Você disse que tem essa armadura por causa da qual não podemos penetrar até a realização.

KARL: Não, não. Não disse isso. Apesar da armadura, você é o que é Si. Não por causa de uma armadura que desaba. Então você não prestou atenção. Nunca disse que a realização chega por alguma coisa. Eu sempre disse que realização é a sua natureza. E a essa realização você não pode acrescentar nada.

Assim, com ou sem armadura você é o que é. Qualquer que seja a circunstância em que se encontra, a circunstância é por sua causa, e não você por causa da circunstância. Portanto apesar da circunstância de uma armadura ou nenhuma armadura, você é o que é. Ter uma armadura faz parte da realização, e não hea nada certo ou errado com isso.

MOÇO: Então você poderia chamar um maníaco ou um assassino brutal de ---

KARL: Sim, é o que você é. Você é isso. Pensando estar vivo, você esteja criando seis bilhões de outros, e deixando eles ser vivos, você se mata. Você é um assassino por dizer que tem seis bilhões de pessoas. Você é o maior assassino que eu conheço. Simplesmente por pensar estar vivo, você mata seis bilhões.

MOÇO: Eu não penso assim.

KARL: Você os cria ! E criando – os, você os mata !

MOÇO: Então, como des – criá-los?

KARL: Não precisa des-criá – los ; é só parar de criar. Seja o que você é, não sobra ninguém.

MOÇO: E como ser o que se é?

KARL: Como? Não tem “como”.

MOÇO: Você disse que tem algo como esse vazio do vazio, mas você não diz, faça isso ou faça aquilo. Por que?

KARL: Não. Porque você não pode ficar mais vazio do que já é. Tudo que fizer é um evitar isso. Toda técnica ou meditação, tudo que você faz pela pesquisa de si mesmo, é como um evitar desse vazio.

E vendo a futilidade de qualquer técnica, talvez, vendo que nada pode resultar de uma técnica ou meditação e que nada pode acrescentar algo ao que você é, você não consegue encontrar-se em nenhuma circunstância. E assim, não se achando em nenhuma circunstância e por nenhum ver ou buscar, isso *pode eventualmente* parar. Nessa parada total, você vê que nunca perdeu algo, e como nunca perdeu algo, também não pode recuperar algo.

MOÇO: Então tem aí uma espécie de ação que se chama “ver” ---

KARL: Sim, e você vê que por uma eventual ação não há nada a ganhar. Mais uma vez vou repeti-lo: não há nada a ganhar.

MOÇO: E não tem nada para mudar?

KARL: Primeiro me mostra algo que de todo existe. O mundo científico inteiro, desde o início das experiências científicas, quer provar que existe material. Até hoje – nenhuma prova. Eles não podem nem mesmo dizer se tem realmente algo. Só podem dizer, “Oh, tem uma física quântica. Tem uma onda ou partícula, mas nós não sabemos o que é. Sempre muda.” Assim, agora todos os cientistas se tornam Budistas porque não podem encontrar o que é Deus. Então eles se voltam para esse misticismo e todos viram místicos.

THERESE: E agora eles procuram técnicas para achar o que eles jea acharam.

KARL: Não acharam nada, com nada. Com todos os microscópios eletrônicos não se encontrou nada, pois você sempre pode partí-lo mais uma vez, em menos, menos, menos. Infinitamente menos.

Uma MULHER: Infinitos universos paralelos.

KARL: Qualquer coisa, mas você não consegue encontrar nem mesmo um. Tantos universos paralelos, mas não tem um sequer que você pode encontrar.

MOÇO Latino: Mas, Karl, você me disse para parar de criar assassinos.

KARL: Sim. Para de criar assassinos por imaginar que você está vivo. Você para de tomar algo por real que você imagina. Você imagina estar vivo, e isso é um conceito. Quando parar de tomar a imaginação por realidade, nesse momento você não é ; e quando você não tem absolutamente mais nenhuma ideia se existe ou não, então não tem mais outros. No instante em que se toma a si mesmo, essa imaginação, por algo real, você cria seis bilhões de outros ; e assim, ao parar – parada total –, sendo Aquilo que é anterior a qualquer imaginação, m̄uao mais tem você nem outros. Mas no momento em que tem você, tem seis bilhões de outros. Você assim cria seis bilhões de outros e ee aqui agora um assassino de massas.

MOÇO: Igual a você.

KARL: Não, eu não. Você ! Especialmente você ! [risadas] Não tem uma relação geral. Olha só para o que você é. De toda maneira não tem outros. Peça – lhe de olhar para o que você é e não para o que um outro qualquer é. É só você quem conta. Nem há outros.

Portanto seja totalmente egoísta nisso. Seja ‘*selfish*’ [\*egoísta]. *Shellfish?* [\*um peixe] [risads].

Tenta pescar esse peixe que você é. Vira o pescador que tenta pescar o peixe que você é. E como não pode pescar o peixe que é, você se torna esse pescador que não pode pescar o peixe, - o pescador “iche”.

MOÇO: O ladrão não pode pegar –se a si mesmo.

KARL: Sim, mas é isso o que você tenta ser. Primeiro é um ladrão, depois vira um policial que diz, “Eu sei que o ladrão precisa sumir.” A mente primeiro vira um ladrão que rouba a sua atenção, e logo, como você não quer dar-lhe atenção, diz: “Tudo bem, agora eu viro uma ‘não – mente ‘. Para ter certeza que não mais terá mente,” diz a mente,” e assim você não vai mais ser aborrecido pois eu não mais roubo a sua atenção.”

Assim, depois de ser um ladrão que rouba a sua atenção, ela se torna até o policial que lhe diz, “Agora eu quero ter certeza que não vai haver mais nenhum pensamento para aborrecer você“. E então a “não – mente” está aí. Fazer o que?

MOÇO: Nada.

KARL: Nada é até muito, digo – lhe. Mesmo nada é demais.

[silêncio]

THERESE: Então, Karl, com a física quântica, eles têm a resposta, por assim dizer.

KARL: Não, eles não têm nenhuma resposta --- isso é a resposta.

THERESE: Mas agora eles se dirigem ao Budismo para entender o que viram ou não viram.

KARL: Primeiro eles vão para essa tal de ciência, esse sistema de crença das provas científicas, e logo se dirigem ao lado oposto, a um outro extremo de um outro sistema de crença que existe – que? Assim eles vêm de algo para nada. Primeiro querem encontrar algo, depois querem encontrar nada. Isso então é Budismo ou qualquer religião.

Primeiro você se dirige ao mundo, ao lado de fora, querendo encontrar a material, ou quaisquer materias do lado de fora, a felicidade. E quando não acha a materia, você nem pode achá-la, voce vai para dentro, e ali tambem não pode achá-la. E não achando – nem fora nem dentro-, o que você é, você para totalmente --- parada total.

Assim, não encontrando a existencia do lado de fora, você deixa cair a ideia de “fora” e se dirige para dentro, mas não achando a existência dentro, você para de vez.

Primeiro fora e logo dentro, mas de nenhuma maneira você se encontra a si mesmo. Nem o de fora, nem o de dentro. Não tem nem Si exterior nem Si interior, pois nunca tem qualquer fora ou dentro para o que você é. Assim, não encontrando absolutamente aquilo que você é, em nenhuma circunstância, você repousa nesse “não encontrar.” E por esse não conhecer, você sabe que você não é algo que se pode conhecer.

Isso é o absoluto Si. Isso é a liberdade de qualquer conhecedor que conhece ou não conhece. Porque nesse absoluto não conhecer do que você é, você repousa n’Aquilo que é, pois esse conhecer absoluto não pode ser conhecido por nenhum conhecer – ou não conhecer relativo. Ficou claro?

GEORG: Martelada.

KARL: Bater, bater, bater-[\*hit], uma máquina de “hits”[\*songs preferidos]. Este ‘song’ é um ‘hit’. [risadas] Ah, nem é tão pesado. É tão leve. *Insustentável Leveza do Ser*.

Um MOÇO Americano: Não ser. A insustentável leveza de *não* ser.

KARL: Não, de ser.

MOÇO: Tudo bem. De ser e de não ser.

KARL: Não tem nenhum “não ser”.

MOÇO: Não tem nenhum ser.

KARL: Mas quando não tem nenhum “não ser”, então tem um ser.

MOÇO: É que não tem nenhum ser e não tem nenhum “não ser”?

KARL: Assim ainda tem um ser. Mesmo quando não tem um ser, ainda tem um ser. Você não pode sair do ser.

MOÇO: [rindo] O país do nunca-nunca.

KARL: No país do “não-ser”.

MOÇO: Tudo bem, então se pratica ser.

KARL: Sei lá. Você pode praticar ser? Um ser prático. Você pode pôr o ser em prática? “Agora eu quero aprender a ser.” Você iria pedir por isso? Ser é a sua natureza. É totalmente natural. Você é. Não precisa praticar Aquilo. Mas então você medita sobre isso, “Como posso ser Aquilo que eu sou?”

Ah, tudo bem. Agradeço – lhe muito.

GRUPO: Agradecidos a você !

THERESE: Mais um que sobreviveu !

KARL: Sobreviveu mais uma vez. [canta] “*This won’t be the last time, this won’t be the last time* – “ [\*Não sera a última vez, ...]

[todos rindo]

## Glossário

Fontes:

Godman, David, ed. *Be As You Are: The Teachings of Sri Ramana Maharshi*. London: Penguin Books, 1992.

Grimes, John. *A Concise Dictionary of Indian Philosophy: Sanskrit Terms Defined in English*. Albany: State University of New York, 1996.

Nisargadatta Maharaj. *I Am That*. Durham: The Acorn Press, 1973.

Ramana Maharshi. *Talks with Sri Ramana Maharshi (Ninth Edition)*. Tiruvannamalai: Sri Ramanasramam, 1996.

Seung Sahn. *The Compass of Zen*. Boston: Shambhala Publications, Inc., 1997.

Todos os términos são Sanskrit, exceto os assinalados como outros.

*Advaita*: não-dualidade ; filosofia do não - dualismo

*Ashram*: eremitagem ; lugar de exercícios espirituais e de retiro

*Avatara*: descendente divino

*Bhagavan* : Senhor ; pessoa reverenciada

*Bhakti*: devoção em amor

*Bodhisattva*: um iluminado [“despertado”] ; um compaixonado

*Brahmachari*: pessoa que segue o caminho espiritual do *Brahmacharya*, que pode incluir o celibato

*Chi Kung*: exercícios para aumentar a energia vital

*Dharma*: “o que mantêm unido” ; ordem ; dever

*ghat* : lugar de aterragem ao longo de via fluvial

*guru*: instrutor ; mestre espiritual

*Hari Om*: saudação Indiana ; *Hari* é o nome de Vishnu

*Jin Shin Jitsu*: trabalho energético ; uma forma de acupuntura manual (japonesa )

*Jiva*: alma individual ; vida ; o si encarnado

*Jivanmukta*: pessoa que fica libertada [iluminada] enquanto vive

*Jnani*: conhecedor ; um sábio

*Karma*: ação ; causa e efeito

*koan*: fala paradoxal ou enigma irresolúvel

*kundalini*: força vital ; energia primordial ou cósmica no corpo que, quando dormida,

*lassi*: bebida Indiana feita com iogurte e às vezes com frutas

*leela* [*lila*]: jogo divino

*linga*: símbolo de Shiva

*maha*: grande ; poderoso ; nobre

*maya*: aparência ; ilusão ; poder misterioso de criação

*moksha*: libertação

*Namasté*: saudação ; me curvo diante de ti

*neti-neti*: nem isso nem isso

*nirvikalpa samadhi*: estado não conceitual para além de todo pensamento ; *samadhi* sem modificações mentais

*Om*: o som primordial

*puja*: prática de adoração ; ritual

*sadhana*: esforço sobre si próprio ; disciplina espiritual

*sadhu*: pessoa santa ; monge

*sahaja samadhi*: estado natural, espontâneo de concentração em um ponto, ou un-dade meditativa

*samadhi*: concentração em um ponto ; absorção ; união

*samsara*: existência empírica ; universo objetivo ; ilusão mundana

*sat –chit- ananda*: ser – consciência – felicidade extrema

*satguru*: mestre de realidade

*satori*: intuição ; estado de iluminação espiritual que se busca no Budismo (japonês )

*satsang*: companhia santa ; conversa espiritual

*shakti*: poder ; energia

*siddhi*: auge de saber ; poderes sobrenaturais

*Tai Chi*: o ultimo supreme (chinês )

*Tantra*: regra ; ritual ; muitas vezes usado para denotar “sexualidade sagrada”

*Tapas*: austeridade

*Vedanta*: final das Vedas ; fim do conhecimento

*Yoga* : união ; processo que leva à un-dade

*Zen*: meditação (japonês )

*Zazen*: meditação sentada (japonês )

Copyright C 2005 de Karl Renz

**Karl Renz, *Eight Days in Tiru***